Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III

Relatório de Estágio Profissional

Marisa Alexandra Santos Silva Ribeiro

Lisboa, maio de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III

Relatório de Estágio Profissional

Marisa Alexandra Santos Silva Ribeiro

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho.

Lisboa, maio de 2012

Agradecimentos:

A concretização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e à colaboração de várias pessoas, a quem agradeço e manifesto o meu profundo reconhecimento.

Após todo este tempo, em que o desânimo foi diversas vezes elevado e grande a vontade de o deixar vencer, não poderia terminar sem nomear aqueles que, durante este percurso me acompanharam e ajudaram a chegar ao final deste caminho.

Em primeiro lugar, destaco a minha família, em especial a minha avó, irmã, tio, mãe e pai, pela força, carinho e coragem que sempre me deram, pedindo desculpa pelo tempo em que estive distante, embora perto, e ausente de muitos momentos importantes. Prometo, um dia, compensar todo o tempo em que não pude estar presente.

Ao meu colega e amigo Jorge que, com o seu sentido de humor me ajudou e encorajou a superar os momentos de maior desalento e a lembrar-me sempre que consigo, basta tentar.

Às minhas colegas de estágio, Ana Rita e Carolina por todos os momentos passados, bons e menos bons, e pelo companheirismo.

À minha orientadora e amiga, professora Teresa Botelho, por toda a ajuda e força que me deu ao longo desta caminhada. Obrigada também pelos vários e-mails trocados e pelas várias reuniões que tivemos.

Agradeço também à Doutora Filomena Caldeira e ao Doutor António Ponces de Carvalho pela confiança depositada em mim, pela ajuda e por todas as aprendizagens que adquire nas vossas aulas.

Agradeço, igualmente, ao Doutor José Maria de Almeida pelo apoio dado na realização de vários trabalhos, à Drª. Dulce Varela pelo trabalho de revisão do relatório ao nível do discurso escrito e, a todos os restantes professores da Escola Superior de Educação João de Deus.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os meus amigos pela simpatia e pelas palavras de incentivo.

A todos os que me apoiaram, o meu muito obrigada.

Índice Geral

Índice de Figuras xvi

Índice de Quadros xx

Introdução 1

1. Organização do Relatório de Estágio Profissional 2

2. Local de estágio 3

3. Grupo de estágio 5

4. Metodologia utilizada 5

5. Pertinência do Estágio Profissional 7

6. Cronograma de estágio 9

Capítulo 1 – Relatos Diários 11

1.1. Descrição do capítulo 12

1.2. 1.ª Secção: Bibe Encarnado A – 4 anos 13

1.2.1. Breve caracterização da criança com 4 anos 13

1.2.2. Caracterização da turma 14

1.2.3. Caracterização do espaço 14

1.2.4. Rotina diária 15

- Acolhimento no salão 15

- Tempo dedicado à higiene 16
- Recreio 16
- Refeições 16
- Horário e áreas de conteúdo 16

1.2.5. Relatos diários 18

1.3. 2.ª Secção: Bibe azul A – 5 anos 33

1.3.1. Breve caracterização da criança com 5 anos 33

1.3.2. Caracterização da turma 34

1.3.3. Caracterização do espaço 34

1.3.4. Rotina diária 35

- Acolhimento no salão 35
- Tempo dedicado à higiene 35
- Recreio 36
- Refeições 36
- Horário e áreas de conteúdo 36

1.3.5. Relatos diários 37

1.4. 3.ª Secção: Bibe Amarelo A – 3 anos 53

1.4.1. Breve caracterização da criança com 3 anos 53

1.4.2. Caracterização da turma 54

1.4.3. Caracterização do espaço 54

1.4.4. Rotina diária 55

- Acolhimento no salão 55
- Tempo dedicado à higiene 55
- Recreio 56
- Refeições 56
- Sesta 56
- Horário e áreas de conteúdo 56

1.4.5. Relatos diários 57

1.5. 4.ª Secção: Bibe Azul-escuro B – 4.º ano 69

1.5.1. Caracterização da turma 69

1.5.2. Relatos diários 70

1.6. 5.ª Secção: Bibe Verde A – 2.º ano 71

1.6.1. Caracterização da turma 71

1.6.2. Caracterização do espaço 71

1.6.3. Rotina diária 71

- Horário e áreas de conteúdos 72

1.6.4. Relatos diários 73

1.7. 6.ª Secção: Bibe Castanho B – 1.º ano 87

1.7.1. Caracterização da turma 87

1.7.2. Caracterização do espaço 87

1.7.3. Rotina diária 88

- Horário e áreas de conteúdo 88

1.7.4. Relatos diários 89

1.8. 7.ª Secção: Bibe Verde A – 2.º ano 104

1.8.1. Caracterização da turma 104

1.8.2. Caracterização do espaço 105

1.8.3. Rotina diária 105

- Horário e áreas de conteúdo 105

1.8.4. Relatos diários 106

1.9. 8.ª Secção: Bibe Azul-escuro A – 4.º ano 122

1.9.1. Caracterização da turma 123

1.9.2. Caracterização do espaço 123

1.9.3. Rotina diária 123

- Horário e áreas de conteúdo 123

1.9.4. Relatos diários 124

Capítulo 2 – Planificações 141

2.1. Descrição do capítulo 142

2.2. Planificações 142

2.3. Planificação do Bibe Azul A – Conhecimento do Mundo 145

2.4. Planificação do Bibe Azul A – Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática 149

2.5. Planificação do Bibe Azul-escuro A – Língua Portuguesa 152

2.6. Planificação do Bibe Azul-escuro A – Matemática 155

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação 159

3.1. Descrição do capítulo 160

3.2. Fundamentação teórica – Avaliação no Pré-Escolar 160

3.3. Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita 165

3.3.1. Avaliação da atividade 1 – Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 166

3.3.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações 166

3.3.1.2. Grelha de avaliação de atividade 167

3.3.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico 168

3.4. Proposta de atividade de Conhecimento do Mundo 169

3.4.1. Avaliação da atividade 2 – Conhecimento do Mundo 170

3.4.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações 170

3.4.1.2. Grelha de avaliação de atividade 171

3.4.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico 172

3.5. Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática 173

3.5.1. Avaliação da atividade 3 – Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática 174

3.5.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações 174

3.5.1.2. Grelha de avaliação de atividade 175

3.5.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico 176

3.6. Grelha de comparação dos resultados das atividades nas três áreas 177

3.6.1. Apresentação dos resultados em gráfico 178

3.7. Fundamentação teórica – Avaliação no 1.º Ciclo 179

3.8. Proposta de atividade de Língua Portuguesa 183

3.8.1. Avaliação da atividade 1 – Língua Portuguesa 184

3.8.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações 185

3.8.1.2. Grelha de avaliação de atividade 186

3.8.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico 187

3.9. Proposta de atividade de Estudo do Meio 188

3.9.1. Avaliação da atividade 2 – Estudo do Meio 189

3.9.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações 189

3.9.1.2. Grelha de avaliação de atividade 190

3.9.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico 191

3.10. Proposta de atividade de Matemática 192

3.10.1. Avaliação da atividade 3 – Matemática 193

3.10.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações 193

3.10.1.2. Grelha de avaliação de atividade 194

3.10.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico 195

3.11. Grelha de comparação dos resultados das atividades nas três áreas 195

3.11.1. Apresentação dos resultados em gráfico 196

Reflexão Final 199

1. Considerações finais 200

2. Limitações 201

3. Novas pesquisas 202

Referências Bibliográficas 203

Índice de Figuras:

Figura 1 – *Recreio do Pré-Escolar* 4

Figura 2 – *Recreio do 1.º Ciclo* 4

Figura 3 – *Fachada do Jardim-Escola João de Deus* 5

Figura 4 – *1.ª Secção* 13

Figura 5 – *Sala do Bibe Encarnado A (4 anos)* 14

Figura 6 – *3.º Dom de Froebel* 18

Figura 7 – *Material Cuisenaire* 21

Figura 8 – *Língua Gigante* 23

Figura 9 – *Capa do livro O Rato do Campo e o Rato da Cidade* 24

Figura 10 – *Primeira página do livro* 24

Figura 11 – *Blocos Lógicos* 25

Figura 12 e 13 – *Crianças a construir uma casa com material alternativo – palhinhas* 29

Figura 14 – *Eu e uma criança a realizar o itinerário de um boneco – imagem* 29

Figura 15 – *Criança a procurar um elemento da família para colocar na árvore genealógica* 30

Figura 16 – *Três construções que realizamos com este material – comboio (lado esquerdo), muro baixo (ao centro) e mesa e cadeiras (lado direito)* 31

Figura 17 – *2.ª Secção* 33

Figura 18 – *Sala do Bibe Azul A (5 anos)* 34

Figura 19 – *Escada ímpar (lado esquerdo) e escada par (lado direito) com as peças do material Cuisenaire* 37

Figura 20 – *Material Calculadores Multibásicos* 40

Figura 21 – *Roda dos Alimentos* 42

Figura 22 – *Eu a explicar a constituição interna do vulcão* 45

Figura 23 – *Experiência de uma erupção* 45

Figura 24 – *Eu e um grupo de crianças na Cartilha Maternal* 46

Figura 25 – *Jogo dos comboios para a estação laranja* 51

Figura 26 – *3.ª Secção* 53

Figura 27 – *Sala do Bibe Amarelo A (3 anos)* 54

Figura 28 – *Escada do Cuisenaire por ordem crescente* 60

Figura 29 – *1.º Dom de Froebel* 62

Figura 30 – *Jogo do Quim Visual com o 1.º Dom de Froebel* 63

Figura 31 – *Placard para associar as figuras geométricas* 64

Figura 32 – *Capa e adereços do livro A Gota Gotinha* 65

Figura 33 – *Primeira página do livro* 65

Figura 34 – *Capa do livro O Patinho Feio* 65

Figura 35 – *Primeira página do livro* 65

Figura 36 – *Móbile da Gota Gotinha* 66

Figura 37 – *4.ª Secção* 69

Figura 38 – *5.ª Secção* 71

Figura 39 – *Sala do Bibe Verde A (2.º ano)* 71

Figura 40 – *Tabela de Frequências* 76

Figura 41 – *Planisfério* 79

Figura 42 – *Livro do Pelicano* 84

Figura 43 – *Livro do Suricata* 84

Figura 44 – *Livro do Flamingo* 84

Figura 45 – *Capa dos livros dos animais* 84

Figura 46 – *6.ª Secção* 87

Figura 47 – *Sala do Bibe Castanho B (1.º ano)* 87

Figura 48 – *Tangram* 92

Figura 49 – *Relógios de comportamento felizes* 93

Figura 50 – *Relógios de comportamento tristes* 93

Figura 51 – *Relógio/tela Planeta Terra* 94

Figura 52 – *Relógio Meia Hora* 94

Figura 53 – *Relógio Quarto de Hora* 94

Figura 54 – *Banda Desenhada da Cinderela* 96

Figura 55 – *Capa do livro ilustrado pelo 1.º B* 97

Figura 56 – *Uma página do livro ilustrado pelo 1.º B* 97

Figura 57 – *Calculadoras Papy* 101

Figura 58 – *7.ª Secção* 104

Figura 59 – *Sala do Bibe Verde A (2.º ano)* 105

Figura 60 – *Pictograma* 110

Figura 61 – *"Boca Gigante"* 111

Figura 62 – *Sinais de Pontuação* 111

Figura 63 – *Continuação dos Sinais de Pontuação* 111

Figura 64 – *Conclusão dos Sinais de Pontuação* 111

Figura 65 – *Dominó de Frações* 121

Figura 66 – *8.ª Secção* 122

Figura 67 – *Sala do Bibe Azul-escuro A (4.º ano)* 123

Figura 68 – *Mapa de Portugal e Arquipélagos* 138

Figura 69 – *Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita* 165

Figura 70 – *Gráfico circular dos resultados da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita* 168

Figura 71 – *Proposta de atividade de Conhecimento do Mundo* 169

Figura 72 – *Gráfico circular dos resultados da atividade de Conhecimento do Mundo* 172

Figura 73 – *Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática* 173

Figura 74 – *Gráfico circular dos resultados da atividade de Domínio da Matemática* 176

Figura 75 – *Gráfico de barras de comparação de resultados nas três áreas* 178

Figura 76 – *Proposta de atividade de Língua Portuguesa* 184

Figura 77 – *Gráfico circular dos resultados da atividade de Língua Portuguesa* 187

Figura 78 – *Proposta de atividade de Estudo do Meio* 188

Figura 79 – *Gráfico circular dos resultados da atividade de Estudo do Meio* 191

Figura 80 – *Proposta de atividade de Matemática* 192

Figura 81 – *Gráfico circular dos resultados da atividade de Matemática* 195

Figura 82 – *Gráfico de barras de comparação de resultados nas três áreas* 196

Índice de Quadros:

Quadro 1 – Distribuição dos oito momentos de estágio 9

Quadro 2 – Cronograma de estágio profissional 10

Quadro 3 – Horário do Bibe Encarnado A (4 anos) 17

Quadro 4 – Horário do Bibe Azul A (5 anos) 36

Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A (3 anos) 57

Quadro 6 – Horário do Bibe Azul-escuro B (4.º ano) 69

Quadro 7 – Horário do Bibe Verde A (2.º ano) 72

Quadro 8 – Horário do Bibe Castanho B (1.º ano) 88

Quadro 9 – Horário do Bibe Verde A (2.º ano) 106

Quadro 10 – Horário do Bibe Azul-escuro A (4.º ano) 124

Quadro 11 – Planificação da área de Conhecimento do Mundo 146

Quadro 12 – Planificação da área de Expressão e comunicação: Domínio da Matemática 150

Quadro 13 – Planificação da área de Língua Portuguesa 153

Quadro 14 – Planificação da área de Matemática 156

Quadro 15 – grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 166

Quadro 16 – Grelha de avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 167

Quadro 17 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Conhecimento do Mundo 170

Quadro 18 – Grelha de avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo 171

Quadro 19 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Domínio da Matemática 174

Quadro 20 – Grelha de avaliação da atividade de Domínio da Matemática 175

Quadro 21 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Língua Portuguesa 185

Quadro 22 – Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa 186

Quadro 23 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de estudo do Meio 189

Quadro 24 – Grelha de avaliação da atividade de Estudo do Meio 190

Quadro 25 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Matemática 193

Quadro 26 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática 194

Introdução

O Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Unidade Curricular Estágio Profissional I, II e III, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico, iniciado a 12 de outubro de 2010, tendo terminado a 27 de janeiro de 2012. O período de estágio foi realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais durante três dias por semana: segundas, terças e sextas-feiras, entre as 9h e as 13h. Ao longo de todo o período de estágio estive presente nos três níveis de ensino do Pré-Escolar e, em três níveis do Ensino do 1.º Ciclo, com exceção do 3.º ano, pois não foi possível do ponto de vista organizacional distribuir os alunos de mestrado por algumas salas.

Posteriormente, será descrita a forma como se encontra estruturado o relatório. Em relação ao Estágio Profissional, é caracterizado o local de estágio, bem como o grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e, por fim, será apresentado um cronograma.

Refiro que o Relatório de Estágio Profissional é o último momento de avaliação para me habilitar a exercer a profissão que escolhi. Saliento também que todo o Relatório de Estágio Profissional se encontra redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico. Ao longo de todo o relatório, irei apresentar uma nomenclatura que é a utilizada em todos os Jardins-Escola João de Deus para designar cada faixa etária.

Os alunos que frequentam o Jardim-Escola João de Deus dos Olivais têm idades compreendidas entre os três e os dez anos de idade. No que diz respeito às turmas, estas são compostas, geralmente por 28/29 alunos, sendo turmas homogéneas em relação à idade, ou seja, as crianças estão divididas de acordo com a faixa etária. Cada faixa etária usa um bibe de cor diferente. Nos Jardins-Escola João de Deus, as crianças do Ensino Pré-Escolar com a faixa etária dos três anos usam um Bibe Amarelo, as dos quatro anos usam um Bibe Encarnado e as crianças dos cinco anos, usam um Bibe Azul. Relativamente ao Ensino do 1.º Ciclo, o 1.º ano usa um Bibe Castanho, o 2.º ano, um Bibe Verde, o 3.º ano usa um Bibe Azul-claro e o 4.º ano usa um Bibe Azul-escuro.

1. Organização do Relatório de Estágio

O Relatório de Estágio Profissional encontra-se estruturado em três capítulos, tendo também uma introdução e uma reflexão final.

O capítulo 1 diz respeito aos Relatos Diários, onde serão descritas todas as observações, pertinentes, durante o período da manhã de estágio. Após as observações serão apresentadas as inferências devidamente fundamentadas. Para cada momento de estágio será realizado um breve enquadramento teórico.

No capítulo 2, intitulado Planificações, serão descritas algumas atividades realizadas durante o estágio. Estas atividades estão acompanhadas por uma planificação de acordo com o Modelo T de Aprendizagem, bem como pela fundamentação científica e, por uma explicação das metodologias e estratégias utilizadas.

No capítulo 3, Dispositivos de Avaliação, apresento as avaliações realizadas durante algumas das aulas que lecionei no estágio. Em relação ao ensino Pré-Escolar avaliei duas áreas e três domínios, sendo elas, Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, na faixa etária dos 5 anos. No que diz respeito ao Ensino do 1.º Ciclo, realizei a avaliação das três áreas, Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática no 4.º ano A. Ainda neste capítulo refiro a importância do ato de avaliar, tanto no Ensino do Pré-Escolar, como no Ensino do 1.º Ciclo.

Por último, apresento a Reflexão Final, na qual tento fazer um balanço do estágio, deste trabalho e das suas limitações.

2. Identificação do local de estágio

No decorrer do mestrado, realizei o Estágio Profissional no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais.

No que diz respeito ao espaço físico, o Jardim-Escola João de Deus dos Olivais foi inaugurado no dia 5 de fevereiro de 1975, com a frequência de alunos dos Bibes Amarelo (3 anos), Encarnado (4 anos) e Azul (5 anos).

Alguns anos mais tarde, o Jardim-Escola sofreu algumas obras de ampliação e, passou a ter alunos dos Bibes Castanho (6 anos) e Verde (7 anos).

Finalmente, no ano letivo de 1996/1997 o Jardim-Escola voltou a sofrer obras de ampliação, desta vez para abarcar os alunos do 3.º ano (Bibe Azul-claro) e 4.º ano (Bibe Azul-escuro) do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ampliou-se ainda a sala do Bibe Amarelo, do Bibe Azul e as duas salas do 1.º ano.

Este Jardim-Escola localiza-se na parte ocidental de Lisboa, mais precisamente no Bairro dos Olivais. Este bairro é considerado como o maior de Lisboa em termos de habitantes e é, essencialmente, um dormitório.

O Bairro dos Olivais tem uma zona industrial e comercial, o que satisfaz a procura dos habitantes. Dispõe de alguns serviços sociais, tais como, Hospital do SAMS, Polícia, Escolas, Bombeiros… Contudo, estes serviços são insuficientes para a população residente.

Graças à Expo 98, o Bairro dos Olivais beneficiou de novas infra-estruturas, tais como, melhoramento nas vias de acesso, desenvolvimento do comércio, alargamento da rede do metro, entre outros.

No que diz respeito ao espaço exterior do Jardim-Escola, pode-se observar a existência de duas zonas de recreio, uma delas destinada aos alunos do Ensino do 1.º Ciclo e a outra, destinada às crianças do Ensino Pré-Escolar. Estes dois espaços, destinados ao recreio, estão rodeados por canteiros, contendo arbustos, árvores e algumas plantas, privilegiando o contato direto com a natureza. Na área de recreio do Ensino Pré-Escolar, as crianças podem brincar numa pequena diversão, uma montanha. Já na área de recreio do Ensino do 1.º Ciclo do

Ensino Básico, os alunos, para além de um coreto, onde brincam e se abrigam da chuva, também têm um escorrega, como se pode ver nas figuras 1 e 2.

Figura 1 – *Recreio do Pré-Escolar*

Figura 2 – *Recreio do 1.º Ciclo*

Em relação ao espaço interno, este é constituído por 11 salas de aula, um salão polivalente, um ginásio devidamente equipado, um armário com material diversificado (bolas, arcos, cordas, instrumentos musicais, …), uma sala de informática, uma sala de professores, uma biblioteca, uma secretaria com o gabinete da Direção, duas cantinas, uma cozinha, uma despensa para géneros alimentares, uma despensa para produtos de limpeza, uma despensa para material didático, uma lavandaria, um vestiário para o corpo não docente, uma sala de estagiárias, um *atelier* de expressão plástica, nove casas de banho para os alunos e duas casas de banho para o corpo docente, não docente e estagiários.

No que diz respeito a aspetos materias, a escola está equipada com diversos materiais didáticos, sendo eles, uma fotocopiadora, trinta e seis computadores, seis retroprojetores, um projetor de diapositivos, dois televisores, um LCD, dois aparelhos de vídeo, dois aparelhos de DVD, uma máquina fotográfica, uma câmara de vídeo, quinze rádios gravadores, três Data-Show, quatro quadros interativos, uma biblioteca equipada com coleções, enciclopédias e outros livros, materiais de Educação Física, diverso material de experiências e outros materiais didáticos (Blocos Lógicos, Calculadores Multibásicos, Cuisenaire, Tangran, Dons de Froebel, Pentaminós, Discos de Frações, Jogos Volumétricos e Calculadoras Pappi, …).

Neste Jardim-Escola, para além das áreas do Conhecimento, os alunos têm a possibilidade de frequentar atividades extra curriculares, nomeadamente *Ballet*, Judo, *Taekwondo*, Sevilhanas, Ator *Studio* e Inglês.

Este Jardim-Escola é constituído por uma vasta equipa: uma Presidente do Conselho Diretivo e Diretora Pedagógica do 1.º Ciclo, uma Diretora Pedagógica do Pré-Escolar, dez professores, nove educadores, um docente de aulas práticas laboratoriais, um docente de Educação Física, dois docentes de Educação Musical, um docente de Inglês e seis docentes de atividades extra curriculares. Para além do corpo docente, o Jardim-Escola tem, também, um vasto corpo não docente, nomeadamente, uma Administrativa, uma ajudante de Ação Educativa,

uma cozinheira e doze empregadas de serviços gerais.

Como é possível observar na figura 3 – fachada do Jardim-Escola João de Deus – Olivais – o espaço exterior deste jardim-escola é acolhedor e colorido com cores bastante vivas, possuindo um coreto, no qual, é possível realizar jogos e, até pequenas dramatizações com as crianças. Neste coreto, as crianças adoram brincar e jogar com os seus *Beyblade.*

Figura 3 – *Fachada do Jardim-Escola João de Deus - Olivais*

3. Grupo de estágio

Durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o meu trio de estágio foi constituído por duas colegas de turma, a Ana Rita Filipe e a Carolina Sousa e por mim. Com o meu trio de estágio criei uma relação de amizade, companheirismo e espírito de equipa, aprendendo a dar um maior valor àquilo que faço e a perder um pouco a ansiedade que sentia perante alguma situação. Na minha opinião, o facto de podermos ter um par ou um trio de estágio é importante, visto que nos permite uma maior partilha de ideias e opiniões, de reflexões e, sobretudo, uma entre-ajuda.

De acordo com Korthagen (2009), "na educação, descobriu-se a importância, tanto para os alunos como para os professores, da aprendizagem cooperativa e da co-criação do conhecimento." (p.44) Referindo ainda o mesmo autor, este menciona que é benéfica "a aprendizagem reflexiva assistida por pares", que o "apoio dos pares é, muitas vezes, mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas dos formadores de professores." (p.51) Ou seja, a reflexão que é assistida pelos pares é uma preparação para uma "aprendizagem profissional contínua com os colegas, quando se tornam professores." (p.51)

4. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada durante este período de estágio foi a observação direta e participante e a análise documental. Contudo, existem outras técnicas de recolha de dados, tais como, a pesquisa arquivística, a entrevista e o inquérito por questionário.

Segundo Afonso (2005), "a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários." (p.91)

Já para Quivy e Campenhoudt (1992), a observação "engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis." (p.155) Estes mesmos autores distinguem dois tipos de observação, a direta e a indireta. Definem que, a observação direta "é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados." (p.164) Neste tipo de observação, o investigador regista diretamente as informações. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação. A observação direta tem como instrumento um guia de observação que é construído a partir dos acontecimentos/comportamentos observados. Relativamente à observação indireta, mencionam que "o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada." (p.164) Quando o sujeito fornece as informações ao investigador, intervém na produção da informação. Neste tipo de observação, o instrumento utilizado é um questionário ou um guião de entrevista.

Após diferenciar a observação direta da indireta, saliento que a observação direta é baseada em métodos de observação, captando os acontecimentos que ocorrem naquele momento, sem a utilização de qualquer tipo de documento. Quivy e Campenhoudt (1992), reforçam que a observação direta é um método "baseado na observação visual" (…) "os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social, que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho". Em relação a outros métodos, "os acontecimentos, as situações ou os fenómenos estudados são reconstituídos a partir das declarações dos actores, ou dos vestígios deixados por aqueles que os testemunham, directa ou indirectamente." (p.196)

Em qualquer observação, o investigador tem que observar os acontecimentos, situações e comportamentos para que, de seguida os aponte. Ao longo da observação fomos reunindo inúmeras informações que, seguidamente, analisámos.

Após a observação e segundo Bell (2002), temos que rever "mentalmente o que aconteceu" e decidir se podemos "tirar algumas conclusões (…) interessantes." (p.151)

Para a realização do Relatório de Estágio Profissional consultei inúmeros documentos, tais como, os dossiês de turma e dos alunos, os horários de cada turma, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (2009) e a Organização Curricular e Programas - 1.º Ciclo (2006), entre outros.

Refiro ainda que, metodologicamente este relatório foi realizado consoante as normas

da American Psychological Association (APA) de forma a organizar toda a construção deste relatório, de acordo com o Novo Acordo Ortográfico e, ainda, de acordo com Mário Azevedo (2000).

5. Pertinência do estágio

Na minha opinião, o facto de realizarmos Estágio Profissional só nos beneficia, por um lado, porque observamos inúmeros professores, bem como as suas estratégias. Por outro, porque nos pudemos identificar com um docente ou, até, não querermos ser como ele.

Também nos é benéfico, na medida em que, pudemos colocar em prática os nossos conhecimentos; a sociabilização, tanto com docentes, como com discentes; aperfeiçoarmos os aspetos menos positivos; as relações criadas; a construção da identidade profissional do docente e a enorme experiência que um estágio nos proporciona.

O sucesso de um estagiário, enquanto futuro profissional, não passa apenas pela teoria aprendida durante o percurso académico. É essencial existir uma prática supervisionada de forma a refletir e melhorar todas as ações realizadas. Através da prática orientada no Estágio Profissional adquirem-se inúmeras competências que, mais tarde, no futuro, nos permitirão atuar autonomamente.

O Estágio Profissional e a orientação presenteada pelos docentes da supervisão pedagógica, nas reuniões de reflexão e de avaliação são imprescindíveis para uma melhor preparação profissional como educadora e professora que pretendo ser.

Korthagen (2009) refere que, na formação de professores, a articulação contínua entre a prática e a teoria consiste numa abordagem realista, onde as suas principais características são: a de "trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontam durante o ensino e que causaram preocupação ao aluno futuro professor" e uma "reflexão e interacção entre os alunos futuros professores." (pp.42-43) Referindo, ainda, o mesmo autor, este defende que para "promover a aprendizagem contínua dos professores, temos de desenvolver a sua competência de desenvolvimento. Por conseguinte, teremos de investir mais no desenvolvimento da sua capacidade para dirigir a sua própria aprendizagem." (p.44)

Através destas afirmações, pode-se declarar que, na formação de professores é fulcral que haja um trabalho baseado em situações reias. Assim sendo, os futuros professores podem-se confrontar e refletir sobre o que foi observado.

Estrela, T., Esteve, M. e Rodrigues, A. (2002, referidos por Galveias, 2008), apresentam várias recomendações relativas à prática pedagógica, sendo elas:

> a prática pedagógica deve centra-se na analise de situações reais do exercício profissional; a prática pedagógica deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia do professor, implicando a tomada de consciência de si e da situação onde age; a prática pedagógica deve focar não apenas a sala de aula, mas toda a actividade do professor, pelo que deve dar-se atenção à variedade de contextos em que aquela pode desenvolver-se; a prática pedagógica deve privilegiar o trabalho em equipa, propiciador de momentos variados de observação, diálogo e de troca. (p.10)

De acordo com Medina e Domínguez (1989, citados por Garcia, 1999), a formação de professores é como uma "preparação e emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-acção inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projecto educativo comum." (p. 23) Neste encadeamento, Garcia (1999) menciona que "a formação de professores representa um encontro entre pessoas adultas, uma interacção entre formador e formando, com a intenção de mudança, desenvolvida num contexto organizado e institucional mais ou menos delimitado." (p.22)

Toda a prática pedagógica realizada durante o mestrado representa a oportunidade dos futuros professores exercerem a sua atividade profissional com supervisão pedagógica. Segundo Alarcão e Tavares (1987), a supervisão é encarada como "o processo em que o professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional." (p.197) Quer isto dizer que, o futuro professor necessita de alguém, mais experiente e informado que o auxilie e oriente no decorrer do seu desenvolvimento profissional.

Para Schön (s.d., referido em Alarcão, 1996), a formação de um profissional deve comportar situações " onde o formando possa praticar sob a orientação de um profissional, um formador, que, simultaneamente treinador, companheiro e conselheiro, lhe faz a iniciação e o ajuda a compreender a realidade." (p.13) Este autor ainda refere que a componente de formação profissional prática em situação oficial "é concebida como uma espécie de prisma rotativo que possibilita ao formando uma visão caleidoscópica do mundo do trabalho e dos seus problemas" permitindo-lhe uma reflexão dialogante sobre o observado e o vivido, conduzindo à construção ativa do conhecimento na ação segundo uma metodologia de aprender a fazer fazendo. (p.13)

É extremamente importante que os futuros docentes possam colocar em prática os seus conhecimentos adquiridos na teoria para que, posteriormente, possam refletir e avaliar as estratégias educativas utilizadas.

Schön (s.d., citado em Pacheco, 1995) afirma que "a actividade profissional consiste numa resolução instrumental de problemas pela aplicação de teorias e de técnicas científicas." (p.15) Assim sendo, Pacheco (1995) salienta que o "saber profissional será mais um saber-em-acção, identificado pelo saber fazer." (p.15) Ou seja, para Schön, a atividade profissional baseia-

se na resolução de problemas através da aplicação de teorias e de técnicas científicas. Já para Pacheco, a atividade profissional é aquela que se baseia no saber-em-ação.

A prática pedagógica, segundo Schön (s.d., citado em Alarcão, 1996) deve ser encarada como "fonte de conhecimento através da experimentação e reflexão, como momento privilegiado de integração de competências." (p.19) Através da sua prática e, daquilo que faz o docente, deve "refletir sistematicamente sobre o que faz e sobre o que faz." (p.19)

6. Cronograma de estágio

Durante o Estágio Profissional I, II e III tive a oportunidade de estagiar, como já foi referido anteriormente, em três salas do Ensino Pré-Escolar e em três salas do Ensino do 1.º Ciclo. Relativamente ao estágio realizado no Ensino Pré-Escolar, comecei a estagiar no Bibe Encarnado A (4 anos), de seguida no Bibe Azul A (5 anos) e, por último no Bibe Amarelo A (3 anos). No que diz respeito ao Ensino do 1.º Ciclo, iniciei o estágio na sala do Bibe Verde A (2.º ano), seguido do Bibe Castanho B (1.º ano), posteriormente voltei a realizar estágio no Bibe Verde A (2.º ano) e, por fim, terminei no Bibe Azul-escuro A (4.º ano).

Todos estes períodos de estágio podem ser observados no quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos oito momentos de estágio

Bibes	Inicio	Termo
Bibe Encarnado A	12 de outubro de 2010	12 de novembro de 2010
Bibe Azul A	16 de novembro de 2010	7 de janeiro de 2011
Bibe Amarelo A	10 de janeiro de 2011	18 de fevereiro de 2011
Bibe Azul-escuro B (4.º ano)	28 de fevereiro de 2011	4 de março de 2011
Bibe Verde A (2.º ano)	14 de março de 2011	13 de maio de 2011
Bibe Castanho B (1.º ano)	16 de maio de 2011	8 de julho de 2011
Bibe Verde A (2.º ano)	27 de setembro de 2011	18 de novembro de 2011
Bibe Azul-escuro A (4.º ano)	21 de novembro de 2011	27 de janeiro de 2011

Em seguida é apresentado o cronograma de estágio profissional (quadro 2) onde se pode observar e assistir as aulas programadas para as Educadoras e Professoras Cooperantes, as aulas programadas para a equipa de supervisão e, a prova Prática de Avaliação de Capacidade

Profissional. Refiro ainda que todas estas aulas estão assinaladas no respetivo mês e Bibe onde aconteceram.

Quadro 2 – Cronograma de estágio profissional

Meses	Aulas Programadas (Educadoras e professoras cooperantes)	Aulas Programadas (Equipa de Supervisão)	Aulas surpresa (Equipa de Supervisão)	Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional
out./2010	25			
nov./2010	8, 9 29			
dez./2010	6		10	
jan./2011				
fev./2011	8, 15			
mar./2011	28			
abr./2011		4		
mai./2011	9 31		27	
jun./2011	14, 27			
jul./2011				
set./2011				
out./2011	14		21	
nov./2011	15			
dez./2011				
jan./2012	23			
fev./2012				15

Para além das aulas que lecionei individualmente e duas, em conjunto, com o meu trio de estágio durante todo o período em que estagiei, pude observar as aulas diversificadas dadas pelas educadoras e professoras cooperantes, assistindo, também às aulas do meu trio de estágio e dos meus colegas de mestrado (quando eram aulas surpresa).

Para além do tempo dedicado a todo o período de Estágio Profissional, foi necessário uma maior dedicação na construção deste Relatório de Estágio Profissional, recorrendo a variadíssimas pesquisas bibliográficas e a algumas reuniões com a minha orientadora.

Capítulo 1

Relatos Diários

1.1. **Descrição do capítulo**

O presente capítulo encontra-se dividido em oito secções, pertencendo cada uma a um momento de estágio, três no Ensino Pré-Escolar e cinco no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. No decorrer do capítulo serão descritas as observações diárias realizadas durante todo o período de estágio profissional realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais. Depois da descrição das observações diárias encontram-se as inferências, bem como a fundamentação teórica.

A primeira secção remete para o estágio realizado no Bibe Encarnado A, 4 anos, lecionado pela educadora Maria Louzeiro. A segunda secção diz respeito ao momento de estágio na sala do Bibe Azul A, 5 anos, da educadora Isabel Matos. A secção seguinte, a terceira, refere o período de estágio na sala do Bibe Amarelo A, 3 anos, lecionado pela educadora Ana Freire. Nesta secção relato três dias de estágio em simultâneo, devido às férias da Páscoa, nos quais foram realizados vários jogos. A quarta secção destina-se ao estágio intensivo, realizado no 4.º ano A do professor Hugo Rodrigues, onde os relatos desta semana se encontram relatados em simultâneo. Na quinta secção estão descritos os dias de estágio realizado no 2.º ano A da professora Sofia Guedes. Nesta secção estão descritos em simultâneo três relatos. De seguida, a sexta secção expressa o estágio realizado na sala do 1.º ano B, lecionado pela professora Marta Gomes. A secção seguinte, a sétima, aborda o período de estágio no 2.º ano A, lecionado pela professora Marta Gomes e, por fim, a oitava secção relata o momento de estágio realizado na sala do 4.º ano A, da professora Alice Neto.

Para cada secção será efetuado um breve enquadramento teórico, que integra a caraterização da turma, do espaço e da rotina diária, englobando o acolhimento no salão, o tempo dedicado à higiene, o recreio, o almoço (no Pré-Escolar), bem como, o horário da turma e áreas de conteúdo.

Dedicarei ainda e, em especial para o Ensino Pré-Escolar uma breve caracterização de cada uma das faixas etárias que a compõem e antecedem a apresentação dos relatos da mesma.

1.2 1.ª Secção

Período de estágio: de 12 de outubro de 2010 a 12 de novembro de 2010

Faixa etária: Bibe Encarnado A - 4 anos

Educadora Cooperante: Maria Louzeiro

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 4 – *1.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Encarnado A, da Educadora Maria Louzeiro, como se pode verificar na Figura 4.

1.2.1. Breve caracterização das criança com 4 anos

Os 4 anos de vida são marcados pela idade dos "comos" e "porquês". Os seus incessantes porquês tanto dizem respeito aos fenómenos naturais como sociais. A criança gosta de ouvir explicações e é capaz de esgotar todas as possíveis explicações sobre um assunto.

Nesta idade, segundo Gesell (2000), a criança domina melhor todo o seu equipamento motor, incluindo a voz. É capaz de cortar a direito com uma tesoura; atar os sapatos; aguentar-se de pé numa só perna; ficar sentada bastante tempo a executar tarefas manuais que sejam do seu agrado (p.200) e Moreira (1999) acrescenta que "goza de uma independência muito apreciável de braços e mãos, de pernas e pés." (p.267)

Para além de ser bastante questionadora, também é muito faladora. Ela própria comenta os seus discursos e constitui, muitas vezes, o seu auditório. Gosta de utilizar as palavras, de experimentá-las e de brincar com elas.

Citando Gesell (2000), a explicação da psicologia da criança de 4 anos reside na sua intensa energia conjugada com uma organização mental de grande fluidez. A sua imaginação está em perpétuo movimento. Desloca-se de umas formas para as outras com despreocupada facilidade. Começa a desenhar uma tartaruga e, antes de a ter acabado, é já um elefante. (p.200)

Com 4 anos, a imaginação e a aprendizagem andam de mãos dadas. A representação de cenas vividas ou imaginadas são quase uma constante. A criança começa a formar grupos, pequenos clãs fechados aos intrusos, muitas vezes com separação de rapazes e raparigas. Para Gesell (2000) "o sentimento de pertencer ao grupo é um passo para a compreensão da natureza dum grupo social." (p.201)

A criança desta faixa etária adora falar sobre as festas de aniversário. Ser convidado por uma criança de 4 anos, porventura com meses de antecedência, é uma marca de aprovação social, mas ser excluído denota uma rejeição.

Aos 4 anos de idade, a criança admite bem as regras socias do jardim-escola e da sociedade.

De acordo, ainda, com Gesell (2000), a mãe "é o tribunal de última instância e a sua autoridade é invocada com frequência: «A mamã disse para eu fazer assim»." (p.201)

No seu processo de amadurecimento, a criança gosta de se vestir como um adulto e de imitar as suas ações.

1.2.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Encarnado A, é constituída por vinte e nove crianças, das quais catorze são do sexo feminino e quinze do sexo masculino. Todas as crianças deste bibe completaram quatro anos, até 31 de dezembro de 2010.

As crianças da turma têm famílias estruturadas e preocupadas com a sua formação e a maioria têm irmãos. Contudo, existem sete casos de famílias monoparentais, onde existe uma vontade de articular e partilhar o contributo na educação dos seus filhos.

Por fim, este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2.3. Caracterização do espaço

O Bibe Encarnado A tem, maioritariamente, as suas aulas no salão. Este espaço é dividido com a outra turma deste bibe, a turma B. É um espaço amplo e bem iluminado.

Está decorado com trabalhos realizados pelas crianças, fotografias destas a realizar uma determinada atividade e alguns projetos da turma.

A sala deste bibe é composta por quatro mesas hexagonais, onde as crianças realizam maioritariamente as suas tarefas, como se pode verificar na figura 5.

Segundo Zabalza (1998) a sala de aula "deve ser um espaço aberto, que se amplia funcionalmente para as dependências em que se desenvolve a vida e os rituais da jornada escolar." (pp. 132-133)

Figura 5 – *Sala do Bibe Encarnado A (4 anos)*

1.2.4. Rotina diária

Quando chegam ao Jardim-Escola, as crianças são recebidas pela educadora ou por uma auxiliar de educação que as encaminha para a "roda das canções". Terminadas as canções, por volta das 9h30m as crianças vão à casa de banho e depois iniciam os seus estudos.

Entre as 10h30m e as 11h, as crianças fazem uma pequena pausa para lanchar e irem ao recreio. Posteriormente, retornam à sala para continuarem as suas aulas.

Às 11h30m iniciam a preparação para o almoço, que acontece às 12h.

Terminado o almoço e até às14h30m dirigem-se para o exterior para mais uma pausa, o recreio, onde brincam livremente.

Segundo Zabalza (1998), a rotina "baseia-se na repetição de atividades e ritmos na organização espácio-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto educativo". (p.169)

De acordo com o autor, a rotina quando é interiorizada pela criança, "coisa que pode fazer-se no prazo de duas a três semanas", dá uma certa liberdade de movimentos à criança e ao educador, proporcionando uma estruturação mental que permite a dedicação das energias ao que se está a fazer. (p.169)

Para as crianças mais pequenas, a rotina tem um papel importante, pois dá-lhes segurança e fá-los sentir cómodos. (Zabalza 1998, p.170)

- Acolhimento no salão

Todas as manhãs, no período de acolhimento, todas as crianças do pré-escolar, tanto os docentes como os discentes e estagiários, realizam a "roda das canções" onde, durante vinte a trinta minutos, são cantadas músicas infantis que, muitas vezes, são sugeridas pelas próprias crianças.

A "roda das canções" tem uma disposição específica. No meio da roda estão as crianças do Bibe Amarelo, de seguida, as do Bibe Encarnado e, por último, as crianças do Bibe Azul.

Segundo Ferreira e Santos (1994), "uma canção, uma história, o espaço das novidades ou um jogo que promova a convivialidade e a coesão do grupo são certamente algumas das formas agradáveis de receber os alunos." (p.42)

Através destes momentos de convívio, em que todo o Pré-Escolar está junto, é possível observar a existência de oportunidades de aprendizagem, nas quais as crianças desenvolvem a memória e aumentam o seu vocabulário.

Segundo Post e Hohmann (2003), na hora de chegada, as boas vindas calorosas por parte da educadora ajudam as crianças "a terem a certeza de que, mesmo que os pais tenham de se ausentar, eles estão nas mãos de pessoas em quem poderão confiar e que os irão respeitar e deixá-los em segurança até que os pais os venham buscar." (p.210)

- Tempo dedicado à higiene

O momento dedicado à higiene é realizado sempre que a "roda das canções" termina, antes e depois do recreio, antes do almoço e após o almoço e sempre que alguma criança necessita de ir à casa de banho.

- Recreio

Durante a manhã é realizado o recreio entre as 10h30m e as 11h, podendo ser no exterior ou interior, consoante as condições atmosféricas. Neste período de pausa, as crianças fazem o lanche da manhã, comendo bolachas ou fruta e brincam livremente.

De acordo com Cordeiro (2008), "o recreio é um espaço da maior importância. Nesta idade, representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos." (p.377)

Os recreios são indispensáveis para que as crianças possam ter momentos de brincadeira, quer individualmente, quer a pares ou em grupos.

- Refeições

No decorrer do horário de estágio, as crianças realizam duas refeições, sendo elas, o lanche, a meio da manhã, e o almoço. O lanche a meio da manhã é realizado entre as 10h30m e as 11h e, o almoço entre as 12h e as 13h. Normalmente estas crianças comem sozinhas, sem a ajuda de um adulto. Contudo, existem momentos em que necessitam de uma pequena ajuda, como, por exemplo, quando comem a sopa. Durante a hora do almoço, as crianças desenvolvem o treino, ao usarem devidamente os talheres e a autonomia para comerem sem ajuda, tornando-se mais autónomas.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (2009) defendem que as crianças "devem comer a horas certas". (p.84)

- Horário e áreas de conteúdo

O horário deste bibe está estipulado entre as 9 e as 17 horas. Contudo, durante o período matinal (9h-12h), são trabalhadas as áreas curriculares de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo, Educação Física e Formação Cívica. O período da manhã termina com o almoço, que ocorre entre as 12 e as 13 horas. Na parte da tarde, as crianças têm Expressão Dramática e Corporal, Estimulação à Leitura, Educação Musical, Biblioteca, Expressão Plástica com: picotagem, carimbos, dobragens, digitinta, entre outras atividades.(Quadro 3)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) o termo «área» "é um termo habitual na educação pré-escolar para designar formas de pensar e organizar a intenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças." (p.47)

Segundo este mesmo autor, consideram-se "áreas de conteúdo" como âmbitos de saber, como uma estrutura própria e com pertinência sócio-cultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer.

Em muitas manhãs pude observar a área de Estimulação à Leitura, realizada pela educadora titular.

Quadro 3 – Horário do Bibe Encarnado A (4 anos)

Dias / Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/ 9h30m	Canções de roda / Acolhimento				
9h30m/10h	Iniciação à Matemática (Dons de Fröebel)	Iniciação à Matemática (contagem/material alternativo)	Iniciação à Matemática (Geoplano/ Tangram/ Calculadores Multibásicos)	Iniciação à Matemática (Cuisenaire)	Iniciação à Matemática (Blocos Lógicos/ Diagramas/ Conjuntos/ Sequências)
10h/10h30m	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10h30m/ 11h	Recreio	Ginástica	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio
11h/11h30m	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento Do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo
11h30m/12h	Jogos de Roda/Preparação para o Almoço				
12h/12h30m	Almoço				
12h30m/14h30m	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30m/15h	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas/digitinta/ carimbos)	Atividades Gráficas (ditados/desenhos de série)	Descobertas dos pequenos cientistas
15h/ 15h30m	Área Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ ilustrações)	Jogos de mesa e Plasticina/modelagem		Estimulação à Leitura
15h30m/16h	Dobragens/ entrelaçamentos/ enfiamentos/ harmónios	Atividades nos Cantinhos/ Jogos de tapete	Picotagem/ contorno/rasgagem/recorte/ colagem	Jogos tradicionais	Expressão Corporal
16h/16h25m	Lenga-lengas/ destrava línguas e adivinhas	Expressão Dramática/ Biblioteca	Música	Rimas/Poesias	Reflexão Semanal
16h25/16h45m	Lanche				
16h45m/ 17h	Despedidas				

Educadora: Maria Louzeiro Ano Letivo 2010/2011

Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária

1.2.5. Relatos diários

Terça-feira, 12 de outubro de 2010

Este foi o primeiro dia de estágio do Mestrado. A Diretora do Jardim-Escola dos Olivais, Dr. Sandra Ramalhinho, fez uma visita guiada com todos os alunos que não conheciam o Jardim-Escola. Terminada a visita cada estagiário ficou na sua sala.

Nesta manhã, a educadora deu uma aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática com o 3.º Dom de Froebel. (Figura 6) Este material estruturado é composto por oito cubos de madeira, guardados dentro de uma caixa cúbica, feita com o mesmo material, como se pode verificar na figura 5. Com este material, a educadora explorou as caraterísticas da caixa e, após a exploração, explicou como manusear este material. De seguida, realizaram duas construções, sendo elas "o cadeirão" e "as duas colunas". No decorrer da aula e, para realizarem as construções, a educadora foi contando uma história sobre o seu avô e os seus primos. À medida que iam efetuando as construções, realizavam alguns cálculos mentais (adição e subtração).

Figura 6 – *3.º Dom de Froebel*

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã, em que as crianças trabalharam com o material 3.º Dom de Froebel, pode constatar a alegria destas ao manipularem as peças e ao edificarem as construções solicitadas pela educadora.

Os Dons de Froebel foram criados por Friedrich Froebel, que criou dez dons, porém na metodologia João de Deus apenas são trabalhados os primeiros cinco dons.

Segundo Caldeira (2009), Froebel "reforçou a importância de espaços agradáveis, do treino da destreza física, de actividades individuais e em grupo para o desenvolvimento da criança. Um dos principais princípios da pedagogia froebeliana é o da «auto-actividade livre»." (p.238)

Ou seja, a criança necessita de uma mente ativa e livre para que, deste modo, possa abrir as portas do conhecimento.

Com este dom e, em qualquer construção, todos os cubos têm de ser utilizados. A autora acima mencionada refere que um dos fatores importantes deste material é a forma como este é usado, bem como a postura da criança "costas direitas; uso das duas mãos; utilização dos dedos indicadores e polegar em forma de pinça (…); fazer as construções da esquerda para a direita (…); não destruir." (p.248)

Para além destes fatores, também se deve suscitar uma certa curiosidade em relação à caixa (a sua forma) e o material de que é feita.

Numa aula, devemos selecionar três ou quatro construções com o auxílio de uma história, permitindo à criança fazer raciocínios matemáticos. E, deste modo, a criança concretiza os seus cálculos, manuseando as peças.

Todas as construções deste Dom têm o objetivo de desenvolver a linguagem, o vocabulário e o cálculo mental.

Sexta-feira, 15 de outubro de 2010

A educadora sentou as crianças no chão, em forma de semicírculo, para dar início à sua aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática. Para esta aula utilizou material alternativo, sendo este constituído por peças de roupa feitas em feltro. Após ter colocado o material espalhado no chão, questionou as crianças sobre as suas diferenças, ou seja, a cor e a forma. Posto isto, introduziu um conteúdo novo, a noção de número, explicando-o e demonstrando. De seguida, colocou um fio de uma extremidade da parede à outra, simulando um estendal. Neste, realizaram duas sequências, uma por cores e outra por formas. No decorrer da aula, a educadora deparou-se com uma criança que não entendia o exercício. Para combater as dificuldades da criança, a educadora explicou várias vezes como se fazia, exemplificando até a criança compreender.

Para terminar esta área, realizaram dois jogos, um deles intitulado "Quem tem …" (uma determinada peça) e o outro "Quem tem a cor…". A estratégia utilizada nos dois jogos foi a mesma, ou seja, a educadora perguntava "Quem tem calças?" e as crianças que tinham, levantavam-se e, para o segundo jogo, a mesma coisa.

Após o recreio, iniciou a área Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para esta área curricular, contou uma história, cuja moral era o valor de dar e receber e a amizade entre os personagens.

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã, as crianças adquiriram um conteúdo novo, a noção de número, através de exercícios realizados com um material elaborado pela educadora que estava bastante apelativo.

Citando Caldeira (2009), "quando entram no jardim-de-infância, as crianças têm conhecimentos que são informais sobre a quantidade e o número". (p.61)

Segundo a mesma autora, a educação pré-escolar desenvolve as competências numéricas e vai "construindo a noção de número como correspondendo a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal)." (p.61)

Moreira e Oliveira (2003) afirmam que é tão importante conhecer o número como "saber interpretá-lo, conhecer aspectos da sua utilização, apreciá-los e fornecer-lhes novas utilidades e significados." (p.112)

Todas as atividades numéricas que são propostas às crianças devem contemplar aspetos numéricos, sendo crucial um adequamento ao desenvolvimento da ação de contar.

Referindo ainda Caldeira (2009), o ato de contar é importante para a criança, para que realize a construção do número. (p.62)

Segunda-feira, 18 de outubro de 2010

Hoje, a manhã foi um pouco diferente das outras, pois o bibe encarnado realizou uma visita de estudo aos Correios.

Devido à proximidade entre o Jardim-Escola e os Correios, não foi necessário a utilização de meios de transporte, por isso fomos a pé. Ao longo do percurso, a educadora procurou manter as crianças animadas, cantando e observando o meio envolvente. Chegando aos Correios, cada criança colocou no depósito do correio normal, a sua carta para os pais, contendo um desenho.

Regressando ao Jardim-Escola foram para o recreio, onde brincaram um pouco até à hora do almoço.

Inferências e Fundamentação

A visita de estudo é uma estratégia que estimula as crianças, pois é motivadora e constitui a saída do espaço escolar.

De acordo com Carvalho (1995) "a componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização." (p.173)

A visita de estudo é mais do que um passeio, visto que engloba uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, tal como o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilitando a sociabilidade. É um dos meios mais utilizados pelos professores, atingindo o objetivo de promover a integração entre a teoria e a prática.

Segundo o mesmo autor, "a visita de estudo tem múltiplas potencialidades pedagógicas e formativas; de entre elas destacam-se as que decorrem da relação de proximidade entre professores e alunos (…) e as descobertas mútuas que se proporcionam." (p.188)

A distinção entre a visita de estudo e o passeio deve-se ao facto da integração no processo ensino-aprendizagem.

O autor acima referido menciona ainda que a visita de estudo propícia condições para o desenvolvimento do trabalho em equipa, tal como a comunicabilidade. (p.190)

Terça-feira, 19 de outubro de 2010

Nesta manhã, a educadora trabalhou com o material Cuisenaire, em Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática. Este material é composto por variadas peças, estando divididas em dez cores: branco, encarnado, verde-claro, rosa, amarelo, verde-escuro, preto, castanho, azul e laranja, como se pode ver na figura 7. A cada cor corresponde um valor e, consoante o valor da peça, o seu tamanho altera.

Figura 7 – *Material Cuisenaire*

Para iniciar a sua aula, sentou as crianças no chão, em forma de "U" e pediu a uma criança que encontrasse a peça amarela de acordo com as indicações dadas. Enquanto procurava a peça, a criança desenvolveu a lateralidade (esquerda, direita e frente) e a quantidade (passos). Depois da descoberta, a educadora explicou o valor da peça e o número que lhe correspondia.

Posteriormente, realizaram uma sequência com duas peças deste material. Para continuar a sequência, a educadora solicitou a participação de uma criança que, numa aula anterior, tivera algumas dificuldades na realização desta tarefa. Contudo, esta criança conseguiu resolver o exercício, mostrando que já o compreendera.

A educadora terminou a sua aula, dizendo que continuariam, noutras aulas, a descobrir mais peças do "Mundo de Cuisenaire".

Inferências e Fundamentação

Com a utilização do material Cuisenaire e, após a descoberta de mais uma peça, a amarela, as crianças realizaram uma sequência, utilizando as peças deste material.

O material Cuisenaire deve o seu aparecimento ao professor belga, do 1.º Ciclo, Emité Georges Cuisenaire que, segundo Caldeira (2009), "observava as dificuldades que as crianças do seu tempo tinham para perceber a aritmética e reter o que dela aprendiam." (p.125)

De acordo com a autora cima referida, "as peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação." (p.126), tornando apelativa a sua manipulação.

Alsina (2004) afirma que "as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas." (p.34)

Nabais (s.d.) cita o professor Dienes referindo que, "é necessário que as crianças aprendam a extrair a essência das matemáticas a partir da sua experiência pessoal, e não a partir da nossa." (p.9)

Ou seja, quando estamos a trabalhar com materiais, devemos deixar que as crianças manipulem, sintam e experimentem por si. E não passarmos para a criança toda a informação, sem que ela tenha a sua experiência pessoal com o respetivo material.

Existem inúmeras competências adquiridas com o uso deste material. Contudo, as que considero importantes para o trabalho desenvolvido, neste dia, pelas crianças são: a noção de quantidade, a noção de cor e a noção de tamanho/valor.

Sexta-feira, 22 de outubro de 2010

A manhã de hoje iniciou-se com a aula da Carolina (colega de estágio).

Em Conhecimento do Mundo, trabalhou o tema "Higiene", falando da higiene pessoal e oral. Iniciou esta área, transmitindo algumas normas para o decorrer da aula. Contudo, ao longo desta, não teve o cuidado de seguir as normas estabelecidas anteriormente, permitindo que todos falassem ao mesmo tempo. Posteriormente apresentou uma boneca, dando-lhe o nome de "Carlota". À medida que ia transmitindo conhecimentos sobre o tema, foi questionando as crianças sobre este. Para melhor explorar o tema, solicitou a participação de algumas crianças para despir, lavar e vestir a boneca. Terminou esta área fazendo uma revisão do tema, enquanto simulava com as crianças a higiene pessoal e oral. De seguida, verificou-se um pouco de retorno à calma, passando para a área seguinte.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática utilizou materiais alternativos, sendo eles, pastas de dentes, escovas de dentes, champô, escovas para o cabelo, sabonetes e rolos de papel higiénico. Com este material explorou as quantidades, contagem, cálculo mental e sequências.

No decorrer da aula, pediu que contassem os objetos individualmente e por grupos.

Na sua última área, de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, leu uma história intitulada Se os Bichos se vestissem como Gente da escritora Luísa Ducla Soares.

Inferências e Fundamentação

No decorrer da manhã de aulas penso que a Carolina podia ter sido mais dinâmica, criando outras estratégias, quebrando assim alguns tempos "mortos", em que as crianças apenas observavam a boneca a ser despida e nada faziam.

Segundo Sanches (2001), "exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspecto mais importante das estratégias de aprendizagem. (…) Os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir. (…) É preciso por os alunos a fazer e não só a ouvir." (p.45)

Segunda-feira, 25 de outubro de 2010

Esta manhã foi iniciada com as minhas aulas programadas para a educadora cooperante. Para além de trabalhar as três áreas do conhecimento, realizei um jogo no recreio das crianças.

Em Conhecimento do Mundo explorei o tema Paladar. Para esta área, realizei uma língua gigante onde destaquei, com pioneses de cores diversas, as diferentes zonas que distinguem os quatro sabores. Para associar estas zonas aos sabores, utilizei espetos com imagens de alimentos doces, ácidos, salgados e amargos. (Figura 8)

Figura 8 – *Língua Gigante*

Posteriormente expliquei o que era a língua, onde se situava e o que eram e para que servem as papilas gustativas. Para uma melhor compreensão deste último tópico, solicitei às crianças que mostrassem a sua língua ao colega do lado, para que todos pudessem observar concretamente as papilas gustativas. Ainda sobre as papilas, expliquei a sua importância,

referindo, também que, se as queimássemos, deixaríamos de sentir os sabores dos alimentos. Ao longo da aula fui questionando as crianças sobre o tema, revelando o meu interesse na participação destas. Finalizei o tema, recapitulando o nome dos sabores e a zona a que pertencem através de um jogo, o qual consistia em que uma criança, de olhos vendados, distinguisse o sabor de um determinado alimento e identificasse a zona onde este é detetado. Para tal, usei vários alimentos (bolachas, fruta, sumo de limão, chocolate, batatas fritas, rebuçados e café) dispostos em cima de uma mesa. É importante referir que, antes de iniciar o jogo, questionei as crianças se lhes podia vendar os olhos.

Após o retorno à calma, dei começo à área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática com material alternativo, explorando operações aritméticas. Comecei por contar uma história, explorando os conteúdos que pretendia desenvolver: cálculos concretos e abstratos, escrita e simbologia, associação de algarismos a quantidades e resolução da indicação (da adição), recorrendo ao uso dos materiais, peças de fruta comestíveis (maçã, pera, romã e tangerina), algarismos móveis e sinais de adição e igualdade.

Posteriormente, no recreio, realizei um jogo intitulado "Corrida dos Sabores". Para a realização deste jogo dividi a turma em quatro equipas, sendo o objetivo de cada uma reunir as peças do puzzle correspondente a cada sabor, montá-lo e, por fim, associar os alimentos aos sabores correspondentes. O jogo iniciava-se ao som das palmas e findava ao som de um "instrumento musical" – abana-guizos. Este jogo permitia a interação entre as crianças, a orientação espacial, o respeito, a participação e a autonomia. A estratégia utilizada no jogo não correu como esperado. Para ter funcionado melhor deveria ter explicado as regras no interior da sala e não no exterior.

Terminei a manhã com Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, área para a qual realizei um livro, adaptando um conto tradicional, O Rato do Campo e o Rato da Cidade, sendo as personagens e alguns objetos móveis. No decorrer do conto fui solicitando a participação de algumas crianças para completarem as páginas do livro com as respetivas imagens. Finalizei a aula com uma revisão dos momentos importantes do conto, questionando as crianças acerca da alimentação das personagens. (Figuras 9 e 10)

Figura 9 – Capa do livro O Rato do Campo e o Rato da Cidade

Figura 10 – Primeira página do livro

Inferências e Fundamentação

Para esta aula tentei relacionar as três áreas curriculares, a fim de fazer interdisciplinaridade entre ambas.

Segundo Fourez, Maingain e Dufour (2008) a interdisciplinaridade é "uma prática de interconexão das disciplinas" que visa a "aquisição de saberes estruturados, transferíveis e actualizações na acção." (p.74) A interdisciplinaridade, segundo este mesmo autor, visa desenvolver nos alunos "a aptidão para representar uma problemática, recorrendo, consoante os casos, a diversos pontos de vista, a diversas experiências de vida ou a diversas disciplinas." (p.75)

Para as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), as diferentes áreas "não devem ser vistas como compartimentos estanques, mas abordadas de uma forma globalizante e integrada." (p.14)

Terça-feira, 26 de outubro de 2010

A educadora sentou as crianças no chão para dar começo à sua aula de Domínio da Matemática, utilizando um material estruturado, os Blocos Lógicos. Este material é constituído por 48 peças com quatro atributos diferentes: quatro formas (quadrado, retângulo, triangulo e circulo), três cores (vermelho, azul e amarelo), dois tamanhos (grande e pequeno) e duas espessuras (fina e grossa), como é possível de ser verificado na figura 11. Começou por rever os atributos deste material, a cor, a forma, a espessura e o tamanho.

Com os Blocos Lógicos, explorou a teoria de conjuntos, o conjunto universal, o nome do contorno do conjunto, o cardinal e, no chão, com giz desenhou uma tabela de dupla entrada para completar. Realizou dois conjuntos para que as crianças completassem a etiqueta, colocando o símbolo de cardinal e a respetiva quantidade. No decorrer da aula, as crianças foram perdendo a concentração ficando um pouco dispersas. Para combater esta situação, a educadora optou por realizar um jogo. Este consistia em que, sempre que a educadora mostrava uma peça de espessura grossa, as crianças davam um passo para trás.

Figura 11 – Blocos Lógicos

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã foi explorada a teoria de conjuntos com o material Blocos Lógicos, bem como os atributos deste.

Segundo N. Picard, referido em Correia (1993),

> a classificação mais fácil para a criança é segundo a forma, talvez por ser o tato (a mão) mais do que a vista, o órgão de perceção, por excelência da criança. A seguir o atributo mais percetível é a cor. Os dois restantes atributos, tamanho e espessura, só se identificam abstraindo-se da cor e da forma. (p.5)

Com a utilização deste material, as crianças desenvolveram as seguintes competências: classificação; estabelecimento de comparação; identificação dos diferentes atributos e a aplicação da teoria de conjuntos (noção de cardinal). Para além destas competências, desenvolveram, também, capacidades e destrezas, tais como, a perceção tátil, visual, espessura e tamanho e o reconhecimento de formas.

Jean Piaget (1896-1980, citado por Caldeira, 2009), afirma que "a aprendizagem da matemática envolve o conhecimento físico e o lógico-matemático". (p.369) Ou seja, através deste material, o conhecimento físico acontece quando a criança manipula, observa e identifica os atributos de cada peça do material.

Para Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), "o uso destas peças lógicas permite a realização de atividades aliciantes e diversificadas", ajudando na construção de conceitos de lógica, indispensáveis à compreensão de noções básicas e fundamentais. (p.13)

Sexta-feira, 29 de outubro de 2010

Hoje foi a vez da Rita (colega de estágio) dar a sua manhã de aula. Em Conhecimento do Mundo explorou o tema do "Dia das Bruxas", mostrando um PowerPoint ilustrativo deste tema (abóboras, máscaras e casas decoradas). À medida que ia mostrando as ilustrações, dialogou com as crianças sobre as imagens, as várias tradições e as suas origens, incentivando-as a partilhar as suas experiências. Para terminar esta área mostrou uma abóbora sem recheio, devidamente recortada, deixando-a passar por todas as crianças, para que a pudessem tocar. Na minha opinião, quando passou a abóbora podia ter questionado as crianças relativamente aos sentidos que utilizaram enquanto tocavam nela.

Posteriormente, na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática trabalhou o tema Conjuntos, utilizando rebuçados de várias cores, feitos em espuma dentro de uma mala em forma de abóbora. Realizou dois conjuntos dentro de arcos (linha fronteira) atribuindo-lhes nomes (o conjunto do João e o da Joana). Através de uma história pediu às crianças que colocassem nos conjuntos a quantidade de rebuçados pretendida. No decorrer da aula foi revendo o conceito de conjunto singular, embora pudesse, na minha opinião, ter

realizado a revisão dos outros conceitos. Para terminar ainda realizou duas sequências bastante idênticas.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita apresentou um livro, realizado pela própria, com a história da Bruxa Mimi. Enquanto contava a história, falhou várias vezes, pois aparentava estar bastante insegura. Ao longo da história retirou de um caldeirão alguns fantoches representando as personagens. Contudo, não os soube aproveitar e manusear da melhor maneira, talvez pela insegurança. Terminada a história, cada criança pintou uma máscara de bruxa.

Inferências e Fundamentação

Inserido na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática foi trabalhado o tema "Conjuntos", através de um material realizado pela minha colega. Penso que a estratégia que utilizou na sua aula funcionou muito bem.

Caldeira (2009) refere que "a um qualquer número de elementos de uma determinada espécie dá-se o nome de conjunto. Esses elementos podem ser em número finito ou infinito." (p.382)

Quando se pretende indicar que um elemento pertence a um dado conjunto usa-se o símbolo ϵ (pertence) e se um elemento não pertencer ao conjunto usa-se o símbolo $\notin$ (não pertence).

A autora acima mencionada refere que não se deve repetir o mesmo elemento na representação do conjunto.

Damas *et al.* (2010) indicam que um conjunto formado por apenas um elemento dá-se o nome de conjunto singular e, a todos os subconjuntos formados com o mesmo número de elementos chamava-se conjunto equipotentes. (p.32)

Caldeira (2009) acrescenta que "aos conjuntos com um só elemento chamamos singular." (p.383)

Terça-feira, 02 de novembro de 2010

Devido ao atraso da educadora titular, a educadora Lena substituiu-a por uns instantes. Quando a educadora titular chegou, conversou com as crianças, sobre o que tinham feito no seu fim-de-semana prolongado.

Inferências e Fundamentação

É importante que os educadores tenham momentos em que possam dialogar com as crianças, fomentando uma boa relação entre ambos, tal como a inserção no grupo.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) salientam

> a relação individualizada que o educador estabelece com cada criança é facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças. Esta relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada. (p.35)

Durante o momento em que a turma esteve a dialogar com a educadora sobre o que tinham feito no seu fim-de-semana, adquiriram alguns valores, tais como o esperar pela sua vez.

Segundo Cordeiro (2008), "as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido de respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação." (p.371)

Sexta-feira, 05 de novembro de 2010

Mais uma manhã de aulas da Rita. Em Conhecimento do Mundo explorou o tema "Primeiros Socorros", levando uma mala relacionada com o tema, referindo a função de cada produto. Posto isto, explorou imagens que representavam situações de primeiros socorros, simulando algumas situações. No decorrer desta área manteve uma postura muito tensa e desanimada, provocando uma certa desmotivação por parte das crianças.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática utilizou material alternativo, (pensos rápidos coloridos) abordando a subtração e o sinal correspondente. Realizou cálculos mentais, associou o número à quantidade de elementos e explicou o sinal que corresponde a esta operação.

Posteriormente realizou o Jogo da Memória, organizando as crianças em equipas, estando cada uma identificada com colares diferentes. As imagens do jogo estavam relacionadas com o tema de Conhecimento do Mundo. O jogo tinha como objetivo formar o par das imagens iguais.

Em Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita leu uma história e, em simultâneo, solicitou que as crianças colocassem as imagens de acordo com a sequência de acontecimentos.

Inferências e Fundamentação

É importante que, nesta faixa etária, as crianças comecem a realizar cálculos mentais para resolverem algumas operações aritméticas. Para tal, podem fazê-lo através do auxílio ou não de materiais manipuláveis. As tarefas de cálculo mental são atividades motivadoras para as crianças.

De acordo com Morgado (1993) o educador pode fornecer aos alunos "material manipulável, estruturado ou não, para fomentar a construção das operações. Normalmente tal procedimento torna-se necessário no início do processo de ensino/aprendizagem mas dispensável algum tempo depois." (p.63)

Segunda-feira, 08 de novembro de 2010

Esta manhã teve início com as minhas aulas. Comecei com Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, distribuindo o material a ser usado por cada criança: palhinhas, um conjunto de quatro bonecos em imagens. Ao longo da aula, contei uma história em que as crianças tinham de construir uma casa, recorrendo às palhinhas e deslocar os bonecos consoante as indicações dadas. Nesta área desenvolvi algumas orientações espaciais (cima/baixo; interior/exterior; direita/esquerda; frente/atrás; próximo/afastado e entre), falando também na forma geométrica da casa. O aspeto menos positivo foi a gestão de tempo, pois como tinha o objetivo de abordar todos os conteúdos previstos, prolonguei um pouco a aula. (Figura 12, 13 e 14)

Figuras 12 e 13 – *Crianças a construir uma casa com material alternativo – palhinhas*

Figuras 14 - *Eu e uma criança a realizar o itinerário de um boneco - imagem*

De seguida iniciei Conhecimento do Mundo, apresentando uma Árvore Genealógica realizada por mim em esferovite. À medida que ia contando uma história, solicitava às crianças que completassem a árvore com as respetivas imagens. Apesar de ter feito questão que as

crianças entendessem bem os graus de parentesco, não reforcei muito o conceito de árvore genealógica. (Figura 15)

Figuras 15 – *Criança a procurar um elemento da família para colocar na árvore genealógica*

Após esta área, iniciei Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, relembrando algumas normas para o decorrer da aula. Sentei as crianças em fila como se estivessem no teatro, pois iríamos ver uma peça de fantoches. Para esta área, o material utilizado foi um mini-teatro (de esferovite), fantoches de papel e os devidos cenários. Todo este material foi elaborado de forma criteriosa, cuidada e apelativa. Contei uma história (adaptada ao conteúdo de Conhecimento do Mundo) intitulada A Festa da Minha Avó. Enquanto contava a história, as crianças estavam completamente deslumbradas a ouvi-la, evidenciando estarem bastante interessadas. Terminei esta área com uma revisão dos momentos mais importantes da história: o prazer de dar e ajudar e a amizade sem querer nada em troca.

Finalizei a manhã com uma dramatização, em que as crianças tinham de formar uma árvore genealógica. Para esta atividade vesti as crianças a rigor, com alguns adereços de forma a incorporarem as personagens. Contudo, esta atividade não foi bem conseguida, pois seria necessária uma melhor organização.

Inferências e Fundamentação

Para a aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita optei por contar a história com o auxílio de fantoches, visto que é uma forma bastante dinâmica de o fazer e pouco habitual.

Segundo Pereira e Lopes (2007), um fantoche é um "objecto inanimado, mas que ganha vida e sentido dramático quando um animador lhe infunde ânimo, isto é vida, sentido e alento. (…) Um fantoche é um boneco cujos movimentos são controlados por um ser humano/manipulador que possui uma intencionalidade dramática. (p.21)

Os mesmos autores referem que os educadores podem e devem utilizar os fantoches como proposta educativa interdisciplinar e ainda como tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber. Uma atividade com o uso de fantoches envolve a participação de todos os participantes, envolvendo-os em aprendizagens diversas através de um método ativo e lúdico, que leva os alunos a uma melhor e mais eficaz compreensão.

O uso de fantoches contribui para desenvolver a fantasia, a imaginação e liberdade de expressão.

Terça-feira, 09 de novembro de 2010

Neste dia eu e as minhas colegas de estágio demos uma aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, recorrendo ao 3.º Dom de Froebel. Com este material cada uma de nós realizou uma construção à medida que íamos contando uma história. As construções realizadas foram o "muro baixo", "as cadeiras e a mesa" e o "comboio". No decorrer da aula foram realizados alguns cálculos mentais. É de referir que esta aula foi extra, a fim de experimentarmos dar materiais, tendo sido uma experiência bastante positiva. (Figura 16)

Após o recreio a educadora desenvolveu o tema O Corpo Humano. Deu início à aula com um elemento surpresa – o modelo de um esqueleto, relembrando os cinco sentidos e os órgãos recetores destes.

Figuras 16 – *Três construções que realizamos com este material – comboio (lado esquerdo), muro baixo (ao centro) e mesa e cadeiras (lado direito)*

Inferências e Fundamentação

Para tornar a aula mais lúdica e apelativa decidimos contar uma história à medida que íamos realizando as construções.

Citando Caldeira (2009), "é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de

cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história." (p.255)

Sexta-feira, 12 de novembro de 2010

Mais uma manhã de aulas da Carolina. Em Conhecimento do Mundo apresentou um PowerPoint com imagens, abordando os vários "Tipos de Habitação". Posteriormente, realizou um jogo no exterior, explicando as regras deste, antes de o realizar, contudo não o exemplificou.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática explorou a noção de ordem crescente. O material utilizado foram casas feitas em cartolina, de cinco tamanhos diferentes, com janelas quadrangulares, portas retangulares e telhados triangulares, aproveitando para rever as formas geométricas. Introduziu o conteúdo, ordem crescente, colocando as casas por ordem de tamanhos. Contudo, em vez de começar da esquerda para a direita, fez por tentativas, gerando alguma confusão, visto que chamou as casas de grande, pequena, média e minúscula. Para ajudar as crianças, e para uma melhor compreensão, poderia ter numerado as casas. Com o material realizou cálculos concretos e abstratos.

Finalizou a sua manhã com Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contando a "Lenda das Sete Cidades", com o auxílio de um fantoche.

Inferências e Fundamentação

Através da utilização de um material alternativo foi abordada a ordem crescente. Ao colocarem as casas por ordem crescente, as crianças estavam a ordená-las pelo seu tamanho.

Quando a criança reconhece padrões, estabelece comparações numéricas e ordenar os números por ordem crescente, o que significa que sabe que o 3 está antes do 4.

Moreira e Oliveira (2003) referem que, "para contar os elementos de um conjunto ordenado utiliza-se a sequência verbal dos números, e são eles que conduzem à noção de numeral ordinal, embora seja através da ordinalidade que a relação numérica de uma sequência ordenada fica estabelecida." (p.127)

Seja qual for a ordem estabelecida, os elementos de um conjunto podem ser arranjados em qualquer ordem, desde que exista uma ordem que permita que cada objeto possa ser contado uma e uma só vez, Piaget (1952, citado por Moreira e Oliveira 2003, p.128)

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças ouviram uma lenda, a Lenda das Sete Cidades.

Segundo Diniz (2001) uma lenda é "uma forma narrativa geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso. O seu argumento é tirado da tradição oral." (p.60)

Numa lenda, o espaço geográfico localiza-se, na sua grande maioria, num castelo, num monte, num ribeiro ou num bosque. Nela, o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. Qualquer lenda está sempre ligada à vida de heróis, à sua ação e morte.

1.3. **2.ª Secção**

Período de estágio: de 16 de novembro de 2010 a 7 de janeiro de 2011

Faixa etária: Bibe Azul A - 5 anos

Educadora Cooperante: Isabel Matos

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 17 – *2.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Azul A, da Educadora Isabel Matos, como se pode verificar na figura 17.

1.3.1. Breve caracterização da criança com 5 anos

A criança de 5 anos tende a ser calma e estável. É uma criança amigável para com os outros e gosta de agradar aos outros. Também gosta de que a ensinem e de ajudar.

Segundo Gesell (2000), os 5 anos, "na perspectiva dos pais, são uma das mais simpáticas de todas as idades." (p.209) Moreira (1999) acrescenta que o 5.º ano de vida "parece ser o ponto focal para onde convergem todas as linhas de desenvolvimento." (p.273)

As crianças desta idade melhoram o seu domínio próprio e aperfeiçoam a sua habilidade sob muitos aspetos, inclusive, brincam de um modo menos violento do que a dos 4 anos.

De acordo com Moreira (1999), nesta idade a criança passa a ser realista nos seus desenhos, na sua conversa e na avaliação das suas possibilidades. É, geralmente, uma criança bem sucedida nas suas tentativas e ações, pois já sabe até onde pode ir. O desenho é o seu passatempo preferido, o seu confidente, o espelho das suas emoções. Desenha, expressivamente, fugindo de estereótipos; é indulgente em relação aos seus próprios desenhos e muito crítica em relação aos desenhos de outras crianças. No seu próprio desenho exige quase exclusivamente expressionismo, dos outros talvez exija realismo. (p.274)

Para Gesell (2000), a criança de 5 anos tende a apresentar-se numa situação de equilíbrio excelente, "tem poucas birras de mau génio e as suas recusas exprime-as, quando muito, batendo o pé, ou com um «Não, não quero»." (p.212)

Este mesmo autor faz uma comparação entre a criança de 4 anos e a de 5 anos. Segundo ele, aos 4 anos, a criança "parecia que estava a experimentar todas as suas forças contra a autoridade. Andava decididamente fora das marcas." Em contraste, aos 5 anos, a criança "gosta de estar junto do lar, ao pé daquilo que sabe que é seguro e, acima de tudo, ao lado da mãe." Contrariamente à criança de 4 anos, a de 5 quer fazer aquilo que estiver certo e, por isso, adora pedir licença. Gosta, igualmente, que a elogiem por fazer as coisas bem. (p.209)

Com 5 anos, a criança começa a manifestar interesse pelas letras e os números, "principia também a mostrar interesse em ver os diversos lados das coisas." (Gesell 2000, p.210)

Moreira (1999) defende que esta é uma idade tranquila e bem-disposta, tendo como centro a mãe. (p.274) Gesell (2000) acrescenta que as crianças desta idade são "o menino ou a menina da mamã, que as mães às vezes se preocupam, especialmente quando se trata dum rapaz, por ela ser demasiado dependente." (p.209)

A criança desta faixa etária adora ouvir e contar histórias e, "no maior número de temas agradáveis das histórias que ela conta espontaneamente, os temas de violência, tal como nas outras idades, continuam a predominar". (Gesell 2000, p.211)

Para concluir, a criança de 5 anos é simpática, porque tem confiança em si mesma e é bem sucedida, pois só tenta fazer aquilo de que é capaz.

1.3.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais é composta por 28 crianças, 16 do sexo feminino e, 11 do sexo masculino. Quase todas as crianças têm 5 anos de idade.

Figura 18 – *Sala do Bibe Azul A (5 anos)*

1.3.3. Caracterização do espaço

O Bibe Azul A tem as suas aulas na sala correspondente ao bibe. Este espaço está decorado com trabalhos realizados pelas crianças, fotografias destas e da educadora. (Figura 18)

É um espaço amplo e com bastante luz solar.

1.3.4. Rotina diária

Após a habitual "roda das canções" as crianças são encaminhadas à casa de banho pela educadora e depois para a sala, onde terão as suas aulas. A meio da manhã fazem um intervalo para lanchar e brincar livremente no exterior, quando as situações atmosféricas o permitem.

De acordo com Zabalza (1998), a rotina desempenha um papel "facilitador na captação do tempo e dos processos temporais (da sucessão de tempo)." Esta aprendizagem é pertinente para enfrentar a realidade diária, visto que a criança aprende a existência de fases, bem como o nome destas fases e o seu encadeamento sequencial, ou seja, a criança sabe "o que acontece antes, que acontece depois, que se faz no começo e que se faz em outros momentos." (p.170)

Através da citação de Zabalza, pode-se concluir que é importante para a criança criar uma determinada rotina. Assim sendo, a criança apercebe-se e sabe o que já aconteceu, o que está a acontecer e o que ainda vai acontecer.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), acrescenta ainda que "as referências temporais são securizantes para a criança e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro; contexto diário, semanal, mensal, anual." (p.40)

- Acolhimento no salão

Durante a manhã, as crianças do Bibe Azul permanecem no salão a realizar jogos, com as crianças dos outros bibes, até às 9 horas, hora em que se dirigem para a casa de banho e, posteriormente para a sala.

De acordo com Ferreira e Santos (1994), "a chegada à escola necessita de um espaço de passagem, que prepare o aluno para as actividades do dia." Deste modo, "uma canção, uma história, o espaço das novidades ou um jogo que promova a convivialidade e a coesão do grupo são certamente algumas das formas agradáveis de receber os alunos." (p.42)

- Tempo dedicado à higiene

O momento dedicado à higiene deste bibe é realizado antes de se dirigirem para a sala de aula, antes e depois do recreio, antes do almoço e após o almoço e, sempre que alguma criança necessita de o fazer.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), a "higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer." (p.84)

- Recreio

Durante a manhã é realizado o recreio entre as 10h30m e as 11h, podendo ser no exterior ou interior, consoante as condições atmosféricas. Neste período de pausa, as crianças fazem o lanche da manhã, comendo bolachas ou fruta.

De acordo com Post e Hohmann (2003), a zona do recreio deve ser um "espaço amplo para as crianças se movimentarem à vontade (…) e poderem interagir socialmente." (p.102)

O autor acima referido aponta que durante o recreio, as crianças observam, exploram e brincam sozinhas ou com as outras ao seu ritmo e com o seu próprio nível de interesse e de desenvolvimento.

- Refeições

Durante o período de estágio, as crianças realizam duas refeições, sendo elas, o lanche a meio da manhã e o almoço. O lanche a meio da manhã é realizado entre as 10h30m e as 11h e, o almoço entre as 12h e as 13h.

Durante o período de almoço pude constatar que todas as crianças comem sozinhas, sem a ajuda de um adulto e que todas manuseavam corretamente os talheres.

De acordo com Cordeiro (2008), "o uso dos talheres depende de muita coisa: idade, sexo, ritmo de desenvolvimento, interesse, capacidade de mastigar, tempo e disponibilidade." (p.75)

- Horário e áreas de conteúdo

O horário deste bibe está abrangido entre as 9 e as 12 horas. Durante este período matinal, a educadora trabalha as áreas curriculares de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Educação Física e Musical. O período da manhã cessa com o almoço, que acontece entre as 12 e as 13 horas. No período da tarde, as crianças praticam ditados gráficos, desenho série, dobragens, escrita e letras, jogos matemáticos, experiências, computadores, tendo ainda, as áreas de Conhecimento do Mundo, Educação pelo Movimento, Cidadania e Área de Projeto. (Quadro 4)

Quadro 4 – Horário do Bibe Azul A

Dias / Horas	**Segunda-feira**	**Terça-feira**	**Quarta-feira**	**Quinta-feira**	**Sexta-feira**
9h/10h15m	Iniciação à Matemática Material e Escrita	Iniciação à Leitura e à Escrita	Iniciação à Matemática Material e Escrita	Iniciação à Leitura e à Escrita	Iniciação à Matemática Material e Escrita
10h15m/10h45m	Recreio + W.C.				
10h45m/ 11h50m	Iniciação à Leitura e à Escrita	Iniciação à Matemática Material e Escrita	Ed. Movimento (11h-11h30m) Iniciação à Leitura e à Escrita	Iniciação à Matemática Material e Escrita Música (11h15m-12h)	Iniciação à Leitura e à Escrita
12h/13h	Almoço				
13h/14h	Recreio Orientado e Livre				
14h/15h	Ditados Gráficos Desenho em série Dobragens Entrelaçamentos	Escrita e Letras	Jogos Matemáticos Cidadania Área de Projeto	Escrita e Letras	Ed. Movimento (11h-11h30m)
15h/ 16h30m	Computadores (15h20m-16h10m)	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Inglês (15h30m-16h30m)	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Experiências Histórias - jogos
16h30m/17h	Lanche e Saída				
Educadora: Isabel Matos Ano Letivo 2010/2011 Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária					

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) as áreas de conteúdo supõem uma realização de atividades

> dado que a criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia. Se a criança aprende a partir da acção, as áreas de conteúdo são mais do que áreas de actividades pois implicam que a acção seja ocasião de descobrir relações consigo própria, com os outros e com os objectos, o que significa pensar e compreender. (pp.47-48)

1.3.5. Relatos diários

Terça-feira, 16 de novembro de 2010

Sendo este o primeiro dia neste bibe, a educadora explicou-nos a rotina matinal das crianças para nos integrarmos na mesma.

De seguida, a educadora distribuiu os cadernos de matemática para que as crianças completassem as fichas sobre a lateralização e cálculos. Foi-nos solicitado que apoiássemos as crianças com mais dificuldades e que esclarecêssemos as suas dúvidas. Posteriormente mudou a disposição da sala para trabalhar com o material Cuisenaire**.** Através deste material as crianças foram questionadas sobre as suas diferenças. Foi pedido aos rapazes que, com as peças deste material, construíssem a escada por ordem crescente representando quantidades pares, e às raparigas com as peças que representam as quantidades ímpares. (Figura 19)

Após a construção da escada, algumas crianças foram solicitadas para a lerem por cores e, também, por valores. Com este material, a educadora, ainda introduziu a noção de maior, menor e igual, exemplificando no quadro com as peças do Cuisenaire, umas representavam os símbolos e outras as quantidades. Para explicar os sinais de maior e menor, a educadora referiu que a boca do peixe fica sempre aberta para a maior quantidade. Consolidaram este conteúdo realizando exercícios no quadro.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, enquanto pequenos grupos foram chamados à Cartilha Maternal, as restantes crianças permaneceram no lugar completando as suas tarefas.

Figuras 19 – *Escada ímpar (lado esquerdo) e escada par (lado direito) com as peças do material Cuisenaire*

Inferências e Fundamentação

Para a construção da escada com a utilização das peças do Cuisenaire é essencial que as crianças saibam qual o valor de cada peça.

Alsina (2004, citada em Caldeira, 2009) refere que "as crianças devem memorizar o valor de cada barra, já que é importante que se habituem a nomear as barras não pela cor, mas sim pelo seu valor." (p.131)

Quando se ordenam as peças lateralmente de acordo com os seus comprimentos formamos uma escada.

As crianças ao ordenarem as peças por tamanhos e ao enumerarem as cores e valores numa escala ascendente ou descendente, podem consolidar as propriedades do número. (Caldeira 2009, p.132)

Sexta-feira, 19 de novembro de 2010

Esta manhã teve início com uma revisão das regras, das lições já aprendidas por todas as crianças, da Cartilha Maternal. Esta revisão foi realizada no quadro através da escrita de algumas palavras, em letra bicuda, tendo a educadora realizado questões pertinentes para cada palavra. De seguida, enquanto algumas crianças iam à Cartilha, outras ficavam no seu lugar a realizar exercícios de matemática.

Na segunda parte da manhã, foi realizada a avaliação do 3.º e 4.º Dons de Froebel. Este material é composto por duas caixas: uma do 3.º Dom – oito cubos – e outra do 4.º Dom – oito paralelepípedos. Assim sendo, as crianças dispõem de 16 peças, como já foi referido, 8 cubos e 8 paralelepípedos. Com este material pode-se fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos. As construções pedidas foram a "sala de estar", com o auxílio de uma imagem desta construção colocada no quadro, o "quarto" e a "ponte baixa", sem auxílio de imagens. À medida que iam edificando as construções, a educadora foi circulando pela sala, verificando as construções e ajudando as crianças que demonstravam algumas dificuldades na realização das mesmas. Para terminar, colocou a imagem da "ponte alta", uma construção nova, pedindo às crianças que a construíssem.

Inferências e Fundamentação

Na sala deste bibe existe uma Cartilha Maternal em tamanho grande onde as crianças aprendem as suas lições. Ruivo (2009) refere Viana afirmando que "a utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontar com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura." (p.119)

É a este suporte de apoio ao Método que as crianças se dirigem diariamente e em diálogo vivo com a educadora aprendem a sua lição. Esta lição é curta e diária, na qual a criança vivência em pequenos grupos e num espaço de tempo reduzido mas o suficiente para a

aprendizagem da regra, da letra, do som que lhe permite ir crescendo em conhecimento, que associado a outros anteriores a fazem consolidar a aprendizagem da lição. (Ruivo 2009, p.119)

Quando foi apresentada a construção nova, a educadora em vez de ter pedido às crianças que a construíssem, através da observação da imagem, poderia ter realizado a construção com peças maiores e em simultâneo com as crianças, explicando como fazê-la para uma melhor compreensão. Contudo, a maioria das crianças conseguiu realizá-la sem grandes dificuldades.

Segunda-feira, 22 de novembro de 2010

Na primeira parte da manhã, na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática as crianças trabalharam com o material estruturado Blocos Lógicos. Após a revisão dos atributos, a educadora desenhou no quadro uma tabela de dupla entrada, em que a coluna vertical correspondia às peças deste material e, a coluna horizontal aos seus atributos (forma da face, cor, tamanho e espessura). Para completar a tabela foi colocado no quadro uma peça e a criança tinha que assinalar, com uma cruz, os respetivos atributos. A estratégia utilizada pela educadora nem sempre foi a mesma, pois noutras vezes era ela que assinalava os atributos e a criança descobria a peça. Esta área foi terminada com a realização de um jogo. Este consistia em colocar no quadro cartões ilustrados com alguns atributos das peças deste material para que as crianças colocassem a peça correspondente. O jogo começou de uma forma simples, apenas com um cartão, para posteriormente, aumentar o grau de dificuldade, ou seja, vários cartões de uma vez.

Após o recreio, enquanto umas crianças iam à Cartilha, as outras permaneciam no lugar a realizar as suas tarefas. Devido às dificuldades demonstradas por algumas crianças na concretização das tarefas, ajudámo-las, pondo em prática os nossos conhecimentos acerca da Cartilha Maternal.

Inferências e Fundamentação

Na sua aula de Domínio da Matemática a educadora desenhou no quadro uma tabela de dupla entrada para a completarem com as peças dos Blocos Lógicos, de acordo com os seus atributos.

Desta forma, a turma organizou as peças consoante os seus atributos de uma forma diferente.

Uma das dificuldades levantadas pelas crianças na resolução das suas tarefas na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita era o desenhar a letra bicuda. A letra bicuda é uma caraterística do Método João de Deus que se prende com o tipo de caligrafia nele inerente.

Ruivo (2009) cita João de Deus:

> o aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curso – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para a outra mais variada e mais perfeita. (p.129)

Assim sendo, a letra bicuda tão característica do Método João de Deus é uma fase de transição.

Terça-feira, 23 de novembro de 2010

Após a ida à Cartilha e à concretização de algumas fichas do caderno de escrita, a educadora deu início à área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, utilizando os Calculadores Multibásicos.

Este material é constituído por um conjunto de três placas de plástico, com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, duas cor-de-rosa e duas lilás. Estas peças encaixam umas nas outras e nos orifícios formando "torres". (Figura 20)

Com este material, trabalhou o jogo das bases começando com bases mais pequenas. Realizou questões pertinentes, sempre dirigidas, conduzindo as crianças no raciocínio. No decorrer da aula várias crianças deixaram cair as peças e, visto que acontecia sistematicamente, a educadora pediu a essas crianças que arrumassem e deitassem a cabeça até ao fim da aula.

Esta manhã terminou com uma proposta de trabalho. Esta consistia em pintar a imagem, respeitando um código de cores que correspondia aos resultados das adições contidas na imagem.

Figuras 20 – *Material Calculadores Multibásicos*

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Domínio da Matemática foi trabalhado o jogo das bases com a utilização do material Calculadores Multibásicos.

Caldeira (2009) afirma que "para determinar a base mínima possível em que se pode jogar, olha-se para a torre mais alta e acrescenta-se 1 mentalmente." (p.201)

Ou seja, se a torre mais alta for de 3 peças, a base mínima do jogo é 4. Após ter-se encontrado a base mínima, pode-se jogar em qualquer outra base superior até à base 10.

A autora acima citada refere que "o sistema de bases significa que o sistema operacional não reconhece esse valor, ou seja, jogando na base 3, temos de trocar o 3 (que não é reconhecido pelo sistema), por uma peça de cor seguinte." (p.201)

Para Palhares (2004, citado em Caldeira, 2009), "a base dum sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior." (p.201)

Sexta-feira, 26 de novembro de 2010

Enquanto distribuíamos os cadernos pelas crianças, fomos surpreendidas pela orientadora de estágio que, ao entrar na sala pediu uma aula surpresa à Carolina. Esta aula consistia em dinamizar uma lengalenga e fazer a revisão do "rêre" e introduzir a do "zêxe". Iniciou a sua aula perguntando às crianças se conheciam alguma lengalenga e apenas uma criança respondeu que sim. De seguida, contou a lengalenga "O rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia" e, posteriormente, escreveu no quadro duas palavras para que as crianças as lessem. As perguntas realizadas para conduzir as crianças no seu raciocínio estavam mal formuladas. Terminou a sua aula levando um grupo de crianças à Cartilha, onde cometeu erros nas regras da lição, baralhando as crianças.

Posteriormente e, após a saída desta orientadora, entrou outra orientadora de estágio, que surpreendeu a Rita com uma aula surpresa. Na sua aula a Rita tinha de explorar uma imagem que continha o Gato das Botas e rever a lição do "cêke". Após a exploração da imagem, escreveu duas palavras no quadro, dividindo as sílabas por cores. Terminou a sua aula indo à Cartilha, com um grupo de crianças.

Inferências e Fundamentação

É importante que as crianças contactem com o caráter lúdico da linguagem, através das lengalengas, trava-línguas, entre outras.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), a exploração do caráter lúdico da aprendizagem baseia-se no "prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações. As rimas, as lenga lengas, as travalínguas e as adivinhas são aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar." (p.67)

Segunda-feira, 29 de novembro de 2010

A manhã de hoje foi ocupada com as minhas aulas. Iniciei com Conhecimento do Mundo, cujo tema era "A Roda dos Alimentos". Para esta área realizei uma roda gigante, em esferovite, com os grupos devidamente separados, contendo imagens de alguns alimentos de cada grupo. Para abordar o tema, contei uma história, relatando um jogo que a "senhora redondinha" tinha feito com todos os alimentos. Desta forma e, com o auxílio da história expliquei os nomes de cada grupo, bem como os alimentos constituídos por eles. Posteriormente legendei a roda dos alimentos com os respetivos nomes, solicitando a participação de algumas crianças para completarem a roda com as imagens coladas no quadro. Questionei as crianças sobre os seus hábitos alimentares, explicando o que devemos fazer para termos uma alimentação saudável e equilibrada. Finalizei esta área com uma proposta de trabalho que consistia em colar os vários grupos que constituem a roda dos alimentos. (Figura 21)

Figura 21 – *Roda dos Alimentos*

Na área seguinte, Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática utilizei material alternativo, sendo ele, algarismos móveis e imagens de alfaces, abordando a adição, a propriedade comutativa da adição e as relações de ordem entre números. A cada duas crianças foi entregue o material bem como um tabuleiro colorido, em que, num lado continha três círculos (para realizar as adições) e no outro dois círculos (relações de ordem entre números). Para trabalhar a adição, realizei alguns cálculos através de uma história sobre um agricultor. Esta tarefa foi realizada a pares, tendo um aluno de colocar a quantidade de alfaces nos círculos e o outro de efetuar a indicação. Após ter explicado a propriedade comutativa da adição, as crianças viraram o tabuleiro e trocaram as suas funções realizando exercícios de relação entre

números (maior, menor e igual). Com uma proposta de trabalho para consolidar a matéria, esta aula deu-se por terminada.

Por fim, na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita revi com as crianças algumas regras da Cartilha utilizando palavras no quadro e efetuando a sua leitura preparatória. De seguida associaram essas palavras a imagens e, construímos uma pequena frase. Para terminar esta manhã de aulas revi a 17.ª lição, a do "rêre".

Inferências e Fundamentação

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática trabalhei com as crianças a operação da adição.

A adição é uma operação aritmética que, segundo Ruas e Grosso (2002) "resulta de juntar, reunir, adicionar, acrescentar." (p.74)

Assim sendo, ao juntarmos, reunirmos, adicionarmos ou acrescentarmos determinadas coisas ou objetos, estamos a trabalhar com a operação da adição.

Para Moreira e Oliveira (2003) esta operação aritmética define-se como "uma operação nos números inteiros como uma relação binária que a cada quaisquer dois números x e y, associa um terceiro número inteiro, z (…) exactamente igual a x + y." (p.140)

Por exemplo, se adicionar a uma caneta, outras duas canetas, ficarei com três canetas. Assim, 1+2=3 ou x+y=z.

Citando novamente Ruas e Grosso (2002) a adição é comutativa quando "as parcelas podem-se trocar que a soma não se modifica, ou seja, a soma de x com y é sempre igual à soma de y com x." (p.75)

Terça-feira, 30 de novembro de 2010

Quem ocupou esta manhã foi a Rita, dando a sua manhã de aulas. Deu início à área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizando a leitura preparatória de algumas palavras e indo à Cartilha rever a 15.ª lição, ou seja, a lição do "cêke".

Na área de Conhecimento do Mundo, trabalhou o tema "Plantas" referindo as plantas com flor, os seus constituintes e as respetivas funções. Entregou a cada criança o material para esta aula: uma imagem, contendo a relva e o céu e um envelope com os constituintes da planta. À medida que iam construindo a planta no lugar, a Rita executava o mesmo no quadro, explicando as características dos constituintes da planta, bem como as suas funções. Contudo não abordou as plantas que possuem tronco. Terminou a sua aula plantando sementes em vasos pequenos, solicitando a participação de algumas crianças para os distribuir enquanto colocava a terra nos mesmos.

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática começou por distribuir o material pela turma: flores feitas em musgami, para trabalhar a adição e divisão. Posteriormente, contou uma história e, em simultâneo, com o auxílio do material realizaram vários cálculos. Para terminar esta área e a sua manhã efetuaram uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação

Na sua aula de Conhecimento do Mundo, a Rita explorou o tema "As Plantas" e no final plantou sementes de uma planta num vaso, para que, à medida que a planta fosse crescendo as crianças pudessem observar a sua transformação.

De acordo com Sá (2002),

> as observações são as percepções que fazemos dos objetos e fenómenos através dos sentidos. Observar é, frequentemente, o ponto de partida para a investigação. Saber observar é condição para o desenvolvimento de outros processos científicos, como inferir, comunicar, predizer, medir, classificar, etc. (p.92)

Sexta-feira, 03 de dezembro de 2010

Mais uma manhã ocupada pelas aulas das estagiárias, desta vez, as da Carolina. Iniciou a sua manhã com a área de Conhecimento do Mundo, abordando os "Açores". Para a sua aula apresentou um *Powerpoint* com os mapas de Portugal Continental e do Arquipélago dos Açores. Durante a apresentação explicou o conceito de ilha, localizou as ilhas dos Açores, mas não explicou o conceito de arquipélago. Mostrou aspetos culturais, os mais conhecidos, bem como as paisagens deste arquipélago. De seguida deu a provar alguns alimentos/doçarias regionais.

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática dividiu a turma em nove grupos, cada um representando uma ilha dos Açores. Realizou alguns cálculos, com o auxílio de algarismos móveis e molas coloridas, contagens e sequências (com as molas). No final entregou uma proposta de trabalho que continha as ilhas dos Açores, em que as crianças tinham de resolver as operações e pintar as ilhas consoante o código dado.

Por fim, em Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizou a leitura preparatória de palavras/ilhas dos Açores. Após ter entregue uma proposta de trabalho e de a ter explicado, foi à Cartilha com um grupo de crianças rever a 14.ª lição, a do "quê". Durante a revisão cometeu um erro, pois formulou mal uma questão, relativamente à leitura do /u/ quando é seguido da letra /e/ e /i/.

Inferências e Fundamentação

Após ter entregue e explicado a atividade às crianças, a Carolina foi rever uma lição à Cartilha maternal com um pequeno grupo de crianças. Cada vez que se vai à Cartilha, leva-se um pequeno grupo de crianças que se encontram no mesmo ritmo de aprendizagem.

Segundo Ruivo (2009), "as lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças. Essa pequena "equipa" torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno." A mesma autora refere ainda que, na Cartilha, as crianças não respondem em coro, cada um fala por sua vez, mas todos estão empenhados na mesma tarefa. (p.133)

Segunda-feira, 06 de dezembro de 2010

Mais uma manhã de aulas dada por mim neste bibe. Desta vez iniciei com Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, utilizando um material estruturado, Calculadores Multibásicos. Com este material trabalhei o jogo das bases, realizando cálculos simples e adequados à faixa etária. Após ter explorado o conteúdo que pretendia desenvolver, distribui à turma uma proposta de trabalho, explicando-a com a ajuda de uma criança que se encontrava, na altura, um pouco desatenta.

Em Conhecimento do Mundo explorei o tema " Os Vulcões" fazendo uma ligação com o tema da aula da Carolina (os Açores), pois referi que o vulcão de que iríamos falar era o da ilha do Pico. Apresentei um vulcão em 3D elaborado por mim, cortado transversalmente, no qual expliquei a constituição interna do mesmo. Posteriormente, abordei os tipos de erupção. O vocabulário utilizado para explicar, não só os constituintes, como as erupções, foram simples e claros, adequados a esta faixa etária. De seguida, pretendia mostrar alguns vídeos com os diferentes tipos de erupções, mas devido a problemas técnicos não me foi permitido. Contudo, prometi que quando regressássemos do recreio o faria. Terminei a aula realizando uma experiência. Num pequeno vulcão, também em 3D e realizado por mim, realizei a experiência de uma erupção efusiva. A turma gostou bastante de ver o vulcão em erupção, que tive de repetir várias vezes. Durante esta atividade fui explicando os procedimentos e o que estavam a observar. Após o intervalo e, como prometido, a turma visualizou os vídeos de vulcões em erupção (explosiva e efusiva), explicando o que estava a acontecer. (Figura 22 e 23)

Figura 22 – *Eu a explicar a constituição interna do vulcão*

Figura 23 – *Experiência de uma erupção*

Terminei a manhã com a área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita revendo algumas regras da Cartilha Maternal das palavras colocadas no quadro e, fazendo a leitura preparatória das mesmas. Enquanto fui à Cartilha com um grupo de crianças rever a 16.ª lição, ou seja, a lição da letra "jêgue"os restantes alunos realizaram uma proposta de trabalho. (Figura 24)

Figura 24 – *Eu e um pequeno grupo de crianças na Cartilha Maternal*

Inferências e Fundamentação

Cada vez que as crianças vão à Cartilha Maternal aprendem uma letra nova, deste modo as crianças aprendem uma letra por dia.

Deus (1997), no Guia Prático da Cartilha Maternal, destaca várias linhas de força que caraterizam o método João de Deus. Das várias linhas destaco:

> a apresentação de uma letra por dia para que possa ser bem conhecida e identificada; lição curta com noções bem claras e dada todos os dias durante o ciclo de aprendizagem; apresentação criteriosa do alfabeto; as letras são estudadas no seu papel dinâmico e nas suas diversas leituras; uso das menemónicas na formação temporária dos nomes das consoantes incertas para facilitar a aprendizagem; utilizar numa frase a palavra lida; o exercício de ler é dinâmico, interactivo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança; respeita o ritmo individual de cada criança e fomenta na criança a autocorrecção. (pp.92-93)

Terça-feira, 07 de dezembro de 2010

Nesta manhã foi a vez da Rita dar a sua última manhã de aulas neste bibe. Iniciou a manhã com Conhecimento do Mundo, tendo como conteúdo "A Tartaruga". Distribuiu um envelope contendo um puzzle para que a turma, através da montagem deste, descobrissem o tema da aula. Posteriormente apresentou um *Powerpoint* com imagens de tartarugas terrestres e marinhas, explicando as diferenças entre estas. Para finalizar esta área, mostrou à turma uma tartaruga real terrestre.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática trabalhou a Teoria de Conjuntos, utilizando imagens de tartarugas. Nesta aula, o facto de as crianças não terem o seu próprio material fez com que dispersassem, ficando bastante desatentas.

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, trouxe novamente palavras para realizarem a leitura preparatória, estratégia utilizada na sua aula anterior. Terminou a sua manhã com uma proposta de trabalho e com a revisão, na Cartilha da 17.ª lição, "rêre".

Inferências e Fundamentação

Para a sua aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Rita poderia ter criado outra estratégia, a fim de não ser igual à adotada na aula dada anteriormente, visto que já não tinha corrido como o esperado.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) destacam que "a oportunidade de usufruir de experiências educativas diversificadas, (…) permite que cada criança, ao construir o seu desenvolvimento e aprendizagem, vá contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros." (p.19)

Na educação pré-escolar é fulcral que o educador proporcione um ambiente educativo de desenvolvimento e de aprendizagens diversificadas. Deste modo, cabe ao educador planear situações de aprendizagem desafiadoras que estimulem o interesse das crianças.

Sexta-feira, 10 de dezembro de 2010

Nesta manhã foi a minha vez de ser surpreendida com uma aula surpresa solicitada por uma das Orientadoras da Prática Pedagógica. Foi-me pedido para dinamizar uma história para a área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e dar uma lição na Cartilha Maternal. Visto que não simpatizei muito com a história, resolvi contá-la de outra forma, realizando uma pequena dramatização com a colaboração das crianças. A história remetia-nos para o Pai Natal e um menino que tentava animá-lo e fazê-lo sorrir. No decorrer da história houve algumas risadas, devido a uma situação não familiar por parte das crianças, pois o menino que tentava animar o Pai Natal tinha de lhe dar um beijinho na bochecha. Após a dinamização da história e, enquanto algumas crianças permaneciam no lugar a realizarem um desenho sobre esta, dirigi-me à Cartilha com um grupo de crianças para dar a lição do "quê". Durante a abordagem desta nova lição esqueci-me de rever a lição anterior, escolhendo mal uma palavra para efetuar a leitura preparatória, pois esta palavra só é dada no segundo dia de abordagem a esta lição.

A manhã terminou com a reunião sobre as aulas surpresas, onde as Orientadoras efetuaram as suas apreciações relativamente às aulas dadas.

Inferências e Fundamentação

Após as aulas surpresas é fulcral que haja uma reunião para que as Orientadoras da Prática Pedagógica possam aferir as suas apreciações, refletindo sobre as mesmas. Durante estas reuniões, os estagiários que deram aulas refletem sobre o que correu bem e o que correu menos bem. Também os colegas, que assistiram às aulas dão as suas opiniões, para que, posteriormente, os Orientadores façam as suas apreciações.

Segundo Vieira (1993) a supervisão no contexto da formação do professor é "como uma actuação de monitoração sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação." (p.28) O supervisor, de acordo com Alarcão (1996) surge como "alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor." (p.93)

Segunda-feira, 13 de dezembro de 2010

Esta foi a última manhã de aulas dada pela Carolina com esta turma. Iniciou a sua manhã com a área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita realizando a leitura preparatória de algumas palavras e, de seguida, com as palavras elaborou uma frase. Terminou esta área com a revisão da lição da letra "zêxe" na Cartilha.

Em expressão e Comunicação: Domínio da Matemática distribuiu o material: imagens de coelhos, algarismos móveis, sinais de maior, menor e igual e uma folha para realizarem conjuntos, contendo esta dois círculos, devidamente identificados. Após a distribuição do material, realizou contagens com as imagens, cálculos mentais e um exercício com os sinais acima referidos.

Por fim, em Conhecimento do Mundo, cujo tema era "O Coelho" realizou uma "magia" de forma a transformar a imagem de um coelho num coelho real. Nesta aula, a Carolina abordou a classe de animais a que pertence o coelho, as suas características físicas, o modo de vida, o seu habitat e a alimentação do animal abordado. Terminou a sua manhã e a aula realizando a dobragem da cabeça do animal.

Inferências e Fundamentação

Para terminar a sua manhã a Carolina realizou com as crianças uma atividade lúdica, um origami - a cabeça do coelho, tendo funcionado lindamente. As crianças adoraram fazer esta dobragem, bem como o desenho do resto do corpo do animal.

Robinson (2006), refere que o origami "permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão plástica. Para produzirmos pequenas obras de arte feitas em papel precisamos apenas de usar as mãos e a mente." (p.6)

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2010), um origami é "arte ou processo, de origem japonesa, de dobrar e recortar papel criando formas e figuras decorativas." (p.1160)

Terça-feira, 14 de dezembro de 2010

Esta manhã foi iniciada pela educadora titular, com uma proposta de trabalho no âmbito da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na qual as crianças tinham de fazer corresponder o objeto à personagem através de um traço.

Posteriormente, e enquanto umas crianças realizavam a pintura de um desenho natalício, outras iam à Cartilha.

Na segunda parte da manhã, a educadora trabalhou com o material Calculadores Multibásicos as combinações. Começou por colocar no quadro duas imagens com a forma das peças deste material, uma de cor verde e outra encarnada, solicitando que a turma retirasse apenas uma placa e a colocasse à sua frente. As peças acima referidas representavam a roupa da "Joana", a verde a saia e a encarnada a camisola. A educadora questionou todas as crianças sobre as combinações possíveis de realizar com aquelas peças e com as cores. À medida que o exercício era realizado no quadro, a turma também o realizava nas suas placas. Após vários exercícios deste tipo, mas com mais peças, foi distribuída uma proposta de trabalho, na qual, as crianças tinham de passar para o papel as combinações realizadas.

Inferências e Fundamentação

Com o material Calculadores Multibásicos, a educadora trabalhou as combinações.

Segundo Ruas e Grosso (2004), "quando se pretende selecionar num conjunto um certo número de elementos, sem considerar a ordem pela qual esses elementos se dispõem, diz-se que se trata de combinações." (p.126)

Sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Sendo este o último dia de aulas deste ano, a manhã foi um pouco diferente. As crianças realizaram desenhos para oferecerem a alguém especial, pintaram imagens natalícias e ouviram a história O Gato das Botas contada pela educadora.

Uma vez que o dia de hoje era um pouco diferente do habitual, a educadora permitiu que as crianças permanecessem no recreio mais tempo, o que nos possibilitou conversar com a educadora mais calmamente.

Inferências e Fundamentação

Durante a manhã, as crianças puderam realizar desenhos livres, onde desenhavam o que pretendiam.

Cordeiro (2008) refere que através "da pintura e do desenho, em que se faz a exploração das cores, desenvolve a imaginação, criatividade e sensibilidade." (p.372)

Através do desenho as crianças desenvolvem a arte. Barbosa (1991, citado em Ferreira, 2007) comenta que a arte

> não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é na forma diferente a palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (p.11)

Segunda-feira, 03 de janeiro de 2011

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e, enquanto algumas crianças efetuavam exercícios no caderno de escrita, outras iam à Cartilha em pequenos grupos. Posteriormente foi realizada uma revisão no quadro sobre as letras da Cartilha já aprendidas por toda a turma. Nesta revisão, a educadora foi questionando a turma sobre as vogais, os ditongos, os valores das consoantes e sobre os acentos gráficos.

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática e com o auxílio dos Calculadores Multibásicos, a educadora introduziu a noção da ordem das unidades e dezenas. Começou por colocar no quadro uma imagem da peça amarela, referindo que representava as unidades e uma peça verde, representando as dezenas. Após esta explicação solicitou à turma que representassem na placa a quantidade dois, questionando-a se esta quantidade era o algarismo das unidades ou das dezenas. No decorrer da aula foi solicitando que representassem várias quantidades, começando na mais simples para, posteriormente, passar para quantidades mais elevadas (quarenta e três).

Para terminar esta aula foram entregues duas propostas de atividades. Uma delas, resolvida em conjunto com a educadora sobre o conteúdo abordado, e a outra sobre uma simetria que resolveram individualmente.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática foi trabalhada a representação de números através de um material, os Calculadores Multibásicos. Ainda com este material, a educadora introduziu a noção da ordem das unidades e das dezenas, de forma bastante apelativa e lúdica. Esta estratégia usada pela educadora foi, na minha opinião, bem conseguida.

De acordo com as NCTM (2008), "a representação dos números, através de diversos materiais concretos, deverá ser uma importante componente do ensino da matemática nos primeiros anos." (p.35)

Para além da representação de números, a educadora introduziu a noção de ordem. As NCTM referem que os modelos concretos poderão ajudar os alunos a representar números e a

desenvolver o sentido do número; poderão também ajudá-los a atribuir um significado à utilização dos símbolos e ser igualmente úteis na formação dos conceitos relativos ao valor da posição. (p.93)

Terça-feira, 04 de janeiro de 2011

Para a área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, a sala foi disposta de forma diferente para que a turma se dividisse em quatro grupos. A cada grupo foi entregue uma caixa de Cuisenaire. A educadora reveu os atributos das peças, valores e cores. Com este material, a turma realizou vários comboios, individualmente. Terminado o exercício e, após terem fechado a estação, realizaram a leitura de alguns comboios. (Figura 25)

De seguida foi solicitado a uma criança que ditasse as cores das peças usadas numa das carruagens do seu comboio e, também o seu valor, para que outra criança escrevesse no quadro a indicação. Para terminar a aula foi solicitado que os rapazes retirassem quatro peças, à escolha e as raparigas três. Posteriormente, alguns rapazes e raparigas foram questionados sobre o valor total das peças que tinham retirado. Neste exercício, algumas crianças apresentaram dificuldades na soma das peças, mas a educadora conduziu-as no raciocínio.

Figura 25 – *Jogo dos comboios para a estação laranja*

Inferências e Fundamentação

Para realizar o jogo dos comboios com a utilização dom material Cuisenaire solicita-se à criança que retire da caixa uma determinada peça e que a coloque em cima da mesa na posição horizontal.

Segundo Caldeira (2009), após a criança ter colocado a peça na posição horizontal, é-lhe solicitado "que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça, colocando outras em linha recta, unidas pela extremidade." (p.137)

À primeira peça retirada da caixa dá-se o nome de estação e às outras peças de diferentes cores, comboios. Quando não houver mais comboios para a estação, é colocada uma peça igual à da estação, a primeira peça, a fim de fechar a estação.

Para concretizar o jogo dos comboios existem regras que, segundo a autora acima referida são as seguintes: não pode haver comboios nem maiores nem menores que a estação; não pode haver comboios repetidos e quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual. (p.137)

Sexta-feira, 07 de janeiro de 2011

Esta é a última manhã de estágio neste bibe. Como habitual na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora realizou no quadro uma revisão das letras já aprendidas e, posteriormente, alguns grupos foram à Cartilha enquanto os restantes permaneciam no lugar a realizar exercícios no caderno de escrita.

No segundo período da manhã, a turma trabalhou com os Calculadores Multibásicos, na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, começando por rever a leitura de números e os constituintes da adição. Após terem realizado várias adições, a educadora solicitou que representassem na primeira placa a quantidade dez e na segunda a quantidade treze e que tentassem somar. Uma vez que este exercício tinha um grau de dificuldade maior, a educadora explicou como realizar a operação. Quando foi solicitado a leitura do resultado desta adição, a criança em questão teve dificuldade na leitura. Para combater esta dificuldade, a educadora escreveu o número no quadro, conduzindo a criança no seu raciocínio. Para terminar a aula foi pedido que cada criança representasse um número à sua escolha na placa e que realizasse a sua leitura.

Inferências e Fundamentação

É importante que as crianças se familiarizem com os nomes científicos dos constituintes da adição.

Ruas e Grosso (2002) referem que uma operação "que a cada par de números reais x e y faz corresponder um outro número real, a que se dá o nome de soma (ou total) de x com y e que se representa por x + y. A esta operação dá-se o nome de adição e os números reais x e y denominam-se parcelas." (p.74)

1.4. **3.ª Secção**

Período de estágio: de 10 de janeiro de 2011 a 18 de fevereiro de 2011

Faixa etária: Bibe Amarelo A - 3 anos

Educadora Cooperante: Ana Freire

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 26 – *3.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Amarelo A, da Educadora Ana Freire, como se pode verificar na figura 26.

1.4.1. Breve caracterização da criança com 3 anos

Por volta dos 3 anos de vida, as crianças entram nos jardins-escolas. Uma criança com 3 anos é meiga, carinhosa, contudo, necessita de bastante atenção e mimos.

Segundo Moreira (1999),uma criança de 3 anos "está madura para ingressar no jardim infantil; a criança está consciente do «eu» e é agradável no seu comportamento, colaborante e aberta a uma integração social sem grandes sobressaltos." (p.255)

As crianças desta faixa etária são extremamente exploradoras e não têm a noção do perigo. Preferem a companhia de uma criança mais velha, tendo esta, segundo o autor acima referido, o papel de "companheira dos seus jogos e brinquedos." (p.257) Contudo, as crianças desta idade também brincam com outras da mesma idade, habitualmente ao ar livre e em pequenos grupos.

Com 3 anos, as crianças têm uma maior habilidade motora. São capazes de subir e descer escadas, caminhando quase como um adulto, "baloiçando os braços e com uma postura correcta dos pés." (idem)

Esta é uma idade curiosa, em que a criança é muito recetiva à aquisição de novas palavras, procurando moldá-las com fonéticas novas e diferentes de momento para momento. Cria monólogos e, com as palavras e o corpo, cria uma pequena peça teatral.

É no jardim-escola que estará apta a formar grupos com outras crianças e também ávida da aprendizagem com outras pessoas mais velhas. Na escola, por vezes, brinca sozinha, desenvolvendo a sua independência, contudo avança, progressivamente, para o espírito de cooperação.

As suas emoções estão em desenvolvimento a par com a inteligência. Uma criança com 3 anos é capaz de aguardar a sua vez, significando a perceção, ainda que seja confusa, da noção de tempo. Gessel (2000) salienta que, para estas crianças, a "noção do tempo é fraca, mas bem definida dentro das suas limitações." (p.182) É capaz de distinguir a noite do dia e compreender a expressão «Quando forem horas».

Nesta faixa etária, a criança gosta tanto de dar como de receber. Gosta de cooperar com os outros e quer agradar.

Gessel (2000) afirma que a criança de 3 anos "parece encontrar-se num bom equilíbrio, não só com aqueles que a rodeiam, mas também consigo própria." (p.51)

Nesta idade, o controlo dos esfíncteres é satisfatório, contudo pode ocorrer um descuido.

No que respeita à linguagem, a criança é capaz de usar plurais, reconhecer cores, dar o nome e apelido, nomear um desenho, compreender "frio", "quente", "cansado", "vontade". (Moreira 1999, p.261)

Para Gessel (2000) as crianças desta idade têm uma acrescida capacidade de linguagem, permitindo-lhes "apreciar a conversa e reagir bem a sugestões verbais." (p.57)

Em relação às ações pessoais-sociais, nesta idade a criança calça sapatos sem atacadores, abotoa-se, lava e seca as mãos, veste-se, realiza jogos em companhia de outros. (Moreira 1999, p.261)

Nesta idade, a mãe é ainda o progenitor preferido e a quem, com maior frequência, pede ajuda.

1.4.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo A é composta por 27 crianças, 14 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Todas estas crianças completarão 3 anos de idade até 31 de dezembro.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.4.3. Caracterização do espaço

Este bibe tem aulas numa sala bastante ampla que é dividida com o outro bibe da mesma cor, o Bibe Amarelo B. (Figura 27)

Figura 27 – *Sala do Bibe Amarelo A (3 anos)*

A sua sala está decorada com vários trabalhos realizados pelas crianças e com os seus projetos. Para além dos trabalhos e projetos das crianças, a sala ainda possui um espaço bibliotecário, onde podem "ler" histórias ou trazer para a educadora as ler. As histórias são contadas ou lidas em cima do tapete que se encontra na sala, no qual a educadora senta as crianças, em forma de lua, para contar as histórias e até para expor alguns conteúdos.

Nesta sala existem cinco mesas retângulares coloridas. Em cada mesa estão seis cadeiras. As crianças reconhecem os seus lugares e a sua mesa através da cor das cadeiras.

1.4.4. Rotina diária

As crianças deste bibe têm maioritariamente as suas aulas na sala. Normalmente o dia é iniciado com uma história contada pela educadora, podendo ser da biblioteca da sala ou um livro que uma dada criança trouxe de casa.

Todas as segundas e sextas-feiras as crianças têm ginástica e, como tal, quando chegam à sala, depois da roda das canções, a primeira coisa a ser feita é a troca de roupa.

De acordo com Post e Hohmann (2003), a educadora procura "fazer uma programação diária que seja previsível – organizada e consistente – e, no entanto, suficientemente flexível para acomodar as necessidades de cada criança. As crianças precisam de saber o decurso do dia em termos genéricos (o que acontecerá a seguir)." (p.197)

É fulcral que, nestas idades mais pequenas, as crianças comecem a ter noção do que está a acontecer e do que mais tarde irá acontecer, criando, deste modo, alguns hábitos de rotina.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) defendem:

> a sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. (p.40)

- Acolhimento no salão

Todas as crianças deste bibe são acolhidas de um modo carinhoso por parte da educadora. Considero que este é um aspeto importante, tendo em conta a faixa etária das crianças e que a relação afetiva é um aspeto essencial para uma boa adaptação e para o desenvolvimento da criança.

Os autores acima referidos apontam que "é importante que os educadores abordem de forma calma e otimista estes momentos." Assim sendo, "os educadores ficam disponíveis para dar confiança, apoio e tranquilidade", o que é importante, pois "a presença de um educador calmo e amigo pode ajudar as crianças a sentirem-se mais tranquilas e confiantes." (p.213)

- Tempo dedicado à higiene

O tempo dedicado à higiene neste bibe está compreendido entre as 11h30m e as 12h no período da manhã e sempre que uma criança necessite de ir à casa de banho.

É importante que as crianças lavem as mãos sempre que vão à casa de banho, protegendo-se, assim, do contato com determinados vírus ou bactérias. Cordeiro (2008) defende que "a lavagem das mãos é reconhecida em casa, nos jardins de infância (…) como um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças. (p.105)

- Recreio

O recreio das crianças deste bibe está compreendido entre as 11h e as 11h30m. Nele, as crianças brincam livremente sempre com a presença e supervisão da educadora.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009),

> o espaço exterior (…) é também um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis. Nesta situação, o educador pode manter-se como observador ou interagir com as crianças, apoiando e enriquecendo as suas iniciativas. O espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas. (p.39)

- Refeições

Após a ida à casa de banho, nós (estagiárias) e educadora colocamos os babetes às crianças para que, posteriormente se sentem e comecem a sua refeição. Muitas crianças deste bibe já comem sozinhas, no entanto, algumas ainda necessitam de uma pequena ajuda, especialmente na sopa. Cordeiro (2008), refere que "o almoço e o lanche servem para alimentar, mas também do ponto de vista de socialização (estimulada pelos outros e por um sentido correcto de competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho …), passar implícitas noções de higiene e de estar à mesa." (p.373)

- Sesta

A sesta ocorre após o almoço e, para tornar o ambiente mais confortável e acolhedor, a sala é escurecida. As crianças descalçam-se, retiram o bibe e deitam-se. Na sua maioria, as crianças utilizam chucha para dormir ou um outro objeto.

Segundo Cordeiro (2008), "o sono é um direito da criança, nesta idade. O ambiente deve ser calmo e deve ser estimulada a autonomia das crianças." (p.374)

Este mesmo autor refere ainda que os objetos de transição, como por exemplo, chuchas, peluches e fraldas são importantes no momento de adormecer, pois são securizantes e tranquilizam a criança.

- Horário e áreas de conteúdo

O Bibe Amarelo tem um horário que está compreendido entre as 9h e as 17h. Contudo, só estamos com estas crianças entre as 9h e as 13h. Durante este período de tempo, a primeira rotina das crianças está centrada no acolhimento e na roda das canções. Posteriormente, e consoante os dias da semana, desfrutam das seguintes áreas curriculares: Educação pelo Movimento, Conhecimento do Mundo, Música, Área de Projeto, Expressão e

Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática e Partilha de Saberes. A manhã termina com a sesta, precedida do almoço. (Quadro 5)

Todas estas diferentes áreas de conteúdos partem do nível de desenvolvimento da criança "da sua actividade espontânea e lúdica, estimulando o seu desejo de criar, explorar e transformar, para incentivar formas de acção reflectida e progressivamente mais complexa." (ME, Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar 2009, p.48)

Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A (3 anos)

Dias / **Horas**	**Segunda-feira**	**Terça-feira**	**Quarta-feira**	**Quinta-feira**	**Sexta-feira**
9h/ 9h30m	Canções de roda / Acolhimento				
9h30m/10h	Área de Projeto: Estimulação à Leitura			Música	Área de Projeto: Estimulação à Leitura
10h/10h30m	Educação pelo Movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10h30m/ 11h	Partilha de saberes	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Educação pelo Movimento
11h/11h30m	Recreio				
11h30m/12h	Higiene/Preparação para o almoço				
12h/12h30m	Almoço				
12h30m/14h30m	Recreio (livre e orientado) / Hora da sesta				
14h30m/15h	Higiene/Preparação da sala				
15h/ 16h	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16h/16h20m	Higiene				
16h20m/17h	Lanche/ Saída				
Educadora: Ana Freire Ano Letivo 2010/2011 Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária					

1.4.5. Relatos diários

Segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

Hoje iniciou-se o terceiro momento de estágio profissional, desta vez na sala do bibe amarelo A, lecionada pela educadora Ana Freire.

Ao chegarmos à sala, eu e as minhas colegas de estágio começamos a mudar a roupa das crianças, pois iam ter ginástica.

Uma vez que ainda não estava na hora desta aula, a educadora sentou as crianças no tapete e contou a história do Capuchinho Vermelho com o auxílio de um fantoche, o capuchinho. À medida que ia lendo a história, realizou várias inflexões de voz para diferenciar

as personagens. No decorrer da leitura foi questionando as crianças sobre o que se estava a passar e aquilo que ia acontecer.

Posteriormente tiveram ginástica e, após mudarem de roupa, foram almoçar e fazer a sesta.

Inferências e Fundamentação

A educadora contou uma história, O Capuchinho Vermelho com o auxílio de um fantoche de luva, criando um ambiente "mágico" e lúdico.

Pereira e Lopes (2007) referem que o trabalho com fantoches animados adquire um poder de fascinação, uma enorme força persuasiva. Segundo os mesmos autores,

> o domínio técnico para a manipulação de um fantoche de luva é fundamental para que o mesmo seja expressivo. Assim devemos procurar seguir os seguintes passos: o braço deve estar bem levantado; a mão funciona como coluna vertebral e o pulso como ancas (…). (pp.76-77)

O fantoche tal como um ator, necessita de efetuar determinados movimentos e gestos para que tenha expressividade e estabeleça comunicação com o público.

Terça-feira, 11 de janeiro de 2011

Nesta manhã, as crianças do pré-escolar realizaram uma visita de estudo ao Teatro Tivoli para assistirem à peça "Bzzz, bzzz, bzzz – A união faz a força".

Esta peça tinha como finalidade transmitir a importância do grupo e valorizar o trabalho em grupo, bem como o trabalho e esforço para adquirir um objetivo.

Inferências e Fundamentação

A visita de estudo realizada ao Teatro Tivoli para assistir a uma peça de teatro foi bastante produtiva, pois as crianças ficaram fascinadas com todo o ambiente envolvente.

Cordeiro (2008) afirma que "existem inúmeras companhias de teatro portuguesas que, com frequência, levam à cena peças para crianças." (p.424) Para este autor é importante que a criança se habitue a analisar os acontecimentos da vida real e a imaginá-los com todos os ingredientes da representação teatral.

Para Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006) a visita de estudo "constitui um processo faseado, envolvendo a preparação prévia na aula, a concretização de várias tarefas no local a visitar e o tratamento da informação recolhida, novamente na escola." (p.10) Estes autores referem ainda que as visitas de estudo são situações positivas para obter aprendizagens, permitindo aos alunos desenvolverem competências.

Quarta-feira, 14 de janeiro de 2011

Chegando à sala e, como é habitual, as crianças realizaram a chamada, dirigindo-se a um painel com as fotografias de todos os elementos da turma, vendo quem estava na escola e quem faltava.

A manhã de hoje teve início com uma história contada pela educadora O rato Renato diz mentiras. No final da história foi solicitado a uma criança que a recontasse.

Devido às aulas surpresa no bibe amarelo B, fomos para o ginásio onde as crianças realizaram vários jogos.

Inferências e Fundamentação

É importante que as crianças participem na dinâmica da escola, vendo, por exemplo quem está presente e quem falta. Estas tarefas contribuem para aprendizagens futuras.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) "verificar quem está e quem falta, bem como a marcação das presenças, pode contribuir para aprendizagens matemáticas, para a construção da noção do tempo (…)." (p.37)

Como sempre, a manhã inicia-se com uma história contada pela educadora titular. Este tipo de atividades, o contar histórias, é importante para que as crianças, desde cedo, se familiarizem com a leitura e fomentem o gosto pela mesma, bem como o aumento do vocabulário.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), "é no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais correctas e complexas." (p.67)

Terça-feira, 18 de janeiro de 2011

Esta manhã foi um pouco diferente das outras, pois o escritor António Torrado veio ao Jardim-Escola e, como tal, fomos para o ginásio.

Após um pequeno diálogo entre o escritor e todas as crianças do pré-escolar, o escritor contou algumas histórias com o auxílio de fantoches.

Terminadas as histórias, o escritor autografou os livros comprados pelas crianças. Visto nem todas as crianças terem adquirido livros, as que não adquiriram dirigiram-se para as salas com as estagiárias. Chegando à sala e porque a educadora ficara no ginásio com as restantes crianças, contei uma história O lobo e os sete cabritinhos, solicitando a colaboração das crianças e questionando-as sobre o que ouviam.

Inferências e Fundamentação

Nesta manhã as crianças tiveram a oportunidade de conhecer o escritor António Torrado que contou várias histórias às crianças.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) salientam que "cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores", alargando, assim, o seu vocabulário. (p.68)

Sexta-feira, 21 de janeiro de 2011

Após a aula de ginástica, a educadora começou a sua aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática com o material Cuisenaire**.** Nesta aula, a educadora retirou as peças da caixa, colocando-as por ordem de tamanho e questionou as crianças sobre as cores. À medida que ia colocando as peças ao lado umas das outras, as crianças descobriram que aquela representação era uma escada. Posteriormente trocou algumas peças para que as crianças dissessem qual das peças trocadas era a maior. Sem se aperceberem construíram a escada do Cuisenaire por tamanhos, começando na menor e terminando na maior. Seguidamente foi explicado à turma que a peça branca era a "rainha" das outras, pois com ela conseguíamos medir todas as outras. (Figura 28)

Esta aula terminou com uma pequena brincadeira livre por parte das crianças com as peças.

Figura 28 – *Escada do Cuisenaire por ordem crescente*

Inferências e Fundamentação

É essencial que as crianças possam manusear e até brincar livremente com as peças do material realizando construções, animais, carros entre outras coisas.

Caldeira (2009) refere que o facto de as crianças jogarem livremente com as peças "serve para (…) se familiarizarem com o material fazendo assim espontaneamente as suas primeiras descobertas." (p.129)

Segunda-feira, 24 de janeiro de 2011

Devido às aulas programadas e surpresas não estivemos com o nosso bibe, pois fomos assistir às aulas.

Terminadas as aulas fomos à reunião das mesmas, onde as orientadoras da Prática Pedagógica deram as suas apreciações.

Inferências e Fundamentação

Durante a reunião, as Orientadoras da Prática Pedagógica deram as suas apreciações em relação às aulas desta manhã.

Alarcão (1996) sustenta que "a reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para a aquisição do saber profissional. Esta abordagem permite uma integração entre a teoria e a prática e desafia a reconciliação dos saberes científicos com vista à apresentação pedagógica." (p.154)

Terça-feira, 25 de janeiro de 2011

Hoje, a Rita ia dar a sua manhã de aulas. Contudo não as concretizou, pois a Carolina foi surpreendida com uma aula surpresa por parte da educadora e diretora do Jardim-Escola.

Inserida na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, a aula da Carolina consistiu na exploração dos atributos do material estruturado Blocos Lógicos. A aula não correu muito bem e, apesar da Carolina tentar captar a atenção das crianças, estas estavam bastante agitadas e desconcentradas.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula surpresa da Carolina foi notório o desinteresse por parte das crianças. Este desinteresse talvez tenha tido lugar pela aula monótona que lecionou.

Amado (2001) refere que "além do desinteresse, desmotivação e consequentes desvios de comportamento" as aulas, quando são monótonas, "trazem uma espécie de entorpecimento e habituação à desordem e à preguiça que, por mais que o professor queira mudar de rumo, (…) dificilmente verá os seus esforços coroados de êxito." (pp.226-227)

Sexta-feira, 28 de janeiro de 2011

A manhã de hoje teve início com as aulas da Rita.

Devido às aulas programadas e surpresas não assistimos à sua aula, pois fomos assistir às outras.

Terminadas as aulas tivemos reunião com as Orientadoras da Prática Pedagógica.

Inferência e Fundamentação

É importante que após as aulas programadas e surpresas exista um momento de reflexão, onde se realize uma reflexão crítica e construtivista por parte das Orientadoras para que se possa melhorar as lacunas realizadas.

Para uma reflexão crítica e construtivista, recorre-se, segundo Alarcão (1996) a "estratégias de formação de professores que constituem um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática." (p.100)

Segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

Como é habitual, em dias de ginástica, a manhã teve início com a troca de roupa das crianças.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com as crianças um material não estruturado, as Palhinhas. Após bater um determinado número de palmas e a turma identificar a quantidade, retiravam de um copo esse mesmo número de palhinhas. O primeiro grupo de palhinhas era colocado no lado esquerdo das crianças e o segundo grupo, no lado direito. As quantidades foram representadas num quadro com este material, bem como a associação do número à quantidade com algarismos móveis.

Inferências e Fundamentação

Para trabalhar a quantidade utilizando as palhinhas, a educadora recorreu ao batimento de palmas, contudo poderia ter recorrido a um instrumento musical.

Segundo Caldeira (2009), "ao som de um instrumento musical, (…) as crianças vão tirando as palhinhas, ou ouvem os batimentos, tirando depois o número de palhinhas correspondentes. Posteriormente podem-se utilizar os algarismos e sinais móveis" (p.317)

A utilização deste material funcionou como um suporte à contagem e ao cálculo.

Terça-feira, 1 de fevereiro de 2011

Hoje o dia iniciou-se com a manhã de aulas da Carolina.

Iniciou a sua manhã com Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na biblioteca, onde leu a história Adivinha o quanto eu gosto de ti!

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, na sala, usou o material Iº Dom de Froebel. (Figura 29)

Figura 29 – *1.º Dom de Froebel*

Este material é composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de *crochet*, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo. Com este material explorou a caixa e trabalhou a contagem, a cor, algumas orientações espaciais e o quim visual. (Figura 30)

Figura 30 – *Jogo do Quim Visual com o 1.º Dom de Froebel*

Na área de Conhecimento do Mundo foi dando algumas orientações espaciais para que a turma descobrisse as peças de um puzzle. À medida que iam descobrindo as peças, de acordo com as indicações dadas, construíam-no. Posteriormente, solicitou que adivinhassem o que estava representado no puzzle. Após a resposta, abordou o movimento de translação e, após uma breve explicação, dramatizou com duas crianças este movimento, colocando numa criança um adereço com a imagem do Sol e, na outra a imagem do Planeta Terra.

Inferências e Fundamentação

Com o material explorado nesta manhã, para além de terem sido trabalhadas a contagem, a cor e algumas orientações espaciais foi realizado o jogo do "Quim Visual".

Para realizarmos este jogo deve-se posicionar a caixa do material numa determinada posição – horizontal ou vertical – e colocar algumas bolas em cima ou ao lado da caixa. Posteriormente é pedido à turma que "tapem os olhos enquanto se altera a posição das bolas" ou até escondendo alguma bola. Quando as crianças destapam os olhos é-lhes pedido que identifiquem a diferença, o que foi alterado, fazendo-as relacionar espacialmente a troca. (Caldeira 2009, p.245)

Sexta-feira, 4 de fevereiro de 2011

Após a aula de ginástica, a educadora leu a história A Mamã pôs um ovo.

De seguida, as crianças foram para o recreio, onde puderam brincar livremente e, a seguir ao almoço, foram fazer a sua sesta.

Inferências e Fundamentação

Ao ouvir histórias, as crianças vão dominando a linguagem oral. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) "a aquisição de um maior

domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as condições para que as crianças aprendam." (p.66)

Após a história, as crianças foram para o recreio onde puderam brincar livremente. Nas suas brincadeiras, as crianças aderem ao mundo do faz de conta, conduzidas pelo mundo da fantasia e do imaginário. Para Oliveira-Formosinho e Andrade (2011) "brincar é uma forma de entrar noutros mundos: de objetos, de pessoas, das ações que os objetos e pessoas em interação permitem." (p.49)

Segunda-feira, 7 de fevereiro de 2011

Nesta manhã assistimos a uma aula programada no Bibe Azul A, avaliada por uma Orientadora da Prática Pedagógica.

Terminada a aula, dirigimo-nos para a sala e levámos as crianças para a aula de ginástica. Posteriormente, e para terminar esta manhã, assistimos à reunião das aulas.

Inferências e Fundamentação

É importante que as crianças mais pequenas tenham aulas de Educação pelo Movimento, podendo tomar consciência dos movimentos do seu corpo.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) defendem que

> a exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior – esquerda, direita, em cima, em baixo, etc. (p.58)

Terça-feira, 8 de fevereiro de 2011

Hoje foi o dia da minha manhã de aulas.

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática com o material Blocos Lógicos e, após a distribuição do material pela turma, revi todos os atributos deste material. Na revisão dos atributos falei sempre em atributos e penso que teria sido mais fácil para as crianças referir o termo diferenças. Finalizei esta área com um placard ilustrando uma praia, no qual as crianças tinham de associar as formas geométricas do placard às peças do material, de acordo com as indicações que eram dadas. (Figura 31)

Figura 31 – *Placard para associar as figuras geométricas*

Em Conhecimento do Mundo, abordei o "Ciclo da Água". Para esta aula apresentei um fantoche que estabeleceu um pequeno diálogo entre mim e as crianças. Posteriormente apresentei um livro/álbum onde uma criança uniu o tracejado da imagem da capa, a fim de descobrir o tema a abordar. Expliquei o ciclo da água através da história do álbum e, à medida que ia contando a história, as crianças completavam os cenários colocando os devidos adereços. Finalizei a aula recapitulando com a turma toda a viagem da gotinha. (Figura 32 e 33)

Figura 32 – Capa e adereços do livro A Gota Gotinha

Figura 33 – Primeira página do livro

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita contei uma história O Patinho Feio, também em forma de álbum. No decorrer da história solicitei a participação da turma que ia colocando as personagens nas respetivas páginas. Terminei a aula revendo os momentos importantes da história, referindo a amizade. (Figura 34 e 35)

Figura 34 – *Capa do livro O Patinho Feio*

Figura 35– *Primeira página do livro*

Para finalizar a minha manhã de aulas e, em Expressão Plástica, as crianças realizaram uma picotagem da gotinha para, posteriormente, construir um móbile. (Figura 36)

Figura 36 – *Móbile da Gota Gotinha*

Inferências e Fundamentação

Para terminar a minha manhã de aulas ligando à área de Conhecimento do Mundo decidi fazer com as crianças uma atividade de Expressão Plástica que consistia na picotagem de uma gotinha de água.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) defendem que "recriar momentos de uma (…) história, são meios de documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido." (p.62)

Sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011

Esta manhã foi iniciada com as aulas da Carolina.

Em Domínio da Matemática trabalhou com um material não estruturado, as Palhinhas. Com este material fez vários cálculos.

Na área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita sentou as crianças no tapete para que observassem as imagens da história Dez numa Cama projetadas na tela pelo *datashow*. À medida que ia mostrando as imagens ia contando o que estava a acontecer.

Por fim, em Conhecimento do Mundo, reveu o movimento de translação para abordar este movimento com as estações do ano. Posteriormente, abordou o movimento de rotação e a alternância entre o dia e a noite.

Inferências e Fundamentação

Para contar uma história na aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Carolina apoiou-se nas novas tecnologias, recorrendo ao *datashow*, tendo resultado muito bem.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) afirmam que "a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser encadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário." (p.72)

De acordo com Silveira-Botelho (2009), as *TIC* (Tecnologias de Informação e Comunicação) devem estar ao serviço do desenvolvimento educacional. Uma utilização correta das novas tecnologias visa "… expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares". (p.124)

Referindo ainda Silveira-Botelho (2009), as novas tecnologias desenvolvem um papel de auxiliar pedagógico do qual tanto o professor como os alunos podem beneficiar. (p.140)

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Mais uma manhã com aulas das estagiárias, desta vez as da Rita.

Durante a sua manhã a Rita trabalhou as três áreas de conteúdo. Em Domínio da Matemática utilizou material alternativo - imagens de astronautas - com o qual realizou contagens e associou o número à quantidade.

Na área de Conhecimento do Mundo abordou o "Sistema Solar". Durante a aula solicitou a algumas crianças que vestissem cada uma um fato, representando um planeta. Após todos estarem vestidos, simulou o nosso sistema solar com as crianças.

Em Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças ouviram uma história.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Conhecimento do Mundo a Rita apelou bastante à participação dos alunos, tornando a sua aula dinâmica e motivadora para as crianças.

Estanqueiro (2010) refere que o "os alunos têm de participar activamente nas actividades da aula. Abrir a aula à participação dos alunos (…) reforça a motivação e promove a aprendizagem." (p.39) Este autor aponta ainda que a participação dos alunos aumenta o seu interesse.

Terça-feira, 15 de fevereiro de 2011

Neste dia dei a minha última manhã de aulas neste bibe.

Como sempre lecionei as três áreas de conhecimento: Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Conhecimento do Mundo.

Na primeira área trabalhei com as crianças o material Cuisenaire. Com este material explorei os atributos da cor, tamanho e ainda medi as diferentes peças utilizando a peça branca

"peça padrão" deste material. No decorrer desta, utilizei dois bonecos, as personagens da história que ia contar. Com estes bonecos, e após termos construído a Escada do Cuisenaire sem a turma se aperceber, apesar de terem descoberto a "construção" realizada, as personagens subiram e desceram degraus e até se encontraram no mesmo degrau, através das indicações dadas.

Seguidamente, contei a história Sara, Tomé e o Boneco de Neve às crianças através de um *Powerpoint* que continha as imagens da mesma. Esta história estava relacionada com um estado da água que, em Conhecimento do Mundo, iria ser abordado, tal como os outros. À medida que ia contando a história, fui sempre solicitando a colaboração da turma. No final revi com a turma os vários objetos utilizados pelas personagens. Para terminar esta área, distribui a cada criança um boneco de neve para decorá-lo com os devidos adereços.

Na última área, sentei a turma à volta de duas mesas unidas para abordarmos os estados da água. Este conteúdo foi trabalhado através da elaboração de uma gelatina. Na confeção da gelatina apenas o estado sólido não foi usado, mas mostrado às crianças, que puderam tocá-lo e até cheirar os cubinhos de gelo. Terminada a aula, cada criança comeu um pouco da gelatina que tinha trazido de casa já reparada, pois a que tínhamos feito ainda estava no seu estado líquido.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Conhecimento do Mundo pude constatar o fascínio das crianças pela atividade que estava a ser realizada. A turma estava curiosa sobre o que ia acontecer à água nos diferentes estados, líquido, sólido e gasoso.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009)

> a área de Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p.79)

Quarta-feira, 18 de fevereiro de 2011

Esta manhã foi a última em que estivemos neste bibe. Após a aula de ginástica e da troca de roupa, as crianças foram para o recreio. Durante o recreio eu e as minhas colegas estivemos a conversar com a educadora sobre as grelhas de avaliação. Perante algumas das nossas dúvidas, a educadora mostrou-nos algumas das suas grelhas.

Inferências e Fundamentação

O recreio é também um espaço que pode proporcionar momentos educativos que podem ser planeados ou não pelo educador.

Citando as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009) "o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo.

Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior." (pp.38-39)

1.5. **4.ª Secção**

Período de estágio: de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011

Faixa etária: Bibe Azul-escuro B (4.º ano) – 9 anos

Educadora Cooperante: Hugo Fernandes

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 37 – *4.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Azul-escuro B, do Professor Hugo Fernandes, como se pode verificar na figura 37.

1.5.1. Caracterização da turma

Esta turma é composta por 16 alunos, 10 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. É uma turma que tem bons resultados académicos.

Através do quadro 6, pode-se observar as áreas de conteúdo lecionadas a esta turma, durante o período de aulas.

Quadro 6 – Horário do Bibe Azul-escuro B (4.º ano)

Dias / Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/10h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h/11h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h/11h30m	Recreio				
11h30m/12h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h/12h50m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h/14h30m	Almoço e Recreio				
14h30m/15h20m	Estudo do Meio	Inglês	Biblioteca	Música	Área de Projeto
15h20m/16h10m	Exp. Plástica	Ed. Física	Estudo do Meio	Computadores	Estudo Acompanhado
16h10m/17h		História	Formação Cívica	História	Assembleia de Turma
Educadora: Hugo Fernandes Ano Letivo 2010/2011 Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária					

1.5.2. Relatos diários

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 2011

Terça-feira, 1 de março de 2011

Quarta-feira, 2 de março de 2011

Quinta-feira, 3 de março de 2011

Sexta-feira, 4 de março de 2011

Esta semana em que estive a estagiar na sala do Bibe Azul-escuro B, remete para a semana de estágio intensivo em que, para além do período de estágio na parte da manhã, temos, também, um período de estágio na parte da tarde. Assim sendo, nas semanas de estágio intensivo, o horário dos estagiários está estipulado entre as 9h e as 17h, com uma hora de almoço, normalmente, a hora de almoço do professor titular.

Durante esta semana, para além das aulas lecionadas pelo professor Hugo, pude assistir a uma aula de Inglês e de Expressão Plástica, em que os alunos realizaram a prenda para o dia do pai. Ao longo da semana, os alunos tiveram várias revisões, pois iam ter provas de História de Portugal e Estudo do Meio.

Inferências e Fundamentação

Durante esta semana, e como o dia do pai se aproximava, os alunos realizaram uma prenda para este dia em Expressão Plástica. Esta prenda consistia numa trave para a gravata e numa caixa para guardar a trave. Assim sendo, os alunos realizaram um molde de um peixe e decoraram-no com tecido. A caixa foi feita através da sua planificação que, após a terem decorado, montaram-na.

Segundo a Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo, ME (2006) a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza e organização progressiva de volumes e superfícies. (p.80)

Este mesmo autor menciona que "as crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objectos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor". Salienta ainda que o facto de fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajudando a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos. O caráter lúdico, geralmente associado a estas atividades, garante o gosto e o empenho dos alunos na resolução de problemas com que se são confrontados. Cabe ao professor estimular, progressivamente, a realização de projetos que poderão ter uma finalidade prática. (pp.90-91)

1.6. 5.ª Secção

Período de estágio: de 14 de março de 2011 a 13 de maio de 2011

Faixa etária: Bibe Verde A (2.º ano) - 7 anos

Educadora Cooperante: Sofia Guedes

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 38 – *5.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Verde A, da Professora Sofia Guedes, como se pode verificar na figura 38.

1.6.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º ano A é composta por 29 crianças, 15 do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Todas as crianças têm 7 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Existe apenas uma criança com dificuldades na aprendizagem e uma com alguns problemas comportamentais e de postura.

1.6.2. Caracterização do espaço

O 2.º ano tem uma sala não muito ampla, mas bastante agradável. Está decorada com pequenos apontamentos sobre as matérias abordadas e alguns trabalhos dos alunos. A disposição das mesas está feita em filas. (Figura 39)

Figura 39 – *Sala do Bibe Verde A (2.º ano)*

1.6.3. Rotina diária

Após o acolhimento efetuado no ginásio da instituição, os alunos dirigem-se para a sala de aula. Até às 9h30m terminam alguns trabalhos em atraso, para que, chegada a hora,

comecem a trabalhar nas diversas áreas de conteúdo, nomeadamente, Língua Portuguesa e Matemática.

Durante o período da manhã os alunos, entre as 11h e as 11h30m realizam uma pausa, o seu recreio que, consoante o clima atmosférico, tanto pode ser realizado no exterior como no interior. Após o almoço têm, novamente um pequeno intervalo para poderem descansar e libertar energia acumulada. No período da tarde têm outras áreas curriculares, como Estudo do Meio, Educação Física, entre outras.

- Horário e áreas de conteúdo

O horário deste bibe está estipulado entre as 9h e as 17h. Durante este período de tempo, os alunos adquirem vários conhecimentos, consoante as áreas de conteúdo. No período da manhã, são trabalhadas as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Já no período da tarde, as áreas a ser trabalhadas são outras, designadamente, Estudo do Meio, Formação Cívica, Expressão Plástica, Estudo Acompanhado, Música, Inglês, Área de Projeto, e outras atividades. (Quadro 7)

Quadro 7 – Horário do Bibe Verde A (2.º ano)

Dias / **Horas**	**Segunda-feira**	**Terça-feira**	**Quarta-feira**	**Quinta-feira**	**Sexta-feira**
9h/10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h/ 11h30m	Recreio				
11h30m/12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h/12h50m	Matemática	Ed. Física	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
13h/14h30m	Almoço e recreio				
14h30m/15h20m	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Exp. Plástica	Estudo Acompanhado
15h20m/16h10m	Área de Projeto	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Arrumação de trabalhos
16h10m/17h	Computadores	Estudo do Meio	Biblioteca	Música	Assembleia de turma
17h	Saída				
Educadora: Sofia Guedes Ano Letivo 2010/2011 Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária					

1.6.4. Relatos diários

Segunda-feira, 14 de março de 2011

Nesta manhã iniciou-se mais um momento de estágio, com uma turma nova. Após nos apresentarmos à turma e vice-versa, os alunos realizaram uma avaliação de leitura de números no âmbito da área de Matemática.

Posteriormente resolveram alguns exercícios sobre um gráfico – o pictograma.

Na área de Língua Portuguesa efetuaram um exercício caligráfico (cópia de um texto) e, de seguida um ditado.

Inferências e Fundamentação

O ditado é importante para que as crianças possam perceber quais as suas dificuldades no ato da escrita.

Azevedo (2000) afirma que "a escrita constitui um sistema de símbolos gráficos, pressupondo a intervenção da percepção visual e a utilização de um sistema motor particular, activando zonas do cérebro que não actuam na fala." (p.42)

O ditado é uma atividade com caráter consciente e voluntário. Segundo a mesma autora, o ditado é um exercício que implica "uma atitude metalinguística, pois é necessário reestruturar de outra forma todo o saber linguístico até então adquirido. A transição da oralidade para a escrita não se faz de modo automático, nem o novo código se adquire de modo imediato." (p.42)

Terça-feira, 15 de março de 2011

A manhã de hoje foi iniciada com uma tarefa bastante divertida. Os alunos tinham de completar o "abecedário sem juízo" de Luísa Ducla Soares de acordo com as palavras chave. Posteriormente realizaram uma expressão escrita na qual escreveram o seu próprio "abecedário sem juízo".

Na área da Matemática, os alunos tiveram mais uma avaliação, desta vez de situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma das principais finalidades do ensino da matemática é conduzir os alunos, através da utilização das operações aritméticas a resolverem problemas, problemas esses com os quais se podem confrontar no dia a dia.

Morgado (1993) refere que um problema "é qualquer tarefa para a qual o sujeito precise de encontrar uma solução." (p.79) Para outros autores mencionados em Morgado (1993) só se pode falar em problema quando o sujeito não pode encontrar a solução pela aplicação imediata de uma rotina memorizada e tem, portanto, que elaborar uma estratégia, o que

necessariamente implica um trabalho que vai sendo feito progressivamente, dando lugar a sucessivos ajustamentos.

De acordo com Polya (2003) o primeiro passo para se resolver um problema é "compreender o problema" para que, de seguida se descubra a conexão entre os dados e a incógnita. Deste modo, chegar-se-á a um "estabelecimento de um plano". O terceiro passo para a resolução de um problema é executar o plano de resolução, verificando "cada passo" e, por último, é necessário examinar "a solução obtida." (pp.16-17)

Sexta-feira, 18 de março de 2011

Ao chegar à sala, os alunos estiveram a terminar trabalhos em atraso.

De seguida foi distribuído pela turma o material Calculadores Multibásicos. Antes de começarem a trabalhar com este material, a professora questionou os alunos sobre as regras a cumprir ao manusear o material. Com este material os alunos trabalharam as representações de números nas placas, o algarismo de maior e menor valor absoluto e relativo. Durante a aula os números a serem representados nas placas foram ditados através de palmas. Posteriormente realizaram algumas situações problemáticas.

Ainda na área de Matemática, os alunos fizeram uma pequena revisão da matéria já dada, uma vez que iam ter prova. Esta revisão foi feita de uma forma bastante dinâmica, pois foi feita em concurso. Neste concurso, os alunos iam ao quadro a pares e teriam de efetuar o que lhes era pedido. Quem realizasse o que fora pedido em primeiro lugar, ganhava. Neste concurso a matéria abordada foi: retas, ângulos, figuras geométricas, multiplicações e múltiplos.

De seguida dirigimo-nos para o ginásio onde assistimos a uma dramatização sobre a Alimentação.

A manhã terminou com a leitura, interpretação e análise morfossintática de um texto e, por fim, com um pequeno ditado mudo de palavras do texto.

Inferências e Fundamentação

A compreensão do que se lê é fulcral para uma boa interpretação de texto, pois caso não se compreenda o que se lê, também não se pode interpretar um texto. Para Sim-Sim (2007) "o ensino da decifração, que corresponde à fase de identificação de palavras escritas, é o primeiro passo no percurso formal da aprendizagem da leitura, mas ler é muito mais do que reconhecer uma sequência de palavras escritas." (p.7) A essência da leitura é a construção do significado de um texto escrito e aprender a compreender textos é o grande objetivo do ensino da leitura.

A mesma autora refere que ensinar a ler é, acima de tudo, ensinar explicitamente a extrair informação contida num texto escrito, ou seja, dar às crianças as ferramentas de que

precisam para estratégica e eficazmente abordarem textos, compreenderem o que está escrito e assim se tornarem leitores fluentes. (pp.7-8)

Terça-feira, 22 de março de 2011

Esta manhã foi iniciada com a realização da composição da prova de Língua Portuguesa.

Em Matemática, efetuaram alguns exercícios, nos quais tinham de calcular e completar as lacunas com os sinais de >, < ou = e, escrever as horas marcadas em cada relógio. A manhã terminou com a aula de ginástica.

Inferências e Fundamentação

A composição realizada nas provas de Língua Portuguesa é bastante importante e carece de muita concentração, pois é uma questão que em relação à avaliação tem um peso muito elevado.

Azevedo (2000) salienta que a escrita é um objeto particular que participa das propriedades da linguagem enquanto objeto social, mas que possui uma consciência e uma permanência que a linguagem oral ignora.

Fonseca (1992, referido em Azevedo, 2000) chama a atenção para aspetos da aprendizagem da escrita, ao nível do texto "a obtenção do efeito de coerência no movimento semântico do texto supõe a capacidade de articular a permanência e a progressão do sentido, estabelecendo um equilíbrio entre a repetição e a introdução de elementos novos." (p.54)

Sexta-feira, 25 de março de 2011

A manhã de hoje foi iniciada com a prova de Estudo do Meio.

Posteriormente, os alunos tiveram uma outra avaliação, desta vez de Matemática sobre operações.

Após as avaliações e, ainda na Matemática, os alunos resolveram vários exercícios sobre leitura de números por ordens e classes, algarismo de uma determinada ordem, algarismo de maior e menor valor absoluto e relativo, cálculo de frações, o quádruplo e quíntuplo de, a quarta parte e preencher as lacunas com os sinais de >,< ou =.

Inferências e Fundamentação

Durante a primeira parte da manhã os alunos realizaram um teste de Estudo do Meio para os seus conhecimentos serem avaliados.

Estanqueiro (2010) salienta que a maioria dos professores atribui mais peso aos testes escritos do que a qualquer outro elemento de avaliação. Este autor refere que "os testes são geralmente considerados como o instrumento mais objectivo, mais simples e mais rápido de recolher informações sobre a aprendizagem de cada aluno." (p.93)

Segunda-feira, 28 de março de 2011

Esta manhã iniciou-se com as minhas aulas.

Em Estudo do Meio abordei o tema "Sistema Solar". Nesta área apresentei um PowerPoint com a constituição do Sistema Solar, expliquei as diferenças entre estrelas e planetas e falei um pouco sobre as características de cada planeta. De seguida, os alunos efetuaram uma proposta de trabalho para consolidar a matéria dada. Terminei esta aula com uma pequena dramatização da constituição do sistema solar.

Na área de Língua Portuguesa o meu tema era a "Área Vocabular e Família de Palavras". Após a leitura, interpretação e análise gramatical do texto relacionado o Sol (oralmente), realizei uma breve revisão sobre a Família de Palavras e introduzi o conteúdo Área Vocabular. Para introduzir este conteúdo e, após explicá-lo, dando exemplos de uma área vocabular com a palavra "escola" coloquei no quadro quatro palavras: sol, terra, flores e calor, solicitando que os alunos dissessem a área vocabular de cada uma das palavras. À medida que se ia realizando esta tarefa no quadro, os alunos completavam, no lugar, a proposta de trabalho.

Por fim, em Matemática, foi entregue à turma inquéritos para que estes respondessem qual o sabor de gelado preferido, pois o astronauta Martim queria realizar uma tabela de frequências sobre os gelados prediletos dos habitantes do Planeta Terra. Após o preenchimento dos inquéritos, apresentei uma Tabela de Frequências, explicando o que era esta tabela e quais os seus objetivos. Posteriormente, completamos a tabela com os resultados dos inquéritos e, em simultâneo, a turma fazia o mesmo na sua proposta. Finalizei a aula com várias perguntas sobre os resultados da tabela, como por exemplo, "Qual a frequência do sabor de chocolate e morango?", "Qual a diferença entre a frequência do sabor baunilha e doce de leite?", entre outras. (Figura 40)

Figura 40 – *Tabela de Frequências*

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de matemática abordei e preenchi uma tabela de frequências com os dados do inquérito preenchido pelos alunos.

Ruas & Grosso (2004) "ao elaborar um estudo estatístico, após a primeira fase que consiste na recolha de dados que se pretendem submeter ao estudo, é necessário organizar os mesmos para permitir que a análise se faça de um modo mais eficiente." (p.18)

Numa tabela de frequências a informação é organizada, de um modo geral, em três colunas: coluna das categorias, coluna das frequências absoluta e a coluna das frequências relativas.

Uma tabela de frequência representa, segundo Martins, Loura e Mendes (2007) uma "distribuição da variável, na amostra em estudo, isto é, quais as categorias ou modalidades que assume, assim como a frequência (absoluta ou relativa) com que assume essas modalidades." (p.24)

Citando Ruas & Grosso (2004), ao número de vezes que determinada característica é observada numa população, dá-se o nome de frequência absoluta dessa característica. As frequências absolutas dizem-nos quantas vezes determinado valor de uma variável estatística foi observado numa população. (pp.18-21)

Terça-feira, 29 de março de 2011

Depois da conclusão dos exercícios de Língua Portuguesa, os alunos realizaram um ditado. De seguida, a professora solicitou que os alunos escrevessem palavras que gostassem para colocar numa cartolina, afixando-a na sala.

Na área de Matemática resolveram alguns exercícios.

A manhã terminou com a aula de patinagem.

Inferências e Fundamentação

Quando executa um ditado, o aluno não tem auxílio por parte de ninguém, assim sendo, fica por breves instantes sem saber se as palavras que escreve estão ou não corretas, o que não acontece quando realiza uma cópia, por exemplo, pois pode verificar se o que escreve está correto.

Segundo Baptista, Viana e Barbeiro (2011), quando o aluno realiza um ditado tem de escrever a palavra, frase ou texto, a partir da sua realização oral por outra pessoa. Ao contrário da cópia, não pode proceder à verificação da maneira como a palavra se escreve, por meio de consulta, encontra-se confinado aos seus próprios conhecimentos. Por isso, o ditado é frequentemente utilizado em tarefas de avaliação da competência ortográfica. (p.96)

Sexta-feira, 1 de abril de 2011

Hoje a Rita teve a sua aula surpresa de Matemática com o material Cuisenaire. Na sua aula realizou leituras e representações de números. Iniciou a sua aula pedindo que os alunos representassem um número bastante grande, o que gerou uma certa confusão. Por vezes, a turma não conseguia realizar a leitura pretendida e tinha alguma dificuldade na concretização dos exercícios pedidos.

Terminada a aula da Rita, assistimos a outra aula surpresa, desta vez da Cláudia Canastra – do mestrado de 1.º e 2.º ciclos – na sala do 1.º ano da professora Marta Gomes. O tema da sua aula foi o mesmo da aula da Rita, tal como o material. Na sua aula realizou bastantes exercícios de leitura de números e soube ajudar os alunos, quando estes tinham dúvidas.

Após as aulas surpresas terem terminado fomos para a reunião com as Orientadoras da Prática Pedagógica.

Inferências e Fundamentação

Todas as reuniões com as professoras da Prática Pedagógica são importantes para que os estagiários possam tirar as suas dúvidas e refletirem sobre que correu bem e menos bem durante as aulas.

Segundo Barbosa (1999)

> a supervisão terá de assentar num sistemático processo de análise às práticas. É um processo que deve possibilitar sucessivas sínteses compreensivas cuja a organização pressupõe um permanente olhar sobre o indivíduo e ao mesmo tempo, o apelo permanente à interação com os agentes. (p.45)

Segunda-feira, 4 de abril de 2011

Hoje foi o dia da minha aula programada assistida pela Orientadora Teresa Botelho.

Na área de Língua Portuguesa abordei o Grupo Nominal e o Grupo Verbal. Este conteúdo foi desenvolvido através de um texto da minha autoria sobre duas crianças que conversavam sobre o Planeta Terra, Oceanos e Continentes. Após a leitura, interpretação e análise gramatical, expliquei o conteúdo que ia dar. De seguida, apresentei um esquema incompleto, o qual os alunos tinham de completar de acordo com o grupo nominal e verbal de uma frase, o mesmo era feito no lugar pelos restantes elementos da turma. Finalizei a aula com uma breve revisão sobre o conteúdo dado.

Posteriormente, e em Estudo do Meio, o meu tema era Continentes e Oceanos. Para esta aula realizei um planisfério gigante com os continentes móveis, bem como as legendas para os continentes e oceanos. Expliquei a diferença entre planisfério e globo, mostrando estas duas formas de representar a Terra. Depois de definir o que era um continente e um oceano, começámos por identificá-los, situá-los e legendá-los no planisfério utilizando os continentes e

as legendas, partindo sempre dos conhecimentos dos alunos. Em simultâneo a turma realizava a mesma tarefa na sua proposta de trabalho. (Figura 41)

Na última área, Matemática, dei as frações utilizando o 5.º Dom de Froebel. Nesta aula explorei as partes constituintes da fração, bem como as frações equivalentes. De seguida, e através dos cubos do material, exploramos a diferença entre um cubo inteiro, um meio e um quarto. Não concluí a minha aula, pois o tempo tinha acabado.

Figura 41 - *Planisfério*

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de matemática trabalhei as frações, bem como os seus constituintes. As frações são uma ferramenta para executar a operação da divisão.

Para Ruas & Grosso (2002) uma fração "representa o quociente exacto de dois números. A fração é uma representação de um número." (p.33)

Segundo Aharoni (2008):

> da mesma maneira que os números naturais contam objectos, as fracções «contam» partes dos objectos. A parte da qual a fracção é tirada é chamada «todo». O «todo» está para uma fracção como a denominação para um número: quando pegamos em metade de uma maçã, o «todo» é a maçã. (p.167)

Uma fração é constituída por um numerador (acima do traço de fração), um denominador (abaixo do traço de fração) e por um traço de fração.

Terça-feira, 5 de abril de 2011

Hoje foi a manhã de aulas da Rita.

Iniciou a sua manhã com Língua Portuguesa lendo, interpretando e explorando gramaticalmente um texto com os alunos. Posteriormente relembrou algumas classes de palavras – determinantes; nomes; adjetivos. De seguida, fez revisão sobre os grupos nominal e verbal, solicitando à turma que os identificassem em frases.

Para a área seguinte pediu à turma que descobrisse o tema da aula com o auxílio de letras móveis. Após terem descoberto o tema "Meios de Transporte", explicou os seus diferentes tipos e que estes se agrupam segundo o meio onde se deslocam. Num cenário colocado no quadro, os alunos colocavam os meios de transporte no respetivo lugar e, em simultâneo, preenchiam uma tabela.

Devido à aula de Educação Física, a Rita teve que terminar a sua manhã na parte da tarde.

Inferências e Fundamentação

A área de Educação Física é importante, pois a falta de atividade psicomotora traduz-se em carências frequentemente irremediáveis.

Segundo a Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo, ME (2006), "a actividade física educativa favorece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstracções e operações cognitivas inscritas nos programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação." (p.35) Estas evidências justificam a importância crucial desta área, no 1.º Ciclo, como componente inalienável da Educação.

O conteúdo deste programa assegura, também, condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interação com os companheiros, inerentes às atividades próprias da Educação Física e aos respetivos processos de aprendizagem. (p.35)

Sexta-feira, 8 de abril de 2011

Mais uma manhã de aulas das estagiárias, desta vez da Carolina. Na aula de Língua Portuguesa e para abordar os pronomes pessoais, a Carolina conduziu uma "missão da NASA" em que os alunos eram os cientistas. Nesta área a turma leu, interpretou o texto e classificou alguns vocábulos.

Em Matemática explorou a noção de área utilizando quadrados feitos em musgami para cobrir uma unidade – uma porta da nave espacial.

Por fim, em Estudo do Meio lecionou os movimentos da Terra – rotação e translação. Nesta aula mostrou um vídeo para explicar os movimentos.

Inferências e Fundamentação

Considero positivo o facto de a Carolina ter utilizado material alternativo na sua aula de matemática para abordar o conteúdo - área. Desta forma, a turma teve uma perceção diferente do conteúdo ao manipular o material que, se fosse dado sem recurso a nenhum material não teria.

O ME, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo (2006) defende que na aprendizagem da matemática as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Nos materiais, as crianças deverão encontrar resposta às suas necessidades de exploração, experimentação e manipulação. O mesmo autor refere ainda que pelo facto dos objetos da matemática serem entes abstratos,

> é importante que os conceitos e relações a construir possam ter um suporte físico. Se por um lado a manipulação de material pode permitir a construção de certos conceitos, por outro lado, pode servir, também, para a representação de modelos abstratos permitindo, assim, uma melhor estruturação desses conceitos. (p.169)

Segunda-feira, 11 de abril de 2011

Terça-feira, 12 de abril de 2011

Sexta-feira, 15 de abril de 2011

Durante estes três dias de estágio, os alunos não tiveram aulas devido às férias da Páscoa. Como tal, os estagiários de mestrado programaram várias atividades para o decorrer desta semana. Estas atividades foram distribuídas por vários espaços da instituição e por vários estagiários, não só de mestrado.

No decorrer destes três dias foram realizados vários jogos tradicionais, *karaoke* e uma peça de teatro em que os atores eram os estagiários. A peça de teatro que apresentámos foi "A Rainha das Cores" adaptada pelo colega e amigo Jorge Terrinca.

Inferências e Fundamentação

No decorrer destes três dias de estágio foram realizados vários jogos tradicionais.

Os jogos tradicionais são jogos que variam de região para região, possuindo um significado de natureza mágico-religiosa. São bastante antigos e transmitidos de geração em geração. Este tipo de jogos contribuem de modo saudável para a ocupação das horas livres.

Segundo Guedes (1989) os jogos tradicionais "são criados pelos seus praticantes a partir do reportório dos mais velhos e adaptados às características do local."

Para Cordeiro (1982), este tipo de jogos apresentam as várias características, sendo elas cultura, movimento, competição saudável e festa.

Guedes (1990) agrupa os jogos tradicionais nas categorias de "jogos de interior, jogos de pátio e jogos de rua e campo."

Segunda-feira, 2 de maio de 2011

Na área de Língua Portuguesa, os alunos realizaram uma composição a partir da escolha de um título sugerido pela professora. Após terem-na escrito na sebenta e de ser corrigida, passavam para a folha diária.

Em Matemática, utilizando o material Calculadores Multibásicos, efetuaram vários exercícios, nos quais realizaram a leitura de números, abordaram o algarismo de maior e menor valor absoluto e relativo e o algarismo de uma determinada ordem. Posteriormente, os alunos trabalharam a pares realizando situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação

Através da escolha de um dos temas sugeridos pela professora, a turma realizou uma composição. Este tipo de atividades é importante para que os alunos possam tornar o ato da escrita um hábito rotineiro e que lhes dê prazer.

Barbeiro e Pereira (2007) mencionam que:

> as emoções e sentimentos vividos pelos alunos nas actividades de escrita são cruciais para construir a relação com esta competência. Essas emoções e sentimentos podem ser construídos durante o processo de escrita e por meio da participação em projectos que atribuem funções aos textos produzidos. (p.16)

Para além da produção escrita solicitada pelo professor, quando o aluno tem prazer em escrever e, se as experiências de escrita forem gratificantes, ele próprio toma iniciativa de o fazer.

Terça-feira, 3 de maio de 2011

Nesta manhã foram abordados os verbos, mais precisamente, o infinitivo impessoal dos verbos. Após a explicação, os alunos realizaram uma ficha na qual tinham de identificar o infinitivo impessoal dos verbos.

Na área da Matemática foram resolvidos exercícios onde tinham de completar com o número de dezenas, centenas e milhares mais próximos, antes e depois de um determinado número.

Inferências e Fundamentação

Inserido no programa nacional de Língua Portuguesa para o 1.º ciclo do Ensino Básico, foi abordado o conteúdo "verbo", nomeadamente o infinitivo impessoal do verbo.

Azeredo, Pinto e Lopes (2011) definem o termo verbo como "o núcleo do grupo verbal" pertencendo a uma "classe aberta de palavras. Exprime ações, estados, acontecimentos, considerados em momentos diferentes." (p.226)

Os verbos são palavras variáveis que variam tanto em pessoa, como em número e como em tempo e modo.

O modo verbal de um verbo, para além de abranger as formas verbais finitas, abrange também as formas verbais não finitas que, segundo o autor acima referido, não ocorrem como forma verbal única numa frase simples. É o caso das formas verbais do infinitivo impessoal. (p.227) O modo verbal traduz as diferentes maneiras de se encarar uma ação, um acontecimento, um estado expresso pelo verbo.

O infinitivo impessoal de um verbo é a forma verbal que exprime uma ação encarada de um modo abstrato que não é flexionado. (Azeredo *et al.* 2011, p.235)

Sexta-feira, 6 de maio de 2011

Esta foi uma manhã ocupada pelas aulas da Carolina.

Em Língua Portuguesa abordou o conteúdo "Grupo Móvel". Após a leitura, interpretação e análise morfológica de palavras do texto explicou o conteúdo proposto através de frases.

Em Estudo do Meio deu as "Aves", referindo as suas características – bicos, patas, ninhos, reprodução – e, por fim, realizou uma experiência utilizando ovos de aves.

Por fim, em Matemática introduziu o estudo do círculo e da circunferência. Nesta aula explicou a diferença entre o círculo e a circunferência e entre o raio e o diâmetro.

Inferências e Fundamentação

Depois de ter explicado a diferença entre círculo e circunferência, bem como entre o raio e o diâmetro, penso que poderia ter solicitado à turma que lhe explicasse por palavras suas o que entendia sobre estes conceitos. Deste modo, a Carolina ficava com uma noção se a turma tinha ou não compreendido estes novos conteúdos.

Para Alain (2001) uma circunferência

> é o conjunto de pontos do plano situados a uma distância dada de um ponto dado. Este plano é o centro; a distância em causa é o raio. Um ponto é interior à circunferência quando a sua distância ao centro é inferior ao raio. O conjunto de pontos do plano situados na circunferência de centro C e raio *r* e no seu interior é o círculo de centro C e raio *r*. A circunferência é o contorno do círculo, fazendo parte dele. (p.225)

De acordo com Ortega (2008) o círculo é a reunião da circunferência como o conjunto de pontos localizados dentro da mesma, ou seja, são os pontos internos da circunferência. O círculo é o espaço limitado pela circunferência.

No que diz respeito ao raio e, segundo a autora acima referida (Ortega, 2008), o raio de uma circunferência ou de um círculo é um segmento de reta com uma extremidade no centro da circunferência e a outra extremidade num ponto qualquer da circunferência. O raio é metade do diâmetro. Já o diâmetro de uma circunferência ou de um círculo é uma corda que passa pelo centro da circunferência. Observa-se, com facilidade, que o diâmetro é a maior corda da circunferência. O diâmetro é o dobro do raio.

Segunda-feira, 9 de maio de 2011

Hoje foi a minha manhã de aulas.

Iniciei a manhã com Língua Portuguesa e, após ter entregue o texto foi realizada a leitura e interpretação oral do mesmo. Posteriormente, abordei um conteúdo novo, os elementos fundamentais da oração – sujeito e predicado. De seguida, à medida que os alunos resolviam os exercícios sobre este conteúdo nas suas propostas de trabalho, os mesmos eram resolvidos no quadro.

Em Matemática utilizei o material Cuisenaire para realizar um itinerário. Antes de iniciar o caminho/itinerário, explorei algumas características do material. Numa folha quadriculada a turma realizou um itinerário, através das indicações dadas por mim, tendo como ponto de partida uma menina e como ponto de chegada o símbolo do Jardim Zoológico.

Por fim, em Estudo do Meio, comecei por distribuir o material pela turma: mapa do Jardim Zoológico, um fantoche (com o qual iriam percorrer o mapa até chegar ao local pretendido) e uns livrinhos que criei com as características dos animais a serem estudados. De seguida, explorámos o mapa, percorrendo um itinerário com o fantoche – menina – para que ela chegasse aos animais que se pretendiam estudar – suricata, flamingo e pelicano - , com o auxílio de cartões com pistas e através do *Powerpoint.* Terminei a minha manhã e aula com a distribuição de uma ficha informativa sobre os animais estudados. (Figuras 42, 43, 44 e 45).

Figura 42 – *Livro do Pelicano*

Figura 43 – *Livro do Suricata*

Figura 44 – *Livro do Flamingo*

Figura 45 – *Capa dos livros dos três animais*

Inferências e Fundamentação

Na minha aula de Matemática realizei com a turma um itinerário. Através das indicações que ia dando, os alunos conseguiram resolver o itinerário.

Segundo Moreira e Oliveira (2003), "as situações problemáticas que envolvem a escolha de caminhos são susceptíveis de serem trabalhadas com as crianças mais pequenas, desde que devidamente inseridas em contextos quotidianos e com níveis de complexidade adoptados a estas idades". (p.170) Estas autoras referem ainda que a criança, quando realiza tarefas, como por exemplo encontrar caminhos, treina a sua capacidade de visualização espacial.

Caldeira (2009) defende que "o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nele existem." (p.173) Para que haja compreensão espacial é necessário interpretar, compreender e apreciar o que é intrinsecamente geométrico. Segundo esta autora, os exercícios que solicitam das crianças a visualização, o desenho e a comparação de formas em diferentes posições, desenvolvem o sentido espacial. A descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem desenvolvem a compreensão.

Nos exercícios de itinerários, a educadora pode sugerir as tarefas, criando diferentes graus de dificuldade, utilizando as peças do Cuisenaire, como por exemplo: "Quantos caminhos diferentes consegues descobrir para o coelhinho chegar aos ovos de chocolate?" (p.173)

Para a realização das atividades utilizando as peças do Cuisenaire pode-se utilizar uma folha quadrículada, tendo as quadriculas 1 cm por 1 cm de lado.

Terça-feira, 10 de maio de 2011

Nesta manhã os alunos tiveram mais uma avaliação de operações. Terminada esta avaliação realizaram alguns exercícios matemáticos.

Inferências e Fundamentação

O conteúdo da avaliação realizada nesta manhã foram as quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão).

Pires (1994, citada por Ponte e Serrazina, 2000) designa por "sentido de uma operação o conjunto das situações concretas na resolução das quais se aplica essa operação", o que constitui a primeira etapa do estudo da operação.

A autora acima referida, citada em Ponte e Serrazina (2000) considera ainda que, a nível do 1.º ciclo do ensino básico, o estudo de cada operação se processa em três etapas, sendo elas: em primeiro lugar, a compreensão do sentido da operação, começando pelo modelo de ação (manipulação de materiais), passando pelo modelo iconográfico, para chegar à representação simbólica; de seguida, o desenvolvimento do sentido operatório, desenvolvimento

do cálculo mental e estudo das propriedades das operações e, por fim, a construção do algoritmo. (pp.144-145)

Sexta-feira, 13 de maio de 2011

Esta manhã foi ocupada pelas aulas da Rita.

Em Estudo do Meio, cujo tema eram as habitações típicas nacionais, definiu o conceito de habitação, recorrendo ao dicionário e apresentou, em *Powerpoint*, vários tipos de habitações, explicando as vantagens de cada uma. Posteriormente, entregou uma proposta de trabalho que consistia na colagem das habitações típicas de cada região, de Portugal Continental e Arquipélagos.

Na área da Matemática, dividiu a turma em grupos e distribuiu os materiais necessários para a concretização desta aula – planta de uma casa. Com a planta da casa, os alunos tinham de calcular as áreas e os perímetros de cada divisão da casa.

Por último, em Língua Portuguesa, os alunos leram e interpretaram um texto dramático. Após ter explicado este conteúdo, a Rita solicitou aos alunos que, através das suas indicações, realizassem uma pequena dramatização deste texto, utilizando adereços relacionados com o mesmo.

Inferências e Fundamentação

Na aula de Língua Portuguesa, a Rita deu como conteúdo o texto dramático.

Segundo Amorim e Costa (2011) o texto dramático, normalmente, "destina-se a ser representado; por isso apresenta características próprias". (p.36) As mesmas autoras, acima referidas, apontam que, no texto dramático

> os nomes das personagens aparecem em destaque, seguindo-se as suas falas; entre parênteses aparecem as indicações dadas pelo autor: a descrição do cenário; a caracterização das personagens; a forma de representar (quando o texto é representado, estas informações são dadas ao público através de várias formas: 'decoração' do palco, modo como as personagens estão vestidas, mimica dos atores, etc.). (p.36)

1.7. **6.ª Secção**

Período de estágio: de 16 de maio de 2011 a 8 de julho de 2011

Faixa etária: Bibe Castanho B (1.º ano) - 6 anos

Educadora Cooperante: Marta Gomes

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 46 – *6.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Castanho B, da Professora Marta Gomes, como se pode verificar na figura 46.

1.7.1. Caracterização da turma

A turma do 1.º ano B do Jardim-Escola João de Deus – Olivais é composta por 27 crianças, 11 do sexo feminino e, 16 do sexo masculino. Todas as crianças têm 6 anos de idade até dia 31 de dezembro de 2010.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.7.2. Caracterização do espaço

Toda a sala do Bibe Castanho B é bastante agradável e bem iluminada pela luz solar. A sala está decorada com o mapa de aniversário dos alunos e com alguns trabalhos realizados por estes. Possui dois quadros e, as mesas estão dispostas em filas, duas a duas, exceto uma das filas, com apenas uma carteira. (Figura 47)

Figura 47 – *Sala do Bibe Castanho B (1.º ano)*

1.7.3. Rotina diária

Ao chegarem à sala, os alunos começam a ler um texto do manual. Após toda a turma terminar a sua leitura, iniciam as áreas de Língua Portuguesa e Matemática.

Durante a manhã, a turma faz uma pequena pausa, entre as 11h e as 11h30m, para lanchar e brincar livremente no espaço exterior à sala, quando as condições atmosféricas o permitem.

De regresso à sala continuam a realizar o que estavam a fazer antes do recreio, até à hora do almoço, às 13h.

- Horário e áreas de conteúdo

O horário deste bibe está estipulado entre as 9h e as 17h. No período da manhã, os alunos têm Língua Portuguesa e Matemática – todos os dias – e Educação Física – apenas à sexta-feira.

Após o almoço e o recreio, às 14h30m dirigem-se para a sala, na qual são lecionadas a disciplina de Estudo do Meio e as áreas de Estudo Acompanhado, Área de Projeto, Inglês, Expressão Plástica, Formação Cívica e, ainda, Biblioteca, Jogos de Matemática, Computadores e Assembleia de Turma. (Quadro 8)

Quadro 8 – Horário do Bibe Castanho B (1.º ano)

Dias / Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h/ 11h30m	Recreio				
11h30m/12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h/12h50m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Ed. Física
13h/14h30m	Almoço e recreio				
14h30m/15h20m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projeto	Computadores	Inglês
15h20m/16h10m	Estudo Acompanhado	Biblioteca	Formação Cívica	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10m/17h	Jogos de matemática	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio		Assembleia de turma
17h	Saída				

Educadora: Marta Gomes Ano Letivo 2010/2011

Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária

1.7.4. Relatos diários

Segunda-feira, 16 de maio de 2011

Durante a manhã, os alunos trabalharam com os Calculadores Multibásicos. Com este material realizaram várias operações e, para cada resultado efetuavam a leitura do mesmo por ordens e por classes. Para além desta tarefa ainda resolveram uma proposta de trabalho realizada por uma colega de mestrado de 1.º e 2.º ciclos. Esta proposta consistia na leitura de números.

Na segunda parte da manhã, em Língua Portuguesa, os alunos leram um texto do manual, analisando-o e interpretando-o.

Inferências e Fundamentação

Na área de Língua Portuguesa, os textos que são trabalhados diariamente são lidos pelos alunos em voz alta e, deste modo, há uma maior memorização por parte de toda a classe, visto que o mesmo texto é repetido algumas vezes para que todos os alunos o possam ler.

Segundo Jean (2000) "ler em voz alta é, sem dúvida e com efeito, aquilo que dizemos em voz alta para nos fazermos entender a nós próprios e ou a ouvintes um texto que lemos com os olhos." (p.17) Este mesmo autor refere que ler em voz alta supõe que o leitor «reconhece» um texto que já leu em silêncio ou não, e sobretudo que ele compreende o suficiente para antecipar com os olhos na sua leitura «oralizada». (p.34)

Terça-feira, 17 de maio de 2011

Esta manhã teve início com a preparação da leitura de um texto do manual. Posteriormente foi entregue à turma uma proposta de trabalho onde os alunos tinham de escrever duas frases para cada figura e, de seguida transformá-las numa só.

Após o recreio, resolveram situações problemáticas. Refiro que as situações problemáticas foram explicadas à turma por mim e pelas minhas colegas de estágio, pois a professora fez-nos o convite e nós aceitámos.

Inferências e Fundamentação

A resolução de problemas implica a coordenação de três aspetos essências, sendo eles, a representação mental, a estratégia e o cálculo computacional.

Morgado (1993) sustenta que, na representação mental "a criança deverá ser capaz de representar, através de imagens mentais, a questão que lhe é apresentada o que implica, a possibilidade de repetir, por palavras suas, o enunciado da mesma". A representação mental é considerada por vários autores (Greeno; Riley; Gelman, 1984, referidos em Morgado, 1993) como uma fase fundamental e indispensável para encontrar a solução correta. Esta representação mental depende dos conhecimentos anteriores que o aluno possui e que lhe podem ajudar na formulação da mesma. No que diz respeito às estratégias, estas podem ser diversas e apresentar graus de complexidade diferente, "umas serão (…) mais adaptadas que

outras mas todas deverão conduzir o aluno a coordenar os dados pertinentes para a solução". Para além destes dois aspetos, há ainda que ter em conta o facto de o aluno sentir necessidade de realizar cálculos computacionais. A autora refere que se torna "indispensável que a criança possua suficientes conhecimentos que lhe permitam efectuá-los sem cometer erros que, no caso de surgirem, comprometeriam uma solução correcta." (pp.81-82)

Sexta-feira, 20 de maio de 2011

Nesta manhã fomos a uma visita de estudo ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém. Em ambos os monumentos, os alunos ouviram histórias sobre os monumentos visitados. Foi sem dúvida uma manhã diferente das outras, pois a turma pôde sair da escola e visitar monumentos que, a maioria da turma, não conhecia.

Inferência e Fundamentação

No decorrer da visita de estudo ao Mosteiro dos Jerónimos e à Torre de Belém os alunos mantiveram-se animados, entusiasmados e curiosos com o que iam ver e aprender.

Para Almeida (1998) uma visita de estudo "é qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao mero convívio entre professores e alunos." (p.51)

É, muitas vezes, durante as saídas do contexto escolar que o professor se apercebe de certos comportamentos dos alunos e, de acordo com o autor acima mencionado "o professor pode, durante a visita, ser mais observador dos comportamentos dos seus alunos, estabelecendo-se qualquer indício de directividade na dinâmica de grupo." (p.55)

Terça-feira, 24 de maio de 2011

Esta manhã foi ocupada pelas aulas da Rita.

Durante a sua manhã, após a leitura do texto e interpretação questionou os alunos sobre a definição de sílaba, para introduzir o seu conteúdo – classificação de palavras quanto à sílaba tónica. Colocou a turma a trabalhar a pares dando-lhes palavras divididas em sílabas para que construíssem uma palavra e assinalassem a sílaba tónica. O mesmo foi realizado no quadro.

Na área de Estudo do Meio abordou o ciclo da água, explorando o tema no quadro através de material móvel. Em simultâneo a turma fazia o mesmo no lugar.

Por fim, em Matemática e com os Calculadores Multibásicos realizou exercícios de leitura de números até à ordem das unidades de milhar.

Inferências e Fundamentação

Durante a sua manhã a Rita poderia ter sido mais dinâmica e ter uma melhor comunicação com a turma, quebrando alguns momentos de falta de diálogo entre ela e os alunos.

De acordo com Estanqueiro (2010), uma boa comunicação do professor com os alunos e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem. O diálogo é considerado como a melhor estratégia de comunicação na sala de aula. Mas não há incompatibilidade entre o diálogo e a expressão oral. O diálogo fecundo, em pequenos grupos ou em plenários, exige, muitas vezes, que o professor comece por uma boa exposição, para transmitir conhecimentos.

Habitualmente, exposições breves funcionam melhor. Quanto menos tempo o professor falar para os alunos, mais tempo lhe resta para falar com os alunos. (p.33)

Sexta-feira, 27 de maio de 2011

Após a habitual preparação da leitura que é realizada todos os dias, a turma leu, interpretou e analisou um texto e, de seguida, realizaram a cópia desse mesmo texto bem como o abecedário e uma ilustração alusiva ao texto. Posteriormente à cópia, a professora realizou o ditado do mesmo texto.

Enquanto classificavam morfossintaticamente algumas palavras do texto, a professora Sandra Ramalhinho surpreendeu-me com uma aula surpresa na área da Matemática e com o material Calculadores Multibásicos. Com este material realizei algumas leituras de números.

Inferências e Fundamentação

Durante a minha aula surpresa troquei o termo algarismo por número quando solicitava a um determinado aluno que me dissesse qual o número de maior valor absoluto, por exemplo, em vez de questionar qual o algarismo de maior valor absoluto.

Segundo Alain (1995)

> os números são os elementos da sequência ilimitada, zero, um, dois, três, quatro, etc. Eles servem para contar, para enumerar os objectos. O zero (de invenção tardia) não é uma excepção, desde que se aceite dizer «há zero objectos» para dizer que não há nenhum objecto. Os algarismos são os símbolos gráficos elementares com a ajuda dos quais se escrevem os números. (p.47)

Para Ruas e Grosso (2002) "um algarismo não é um número mas sim um símbolo com o qual se podem representar números". No entanto, qualquer algarismo está associado ao número de unidades que são representadas por ele, até porque existem números que são representados por apenas um algarismo. (p.52)

Desta forma fica explicada a diferença entre um número e um algarismo. Isto é, um número expressa uma determinada quantidade, já o algarismo é o sinal gráfico com que se representa o número.

Segunda-feira, 30 de maio de 2011

Hoje foi a aula programada da Carolina.

Começou com Língua Portuguesa onde leu, interpretou e analisou um texto que era um pouco extenso para um 1.º ano.

Em Matemática e, utilizando o material Tangram, realizou a construção de um coelho de acordo com os resultados das situações problemáticas contidas em imagens de cenouras. O material Tangram é de origem chinesa. Em Portugal um conjunto é constituído por 5 triângulos (2 grandes, 1 médio e 2 pequenos); 1 quadrado (correspondente a 2 triângulos pequenos) e 1 paralelogramo (correspondente a 2 triângulos pequenos). Estas 7 figuras geométricas permitem compor um quadrado. A estratégia estava bastante engraçada, mas não teve tempo para resolver todas as situações problemáticas. (Figura 48)

Por fim, em Estudo do Meio abordou as características do coelho levando o animal para que os alunos pudessem observá-lo e tocá-lo.

Figura 48 - *Tangram*

Inferências e Fundamentação

Na sua aula de Matemática, a Carolina, utilizando as peças do material Tangram, foi construindo com a turma um coelho, através dos resultados das situações problemáticas. A estratégia que adotou estava bastante engraçada, contudo tive pena de não ter conseguido terminar a construção do coelho, uma vez que não terminou de resolver todas as situações problemáticas.

Como já foi referido no relato, este material é de origem chinesa, tendo como nome original *tch itch iao pan*, também conhecido como "tábua das sete sabedorias ou as "sete tábuas da argúcia." (Caldeira 2009, p.391)

Santos (2008) salienta que o Tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio, cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações.

Com as peças deste material é possível criar e montar 1700 figuras, correspondentes a animais, pessoas, objetos, letras, números e figuras geométricas.

Existem inúmeras lendas sobre este material, das quais cito uma referida em Caldeira (2009)

> A lenda diz que há mil anos, na China, um homem chamado Tan, deixou cair um ladrilho, que se quebrou em 7 pedaços. Quando tentava juntar os pedaços para reconstruir o ladrilho, notou que era possível, com as 7 peças, formar múltiplas figuras diferentes, sem as sobrepor. (p.392)

Esta mesma autora cita Santos (2008) referindo que "a Filosofia do Tangram é de que um todo é divisível em partes, as quais podem ser reorganizadas num outro todo." (p.394)

Segundo Caldeira (2009), com a utilização deste material é possível desenvolver as inteligências lógico-matemáticas, espacial e interpessoal. O seu valor educativo, entre outros aspetos, reside no exercício de concentração e no estímulo à investigação e à criação. Favorece uma diferente abordagem de geometria. Com este "puzzle" geométrico pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objetos e figuras abstratas. (p.398)

Terça-feira, 31 de maio de 2011

Esta manhã foi ocupada pelas minhas aulas. Como sempre dei as três áreas de conteúdo, Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Para o decorrer desta manhã de aulas adotei uma estratégia de comportamento que consistia em três imagens de relógios com dupla face. De um lado, os relógios tinham um sorriso, no outro lado estavam tristes. A estratégia da tristeza dos relógios remetia para o comportamento desadequado de uma determinada fila, pois existia um relógio de dupla face para cada fila. Saliento ainda que cada relógio tinha um nome relacionado com o conteúdo das horas, ou seja, havia a senhora Hora, o senhor Minuto e o senhor Segundos. Esta estratégia estava bastante interligada com a aula de Matemática, tal como as outras duas áreas. (Figuras 49 e 50)

Figura 49 – *Relógios de comportamento felizes*

Figura 50 – *Relógios de comportamento tristes*

Em Língua Portuguesa e após a leitura do texto relacionado com os movimentos da Terra, realizámos a interpretação e a análise de algumas palavras do mesmo. Durante a análise gramatical, questionei um aluno perguntando "Qual é a sílaba tónica da palavra rotação?" como o aluno em questão teve algumas dificuldades na identificação da sílaba, recorri às regras da

Cartilha Maternal. Posteriormente foi abordado o tema "Família de Palavras" através de palavras do texto: Sol e Terra.

Para passar à área da Matemática questionei um aluno perguntando-lhe: "Que horas são?". Após a resposta acertada do aluno iniciei a aula sobre "As Horas". Para esta aula realizei numa tela um relógio com a imagem do Planeta Terra e mais dois para explicar as meias horas e os quartos de hora. Tal como os relógios utilizados para a estratégia de comportamento, estes também tinham nome. O relógio em tela denominava-se Planeta Terra, o que estava dividido ao meio chamava-se Meia Hora e, por fim, o que estava dividido em quatro partes iguais tinha como nome o senhor Quarto de Hora. Durante esta aula expliquei todas as horas exatas, tanto do dia como após o meio-dia. Enquanto explicava este conteúdo realizava vários exemplos recorrendo ao relógio/tela e aos dos alunos. Para consolidar esta matéria fizemos uma pequena revisão das horas de acordo com o horário diário das crianças, quando entravam na escola, quando iam para o recreio, a hora do almoço, do lanche, a saída, entre outras. (Figuras 51, 52 e 53)

Figura 51 – *Relógio/tela Planeta Terra*

Figura 52 – *Relógio Meia Hora*

Figura 53 – *Relógio Quarto de Hora*

Terminei esta manhã com Estudo do Meio onde abordámos os "Movimentos da Terra" através da apresentação de um PowerPoint. Esta explicação foi sempre feita partindo dos conhecimentos dos alunos e com o apoio de vídeos, nos quais os alunos viram os dois movimentos do Planeta Terra e de uma maqueta. Para terminar a aula foram escolhidos três alunos para dramatizar os dois movimentos aprendidos na aula.

Inferências e Fundamentação

Durante a minha aula de Língua Portuguesa criei estratégias diversificadas a fim de fomentar um maior interesse, participação e um período estimulador nos alunos para que a aula não se tornasse monótona.

O ME, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo (2006) defende que na aprendizagem da escrita e da leitura é essencial mobilizar "situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever." (p.136)

Segunda-feira, 6 de junho de 2011

Durante esta manhã os alunos realizaram vários exercícios de revisão de funcionamento da língua: sinónimos, antónimos, classificação morfológica de palavras, divisão silábica e classificação quanto à sílaba tónica e classificação quanto ao tipo de frase.

Inferências e Fundamentação

É fulcral que se faça, periodicamente, revisões sobre as matérias dadas anteriormente para que o professor e os alunos se apercebam das dificuldades sentidas.

Ferreira e Santos (1994) afirmam que as revisões "revestem-se de extrema importância para a retenção dos conteúdos adquiridos." (p.58)

Terça-feira, 7 de junho de 2011

Hoje foi o dia da aula programada da Rita.

Iniciou a sua aula com a área de Língua Portuguesa, realizando com a turma a leitura e interpretação de um texto sobre os sons dos animais.

Posteriormente distribuiu pela turma um puzzle para que esta descobrisse o animal – rã – que iria ser estudado na área de Estudo do Meio. Apresentou um PowerPoint e dialogou com a turma sobre as características deste animal. No seu PowerPoint explicou a metamorfose da rã e, para que os alunos visualizassem este conteúdo de forma diferente, passou por eles alguns frascos que continham rãs reais em várias fases da metamorfose.

Terminou com Matemática, realizando um caminho – itinerário – com as peças do Cuisenaire. De acordo com as suas indicações, a turma foi realizando o itinerário para que a rã chegasse aos outros animais.

Inferências e Fundamentação

Em Língua Portuguesa, a Rita falou sempre em palavras onomatopeias, em vez de referir o termo onomatopaicas.

Amorim e Costa (2011) defendem que onomatopeias são as "palavras que imitam sons produzidos por animais, objectos ou fenómenos naturais". Já as palavras onomatopaicas têm origem nos "verbos e nomes que indicam as vozes dos animas." (p.186)

Terça-feira, 14 de junho de 2011

Mais uma manhã repleta de aulas, desta vez dada por três estagiários, a Carla e o Mário do 2.º ano e eu.

A Carla deu a sua aula sobre o vulcão, na qual os alunos visionaram um vídeo relacionado com o tema, onde observaram uma erupção vulcânica. Posteriormente, apresentou um PowerPoint com o qual explicou a constituição do vulcão, os tipos de erupções, os tipos de lava e, ainda, a diferença entre o vulcanismo primário e secundário. Terminou a sua aula com uma experiência, realizando uma erupção vulcânica do tipo efusiva.

De seguida foi a vez do Mário que deu uma aula sobre os sismos. Apresentou um vídeo onde se podia observar um sismo que ocorreu no Japão. Após ter explicado as precauções que devemos ter quando há um sismo, realizou uma simulação dentro da sala, bastante confusa e desorganizada.

Seguidamente foi a minha vez de dar a minha manhã de aulas. Iniciei com Língua Portuguesa, contando a história da Cinderela. Posteriormente, e como o conteúdo que ia lecionar era a Banda Desenhada, construímos a banda desenhada deste conto tradicional. Após ter explicado o conteúdo da banda desenhada, iniciamos a sua construção. Esta banda desenhada foi construída na parede da sala devido ao seu tamanho. À medida que as imagens eram colocadas na prancha, as legendas e as falas das personagens também o eram, recorrendo à participação dos alunos que, em simultâneo, realizavam na proposta de trabalho. As imagens da banda desenhada eram de tamanho A3 e estavam bem ilustradas. (Figura 54)

Figura 54 – *Banda Desenhada da Cinderela*

Posteriormente, em Matemática, distribui duas planificações de sólidos geométricos- cubo e paralelepípedo – para que os alunos as montassem. De seguida expliquei à turma os conceitos de faces, arestas e vértices, exemplificando com os sólidos geométricos em ponto grande. Após ter relacionado as formas das faces destes sólidos geométricos com as vinhetas e tiras da banda desenhada, exploramos o número de faces, vértices e arestas de cada sólido, bem como a forma da face e completamos uma tabela com os conteúdos aprendidos e, em simultâneo, os alunos completavam-na na sua proposta de trabalho.

Depois do almoço terminei a minha manhã de aulas, pois não me foi permitido fazê-lo na parte da manhã devido ao excessivo tempo das aulas dos outros estagiários.

Para a aula de Estudo do Meio, dividi a turma em sete grupos e apresentei um PowerPoint sobre a profissão de um ilustrador, bem como algumas ilustrações realizadas pelo ilustrador estudado e, o material por ele usado. De seguida contei a história João e o Pé de Feijão que, posteriormente iria ser ilustrada pelos sete grupos de alunos. Distribui a cada grupo uma folha A3 e um excerto da história para que a ilustrassem. Terminadas as ilustrações deste conto tradicional, recolhi as folhas e levei-as para casa para fazer uma compilação e, no dia seguinte trazer o livro ilustrado por esta turma. (Figuras 55, 56)

Figura 55 – *Capa do livro ilustrado pelo 1.º B*

Figura 56 – *Uma página do livro ilustrado pelo 1.ºB*

Inferências e Fundamentação

Para a minha aula de Língua Portuguesa, cujo conteúdo era a Banda Desenhada, realizei com a turma a banda desenhada do conto tradicional Cinderela. Para concretizar esta atividade, efetuei uma prancha com 150 cm por 100 cm e, as tiras e vinhetas, bem como as legendas e os balões de fala das personagens. As vinhetas eram de tamanho A3 e as tiras um pouco maiores, duas vezes o A3. Colori as imagens da banda desenhada de forma criteriosa e bastante apelativa. Após ter explicado e explorado o conteúdo da banda desenhada, iniciamos a sua construção. Escolhi este tipo de material, pois, quando pensei no que iria realizar, pareceu-me ser bastante apelativo e cativante e, também, por ser diferente do que, normalmente, os professores fazem quando expõem este conteúdo.

Segundo Amorim e Costa (2011) a banda desenhada apresenta algumas características que a diferenciam de outros tipos de textos. (p.46)

Na banda desenhada e, segundo estas autoras, existe: "uma sequência de imagens narrando uma história: vinheta, tira e prancha; as falas das personagens aparecem em balões diferenciados: balão de fala, balão de pensamento; a legenda é um pequeno espaço utilizado para as intervenções do narrador". (p.46)

Durante esta aula foi notório o interesse, dedicação e empenho demonstrado por esta turma na realização desta tarefa, bem como nas outras.

Sexta-feira, 17 de junho de 2011

Durante esta manhã os alunos tiveram aula de Expressão Plástica. Enquanto a aula decorria nós, estagiárias, fomos para o espaço exterior pintar cenários para colocar na exposição que iria acontecer brevemente.

Na segunda metade da manhã, e em Língua Portuguesa foi realizado um ditado.

Inferências e Fundamentação

Quando realizam um ditado, os alunos confrontam-se com algumas dificuldades, nomeadamente os erros ortográficos.

Baptista *et al.* (2011) defendem que, no que diz respeito à adoção do ditado como atividade ao serviço da aprendizagem, existe quem assinale a ausência de significado para a tarefa realizada, a qual se esgotaria na própria verificação ortográfica. Também desvaloriza a tarefa do facto de não ser prestado nenhum apoio ao aluno no momento em que é confrontado com os problemas e de não haver garantias de que aqueles que o aluno não foi capaz de resolver, serão retomados. Os que defendem o ditado, colocam em relevo o facto de esta tarefa mostrar os conhecimentos ortográficos do aluno. Acentuam as vistualidades do ditado preparado, ou seja, do ditado em que o aluno tem a oportunidade de dirigir a sua atenção para a

forma como se escrevem as palavras, antes da sua realização. Desta forma, têm a possibilidade de verificar a eficácia e o grau de sucesso das estratégias de preparação. (p.96)

Estes mesmos autores defendem, ainda, que o professor deve considerar diferentes modalidades de levar à prática o ditado e de o conjugar com as outras atividades.

Para ultrapassar o problema de a tarefa de ditado assumir por vezes um caráter artificial, podemos pensar em formatos de atividades nos quais a escrita de palavras, de frases ou de textos, a partir da sua realização oral por outra pessoa, se torne significativa, em ligação a uma função que será desempenhada pelo produto escrito ou em ligação à forma de levar à prática o processo de escrita. A tarefa do ditado tem sido objecto de muitas propostas de inovação, a fim de diversificar as formas de o realizar. (Cassany, 1998; Camps *et al.* 2004, referidos em Baptista *et al.* 2011, pp.96-97)

.

Segunda-feira, 20 de junho de 2011

Mais uma manhã de aulas da Rita.

Iniciou com Língua Portuguesa, onde os alunos leram e interpretaram oralmente um texto sobre o astronauta. De seguida, introduziu um conteúdo novo – determinantes artigos (definidos e indefinidos).

Em Estudo do Meio apresentou um PowerPoint, dialogando com a turma sobre as principais funções do astronauta.

Terminou a sua manhã com Matemática, abordando três sólidos geométricos – esfera, cilindro e cone.

Inferências e Fundamentação

Na aula de Língua Portuguesa penso que a matéria foi pouco explorada. Deveria ter havido uma maior exploração e esclarecimento por parte da Rita em relação ao conteúdo, visto que era uma matéria nova e que a turma ficou sem entender a diferença entre os determinantes artigos definidos e indefinidos.

Segundo Azeredo *et al.* (2011) o determinante artigo definido "precede um nome quando este se refere a algo que é apresentado como definido ou conhecido". O determinante artigo indefinido "precede um nome quando este se refere a algo que é apresentado como indefinido, não identificado, desconhecido." (p.186)

Caso a Rita tivesse explicado a diferença entre os dois determinantes artigos, a turma perceberia melhor este novo conteúdo.

Terça-feira, 21 de junho de 2011

Nesta manhã a Carolina deu a sua manhã de aulas. Na área de Língua Portuguesa apresentou um *Powerpoint* com três imagens de duas crianças na praia. A partir destas imagens

realizou uma composição coletiva, escrevendo-a no quadro para que, após estar terminada os alunos passarem para a folha.

Posteriormente realizou uma experiência, "Mensagem Secreta". Esta experiência consistia em escrever uma mensagem numa folha utilizando uma vela e, de seguida, esta mensagem era trocada com um colega. Após a troca, os alunos tinham de pincelar a folha que continha uma mensagem com anilina azul, utilizando um pincel.

A sua manhã terminou com Matemática. Nesta área foram resolvidas algumas situações problemáticas utilizando as operações da multiplicação.

Inferências e Fundamentação

Na aula de Língua Portuguesa a estratégia utilizada pela minha colega para realizar a composição coletiva não foi a melhor. Poderia ter escrito a composição no PowerPoint e, deste modo não teria que estar à espera que os alunos terminassem de passar para poder apagar e continuar a composição. Durante a sua aula deveria ter explicado como se realiza uma composição, assim, os alunos percebiam que tinham de respeitar determinadas regras.

A composição que a turma estava a realizar era um texto narrativo e, como tal tinham de relatar o que estava nas imagens. Segundo Pereira (2011), o texto narrativo "é um relato de acontecimentos ou ações reais ou imaginários vividos por personagens, que se desenvolvem ao longo de um tempo, num determinado lugar." (p.128)

Para efetuar uma composição há que ter em conta uma determinada estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A introdução de um texto é a parte inicial do que se vai contar. É a apresentação das personagens principais, do tempo e do espaço onde ocorrem os acontecimentos. No desenvolvimento, desenrolam-se os acontecimentos. Apresentam-se outras personagens e o relato das peripécias que vivem. Por fim, na conclusão, apresenta-se as consequências das ações das personagens e a conclusão da narrativa, isto é, o desenlace da história. (Pereira 2011, p.128)

Sexta-feira, 24 de junho de 2011

Dado o início das férias de verão estavam menos alunos no jardim-escola.

Durante esta manhã eu e as minhas colegas de estágio estivemos a ajudar a professora na ilustração de outras imagens para o trabalho de Área de Projeto. Estas ilustrações seriam apresentadas para pais e restantes alunos, tendo como tema os Contos Tradicionais lidos no decorrer do ano letivo.

Inferências e Fundamentação

É importante que a escola tenha uma boa relação com os pais e que os envolva no meio escolar.

Para Estanqueiro (2010) uma boa relação entre a escola e a família favorece o diálogo entre pais e filhos, reforçando a confiança entre professores e pais. O autor acima referido salienta que:

> é uma boa prática chamar os pais à escola para assistir a iniciativas culturais ou recreativas da escola, particularmente quando envolvem a turma dos filhos (apresentação de projectos, exposições, festas). Se as iniciativas forem interessantes, os próprios alunos (…) puxarão os pais. (p.116)

Segunda-feira, 27 de junho de 2011

Esta manhã foi iniciada com a minha aula extra. Nesta aula utilizei um material estruturado que nunca tinha usado com os alunos – Calculadoras Pappy. (Figura 57) Nesta aula fiz a revisão de como se trabalha com este material e as regras do mesmo. Utilizando as Calculadoras Pappy resolvemos duas situações problemáticas e decomposição de números.

De seguida, a Carolina deu a sua aula extra, onde efetuou um ditado.

Figura 57 – *Calculadoras Papy*

Inferências e Fundamentação

As calculadoras Papy são baseadas no Minicomputador Papy. Este material foi inventado por George Papy (1970), conhecido matemático belga, que juntamente com a sua mulher Frederique Papy (professora de matemática), influenciaram vários planos de estudos nalguns países da Europa. Este material funciona como um ábaco que combina o sistema décimal, com o sistema binário e têm como base as cores das peças do material Cuisenaire.

Este material consiste numa série de placas ou de painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente e representa um valor numérico.

Segundo Caldeira (2009) "para representar os números inteiros – no sistema décimal – as unidades colocam-se na primeira placa da direita, as dezenas na seguinte, as centenas na terceira e assim sucessivamente." Colocando as placas uma ao lado da outra, expandimos o sistema como quisermos, colocando a indicação por cima, se assim o decidirmos. (p.346)

Quando pretendemos assinalar a representação dos números podemos utilizar diversos materiais, tais como, massas, pedrinhas, contas, enfim, qualquer material que ocupe o espaço permitido pelo quarto do quadrado.

A autora acima referida menciona ainda que, "cada calculadora representa uma ordem e cada conjunto de três calculadoras equivalem a uma classe." (p.347)

Terça-feira, 28 de junho de 2011

Durante a primeira metade da manhã os alunos preencheram um crucigrama.

Posteriormente, a Rita deu a sua aula extra. Nesta aula leu a história O Nabo Gigante e, de seguida, realizou com a turma um ditado gráfico, no qual desenvolveu algumas noções de lateralidade.

Inferências e Fundamentação

Na sua aula extra, a Rita contou uma história à turma para depois realizarem um ditado gráfico da mesma.

Segundo Dohme (2010), as histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar e vários motivos existem para isso: "as crianças gostam muito; levam a uma empatia com os alunos; a variedade de temas é praticamente inesgotável; pouca exigência de recursos materiais para a sua aplicação; os vários aspectos educacionais que podem ser focados". (p.18)

Através das histórias é possível trabalhar vários aspetos com as crianças, tais como: caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico e disciplina.

A autora acima mencionada, defende que "as histórias são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos". Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto. A história traz o abstrato ao entendimento das crianças, e com isso municia-as de experiências que aumentarão a sua vivência. As histórias ensinam a criança a crescer e a pensar. (pp.23-24)

Sexta-feira, 1 de julho de 2011

Neste dia, as duas turmas do 1.º ano reuniram-se na sala da professora Anita (1.ºB), onde realizaram vários jogos. Para além dos alunos, nós estagiárias também participámos nos jogos e brincadeiras dos alunos.

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã, as crianças puderam fazer o que mais gostam e o que lhes dá mais prazer – brincar.

Dohme (2007) defende que, para desenvolver um raciocínio em favor das vantagens do uso lúdico na educação, precisamos considerar que o brincar faz parte do quotidiano da criança, é isso que ela gosta de fazer. Brincando, a criança fantasia, imita os adultos, desafia e testa as suas habilidades. Enquanto brinca, a criança cresce e adquire experiências para a sua vida adulta. (p.12)

A autora cima mencionada, salienta que a criança gosta de brincar, de fantasiar, de atender a desafios, de participar. O brincar faz parte da sua vida, "é um exercício de viver em sociedade, assim é o lúdico, através dos jogos". (p.14) Nos jogos, a criança aprende a cooperar, não de maneira forçada ou superficial, mas de forma profunda. (p.28)

Segunda-feira, 4 de julho de 2011

Neste dia entramos na última semana de estágio profissional e, dado que havia menos alunos na instituição, o 1.º e 2.º anos justaram-se na sala do 2.ºB, onde realizaram desenhos livres e jogaram nas Psp.

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã, as crianças realizaram vários desenhos livres, inclusivamente, uma criança ofereceu-me um dos desenhos que realizara.

A Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo, ME (2006) defende que o desenho infantil é uma atividade espontânea. O prazer proporcionado pelo desenrolar do traço é um jogo pessoal que suscita a representação de sensações, experiências e vivências.

O desenho é uma das atividades fundamentais de expressão, devendo ocorrer, ao longo dos quatro anos, com bastante frequência e de forma livre, permitindo que a criança desenvolva a sua singularidade expressiva.

Para realizarem os seus desenhos, o autor menciona ainda que os suportes utilizados não devem ser de dimensão muito reduzida (inferior a A4), sendo desejável que as crianças escolham os materiais e cores que melhor se adequam à sua sensibilidade.

Aos poucos e, através da introdução de diferentes materiais/suportes e de atividades sugeridas, ligadas a experiências ocorridas noutras áreas, as crianças poderão aprofundar as suas capacidades de expressão e representação gráficas. (p.92)

Assim sendo, o professor não deve estar constantemente a dirigir os desenhos das crianças, bem como os materiais a utilizar, mas sim deixá-las experimentar todos os tipos de materiais e poder escolher o que desenha e que material quer utilizar para decorar os mesmos.

Terça-feira, 5 de julho de 2011

Nesta manhã, enquanto os alunos do 1.º ano A e B brincavam na sala da professora Anita, as estagiárias deste bibe participaram na preparação do ano letivo seguinte, realizando as capas para guardar trabalhos.

Inferências e Fundamentação

Foi com enorme entusiasmo e prazer que participei na elaboração das capas para o ano letivo seguinte. Deste modo, para além de observarmos os jogos/brincadeiras dos alunos, podemos também ajudar os professores a preparar material para o ano seguinte e observar o que

tem de ser feito para que, no começo do novo ano letivo, já exista material preparado para distribuir e trabalhar com os novos alunos.

Sexta-feira, 8 de julho de 2011

Neste dia terminou mais um ano letivo e mais um momento de estágio.

Durante a manhã as estagiárias das duas turmas do 1.º ano continuaram a ajudar nos preparativos do ano letivo que se estava a aproximar.

Inferências e Fundamentação

É importante podermos ajudar as professoras na elaboração de materiais para o ano letivo seguinte, pois apercebemo-nos do trabalho que dá e que, se este não for preparado atempadamente, é muito mais difícil conseguir preparar tudo no início do ano.

1.8. **7.ª Secção**

Período de estágio: de 27 de setembro de 2011 a 18 de novembro de 2011

Faixa etária: Bibe Verde A (2.º ano) - 7 anos

Educadora Cooperante: Marta Gomes

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 58 – *7.ªSecção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Verde A, da Professora Marta Gomes, como se pode verificar na figura 58.

1.8.1. Caracterização da turma

Esta turma é constituída por 29 alunos, sendo 17 rapazes e 12 raparigas.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

A turma mostra ser muito agitada e alguns alunos revelam grandes dificuldades em se concentrarem e em estarem sossegados.

1.8.2. Caracterização do espaço

Com a observação da figura 59 – Sala do Bibe Verde A (2.º ano) – é possível observar que os alunos desta turma estão sentados a pares e que, na sala, existem três filas de carteiras. A sala, em termos de dimensão não é muito ampla, mas bastante acolhedora.

Esta está decorada com pequenos apontamentos de certas matérias e com alguns trabalhos realizados pelos alunos.

Figura 59 – *Sala do Bibe Verde A (2.º ano)*

1.8.3. Rotina diária

Quando chegam à escola, as crianças são encaminhadas para o ginásio, onde realizam alguns jogos até à hora de entrada, 9h.

Chegando à sala de aula, os alunos entre as 9h e as 9h30m terminam os trabalhos que têm em atraso, para que, de seguida, iniciem as suas aulas.

Por volta das 11h e até às 11h30m os alunos fazem uma pequena pausa para lanchar, bolachas ou fruta e para brincarem livremente, sempre com vigilância. Seguidamente vão à casa de banho e regressam à sala para dar continuidade às tarefas.

- Horário e áreas de conteúdo

Este bibe tem o seu horário estipulado entre as 9h e as 17h. Durante o período da manhã, os alunos abordam as áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio (às sextas-feiras). No período da tarde é lecionado Estudo do Meio, Educação Física, Formação Cívica, Música, Expressão Plástica, Inglês, Estudo Acompanhado e, ainda, Experiências, Biblioteca, Área de Projeto e Assembleia de Turma, como se pode observar no quadro 9.

Quadro 9 – Horário do Bibe Verde A (2.º ano)

Dias / Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h/ 11h30m	Recreio				
11h30m/12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h/12h50m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
13h/14h30m	Almoço e recreio				
14h30m/15h20m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20m/16h10m	Ed. Física	Experiências	Expressão Plástica	Inglês	Estudo Acompanhado
16h10m/17h	Formação Cívica	Biblioteca		Área de Projeto	Assembleia de turma
17h	Saída				

Educadora: Marta Gomes Ano Letivo 2010/2011
Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária

1.8.4. Relatos diários

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Hoje começou mais um momento de estágio num novo ano letivo.

Quando chegámos ao jardim-escola fomos recebidos (estagiários) pela diretora Sandra Ramalhinho, que se reuniu connosco no ginásio para uma reunião sobre o estágio do semestre que se iniciara.

Ao chegarmos à sala do 2.º ano A, os alunos estavam a realizar o mecanismo da divisão. Posteriormente, efetuaram exercícios de matemática. No decorrer destas tarefas permaneci ao lado de alguns alunos com mais dificuldades para os ajudar a chegar ao raciocínio.

Na segunda parte da manhã, a professora distribuiu a cada dois alunos uma palavra. A tarefa consistia em ler a palavra, identificar a sílaba tónica e colar a palavra na respetiva coluna. Após toda a turma ter lido, identificado e colado a palavra no local respetivo, os alunos classificaram quanto à sílaba tónica.

Inferências e Fundamentação

A abordagem realizada pela professora para explicar o mecanismo da divisão foi bastante clara e concisa.

Estanqueiro (2010) refere que o tempo dedicado à exposição oral depende da matéria, dos objetivos da aula e do nível de escolaridade dos alunos. Com alunos mais novos, a

exposição terá de ser mais breve. Uma exposição eficaz implica "organização dos conteúdos, clareza de linguagem. É preciso saber o que se diz e como se diz" (p.34)

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

A manhã teve início com uma revisão sobre as linhas: reta, semirreta e segmento de reta. De seguida, os alunos desenharam estas linhas com o auxílio de uma régua, na folha diária, e escreveram um pequeno apontamento relativo a estas linhas.

Posteriormente realizaram a leitura de um texto, a sua interpretação, a análise e a cópia do mesmo.

Inferências e Fundamentação

É importante que se façam revisões das matérias já dadas, para que o professor e também os alunos tenham noção das maiores dificuldades sentidas e para que as possam ultrapassar.

Ferreira e Santos (1994) mencionam que as revisões se revestem "de extrema importância para a retenção dos conteúdos adquiridos". Apesar de cada revisão dever ser adaptada a um caso específico, existem duas fases que devem ser respeitadas: a primeira diz respeito a "uma integrativa onde a perceção do significado é desenvolvida" e a segunda, a "uma fase de repetição na qual se desenvolve a mestria." (p.58)

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

Na área de Língua Portuguesa foi realizada a leitura de um texto, a interpretação e o conhecimento explícito da língua do mesmo. Terminadas estas tarefas foi efetuado o ditado do texto estudado anteriormente.

Inserido na área de Matemática foram realizados vários exercícios matemáticos sobre os seguintes conteúdos: dezena; meia dezena; dúzia; meia dúzia; quarteirão; centena; meia centena e milhar. Após todos estes conteúdos, os alunos resolveram algumas situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação

A última tarefa desta manhã consistiu na realização de várias situações problemáticas, onde a turma resolveu problemas.

O ME, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo (2006) defende que "a resolução de problemas exige a utilização de conhecimentos e o domínio de técnicas que, deste modo, se tornam significativas." (p.168)

Este mesmo autor salienta que o professor, na resolução de problemas, deve questionar os alunos sobre o porquê de ser assim, lançar pistas, aproveitar o erro para formular

novas questões e pedir estimativas antes de ser encontrada a solução. O professor deve, também, estimular a partilha das diversas estratégias para a obtenção de um resultado se na sua busca forem percorridos caminhos diferentes.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Nesta manhã os alunos realizaram alguns exercícios de língua portuguesa sobre a frase; a não-frase; a ordenação no espaço e no tempo; a frase escrita e a sílaba tónica. Enquanto a maioria da turma realizava as tarefas desta manhã permaneci com os outros alunos a terminar trabalhos em atraso.

No segundo tempo da manhã foram realizados exercícios matemáticos, nomeadamente caminhos/percursos mais ou menos curtos/longos; linhas e escrita de números.

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã e, a pedido da professora permaneci com alguns alunos a terminar trabalhos em atraso. Estes alunos tinham bastantes trabalhos por terminar e era importante que os terminassem para não acumular ainda mais trabalhos. No final desta manhã consegui, com grande satisfação, que os alunos terminassem tudo aquilo que tinham em atraso.

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Os alunos iniciaram esta manhã com a pintura de borboletas cujos resultados das operações estavam corretos, leitura de números e situações problemáticas.

Terminadas estas tarefas realizaram uma avaliação de cópia**.**

Inferências e Fundamentação

A realização de cópias é importante para uma maior aprendizagem da ortografia e, para que o aluno tenha a perceção dos erros que comete quando copia algo.

Baptista *et al.* (2011) mencionam que, ao realizarem uma cópia, esta contribui, de imediato, para a aprendizagem, designadamente por via lexical ou visual, pois o aluno deverá escrever as palavras que vê (lê) no texto original. No entanto, observa-se que a leitura não é processada palavra a palavra, mas que ao escrever o aluno vai operar com unidades sintáticas e de significado maiores que a palavra.

Estes mesmos autores apontam ainda que, por conseguinte, o aluno não realiza a todo o momento o confronto com o original, mas serve-se sobretudo dos seus próprios meios, ou seja, vai escrever as palavras a partir da ativação das vias que domina, quer fonológicas, quer lexicais. O resultado é que a consolidação que se esperava pode não acontecer de forma tão linear e o aluno continue a produzir vários erros na cópia, apesar da palavra correta estar ao alcance dos seus olhos. (p.94)

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Esta manhã foi iniciada com uma pequena revisão dos meses do ano e dos dias da semana.

Na área da Matemática e com o material Calculadores Multibásicos, a turma representou nas placas deste material um ano comum. Realizaram a leitura deste número por ordens e classes, decompondo-o e escrevendo-o em numeração romana.

Seguidamente, em Língua Portuguesa foi trabalhada a criação de textos através de imagens, tendo sido apresentadas algumas imagens para que a turma as ordenasse e realizasse um texto.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Língua Portuguesa foi efetuada uma criação de textos através de imagens. O ME, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo (2006) defende que para se escrever um bom texto não basta só escrever e ler muito, "é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer e de esforço da autoconfiança." (p.146)

Segundo o mesmo autor, para aprender a escrever, os alunos têm de realizar, sobre a escrita que produzem, uma série de ações semelhantes às que realizam sobre um objeto físico, isto é, têm de descobrir como, porquê e em que situações a escrita funciona. (p.146)

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Chegando à sala, os alunos realizaram vários exercícios matemáticos sobre leitura de números; operações e frações.

Em Língua Portuguesa realizaram uma breve revisão sobre as subclasses do nome. Terminada a revisão, efetuaram uma proposta de trabalho relacionada com o conteúdo acima referido, incluindo também, a divisão silábica e a sua classificação quanto à silaba tónica.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Língua Portuguesa, foi realizada uma revisão sobre a classe e subclasses do nome.

Segundo Pereira (2011) o nome

> é o núcleo (a palavra central) do grupo nominal e carateriza-se por: designar seres vivos, objetos, ações, estados, sentimentos, qualidades, etc; ser uma palavra variável, pois flexiona em género, em número e em grau; pertencer a uma classe aberta de palavras, constituída por um número não limitado de palavras que vai aumentando com a evolução da língua. (p.60)

O nome divide-se em duas subclasses, nome próprio – que individualiza uma pessoa, um lugar ou uma instituição e que se escreve com letra maiúscula inicial e nome comum – que refere todos os seres ou objetos em geral, sem especificar qual e é, geralmente, acompanhado

por um determinante. Quando designa um conjunto de objetos ou de seres da mesma espécie ou categoria, é coletivo. (p.60)

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Hoje lecionei a minha manhã de aulas.

Iniciei a área de Matemática conversando com a turma sobre a dentição de leite. Após esta conversa solicitei a ajuda dos alunos para distribuir a proposta de trabalho incluindo um breve apontamento sobre o Pictograma, enquanto colocava no quadro o pictograma relativamente grande. Expliquei o que tinham de efetuar – a fada dos dentes tinha encontrado vários dentes e nós tínhamos de colocá-los no pictograma, de acordo com as indicações deixadas por ela. Terminado o preenchimento do pictograma, efetuei algumas questões sobre este (semana em que encontrou mais e menos dentes; a diferença da semana x para a semana y; quantos dentes encontrou numa determinada semana). (Figura 60)

Figura 60 – *Pictograma*

Passando à área de Estudo do Meio apresentei um *Powerpoint* contendo os tipos de dentes e as suas funções; constituição externa e interna do dente; dentição de leite e definitiva. No decorrer da aula fui solicitando a participação dos alunos e aproveitando os seus conhecimentos. Expliquei a constituição interna e externa do dente através de um modelo feito em *kapaline*. Após terminar todas as explicações, dois alunos passaram pelos colegas para que estes retirassem de um saco um "dente" ao acaso para, posteriormente, construirmos uma

dentição definitiva numa tampa de sanita que representava os maxilares. Esta tarefa foi realizada com bastante empenho e divertimento por parte de todos. À medida que a tarefa ia sendo realizada, íamos revendo os nomes e as funções de cada dente. (Figura 61)

Figura 61 – *"Boca Gigante"*

Por fim, em Língua Portuguesa, distribui um pequeno texto sem sinais de pontuação, realizando a leitura modelo bastante rápida. Terminada a leitura, perguntei à turma se tinham percebido alguma coisa do texto. Após a resposta distribui um sinal de pontuação em *musgami*, a sua definição e o nome para realizarmos um jogo. O jogo consistia em: um aluno lia a definição que lhe calhara e os colegas que tivessem o sinal e o nome correspondente à definição colavam-nas no quadro. A estratégia utilizada foi-se alternando durante o jogo. Terminado o jogo realizamos a leitura do texto com o sinais de pontuação e, seguidamente efetuamos a análise e interpretação deste. A manhã terminou com a proposta de trabalho que consistia em ligar o sinal de pontuação à sua respetiva definição. (Figura 62, 63 e 64)

Figura 62 – *Sinais de Pontuação*

Figura 63 – *Continuação dos Sinais de Pontuação*

Figura 64 – *Conclusão dos Sinais de Pontuação*

Inferências e Fundamentação

Para lecionar a minha aula de Matemática preenchi um pictograma através dos dados de um inquérito realizado na turma.

De acordo com Grosso (2004), "dá-se o nome de pictogramas a gráficos semelhantes aos gráficos de barras, mas que utilizam figuras alusivas ao estudo que está a ser feito." (p. 38)

Para cada valor, ou intervalo de valores, da variável fazem-se corresponder figuras relacionadas com o problema em estudo, de forma que sejam proporcionadas às respetivas frequências absolutas.

O pictograma é um tipo de gráfico que, segundo o autor acima referido, tende a ser pouco rigoroso mas que facilita a apresentação da informação e é, em geral, graficamente atraente.

Existem pictogramas que utilizam uma determinada figura que representa um certo número de unidades e que repetem essa figura tantas vezes quantas as necessárias para perfazer o valor de frequência absoluta; outros vão aumentando as dimensões da figura de um modo proporcional ao valor da frequência absoluta que representa.

Para Martins *et al*. (2007), embora o pictograma seja uma representação gráfica muito sugestiva, "é necessário ter os devidos cuidados com as figuras utilizadas e com a forma como são utilizadas, já que, com alguma frequência, dão origem a representações erradas." (p.28)

Segunda-feira, 17 de outubro de 201

Nesta manhã a turma praticou exercícios de matemática sobre a decomposição de números por 10, 100 e 1000.

Em Língua Portuguesa realizaram uma revisão sobre a frase e não frase; forma afirmativa e negativa e alguns exercícios.

Inferências e Fundamentação

Durante a revisão de Língua Portuguesa, foi abordado entre outros, o conteúdo da frase e não frase.

Amorim e Costa (2011) defendem que a frase "respeita as regras da gramática; na escrita, inicia-se sempre com letra maiúscula e termina com um sinal de pontuação." (p.57)

Quando uma sequência de palavras não respeita as regras gramaticais, estamos perante uma não frase.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Esta manhã foi iniciada com a resolução de algumas situações problemáticas que incluíam as quatro operações – adição, subtração, multiplicação e divisão.

Terminadas as situações problemáticas a turma teve uma avaliação das tabuadas já aprendidas.

Na área de Língua Portuguesa a turma realizou uma proposta de trabalho que consistia em transformar as palavras do género masculino para o género feminino e escrever as frases afirmativas na forma negativa.

Inferências e Fundamentação

Na Língua Portuguesa, a nossa língua materna, as frases podem aparecer na forma afirmativa ou na forma negativa.

Entende-se por forma afirmativa as frases que afirmam uma ideia e, por forma negativa, as que negam essa ideia. Por exemplo a frase – Eu gosto de ler. – encontra-se na forma afirmativa, mas o mesmo não se verifica na frase – Eu não gosto de ler. – pois esta é uma frase negativa. Segundo Amorim e Costa (2011), além do advérbio de negação «não», "outras palavras de sentido negativo permitem formar frases negativas: ninguém, nunca e nada." (p.62)

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Hoje foi a manhã de aulas da Rita.

Iniciou a sua manhã com Língua Portuguesa. Os alunos leram, interpretaram e analisaram o texto. A meio da sua aula, a Rita foi interrompida por uma Orientadora da Prática Pedagógica, para dar aula surpresa de Matemática sobre a prova dos nove utilizando os Calculadores Multibásicos.

Terminada a aula da Rita fui surpreendida por outra Orientadora da Prática Pedagógica que me pediu uma aula surpresa de Língua Portuguesa na qual tinha de interpretar e analisar gramaticalmente um texto.

Inferências e Fundamentação

Na minha aula surpresa deveria ter interpretado o texto mais profundamente e só depois passar para a exploração gramatical.

Sim-Sim (2007) afirma que

> por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto. Tal como na compreensão do oral, o importante na leitura é a compreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interacção do leitor com o texto. (p.9)

Esta mesma autora salienta ainda que a compreensão de textos implica trabalhar histórias curtas adequadas à idade das crianças, fomentando o raciocínio dedutivo, a análise de ações, a antecipação de acontecimentos, a previsão de consequências, o raciocínio inferencial e a apreciação valorativa do texto. (p.37)

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Após a habitual leitura e interpretação de um texto do manual, os alunos realizaram um ditado.

Na área da Matemática realizaram revisões de frações utilizando material alternativo – flores. Terminadas as revisões realizaram uma proposta de trabalho para consolidar a matéria.

Inferências e Fundamentação

Na aula de Matemática e, para reverem as frações, a professora utilizou material alternativo, sendo ele, flores.

Caldeira (2009) defende que:

> o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. (…) O princípio básico referente ao uso dos materiais, consiste em manipular objectos e "extrair" princípios matemáticos. Os materiais manipuláveis devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas. (p.15)

Mansutti (1993, citada em Caldeira, 2009) define material didático como um recurso a ser utilizado num processo que combina aprendizagem e formação. Esta investigadora define a palavra "material" como "conjuntos de objectos que constituem ou formam uma obra, uma construção" e "instruir" como "transmitir conhecimentos, ensinar, adestrar, habilitar, esclarecer, exercitar, informar". (p.15)

Ao utilizarmos materiais, quer sejam estruturados ou não, temos sempre o intuito de ensinar, consolidar algo, ou seja, temos em mente um fim a atingir. Com a utilização dos materiais é mais fácil passar do concreto para o abstrato.

Hole (1997, mencionado em Caldeira, 2009) considera que o material estruturado "é o material manipulável que tem subjacente algum fim educativo". Deste modo, para ele, o material não estruturado surge como aquele que, na sua génese, não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas. Os materiais não estruturados podem ser recolhidos pelos alunos e/ou professor. (p.16)

Segundo a, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo, ME (2006) o uso dos materiais é fundamental "na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Nelas, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação". (p.168)

Prado (1998, referido em Caldeira, 2009) aponta que os materiais didáticos, são instrumentos para a aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior, com os adultos e com as outras crianças. Esta investigadora salienta que o material ao ser observado, manipulado e explorado provoca o desenvolvimento e formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas. Segundo ela, é o "médio provocador" que possibilita experiencias e situações para interagir com os adultos e com as outras crianças, para

que na primeira percepção a criança realize uma representação e em última instância chegue à conceptualização. Mas, para isso acontecer é necessário que haja uma acção educativa, orientada pelo educador, de forma a cumprir o objectivo proposto.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Esta manhã teve início com a prova mensal de Língua Portuguesa.

Após a prova e com o material Cuisenaire foram realizadas várias adições e algumas divisões, através de uma história contada pela professora.

Para terminar a manhã efetuaram uma proposta de trabalho que consistia em completar a simetria usando as peças deste material.

Inferências e Fundamentação

Através do material Cuisenaire e de uma história contada pela professora, os alunos realizaram alguns exercícios com as operações da adição e divisão.

Para realizar uma adição com este material, pede-se aos alunos que retirem da caixa do material, por exemplo, uma peça rosa e que a coloquem à sua frente na posição horizontal. Depois, solicita-se que retirem, por exemplo, uma peça encarnada e outra verde clara, unindo-as à primeira peça pela extremidade. Posteriormente e, segundo Caldeira (2009) pergunta-se: "Qual o valor da peça rosa? Qual o valor da peça encarnada? Qual o valor da peça verde clara? Vá buscar uma peça que tenha o tamanho das3 peças juntas. Qual foi a peça que descobriram?" (p.140)

Para além destas questões, também é possível questionar os alunos de outra forma. Por exemplo, poderíamos perguntar: quanto vale a peça rosa e a peça encarnada juntas? E quanto vale a peça verde clara? Ao valor das peças rosa e encarnada vamos juntar o valor da peça verde clara. Qual o valor das três peças juntas? Então, vão à caixa retirar a peça correspondente a esse valor.

Depois de realizarem os exercícios da adição, passaram aos da divisão.

De acordo com a autora acima referida, para dar a noção de divisão com este material pode-se proceder da seguinte forma: "pedirmos à criança que coloque à sua frente, na posição horizontal, uma peça verde escura". Depois perguntamos "Qual o valor que a peça tem? Agora vamos à caixa buscar peças iguais que juntas façam o tamanho da peça verde escura". Neste caso podem fazer três combinações diferentes. Se em cima da peça verde escura colocarem peças encarnadas (3) pergunta-se "Qual o valor de cada peça encarnada?", a criança vai responder que cada peça encarnada vale 2; "Quantas vezes cabe a peça encarnada na verde escura?" e a criança responde que cabe três vezes. Com este exemplo, pode-se dizer que a peça verde escura foi "dividida pela peça encarnada. A peça encarnada coube três vezes. Assim diremos: 6:2=3." (p.153)

Caso o aluno colocasse em cima da peça verde escura, peças verdes claras, as perguntas seriam semelhantes. Pergunta-se ao aluno o valor da peça verde clara, ao que o aluno responde 3 e quantas vezes cabe a peça verde clara na peça verde escura, respondendo o aluno que cabe duas vezes. Desta forma, podemos dizer que a peça verde escura foi "dividida pela peça verde clara" e que 6:3=2. (p.154)

Para a última combinação, o aluno poderia colocar peças brancas em cima da peça verde escura e, chegar à conclusão que em cima da peça verde escura podia caber seis peças brancas. Assim sendo, 6:1=6.

Para Caldeira (2009), na divisão damos à criança "o dividendo (número que se divide) e ela vai descobrir em simultâneo o divisor (número pelo qual se divide o dividendo) e o quociente (número inteiro cujo produto pelo divisor é igual ao dividendo – na divisão exacta)." (p.154)

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Nesta manhã a Rita terminou a sua manhã de aulas que fora interrompida. Voltou a realizar a leitura modelo do texto para introduzir o conteúdo "Translineação". Com frases do texto explicou o conteúdo proposto, colando-as numa cartolina alusiva às folhas diárias dos alunos colocada no quadro.

Em Estudo do Meio utilizou um planisfério solicitando aos alunos que colassem as personagens do texto nos continentes a que pertenciam. Posteriormente apresentou o mapa de Portugal e, a partir deste questionou os alunos sobre a cidade onde nasceram, viviam e passavam férias.

Devido à visita de estudo realizada pelo Bibe Encarnado, a nossa turma foi almoçar ao meio dia. Após o almoço a turma voltou à sala para que a Rita terminasse a sua manhã com Matemática. Utilizando o 5.º Dom de Froebel realizaram a construção da casa. O 5.º Dom de Froebel é constituído por 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos. Apresentam-se dentro de uma caixa de madeira em forma de cubo e, os cubos que estão dentro dela são exatamente do mesmo tamanho dos do 3.º Dom.

Inferências e Fundamentação

Na sua aula de matemática a Rita realizou com a turma a construção da casa, utilizando o 5.º Dom de Froebel.

Existem inúmeras construções possíveis de edificar com a utilização deste material.

Segundo Caldeira (2009) "com este material estão predefinidas sete construções (casa, armazém, igreja, colmeias, cruzeiro, poço e sofá). E ainda o castelo, o pinheiro, o colégio, a viloa e o centro comercial" que foram criados na disciplina de Materiais de Matemática, lecionada pela autora.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Devido ao *roullement*, a minha turma juntou-se à turma B, da professora Margarida. Durante a manhã, os alunos terminaram trabalhos em atraso e realizaram uma proposta de trabalho que consistia em ordenar frases.

Inferências e Fundamentação

Durante esta manhã de roulement, os alunos terminaram alguns trabalhos que tinham em atraso. É importante que haja um período de tempo, como o de hoje, por exemplo, para que os alunos possam terminar alguns trabalhos que tenham ficado em atraso para que, ao longo do tempo, não acumulem demasiados trabalhos por terminar.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Hoje a Carolina deu a sua manhã de aulas.

Começou com Língua Portuguesa lendo e interpretando com a turma um texto sobre o dia das bruxas. Posteriormente e, no conhecimento explícito da língua abordou os tipos de frase e a classe dos nomes. Durante a sua aula solicitou que os alunos descobrissem os envelopes que estavam escondidos. Cada envelope continha uma questão dividida em palavras. A tarefa do aluno que encontrasse o envelope era ordenar as palavras de modo a realizar a questão. Os restantes tinham que copiar as questões e responder às mesmas.

Em Matemática deu as horas. Através de um relógio com uma boa dimensão abordou a constituição de um relógio, as horas, os minutos, a meia hora e o quarto de hora.

Terminou a sua manhã com Estudo do Meio dando o conteúdo "Roda dos Alimentos". Utilizando a parte de trás do relógio realizou a roda dos alimentos. Os alunos iam completando a roda, colando os alimentos de plástico e algumas imagens, consoante as indicações dadas pela Carolina.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Estudo do Meio sobre a "Roda dos Alimentos" a Carolina nunca falou nos nomes científicos dos grupos desta. É importante que as crianças saibam esses nomes, para alargarem o seu vocabulário, bem como a função de cada grupo da roda dos alimentos.

Segundo Mota, Viana e Isaías (2011) a roda dos alimentos é constituída por "sete grupos de alimentos com propriedades nutricionais semelhantes." (p.20)

Os nomes destes sete grupos (do maior ao menor) são os seguintes: cereais e derivados, tubérculos; hortícolas; fruta; laticínios; carnes, pescado e ovos; leguminosas e, gorduras e óleos. A água, não possuindo um grupo próprio, está também representada na Roda, pois faz parte da constituição de quase todos os alimentos.

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Esta manhã teve início com a correção do trabalho de casa. De seguida, a turma realizou várias situações problemáticas com as operações da adição, subtração e multiplicação.

Na segunda parte da manhã leram um texto sobre o grafema /g/. Após o texto, concretizaram exercícios de consolidação desta consoante.

Inferências e Fundamentação

A primeira tarefa desta manhã consistiu na correção do trabalho de casa. É importante que a correção do trabalho de casa seja efetuada com os alunos para que estes tenham noção do que erraram, caso aconteça e, para que sejam esclarecidas as dúvidas que, eventualmente, possam ter surgido.

Segundo Bento (2011) algumas crianças e famílias não concordam com os TPC contudo, pesquisas sobre os resultados da realização dos mesmos indicam que uma criança que dedica um tempo ao estudo/TPC com regularidade, tem um desempenho mais positivo na escola. Considera-se assim que os benefícios académicos do trabalho de casa regular ajudam a criança a desenvolver as suas capacidades.

A família tem um papel muito importante neste processo. Juntos, família e professores podem ajudar a criança a desenvolver bons hábitos de estudo e atitudes que promovam o interesse, a autonomia e a responsabilidade, conduzindo ao seu sucesso.

Desta forma e, segundo a mesma autora, os professores passam trabalhos de casa para: "ajudar os alunos a compreender e a rever a matéria dada na sala de aula; verificar se os alunos perceberam a matéria; desenvolver a capacidade de pesquisa e utilização de informação sobre um determinado assunto, ampliando os seus conhecimentos".

Esta mesma autora menciona ainda que, o "trabalho de casa é utilizado também para fazer a ligação entre a casa e a escola mostrando o empenho do aluno".

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Chegando à sala a turma começou a descrever uma imagem. Para tal tinham de observar a imagem e realizar um texto sobre aquilo que esta continha.

Na área da Matemática, a professora fez uma revisão sobre as horas. Esta revisão foi concretizada com o auxílio do relógio da sala e de imagens de relógios desenhados no quadro. Durante esta revisão, a professora abordou as horas extas, os minutos, a meia hora e o quarto de hora. Posteriormente distribuiu imagens de relógios para que os alunos registassem as horas indicadas.

Inferências e Fundamentação

Após a observação da imagem, os alunos começaram a realizar a sua descrição, efetuando uma expressão escrita.

De acordo com o ME, Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo (2006), dar aos alunos a possibilidade de escrever, partir de e apoiar-se nas suas produções, significa construir com as crianças um percurso de descoberta e de redescoberta da Língua.

Este autor defende que "diversificar os contextos de produção, multiplicar práticas de escrita, encontrar em grupo soluções para os problemas que a construção do texto exige, permite aprofundar a compreensão da leitura, acelerar aprendizagens, organizar e desenvolver o pensamento." (p.146)

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

A manhã iniciou-se com a leitura de um texto sobre o magusto na escola. A aula da professora foi interrompida por uma Orientadora da Prática Pedagógica que surpreendeu a Carolina pedindo-lhe que continuasse com o mesmo texto e que fizesse revisões sobre os conteúdos gramaticais já dados.

Inferências e Fundamentação

Durante a sua aula a Carolina cometeu um erro. Perguntou a um aluno qual a sílaba tónica da palavra "apetitosa". O aluno respondeu que era "ti" e a minha colega aceitou a resposta, o que estava errado pois a sílaba tónica desta palavra é "to" e não "ti".

Para ajudar o aluno, penso que poderia ter escrito a palavra no quadro para que ele a visualizasse, ter explicado o que é a sílaba tónica ou ter ido pela regra da Cartilha Maternal.

Azeredo *et al.* (2011) define sílaba como "uma unidade organizada que agrupa os sons dentro de uma palavra." (p.62)

Uma palavra é formada por duas ou mais sílabas, em que, apenas uma é a sílaba tónica e, todas as outras as sílabas átonas.

Segundo Amorim e Costa (2011), a sílaba tónica é a "sílaba pronunciada com mais força ou intensidade". Já as sílabas átonas são as que se pronunciam "com menos força ou intensidade." (p.178)

Na Cartilha Maternal aprende-se, na 13.ª lição uma regra importante, a regra da sílaba forte – sílaba tónica – que ajuda as crianças a ler e a escrever melhor.

Segundo Deus (1997) a regra da sílaba forte diz-nos o seguinte: "vogal em sílaba forte lê-se como se chama, em sílaba fraca, como se estivesse no fim". (p.57)

Ao olharmos para uma palavra, podemos saber qual é a sílaba forte da seguinte forma: "se a palavra tiver um acento gráfico, essa sílaba é forte" ou se olharmos "para o fim da palavra e se ela acaba em u, i, letra consoante e não tiver acento gráfico, essa é a silaba forte". (p.57)

Através destas duas estratégias, a Carolina poderia ter ajudado o aluno na sua condução ao raciocínio.

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

Nesta manhã eu e as minhas colegas de estágio demos uma aula em conjunto. Cada uma de nós deu uma área.

A Rita iniciou a manhã com Língua Portuguesa dando um texto sobre os cinco sentidos. Após a leitura do mesmo e para a exploração gramatical realizou um jogo – Bingo – com a turma. A turma foi dividida em três grupos e, cada vez que saía um número que um grupo tivesse, respondia à questão colocada.

De seguida, a Carolina deu o sentido do paladar. Começou por vendar os olhos a um aluno para que este, utilizando todos os sentidos, exceto a visão, descobrisse no que estava a tocar. Posteriormente apresentou um *Powerpoint* contendo a imagem de uma língua com as quatro zonas assinaladas e com a respetiva legenda e duas imagens de papilas gustativas. Para que a turma pudesse provar e descobrir os quatro sabores que a nossa língua deteta, a Carolina deu a provar quatro alimentos – bolo, chocolate, limão e queijo.

Devido a faltar apenas 20 minutos para terminar a manhã, a professora deu-me a possibilidade de dar a minha aula no dia seguinte para não ser prejudicada.

Inferências e Fundamentação

Numa questão, a Rita pediu a um aluno que lhe dissesse uma frase exclamativa. O aluno não soube responder e a minha colega deu um exemplo, mas a frase que disse não era exclamativa, mas sim imperativa: "Vai já para a cama." Posteriormente, ainda deu outro exemplo, mas a frase que disse também era imperativa e não exclamativa: "Estejam já calados."

Através destes dois exemplos, que não foram os melhores, a turma ficou um pouco confusa em relação às diferenças entre as frases de tipos exclamativa e imperativa.

Segundo Azeredo *et al*. (2011) as frases do tipo imperativo são aquelas que dão ordens, transmitem instruções ou ainda formulam um pedido. (p.98) Para Pereira (2011), as frases do tipo exclamativo são as que exprimem "emoções ou sentimentos." (p.106)

Quando a Carolina deu a provar os alimentos gerou-se uma certa confusão e exaltação por parte da turma. Para ser mais rápido e mais fácil e, em vez de andar a passar por todos os alunos as caixas dos alimentos, poderia ter preparado um conjunto de copos para cada aluno. Desta forma podia pedir para que todos provassem o alimento do copo número 1 e assim sucessivamente.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

Este foi o último dia em que dei aulas a esta turma.

A minha aula, inserida na área da Matemática tinha como conteúdo as frações. Com a utilização de um material não estruturado realizado por mim – círculos partidos em várias partes – abordei o conteúdo das frações. Expliquei o conceito de fração, bem como os seus

constituintes – numerador, traço de fração e denominador. Com o material fomos sobrepondo círculos partidos em várias partes uns nos outros para compreendermos o conceito de frações equivalentes. Para terminar a aula realizamos um jogo – Dominó de Frações – também elaborado por mim. (Figura 65)

Figura 65 – *Dominó de Frações*

Inferências e Fundamentação

Após ter dado a parte teórica e prática sobre o conteúdo das frações, realizei um jogo – Dominó de Frações, realizado por mim – com a turma. Este jogo foi realizado em cima de quatro mesas unidas. Durante o jogo foi notória a alegria e o empenho da turma, tendo este funcionado muito bem. Com esta atividade verifiquei que a teoria que tinha acabado de explorar tinha ficado bem compreendida.

Para Caldeira (2009) o jogo, como proposta educativa, "nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no acto de ensinar e pode ser uma estratégia, para propiciar a aprendizagem". (p.46)

Esta mesma autora aponta que a importância dos jogos no ensino da matemática, vem sendo debatida há algum tempo, sendo bastante questionado o facto da criança, realmente aprender matemática brincando. Por isso, ao optar por trabalhar esta área do saber, por meio de jogos, o educador deve dar atenção à importância da definição de conteúdos e das habilidades presentes nas brincadeiras e à planificação da acção com o objectivo do jogo, para não se tornar mero lazer. O ensino da matemática deve também privilegiar o avanço do conhecimento das crianças, perante situações significativas de aprendizagem, em que o jogo deve acontecer de forma a auxiliar no ensino do conteúdo, propiciando a aquisição de habilidades e o desenvolvimento obrigatório da criança. (pp.46-47)

De acordo com Dohme (2007), juntar às regras e ao atrativo das brincadeiras os "conteúdos teóricos que desejamos transmitir é quase uma arte, que pode e precisa ser ensinada". Isto é a forma eficaz de entrelaçar uma atividade agradável e motivadora com o conteúdo educacional que desejamos ou necessitamos transmitir". (p.15)

Esta autora aponta, ainda que, "o jogo pode ser o condutor de um determinado conteúdo. Através da sua aplicação, pode-se despertar a motivação para determinado aspecto de uma disciplina que se irá abordar". (p.22)

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Mais um momento de estágio que termina.

Durante esta manhã os alunos realizaram uma cópia de um texto.

De seguida realizaram vários exercícios de matemática, nos quais tinham de completar as lacunas com o dobro de determinados números; as indicações da operação aritmética - multiplicação - e os quadros, de acordo com o número que vinha antes e depois do número dado.

Inferências e Fundamentação

A primeira tarefa desta manhã consistia na realização de uma cópia.

Quando os alunos realizam uma cópia e, para que esta tenha os efeitos desejados na aprendizagem da ortografia, é necessário conseguir que o aluno desenvolva "técnicas de realização da tarefa que promovam o confronto frequente com a forma da palavra no original, ou seja, que focalize a sua atenção para a maneira como a palavra se escreve." (Baptista *et al.* 2011, p.94)

Estes autores mencionam que considerando que a cópia consiste "numa reprodução (manuscrita ou por outro meio) do texto original, uma possibilidade de tirar partido desta actividade é inseri-la numa situação em que essa reprodução cumpra uma função clara para o aluno." (p.94)

1.9. **8.ª Secção**

Período de estágio: de 21 de novembro de 2011 a 27 de janeiro de 2012

Faixa etária: Bibe Azul-escuro A (4.º Ano) - 9 anos

Educadora Cooperante: Alice Neto

Local: Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

Figura 66 – *8.ª Secção*

Nesta secção serão apresentados os relatos diários vivenciados no Bibe Azul-escuro A, da Professora Alice Neto, como se pode verificar na figura 66.

1.9.1. Caracterização da turma

A turma do 4.º A do Jardim-Escola João de Deus- Olivais é composta por 22 crianças, 6 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Todas as crianças têm 8/9 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.9.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul-escuro A é bastante ampla e bem iluminada pela luz solar.

Os alunos encontram-se sentados em pares e, a disposição das mesas está feita em filas.

Na sala, é possível observar pequenos trabalhos que os alunos realizam na aula de Expressão Plástica.

Esta sala está equipada com um quadro interativo e um quadro normal (de giz). (Figura 67)

Figura 67 – *Sala do Bibe Azul-escuro A (4.º Ano)*

1.9.3. Rotina diária

Ao chegarem à sala, a primeira tarefa dos alunos consistia em terminar os trabalhos em atraso. Posteriormente a professora iniciava as suas aulas.

A meio da manhã, a turma fazia uma pausa, para lanchar e brincarem no espaço exterior, sempre que as condições atmosféricas o permitem.

- Horário e áreas de conteúdo

O horário deste bibe está estabelecido entre as 9h e as 17h.

Na parte da manhã os alunos têm as áreas de Língua Portuguesa, Matemática e, às sextas-feiras, Experiências. O período de aulas da parte da manhã termina por volta das 12h e 50m, hora a que os alunos se preparam para irem almoçar.

No período da tarde, são lecionadas as áreas de Educação Física, História, Expressão Plástica, Estudo do Meio, Inglês, Música, Área de Projeto, Estudo Acompanhado e, ainda Biblioteca e Assembleia de Turma. O dia de aulas finda às 17h. (Quadro 10)

Quadro 10 – Horário do Bibe Azul-escuro A (4.º Ano)

Dias / Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h/ 11h30m	Recreio				
11h30m/12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h/12h50m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Experiências
13h/14h30m	Almoço e recreio				
14h30m/15h20m	Ed. Física	História	Estudo do Meio	Música	Matemática
15h20m/16h10m	Expressão Plástica	Biblioteca	Inglês	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado
16h10m/17h		Estudo do Meio	História	Área de Projeto	Assembleia de turma
17h	Saída				

Educadora: Alice Neto Ano Letivo 2010/2011
Este horário poderá sofrer alterações com o desenrolar das atividades diária

1.9.4. Relatos diários

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

Hoje iniciou-se mais um momento de estágio.

A manhã teve início com a realização de trabalhos em atraso. Posteriormente abordaram, na área da gramática, os diferentes tipos de sujeito.

Na segunda parte da manhã, as duas turmas de 4.º ano juntaram-se no ginásio para que os professores atribuíssem aos alunos os papéis das personagens da festa de natal.

Inferências e Fundamentação

Existem dois tipos de sujeito: o que está expresso (o que pode ser simples ou composto) e o que não está expresso – o sujeito nulo.

O sujeito simples é constituído por apenas um grupo nominal (cujo núcleo é um nome ou pronome) ao qual se associam, e com o qual concordam, outras palavras e por uma oração. Já o sujeito composto é constituído por mais do que um grupo nominal ou por mais do que uma oração. (Azeredo *et al*. 2006, p.108)

O sujeito nulo apresenta variantes: pode ser nulo subentendido, nulo indeterminado ou nulo expletivo.

Para Amorim & Costa (2006) o sujeito nulo subentendido "ocorre quando podemos subentender o sujeito, colocando o pronome adequado." Já o sujeito nulo indeterminado "ocorre quando não se sabe quem praticou a acção." Por fim, o sujeito nulo expletivo "ocorre quando os verbos são impessoais" e estão sempre na 3.ª pessoa do singular, deste modo, não é possível acrescentar o pronome pessoal. As frases com sujeito expletivo são aquelas que se constroem

com os verbos que indicam fenómenos da Natureza e o verbo "haver" quando significa "existir". (p.67)

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

A primeira tarefa desta manhã consistiu na leitura e interpretação oral de um texto do manual. Após o funcionamento da língua realizaram um ditado.

Na área da Matemática fizeram revisão do perímetro do quadrado, triângulo e retângulo para introduzirem o perímetro do círculo. Para introduzir este novo conteúdo a professora abordou as origens do π (Pi).

Inferências e Fundamentação

Para introduzir o perímetro do círculo foi importante que a professora tivesse contado quais as origens do π.

Para Apostol (2000) o número π é definido

> como sendo a razão do perímetro da circunferência para o seu diâmetro. Se C denota o perímetro e d o diâmetro, então por definição π = C/d e portanto C = pd. Esta fórmula exprime o perímetro em função do diâmetro. Escreve-se geralmente C=2 πr. (p.15)

A letra π, segundo Ruas e Grosso (2002) é a letra inicial da palavra grega $\pi\varepsilon\rho\iota\varphi\varepsilon\rho\iota\alpha$, que significa "periferia". Lê-se pi e representa a razão constante existente entre o comprimento de uma qualquer circunferência e o seu diâmetro e parece ter surgido como consequência natural da descoberta da roda. Geometricamente, π é o comprimento de uma circunferência, ou o perímetro de um círculo, de diâmetro igual à unidade. (p.46)

Foi graças a Arquimedes que se determinou o valor aproximado de π. Foi no século XVIII que se calculou o valor de π com 100 casas decimais. O valor de π com 50 casas decimais é o seguinte: π = 3,141 592 653 589 793 238 462 643 383 279 502 885 199 169 39932510… Contudo, para calcular o perímetro ou a área de um círculo utilizamos apenas o valor de 3,14.(p.47)

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Devido a algumas dúvidas de um aluno, a professora fez uma breve revisão dos determinantes artigos definidos e determinantes demonstrativos.

Posteriormente realizaram algumas revisões sobre os movimentos da Terra; continentes e oceanos e corpo humano (órgãos, ossos e músculos), pois iam ter prova brevemente.

Devido ao professor do Clube de Ciências ter faltado, a professora reveu alguns conteúdos de História de Portugal como preparação para a prova.

Inferências e Fundamentação

Como se pode verificar no relato diário acima descrito, esta manhã foi recheada de revisões de várias áreas e conteúdos.

É fulcral que o professor realize revisões para que os alunos possam expor as suas dúvidas e, até para que o professor se aperceba das maiores dificuldades sentidas pelos alunos. Desta forma, as revisões são tão importantes para os alunos, como para os professores.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Esta manhã foi iniciada com a prova de avaliação do 1.º período de Língua Portuguesa. Até à hora do recreio, a maioria dos alunos realizou a parte correspondente à interpretação do texto, conhecimento explícito da língua e iniciaram a expressão escrita. Após o recreio, todos concluíram a expressão escrita.

Inferências e Fundamentação

Uma vez que hoje era dia de prova de avaliação do 1.º período de Língua Portuguesa e, uma vez que este ano irá realizar uma prova de aferição, penso que, o modelo da prova realizada deveria ser igual ao da prova de aferição. Assim sendo, a prova estaria dividida em duas partes e, como tal, a primeira parte poderia ser realizada antes do recreio e, a segunda, após o recreio. Caso isto acontecesse, quando fossem para o intervalo, todos os alunos tinham acabado a primeira parte e, todos teriam feito a mesma coisa, o que não aconteceu, uma vez que uns iam mais avançados e outros, um pouco atrasados.

Uma das três partes constituintes desta prova de avaliação consistia na competência de conhecimento explícito da língua.

Por conhecimento explícito da língua entende-se a progressiva consciencialização e sistematização do conhecimento implícito no uso da língua.

Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) afirmam que, no âmbito da língua materna (domínio do Português padrão, leitura e escrita), a consciencialização do conhecimento implícito facilita a referência aos conteúdos a trabalhar, ajuda os alunos a descobrirem as regras gramaticais que usam (e as que devem usar) e permite a identificação rápida das dificuldades que manifestam no uso que fazem da língua.

Assim, na perspetiva da educação básica, é função da escola promover o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos com o grau de sistematização necessário para que possam mobilizá-la com objetivos estritamente cognitivos e com objetivos instrumentais. (Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997 pp.30-31)

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Devido ao *roullement* a minha turma juntou-se ao 4.º ano B, na sala do professor Hugo. Nesta manhã os alunos realizaram algumas revisões para a prova de matemática. Nesta revisão foram abordados os seguintes conteúdos: área e perímetro do retângulo, triângulo e círculo; classificação de triângulos quanto aos lados e aos ângulos; numeração romana e reduções.

No Clube de Ciências realizaram uma experiência com espelhos e lentes – leis da reflexão e refração.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula do Clube de Ciências gerou-se uma certa confusão e indisciplina. Quando o professor titular da sala chegou e, após saber do que se tinha sucedido conversou com os alunos sobre o mau comportamento destes durante as aulas de outros professores.

Estanqueiro (2010) defende que o professor deve repreender os comportamentos incorretos, com bom senso e coerência, de acordo com a situação e não conforme as suas simpatias ou a disposição de momento. As repreensões fazem sentido quando o aluno precisa.

Perante um comportamento indisciplinar, o professor ganha se esperar alguns segundos, antes de reagir. Ficar quieto e olhar o aluno de frente, em silêncio, é uma resposta inesperada que interpela os alunos habituados a reações impulsivas. Além disso, permite ao professor pensar numa repreensão construtiva.

Para este autor "uma boa repreensão refere-se apenas a um comportamento concreto e faz-se em poucas palavras, com firmeza e serenidade, sem gritos." (p.68)

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Mais uma manhã que se iniciou com uma prova de avaliação, desta vez de Matemática.

Após a prova a turma realizou um exercício – expressão escrita – que consistia em atribuir um nome, uma idade, descrever a aparência física, a profissão e o caráter da personagem representada numa imagem. Tinham também de situar a ação no tempo e no espaço, imaginando como estava o dia, que horas eram e onde aconteceu a ação.

Esta manhã terminou com a concretização de um ditado.

Inferências e Fundamentação

A expressão escrita que a turma realizou foi bastante interessante, sendo um pouco diferente das habituais, em que lhes é dado um título ou solicitado que escrevam um final de um texto.

Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) defendem que a expressão escrita consiste no processo complexo de produção de comunicação escrita. É um meio poderoso de comunicação e

aprendizagem que requer o domínio apurado de técnicas e estratégias precisas, diversas e sofisticadas. As funções da escrita são múltiplas e variadas: escreve-se para identificar algo ou alguém, para mobilizar a ação, para recordar, para satisfazer pedidos ou exigências, para refletir, para aprender e para criar. Os objetivos da escrita determinam o formato da produção, que precisa de ser consistentemente ensinado e treinado – desde a atenção às variáveis situação, tarefa a realizar e destinatário até às técnicas e estratégias envolvidas em produtos escritos de diferente grau de complexidade (escrita não compositiva, escrita compositiva para relato de conhecimento e para elaboração de conhecimento). (pp.29-30)

Deste modo, o ensino da expressão escrita não se esgota no conhecimento indispensável da caligrafia e da ortografia, mas abarca processos cognitivos que comtemplam o planeamento da produção escrita (seleção de conteúdos a transmitir e a sua organização), a formatação linguística de tais conteúdos (seleção dos itens lexicais que os exprimem com maior precisão, sua formatação em sequências bem formadas, coesas, coerentes, e adequadas), o rascunho, a revisão, correção e reformulação e, finalmente, a divulgação da versão final para partilhar com os destinatários.

As autoras acima referidas apontam ainda que, na perspetiva da educação básica, é função da escola garantir a aprendizagem das técnicas e das estratégias básicas da escrita (incluindo as de revisão e autocorreção), bem como o domínio pelos alunos das variáveis essenciais nela envolvidas – nomeadamente, o assunto, o interlocutor, a situação e os objetivos do texto a produzir. Dado o papel da linguagem escrita na aprendizagem de todas as disciplinas curriculares, a escola deve igualmente ensinar a usar a expressão escrita como instrumento de apropriação e transmissão do conhecimento. (p.30)

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Hoje os alunos realizaram exercícios matemáticos sobre a soma de números complexos.

Após esta tarefa corrigiram, oralmente, a prova de avaliação de Língua Portuguesa.

Inferências e Fundamentação

Na minha opinião é importante que as correções das provas sejam realizadas com os alunos. Deste modo, os alunos têm uma maior perceção do que erraram e podem tirar as suas dúvidas, de imediato, ou, caso tenham alguma resposta incompleta, saber o porquê, o que faltou para que a resposta estivesse completa.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Mais um dia de roulement e, como tal a turma B, do professor Hugo juntou-se à A, na nossa sala. Começaram por resolver situações problemáticas para, de seguida, realizarem a cópia de um texto. Posto isto, conjugaram o verbo "correr" no modo indicativo e condicional.

A manhã terminou com a aula do Clube de Ciências onde terminaram a experiência da semana passada.

Inferências e Fundamentação

A última atividade desta manhã foi a aula do Clube de Ciências. É importante que os alunos, contatem com esta ciência desde cedo.

Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007a) defendem a "necessidade de uma educação em ciências desde cedo, orientada para a formação de cidadãos capazes de lidar, de forma eficaz, com os desafios e as necessidades da sociedade actual." (p.11)

Inicialmente, através do seu brincar e, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia. Estarão, assim, criadas as condições para dar os primeiros passos em pequenas investigações, as quais se pretendem progressivamente mais complexas. (p.12)

De acordo com Pereira (2002), até há algumas décadas, a escola preocupava-se em educar cientificamente os jovens com o objectivo de lançar as bases da formação de futuros cientistas. Esta constituiu durante muito tempo a visão dominante sobre o que seria educar para a ciência: educar em ciência para ter uma profissão ligada à ciência.

Esta perspectiva assentava sobretudo numa forma de conceber e abordar a educação científica como a aquisição dos produtos da ciência, sendo enfatizados os factos, conceitos e teorias científicas. Estes eram objecto de aprendizagem de forma descontextualizada, sem ligação a situações de uso e sem articulação entre teoria e prática científica. Esta concepção era, ainda, acompanhada por uma imagem de ciência como traduzindo verdades imutáveis e não raro associada a uma visão estereotipada sobre a existência de um método científico único, pressupondo que a partir dos factos se podia indutivamente alcançar a compreensão científica. (p.29)

Segundo esta autora, a investigação educacional tem, por outro lado, vindo a mostrar "a necessidade de repensar o modo como tradicionalmente vem sido praticado o ensino das ciências, pondo em causa a adequação dos currículos aos jovens de hoje, a imagem de ciência transmitida e as práticas de ensino usadas por muitos professores." (p.29)

Face a esta constatação e ao facto de as sociedades actuais serem cada vez mais dependentes da ciência e da tecnologia, tem vindo a fazer-se ouvir, cada vez mais, algumas vozes que apontam para a necessidade de pautar a educação para a ciência por outras

finalidades, mais amplas e dirigidas ao comum do cidadão que deverá movimentar-se, cada vez mais, numa sociedade fortemente marcada e condicionada pela ciência e pelas realizações tecnológicas.

De acordo com a autora acima mencionada, nos últimos anos do século XX, face a estas constatações e experiências e face à tendência actual para o aumento da escolaridade obrigatória, foi emergindo um consenso geral sobre a necessidade de orientar a educação científica, a nível da escolaridade básica, para a aquisição de uma alfabetização científica básica, ou literacia científica. Esta educação deverá permitir formar cidadãos, não necessariamente cientistas, capazes de lidarem com os aspectos científicos da vida social e da sociedade. Neste contexto, educar para a ciência significará educar para a aquisição e desenvolvimento da literacia científica e lançar as bases da educação em ciência com intuitos vocacionais. (pp.29-30)

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Uma vez mais, a manhã principiou com uma avaliação de operações.

Seguidamente, em Língua Portuguesa aprenderam um conteúdo novo – as interjeições. Quando a professora terminou de expor a matéria, realizou com os alunos exercícios de consolidação que foram corrigidos oralmente.

Inferências e Fundamentação

Na área de Língua Portuguesa foi trabalhado o conteúdo das interjeições.

Uma interjeição, segundo Azeredo *et al.* (2011) é uma "palavra invariável pertencente a uma classe aberta de palavras que não desempenha qualquer função sintática e tem uma função exclusivamente emotiva." (p.273)

Amorim e Costa (2006) acrescentam que na oralidade as interjeições "são enunciadas com uma entoação exclamativa; na escrita, a entoação exclamativa é assinalada pelo ponto de exclamação." (p.168)

As interjeições são classificadas de acordo com as reações emocionais que exprimem.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Esta manhã foi ocupada por duas avaliações. Uma de Língua Portuguesa, no primeiro período da manhã e outra de Matemática, a seguir ao recreio.

Inferências e Fundamentação

No decorrer desta manhã, os alunos realizaram duas avaliações. Com estas avaliações, alunos e professores têm uma informação da evolução da aprendizagem dos alunos.

Maria e Boas (2006) afirmam que a avaliação acontece de várias formas na escola. É muito conhecida a avaliação feita por meio de provas, exercícios quase sempre escritas. (p.18)

Quando os alunos realizam os testes, o professor percebe o que o aluno já aprendeu e o que ainda não aprendeu, para que se providenciem os meios para que ele aprenda o necessário para a continuidade dos estudos.

A avaliação é vista como uma grande aliada do aluno e do professor. Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno. Enquanto o trabalho se desenvolve, a avaliação também é feita. Aprendizagem e avaliação andam de mãos dadas – a avaliação sempre a ajudar a aprendizagem. (p.25)

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Após terminarem alguns trabalhos em atraso, realizaram uma cópia de um texto do manual. Terminada a cópia, os alunos puderam fazer desenhos livres.

A manhã terminou com a aula do Clube de Ciências, onde abordaram os vulcões.

Inferências e Fundamentação

Mais uma manhã que terminou com a aula do Clube de Ciências.

Neste relato, fundamento as finalidades da Educação em Ciências.

Segundo Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007b) pretende-se que sejam enunciadas finalidades actuais da Educação em Ciências e que seja aprofundado o seu significado, para que os professores possam desenvolver compreensão sobre o para quê ensinar Ciências no 1.º Ciclo do Ensino Básico e, consequentemente, para o como ensinar Ciências. (p.18)

A consciencialização que foi emergindo, desde as décadas de oitenta e noventa do século XX, sobre a necessidade de promover, de forma eficaz, uma formação no domínio científico-tecnológico obrigou (…) a repensar as finalidades da Educação em Ciências e a galvanizar uma cultura para a Ciência escolar, assente na literacia científica para um público informado. Por exemplo, o documento norte-americano *National Science Education Standards* (NRC, 1996) salienta que, num mundo repleto de produtos e de indagação científica, a literacia científica é uma necessidade para todos, porquanto: (a) todos precisamos de utilizar informação científica para fazer escolhas que se nos apresentam a cada dia; (b) todos precisamos de ser capazes de nos envolver em discussões públicas sobre questões do domínio público que se relacionam com a Ciência e com a Tecnologia; e (c) todos merecemos partilhar da emoção e da realização profissional que pode advir da compreensão do mundo real. (p.18)

Os autores acima mencionados referem ainda que, a Educação em Ciências deve ser vista, primeiramente, como promotora da literacia científica. Deste modo, consideram-se como finalidades da Educação em Ciências:

> promover a construção de conhecimentos científicos e tecnológicos que resultem úteis e funcionais em diferentes contextos do quotidiano; fomentar a compreensão de maneiras de pensar científicas e quadros explicativos da Ciência que tiveram (e têm) um grande impacte no ambiente material e na cultura em geral; contribuir para a formação democrática de todos, que lhes permita a compreensão da Ciência, da Tecnologia e da sua natureza, bem como das suas inter-relações com a sociedade e que responsabilize cada indivíduo pela sua própria construção pessoal ao longo da vida; desenvolver capacidades de pensamento ligadas à resolução de problemas, aos processos científicos, à tomada de decisão e de posições baseadas em argumentos racionais sobre questões sócio-científicas e, promover a reflexão sobre os valores que impregnam o conhecimento científico e sobre atitudes, normas e valores culturais e sociais que, por um lado, condicionam, por exemplo, a tomada de decisão grupal sobre questões tecnocientíficas e, por outro, são importantes para compreender e interpretar resultados de investigação e saber trabalhar em colaboração. (pp.19-20)

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Devido ao facto do segundo período só se iniciar no próximo dia, os alunos passaram a manhã a brincar. Foi solicitado aos estagiários que planeassem jogos, a fim de os realizarmos com os alunos. Os estagiários do 1.º Ciclo ficaram com os alunos deste ciclo e os estagiários do pré-escolar ficaram encarregues dos alunos do pré-escolar. Após as distribuições foram realizados vários jogos tradicionais.

Inferências e Fundamentação

A manhã de hoje foi recheada de atividades bastantes lúdicas.

Para Dohme (2007) "as atividades lúdicas estimulam a participação, criam um ambiente agradável, de cumplicidade entre o educador e o aluno, aumentando a aceitação e o interesse." (p.12)

Jogar é ter um fim em si mesmo, os jogadores entram no mundo lúdico e praticam diversas ações com vontade, às vezes com extremo vigor, mas sabem que têm a garantia de voltar ao "mundo real" quando o jogo terminar. A mais interessante característica do jogo é que os jogadores experimentam múltiplos sentimentos e experiências educativas diferentes, que podem ser usadas na vida quotidiana. Assim sendo, os jogos são instrumentos importantes para a educação das crianças. (p.21)

Segundo a mesma autora, "o jogo é uma excelente solução, porque com ele se pode trabalhar o desenvolvimento pessoal ao lado do exercício da vida em grupo". Com o jogo, podemos trabalhar o desenvolvimento físico, intelectual, artístico, criativo, dos sentimentos, afetivo, social e ético. Ele colabora tanto no aperfeiçoamento físico, como na destreza, no quotidiano, no equilíbrio e acuidade dois sentidos, como no aperfeiçoamento mental,

desenvolvendo a atenção, a memória, o raciocínio e a lógica e, ainda, no aperfeiçoamento do relacionamento social, como o convívio com regras e a vida em equipa. (pp.21-22)

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Após uma conversa sobre as férias do natal, foi efetuada uma ficha de revisões de matemática sobre poliedros, prismas, pirâmides e poliedros regulares.

Inferências e Fundamentação

Com a resolução da ficha de revisões de matemática, a professora, bem como os alunos aperceberam-se das dificuldades sentidas.

É importante que, a determinada altura, se realize uma proposta deste género para que, tanto o professor como o aluno percebam o que não ficou compreendido, para que, de seguida possam voltar a esses conteúdos e completar a aprendizagem.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

A manhã de hoje teve início com um ditado de um texto. De seguida, realizaram uma avaliação de uma composição. Através de uma imagem, os alunos elaboraram uma composição utilizando as palavras apresentadas. Na composição era permitido inventar as personagens e obrigatório localizar a ação no tempo e no espaço.

Esta manhã findou com a aula de Clube de Ciências, na qual a turma preencheu um inquérito sobre o que achava que ia ver na visita de estudo à Tapada de Mafra.

Inferências e Fundamentação

Durante a aula de Clube de Ciências, os alunos responderam a um inquérito sobre o que pensavam que iriam observar durante a visita de estudo à Tapada de Mafra.

Pereira (2002) defende que o professor "poderá incentivar as crianças a pensar no que esperam ir observar e no que gostariam de ver. O professor poderá incentivar os alunos a pensarem em perguntas que, uma vez no terreno, gostariam de ver respondidas". Estas questões poderão, inclusive, ser discutidas pela turma e organizados pequenos grupos de crianças que distribuirão entre si as perguntas a fazer. (p.191)

A mesma autora menciona ainda que é importante que os alunos "saibam onde vão, quais os horários aproximados, além das indicações concretas que é necessário respeitar uma vez no local". Além destes aspetos práticos, é necessário que o professor partilhe com as crianças o que se pretende com a visita. (p.191)

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Mais uma manhã que se iniciou com a realização de um ditado. Posteriormente foi efetuada a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto.

Na área da Matemática os alunos realizaram a correção do desafio escolar, sobre cálculos mentais; equivalências; traçar o raio, diâmetro, tangente, corda e secante e leitura de números por ordens, classes e referindo a última ordem.

Inferências e Fundamentação

Uma das tarefas do desafio escolar consistia em traçar numa circunferência o raio, o diâmetro, a corda, a reta secante e a reta tangente.

Alain (2001) define raio como "um segmento que une o centro a um ponto da circunferência. «Raio» designa ao mesmo tempo um segmento e um comprimento". O diâmetro é definido por este autor como "uma corda que passa pelo centro da circunferência. Diz-se, dos seus extremos, que são pontos diametralmente opostos. Todo o diâmetro é eixo de simetria da circunferência." (p.225)

Segundo Ortega (2008) a corda é "um segmento de reta cujas extremidades pertencem à circunferência". Os segmentos determinados por dois pontos quaisquer da circunferência são cordas desta. Uma reta é secante a uma circunferência "se ela intercepta a circunferência em dois pontos quaisquer". A reta secante é perpendicular ao raio pelo seu ponto médio". Já a reta tangente "intercepta em um único ponto". Esta reta é perpendicular ao raio no seu ponto de tangência.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Durante o primeiro período da manhã, os alunos estiveram a resolver situações problemáticas. Enquanto efetuavam estes exercícios, a Orientadora Isabel Ruivo entrou na sala pedindo à Rita uma aula surpresa. Primeiramente, o tema da sua aula seria o complemento oblíquo, mas uma vez que disse que não sabia, o seu tema passou a ser o predicativo do sujeito. No decorrer da sua aula surpresa os alunos realizaram a leitura do texto, responderam às questões de interpretação e analisaram algumas frases do texto (no quadro), a fim de abordarem o predicativo do sujeito.

Após a aula surpresa da Rita, a Carolina foi surpreendida pela mesma orientadora, com uma aula de matemática, cujo tema era a divisão com dois algarismos no divisor. Para dar a sua aula recorreu a algumas situações problemáticas.

Inferências e Fundamentação

Penso que o que mais faltou na aula da Rita foi o facto de não ter explicado o que era um verbo copulativo, o predicativo do sujeito nem a sua função.

Segundo Pereira (2011), o verbo copulativo "seleciona um predicativo do sujeito. Os verbos copulativos exprimem propriedades como, por exemplo, qualidades ou estados. É o caso dos verbos «ser», «estar», «ficar», «permanecer», «continuar», etc." (p.70)

No decorrer da aula da Carolina notei que esta estava um pouco insegura. Quando verbalizou as situações problemáticas, penso que deveria tê-lo feito com mais calma, dando mais enfase às questões, pois os alunos não perceberam quais as perguntas a que tinham de responder. Para terminar, penso que deveria ter circulado pela sala, verificando se os alunos estavam a realizar o que fora solicitado, o que não aconteceu.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

A primeira tarefa desta manhã e, após a leitura do texto foi responder por escrito às perguntas de interpretação do texto.

Para terminar mais uma manhã fruíram da aula de Clube da Ciência, onde observaram e manipularam várias rochas vulcânicas.

Inferências e Fundamentação

Para responderem às perguntas de interpretação do texto é importante que os alunos tenham compreendido o texto e tudo aquilo que leram lhes faça sentido.

Para uma boa compreensão de textos devem existir algumas estratégias.

Sim-Sim (2007) salienta algumas estratégias, como por exemplo, uma compreensão global de todo o texto ou de partes específicas do mesmo e interligações entre as partes específicas; uma exploração do tema central, das personagens principais, dos acontecimentos determinantes e que haja uma exploração do significado mais profundo do texto através da discussão coletiva. (pp.37-38)

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

Enquanto a turma realizava um ditado, a Orientadora Paula Colares Pereira surpreendeu-me com uma aula surpresa de Matemática, com a utilização do material Cuisenaire para introduzir a noção de volume. Comecei a aula por explicar o que era o volume, utilizando algumas peças para o fazer. No decorrer da aula fui perdendo a motivação pois estava a pedir que me construíssem um sólido com determinadas unidades de volume, sem ter explicado a forma deste. Admito que foi uma aula que não me correu bem e que nem gostei de dar, não pelo comportamento da turma, mas por não me sentir nos melhores dias.

Inferências e Fundamentação

Na minha aula surpresa de Matemática comecei por definir o conceito de volume, partindo das ideias que os alunos me davam.

De acordo com Palhares (2004) o volume de uma figura tridimensional "é a quantidade de espaço que ela ocupa". (p.397)

Com o material Cuisenaire e, para medirmos o volume de uma figura tridimensional C, temos que escolher uma unidade de volume e calcular quantas vezes a unidade "cabe" em C.

geralmente, utiliza-se como unidade de volume um cubo cuja aresta mede uma unidade de comprimento, a qual se designa por cubo unitário. (Caldeira 2009, p.167)

Segundo esta autora, ao pedirmos aos alunos atividades em que têm de descobrir as unidades de volume de determinadas figuras, estes constroem, "a partir de modelos (cubos), uma ideia matemática mais explícita sobre as figuras matemáticas." (p.167)

Com o uso de materiais manipuláveis, as capacidades dos alunos para pensar, raciocinar e resolver problemas são melhoradas.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Hoje a Carolina deu uma aula extra de matemática. Utilizando o 5.º Dom de Froebel realizou duas construções inventadas por si, utilizando apenas uma caixa deste material. As construções realizadas foram a "Lebre e a Tartaruga". À medida que terminava de edificar uma construção, realizava uma situação problemática.

Por volta das 10h fomos assistir, no ginásio, a uma pequena dramatização dos Supersorrisos sobre a Higiene Oral.

Regressando à sala, os alunos terminaram as situações problemáticas da aula da Carolina.

Posteriormente fomos chamadas (estagiárias) para ir assistir às aulas surpresa das colegas Sara Figueiredo e Inês Pereira, solicitadas pela diretora Sandra Ramalhinho. A aula da Sara consistia em ler e interpretar um texto sobre os meninos de todas as cores. Já a aula da Inês consistiu em realizar três situações problemáticas sem material estruturado.

Inferências e Fundamentação

Na sua aula, a Sara atrapalhou-se na distinção e explicação dos graus dos adjetivos, mas passado alguns instantes conseguiu explicar a diferença entre o grau superlativo absoluto sintético e o grau superlativo absoluto analítico.

Segundo Letra (2005) quando o adjetivo está no grau superlativo absoluto "estabelece o seu valor mais elevado sem fazer comparação." (p.102) Se quisermos escrever o adjetivo no grau superlativo absoluto sintético, ao radical da palavra acrescenta-se o sufixo –íssimo(a), exemplo: altíssimo. Se for no grau superlativo absoluto analítico, colocamos um advérbio antes do adjetivo no seu grau normal, exemplo: muito alto.

As situações problemáticas usadas na aula da Inês não estavam bem pensadas nem eram adequadas, pois uma pessoa/criança não compra 750 metros de tecido a 2€ cada metro. Deveria ter explicado as situações problemáticas com mais calma, a fim de os alunos poderem entender o que era pretendido pela Inês.

Na resolução de um problema é necessário ter em conta o nível operatório do aluno, para que a questão a apresenta não seja demasiado fácil, tornando-se a sua solução numa rotina

por aplicação de uma estratégia já memorizada. Contudo, também não pode ser demasiado complexa, pois corre o risco do aluno não conseguir encontrar a resposta correta. (Morgado 1993, p.80-81)

Uma situação problemática, segundo esta autora, deve ser "motivante para o aluno, o que implica que o seu enunciado se encontre relacionado com a sua vida de todos os dias, fazendo apelo aos seus conhecimentos e às suas actividades usuais." (p.81)

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Hoje o dia foi bastante diferente, pois os 3.º e 4.º anos realizaram uma visita de estudo à Tapada de Mafra durante todo o dia. No decorrer da visita pudemos observar alguns animais como veados, gamos, javalis e aves de rapina. Posteriormente à visita pela tapada realizada num comboio, assistimos ao voo das aves de rapina.

Após o almoço realizamos o jogo da caça ao tesouro.

Foi sem dúvida um dia diferente e bem passado, na companhia de alguns animais e rodeados pela natureza.

Inferências e Fundamentação

A organização das visitas de estudo consiste numa das formas de aproveitamento possível e as visitas poderão ser um meio muito interessante e estimulador para realizar diversas aprendizagens. (Pereira 2002, p.190)

Para esta autora, "uma visita pode também significar uma oportunidade desperdiçada se não for planificada." (p.190) Com isto, a autora quer referir que por muito interessante que a saída possa ser para os alunos, em termos de quebrar a rotina, de possibilitar ver coisas diferentes e novas, é discutível, do ponto de vista pedagógico, a transformação de uma visita de estudo, num simples passeio.

Uma visita de estudo que seja preparada de antemão pode revelar-se insubstituível. Para isso concorre a possibilidade real de o destino a visitar poder trazer algo de novo, não possível de ser realizado em sala de aula, e de, uma vez no terreno, essa possibilidade ser efetivamente aproveitada. (p.190)

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Nesta manhã foi a minha vez de dar as minhas aulas programadas para a professora titular.

Iniciei com Língua Portuguesa e, após a leitura e interpretação do poema, expliquei o conteúdo das palavras homónimas, esclarecendo o que são estas palavras e recorrendo a palavras no texto. Posteriormente e, utilizando os cartões que fora entregue à turma, uns com

imagens e outros com palavras, solicitei que os alunos construíssem frases com as palavras (homónimas) dos cartões. Para finalizar esta área, realizamos uma proposta de trabalho.

Em Estudo do Meio, abordei o tema As Serras de Portugal. Para a concretização desta aula preparei um mapa de Portugal Continental e Arquipélagos, em que os distritos eram de cores diferentes. Após ter explicado o conceito de serra, distribui pela turma cartões com situações problemáticas, para descobrirmos quais as altitudes das serras a estudar. À medida que íamos descobrindo a altitude de uma serra, esta era colada no mapa, devidamente identificada, tanto com o seu nome, como com a sua altitude. A aula terminou com o preenchimento de uma tabela na proposta de atividade. (Figura 68)

Figura 68 – *Mapa de Portugal e Arquipélagos*

Por fim, em Matemática, realizei uma pequena experiência para explicar a noção de volume. Para tal, enchi um recipiente com água e introduzi nele um objeto. Desta forma, a turma visualizou que, parte da água tinha transbordado, pois o objeto que fora introduzido non recipiente ocupara um espaço. Posteriormente, distribui o material necessário para a concretização desta aula – cubo maior em acetato e cubinhos pequenos para encher o cubo maior. Após ter distribuído o material, defini o conceito de volume, bem como a fórmula para calcular o volume do cubo, para que, de seguida, a turma tentasse calcular o volume do cubo em acetato através dos cubinhos pequenos. Terminei a minha aula com uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação

Durante a minha aula de Estudo do Meio defini o conceito de Serra através do que me era dito pelos alunos.

Segundo Fernandes e Soares (2010) "a uma elevação de terreno com mais de 400 metros de altitude dá-se o nome de montanha. Um grupo de montanhas juntas e alinhadas forma uma serra". Estas autoras afirmam que a altitude de uma serra é a distância em metros, medida na vertical, a partir do nível médio das águas do mar até ao seu ponto mais alto. (p.65)

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Esta manhã foi ocupada pelas aulas da Carolina. Deu início à sua manhã com Língua Portuguesa, realizando com os alunos a leitura e interpretação de um texto sobre os rios Douro, Tejo e Guadiana. De seguida, fez revisão das palavras homónimas, solicitando alguns exemplos, para introduzir as palavras homófonas. Este conteúdo foi abordado através de um PowerPoint. Esta área terminou com a resolução e correção da proposta de trabalho.

Em Estudo do Meio, colocou os alunos a trabalhar em pares. Distribuiu a proposta de trabalho, dando, também, a cada par um cartão com um número em numeração romana. Consoante o número do cartão, um elemento do grupo ia buscar um canudo com a informação de um rio de Portugal. Cada par lia a informação sobre o rio que lhe calhara e, à medida que os rios eram apresentados, os alunos completavam os espaços em branco da proposta de trabalho.

Para terminar a manhã, em Matemática abordou as medidas de volume e as reduções entre estas medidas.

Inferências e Fundamentação

Durante a sua manhã, a maior dificuldade da Carolina foi manter a disciplina. Quando percebia que a turma estava bastante agitada levantava demasiado o tom de voz, o que provocava ainda mais a agitação.

Vieira (2000, cita Sprinthall e Sprinthall, 1993) "a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interacção na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do aluno." Uma alteração de comportamento por parte de um destes elementos implica uma mudança no modo como se relacionam. (p.39)

Uma das variáveis que parecem contribuir para o sucesso educativo está relacionada com o ambiente afetivo existente na sala de aula. De facto, a gestão da sala de aula, ou seja, o modo como o grupo/turma é gerido pelo professor, tanto ao nível da aprendizagem como dos comportamentos e afetos, é uma das preocupações dos docentes hoje em dia. A gestão da (in)disciplina na sala de aula começa a ser apontada como uma das principais preocupações dos professores. Vieira (2000, cita Morgado,1999) referindo que "… o bom professor não é aquele que lida bem com a indisciplina, mas o que tem poucas situações com que lidar." (p.40)

Vieira (2000) adianta, ainda que

> o modo como actuamos em relação ao outro influencia o modo como este se relaciona connosco, cabe ao professor intervir no sentido de tentar minorar algumas situações de indisciplina, procurando modelar o comportamento dos seus alunos, utilizando formas de comunicação verbal e não verbal coerentes que transmitam, ao mesmo tempo, alguma confiança. A utilização da atitude agressiva como forma de conseguir a submissão ou a passividade do outro é apenas uma das faces da moeda, pois a agressividade pode gerar ainda mais agressividade, entrando-se assim num círculo vicioso. (pp.40-41)

Sexta-feira, de 27 de janeiro de 2012

Nesta manhã termina todo o nosso estágio profissional. Para além do estágio findar, a Rita termina também as suas aulas como estagiária.

Iniciando com Língua Portuguesa, abordou as palavras homógrafas após a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto. Para consolidar a explicação deste tema, entregou aos alunos um pequeno papel para que escrevessem frases usando palavras homógrafas que eram apresentadas no quadro.

Seguidamente deu as unidades de medida de área. Nesta aula, os alunos iam ao quadro colocar as medidas nos respetivos lugares. Devido ao facto de um aluno desconhecer o significado da palavra «agrário», a Rita, solicitou e muito bem, que o aluno em questão consultasse o dicionário. Terminada a consulta e, utilizando a mesma estratégia abordou as unidades de medida agrárias. Terminou a sua aula efetuando resoluções entre as medidas de área e as agrárias.

Devido ao Clube da Ciência, a Rita ficou de dar a sua última área, de Estudo do Meio na parte da tarde. Na aula do Clube de Ciências foram apresentados dois trabalhos de grupo/experiências dos alunos, intituladas: "as passas bailarinas" e "espuma às cores".

E foi com estas experiências que terminou todo um período de 16 meses de estágio neste Jardim-Escola.

Inferências e Fundamentação

Na aula de Matemática e devido a uma palavra desconhecida por parte de um aluno foi importante a estratégia utilizada pela Rita. Em vez de ser ela a dar o significado da palavra, solicitou que o aluno em questão consultasse o dicionário, a fim de ficar a saber o significado da palavra desconhecida. Assim, criou uma estratégia alternativa.

É fulcral que os alunos saibam manusear o dicionário.

Segundo Amorim & Costa (2011) o dicionário "está organizado por ordem alfabética. As palavras iniciadas pela mesma letra estão reunidas no mesmo conjunto. Dentro de cada conjunto, as palavras também estão organizadas por ordem alfabética das letras seguintes." (p.167)

Capítulo 2
Planificações

2.1. Descrição do capítulo

No presente capítulo estão inseridas algumas planificações que elaborei ao longo do Estágio Profissional. Em primeiro lugar, começo por realizar um breve enquadramento teórico relativamente ao ato de planificar. Posteriormente, apresento quatro planos de aula correspondentes às aulas que preparei e lecionei no decorrer do estágio. Duas das quatro planificações que apresento foram realizadas no Ensino Pré-Escolar e, as duas últimas, no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Em relação às planificações do Ensino Pré-Escolar, estas foram preparadas para uma aula que lecionei no Bibe Azul A (5 anos). No que diz respeito às seguintes planificações, do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, estas remetem para uma aula dada no Bibe Azul-escuro A (4.º ano). Todas estas planificações são apresentadas por ordem cronológica, realizando uma reflexão, abrangendo inferências e fundamentação teórica relativamente aos procedimentos utilizados.

Na primeira planificação abordo a área de Conhecimento do Mundo. Na segunda, o Domínio da Matemática. A terceira planificação remete para a área de Língua Portuguesa e, por fim, a última planificação diz respeito à área de Matemática.

Refiro que, todas estas planificações foram construídas de acordo com o Modelo T de Aprendizagem, concebido por Martiniano R. Pérez que, de seguida, irá ser abordado.

2.2. Planificações

Em primeiro lugar começo por realizar um breve enquadramento teórico sobre a prática de planificar, bem como a sua função. Após esclarecer o que é a planificação, segundo vários autores, abordo as planificações, realizadas durante o mestrado e também na licenciatura, baseadas de acordo com o Modelo T de Aprendizagem.

Segundo Zabalza (1992), a planificação "baseia-se na reflexão sobre os passos a dar, na previsão dos seus efeitos e na organização funcional de todo o processo como um conjunto integrado". O modo de planificação pode desenvolver-se de maneira aceitável sem investigação ou sem ter em conta os resultados alcançados, nem o modelo de investigação pode deixar de fazer previsões e configurar uma visão de conjunto do processo a desenvolver. (p.25)

Planificar consiste numa preparação prévia e numa concretização de um plano de ação, que visa atingir determinados fins. O mesmo autor salienta, ainda que, quando se planifica "trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção" (p.47). Escudero (1982, citado em Zabalza, 1992) afirma que a planificação implica:

> prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razoes pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp.47-48)

Para Braga (2001) o ato de planificar consiste num ato de reflexão. Clark e Yinger

(1979, referidos em Braga, 2001) "assinalam que no processo de planificação se misturam elementos de pensamento, juízos e tomada de decisões:" (p.34) Segundo Clark e Peterson (1986, mencionados em Braga, 2001) na planificação estão contidos "os processos de pensamento que o professor leva a cabo antes da interacção com a turma." (p.34)

Zabalza (1992, cita Clark e Peterson, s.d.) referindo que existem dois modelos diferentes de planificar. Um desses modelos remete para a planificação como uma atividade mental interna do professor: "O conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções". (p.48) O segundo modelo refere-se aos passos concretos que o professor vai dando quando planifica: "As coisas que os professores fazem quando dizem ou estão planificando". (p.48) No primeiro modelo, o centro das atenções está no pensamento do professor, no modo como ele processa a informação para planificar. No segundo modelo, o centro das atenções está na sucessão de condutas, nos passos que se vão dando.

Clark e Yinger (1979, mencionados em Zabalza, 1992) agruparam em três categorias as razões que levam os professores a planificar:

> os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.; os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição de tempo, etc.; os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc. (pp.48-49)

Braga (2001, cita Bullough, 1989) referindo que "quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro." (p.34) Este autor menciona ainda que "a planificação deve ser realizada com o objectivo de manter os alunos interessados e intelectualmente despertos". Para tal, recorre-se a atividades que "exigem muito esforço e outras que o poupem, actividades de grande e pequeno grupo, actividades que convidam ao barulho e ao movimento e actividades que apelam ao sossego". (p.35)

Peterson, Marx e Clark (1978, citados em Zabalza, 1992) referem a importância dada pelos docentes quando planificam. Estes investigadores averiguaram que:

> os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; depois, concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e actividades se vão realizar; finalmente, dedicam uma escassa proporção de tempo aos objectivos. (p.54)

Segundo Zabalza (1992), a planificação realiza-se através de mediadores da planificação, isto é, "a escola e os professores não abordam a partir dos seus conhecimentos teóricos, nem improvisam, a tarefa a esboçar o ensino, fazendo-o, sim, através de tipos diversos de materiais didácticos que oferecem, desde logo, esboços de programação". (p.49) Assim sendo, os professores não se confrontam diretamente com o programa nem partem dos seus

postulados, eles regem-se através de mediadores que atuam como guias. Os mediadores mais frequentes são os livros de texto, materiais comerciais, guias curriculares, revistas e experiências.

Segundo Pais e Monteiro (1996), qualquer planificação – de sequência de aprendizagem ou de aula – pressupõe escolhas pedagógicas teóricas que determinam uma prática concretizada, em última análise, na aula. Cabe ao professor "fazer a escolha que melhor se adequa aos seus propósitos educativos e às condições concretas em que trabalha." (p.34)

Para estas autoras, a planificação poderá ser feita em função de objetivos ou em função de atividades. Os objetivos são "metas úteis e devem ser definidos claramente para que seja possível perspectivar os diferentes níveis de generalização". Já a planificação feita em função de atividades manifesta "maior dinamismo, uma vez que a «actividade» constitui-se como a «unidade de análise para compreender a realidade» ". (pp.34-35)

Ao planificar, para optimizar o processo de ensino-aprendizagem, o professor terá que proceder a uma reflexão prévia, tentando dar resposta às seguintes questões: "para que vou ensinar?; como vou ensinar?; o que vou ensinar?; como poderei saber se os alunos aprenderam?". (p.36)

Segundo Pais e Monteiro (1996) "a planificação tem que ser feita previamente, qualquer que seja o modelo escolhido para a registar". (p.37) Não podemos dizer que este ou aquele modelo é melhor ou que é mais correto. Segundo as autoras acima mencionadas, o importante é que se faça um registo da forma como se vai processar a aula. Não basta ter a aula planeada na cabeça. Ela "deve ser registada no papel; isto exige um esforço de organização da parte do professor". (p.37) A planificação de uma aula, "não tem obrigatoriamente que ser cumprida na sua totalidade". (p.40) Na sala, o professor, quando confrontado com as questões levantadas pelos alunos, deve "ser capaz de decidir, no momento, se será mais eficaz cumprir a planificação feita ou responder às solicitações dos alunos e percorrer um outro caminho". (p.40)

As planificações que apresento, neste capítulo, são baseadas no Modelo T de Aprendizagem, uma vez que é o modelo utilizado pela Associação de Jardins-Escola João de Deus. A apresentação das planificações será feita em quadros, posteriormente.

Segundo Pérez (s.d.), no Modelo T, estão integrados os seguintes elementos: capacidades-destrezas que "indicam os objectivos fundamentais cognitivos (três capacidades e quatro destrezas por capacidade), que queremos desenvolver; valores-atitudes que "mostram os objectivos fundamentais afectivos (três valores e quatro atitudes por valor) que pretendemos desenvolver; conteúdos (conhecimentos) que se apresentam "em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende aprender ao longo do ano escolar. Cada unidade divide-se entre três e seis distintas"; métodos/procedimentos que se apresentam "entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para

serem aprendidas no curso escolar." (p.40)

De acordo com o mesmo autor, "numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar". (p.40) Este autor reforça, ainda, o facto de este modelo se denominar por modelo T, pois "tem uma forma de T ou modelo duplo T, porque consta de um T de meios (conteúdos e métodos/procedimentos) e outro T de objectivos (capacidades-destrezas e valores-atitudes) ". (p.40)

Pérez (s.d.) definiu todos os elementos que integram o modelo T, assim sendo:

> capacidade: habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo; destreza: habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade; atitude: predisposição estável face a … cujo componente fundamental é afectivo. Um conjunto de atitudes constitui um valor; valor: estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afectiva; conteúdo: é uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais); método/procedimento: é uma forma de fazer. (p.7)

Para Zabalza (1992), poucos são os que defendem modelos de planificação rígidos e prescritivos em que tudo é muito previsto, restando pouca margem para o improviso. Os professores com experiencia "dizem que uma planificação nestes moldes é pouco útil porque, cedo ou tarde, a própria dinâmica imprevisível do grupo turma acabará por impor-se." (p.55)

Assim sendo, a planificação não deve ser seguida literalmente, não deve ser rígida, mas sim ser suscetível de mudança, adaptando-se às situações dos alunos.

2.3. Planificação do Bibe Azul A – Conhecimento do Mundo

Em seguida, apresento o quadro 11, onde se mostra o plano de aula que realizei para o Bibe Azul A, da educadora Isabel Matos, no dia 29 de novembro de 2010, para a área curricular de Conhecimento do Mundo, tendo a aula uma duração de 35 minutos, incluindo o período de tempo correspondente à proposta de trabalho.

Quadro 11 - Planificação da área de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Plano de aula

Educadora: Isabel Matos
Sala: Bibe Azul A (5 anos)
Data: 29 de novembro de 2010
Duração: 35 minutos
(inclui proposta de atividade)

Marisa Alexandra Silva
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, n.º19

Área Temática: Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS CONCEPTUAIS	PROCEDIMENTOS-MÉTODOS
➢ A Roda dos Alimentos	✓ Sentar as crianças nos respetivos lugares; ✓ Iniciar a aula através de um pequeno diálogo com as crianças, explicando algumas regras para o decorrer da mesma; ✓ Contar uma história e apresentar uma roda dos alimentos; ✓ Explicar os vários setores da roda e a sua importância: • Pedir às crianças que identifiquem alguns alimentos existentes na roda; • Solicitar a ajuda das crianças para completar a roda com alguns alimentos colocados no quadro; • Questionar as crianças sobre os seus hábitos alimentares; • Dar exemplos de uma alimentação saudável e equilibrada; ✓ Finalizar a aula com a construção de um puzzle da roda dos alimentos.

COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES-DESTREZAS	**VALORES-ATITUDES**
✓ Raciocínio lógico: - interpretar; - relacionar. ✓ Expressão oral: - vocabulário; - expressar ideias.	✓ Responsabilidade: - compreender; - autonomia. ✓ Respeito: - interesse; - saber participar.
MATERIAL: roda dos alimentos com imagens móveis; chefes do comportamento; proposta de trabalho e envelopes com a Roda dos Alimentos dividida em grupos para construção do puzzle.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Inferências e Fundamentação

- **Sentar as crianças nos respetivos lugares**

Optei por deixar as crianças nos seus lugares, pois não era relevante mudar a disposição da sala.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), "a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo." (p.37)

Segundo Ferreira e Santos (1994), alguns estudos têm demonstrado que quando se compara a disposição das carteiras em filas com a disposição em círculo é na primeira situação que os alunos estão mais tempo na tarefa. Algumas das razões explícitas para tal resultado prendem-se com a menor distractibilidade que esta situação implicaria. A situação em filas "proporciona um menor número de interacções dos estudantes entre si e um maior controlo da atenção por parte do professor." (p.44)

- **Iniciar a aula através de um pequeno diálogo com as crianças, explicando algumas regras para o decorrer da mesma**

Através de um pequeno diálogo que estabeleci com as crianças, expliquei quais as regras de comportamento que deveríamos respeitar ao longo da aula.

- **Contar uma história e apresentar uma roda dos alimentos**

Após ter estabelecido um pequeno diálogo, onde expliquei as regras a serem cumpridas durante a aula, contei uma história às crianças e apresentei a roda dos alimentos.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), defende que:

> é no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais correctas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação. (p.67)

Segundo Sim-Sim (2007) "ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto". Neste caso, a compreensão da história foi feita a partir da audição, envolvendo uma "compreensão oral." (p.7) O fulcral nesta compreensão da história é a "apresentação do significado da mensagem" (p.7), o que se pretende que as crianças entendam e reconheçam "as palavras automaticamente e sem esforço, (…) acedendo rapidamente ao significado de frases e de expressões do texto." (p.9)

- **Explicar os vários setores da roda e a sua importância:**

Após ter contado a história da roda dos alimentos e da sua formação, abordei os vários setores da roda, bem como a sua importância.

Segundo Monteiro e Paiva (2008) "a roda dos alimentos é constituída por 7 grupos de alimentos de diferentes dimensões que nos indicam a quantidade que devemos, diariamente, comer de cada um." (p.38) Os nomes dos sete grupos da roda dos alimentos (do maior grupo para o menor grupo) são os seguintes: cereais, tubérculos e seus derivados; produtos hortícolas; fruta; leite e seus derivados; carne, pescado e ovos; leguminosas e, gorduras e óleos.

De acordo com estes autores, "a água faz parte da nossa alimentação e é muito importante, por isso está no centro da roda dos alimentos." (p.38)

∗ **Pedir às crianças que identifiquem alguns alimentos existentes na roda**

Posteriormente e, observando a roda dos alimentos, solicitei aos alunos que identificassem os alimentos que já estavam contidos na roda, a fim de perceber se conheciam esses alimentos, bem como o nome dos mesmos.

∗ **Solicitar a ajuda das crianças para completar a roda com alguns alimentos colocados no quadro**

Após sabermos os nomes dos alimentos já contidos na roda, solicitei aos alunos que completassem a roda com as imagens dos alimentos colocados no quadro. À medida que os alimentos eram retirados, fui questionando as crianças sobre o nome do grupo a que esse alimento pertencia.

∗ **Questionar as crianças sobre os seus hábitos alimentares**

Após terem completado a roda com os alimentos que estavam colocados no quadro, as crianças foram questionadas sobre os seus hábitos alimentares, sobre o que comiam ao pequeno almoço e nas restantes refeições.

∗ **Dar exemplos de uma alimentação saudável e equilibrada**

Depois de termos falado sobre os hábitos alimentares das crianças, dei alguns exemplos de uma alimentação saudável e equilibrada, referindo, ainda, o que deveríamos fazer para ter este tipo de alimentação.

Citando Monteiro e Paiva (2008), a "nossa alimentação deve ser variada, completa e equilibrada. Para que isso aconteça devemos comer, diariamente, alimentos dentro de cada grupo e em maior ou menor quantidade de acordo com a dimensão de cada grupo." (p.38)

Posteriormente, defini o que é uma alimentação completa, equilibrada e variada.

Para Mota, Viana e Isaías (2011), uma alimentação completa consiste em "comer alimentos de cada grupo e beber água frequentemente". Para termos uma alimentação equilibrada devemos comer "maior quantidade de alimentos dos grupos de maior dimensão e menor quantidade dos grupos de menor dimensão para ingerir o número de porções recomendado". Por fim, para uma alimentação variada deve-se comer "alimentos dentro de cada grupo, variando diariamente, semanalmente e nas diferentes épocas do ano". (p.22) Estes mesmos autores mencionam ainda que, a prática de uma alimentação equilibrada e a adoção de estilos de vida saudáveis contribui para a qualidade de vida individual e social.

- **Finalizar a aula com a construção de um puzzle da roda dos alimentos**

A proposta de trabalho que distribui pela turma consistia numa construção de um puzzle da roda dos alimentos.

Segundo o ME, Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), "os "puzzles" e os dominós tem também uma utilização determinada." (p.76) segundo o mesmo autor os puzzles "são uma forma de divisão e distribuição que permite a reconstituição do todo:" (p.76)

2.4. Planificação do Bibe Azul A – Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Seguidamente, apresento o quadro 12 – Planificação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática. Esta planificação foi realizada para uma aula dada, também, no Bibe Azul A, da educadora Isabel Matos. Esta aula foi realizada no dia 29 de novembro de 2010, cuja duração correspondeu a 40 minutos, incluindo um período de tempo dedicado à realização da proposta de trabalho.

Quadro 12 - Planificação da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Plano de aula

Educadora: Isabel Matos
Sala: Bibe Azul A (5 anos)
Data: 29 de novembro de 2010
Duração: 40 minutos
(inclui proposta de atividade)

Marisa Alexandra Silva
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, n.º19

Área Temática: Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

CONTEÚDOS CONCEPTUAIS	PROCEDIMENTOS-MÉTODOS
➢ Adição; * Propriedade comutativa da adição; * Relações de ordem entre números.	✓ Distribuir o material alternativo; ✓ Iniciar esta área com uma história; ✓ Explorar o conteúdo que se pretende desenvolver, utilizando a história: * Adição; * Propriedade comutativa da adição; * Relações de ordem entre números: ❖ Maior; ❖ Menor; ❖ Igual. ✓ Finalizar a aula com uma proposta de trabalho sobre os conteúdos propostos.

COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES-DESTREZAS	**VALORES-ATITUDES**
✓ Raciocínio lógico: - interpretar; - relacionar. ✓ Domínio Psico-motor: - exploração do material; - manipulação.	✓ Responsabilidade: - interesse; - autonomia. ✓ Respeito: - saber participar; - autonomia.
MATERIAL: imagens de alfaces; tabuleiros; algarismos móveis; sinais de maior, menor e igual e proposta de trabalho.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Inferências e Fundamentação

- **Distribuir o material alternativo**

Iniciei a aula distribuindo o material alternativo pela turma, sendo ele, imagens de alfaces; tabuleiros onde iam realizar as tarefas; algarismos móveis; sinais de maior, menor e igual e a proposta de trabalho.

- **Iniciar esta área com uma história**

Dei começo à minha aula de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática contando uma pequena história sobre o meu tio que era agricultor e que tinha uma plantação de alfaces. À medida que ia contando a história, fui criando situações problemáticas para que, em simultâneo, as crianças as fossem realizando.

Segundo as, Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), o processo de resolução de problemas "não trata de apoiar as soluções consideradas correctas, mas de estimular as razões da solução, de forma a fomentar o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico". O confronto das diferentes respostas e formas de solução permite que cada criança vá construindo noções mais precisas e elaboras da realidade. (p.78)

Este autor defende que:

> a resolução de problemas constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir no como e no porquê. (p.78)

- **Explorar o conteúdo que se pretende desenvolver, utilizando a história**
  - **Adição;**
  - **Propriedade comutativa da adição;**
  - **Relações de ordem entre números:**
    - **Maior;**
    - **Menor;**
    - **Igual**

Através da história que contei, efetuei com a turma vários exercícios com a operação da adição, utilizando o material que tinha distribuído à turma.

À medida que ia contando a história, íamos resolvendo as adições, num dos lados do tabuleiro, que continha três círculos. No primeiro círculo, as crianças colocavam as quantidades de alfaces que o meu tio, o Sr. Joaquim, tinha apanhado na parte da manhã e, no segundo círculo, a quantidade de alfaces que apanhara à tarde. Por fim, no terceiro círculo, colocavam o total de alfaces que o Sr. Joaquim apanhara naquele dia. Utilizando os algarismos móveis, as

crianças colocavam, por baixo de cada círculo, o número que correspondia aos elementos contidos nos círculos.

Posteriormente, expliquei a propriedade comutativa da adição, recorrendo ao quadro e aos materiais.

Segundo Ruas e Grosso (2002) a adição é comutativa quando se podem trocar as parcelas "que a soma não se modifica, ou seja, a soma de x com y é sempre igual à soma de y com x." (p.75)

Do outro lado do tabuleiro, contendo apenas dois círculos efetuamos exercícios de relações de ordem entre números. No primeiro círculo, as crianças colocavam a quantidade de alfaces que o Sr. Joaquim tinha apanhado de manhã e, no segundo círculo a quantidade de alfaces que tinha apanhado na parte da tarde. Depois de saberem qual o sinal que iriam utilizar para estabelecer a reação de ordem entre estas quantidades/números, colocavam o sinal de maior, menor ou igual no espaço indicado, no meio dos círculos.

- **Finalizar a aula com uma proposta de trabalho sobre os conteúdos propostos**

Terminei a aula com uma proposta de trabalho, na qual as crianças tinham de ligar com uma seta as operações aos resultados. Através desta proposta de trabalho que, posteriormente, avaliei, verifiquei se os alunos tinham interiorizado e compreendido os conteúdos lecionados durante a minha aula.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989)

> a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p.348)

2.5. Planificação do Bibe Azul- escuro A – Língua Portuguesa

De seguida é apresentado o quadro 13, remetendo para a planificação da aula de Língua Portuguesa.

Esta aula foi lecionada no Bibe Azul-escuro A, da professora Alice Neto, no dia 23 de janeiro de 2012, cujo tema eram as palavras homónimas e, tendo uma duração de 50 minutos.

Quadro 13 - Planificação da área de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Plano de aula

Professora: Alice Neto
Sala: Bibe Azul-escuro A (4.º ano)
Data: 23 de janeiro de 2012
Duração: 50 minutos

Marisa Alexandra Silva
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, n.º19

Área Temática: Língua Portuguesa

CONTEÚDOS CONCEPTUAIS	PROCEDIMENTOS-MÉTODOS
➢ Palavras homónimas	✓ Sentar os alunos nos respetivos lugares; ✓ Distribuir o material pelos alunos: • Texto; • Apontamento; • Cartões com palavras e imagens; • Proposta de trabalho; ✓ Explicar o conteúdo que se pretende desenvolver: • Palavras homónimas; • Esclarecer o que são palavras homónimas através do texto; • Pedir aos alunos que construam frases com as palavras e imagens presentes em cartões. ✓ Finalizar com uma proposta de trabalho.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES-DESTREZAS	**VALORES-ATITUDES**
✓ Pensamento e sentido critico: - interpretar; - relacionar; - discutir e debater em grupo. ✓ Expressão oral e escrita: - fluidez mental e escrita; - exposição correta das ideias; - expressar os resultados com coerência.	✓ Motivação: - interesse; - imaginação; - atenção. ✓ Respeito: - saber participar; - respeitar; - ser tolerante.
MATERIAL: texto; apontamento; cartões com palavras e imagens e proposta de trabalho.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Inferências e Fundamentação

- **Sentar os alunos nos respetivos lugares**

Para a concretização desta aula, os alunos estavam sentados nos lugares habituais, visto que não era pertinente mudar a disposição da sala.

Segundo Arends (1995) "a forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções". (p.94) Para este autor a disposição em filas e colunas é a mais tradicional, pois é a formação mais "adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direcçao". (p.94)

- **Distribuição do material pelos alunos:**
  - **Texto;**
  - **Apontamento;**

Iniciei a minha aula distribuindo o material pelos alunos, sendo ele, texto; apontamento; cartões com palavras e outros com imagens e proposta de trabalho.

- **Explicar o conteúdo que se pretende desenvolver:**
  - **Palavras homónimas;**
  - **Esclarecer o que são palavras homónimas através do texto;**
  - **Pedir aos alunos que construam frases com as palavras e imagens presentes em cartões.**

Após a leitura, interpretação e conhecimento explícito da língua, expliquei o que são palavras homónimas, recorrendo a algumas palavras do texto.

Segundo Dinis e Ferreira (2011), "em Portugal, há palavras que se pronunciam e que se escrevem do mesmo modo, mas têm significados diferentes. São palavras homónimas." (p.135)

Posteriormente, solicitei aos alunos que observassem os cartões que tinham e que, através das palavras ou das imagens contidas nos cartões, construíssem uma frase para cada palavra.

Ao construírem uma frase, para cada palavra, os alunos tinham que ter em atenção que a frase tinha que fazer sentido e ser uma frase aceitável.

Os autores acima mencionados defendem que as palavras são o material com que formamos as frases. Uma frase é uma palavra ou um conjunto organizado de palavras com sentido completo. (p.65) Amorim e Costa (2011) acrescentam que a frase "respeita as regras da gramática." (p.57)

- **Finalizar com uma proposta de trabalho**

Terminei a minha aula com uma proposta de trabalho, na qual os alunos tinham de escrever duas frases para cada par de palavras e escrever uma quadra para acrescentar ao texto. Na quadra tinham de usar duas palavras homónimas e sublinhá-las a azul.

Esta proposta de trabalho, após ter sido realizada foi levada comigo, para casa, para que a pudesse avaliar e constatar os conhecimentos adquiridos pelos alunos sobre esta matéria.

Segundo Zabalza (2000)

> quando avaliamos fazemos uma medição. (…) Sem a medição, uma valorização isolada dá lugar a uma "opinião " subjectiva e não a uma avaliação. A mera percepção, o parecer do professor, não é apoio suficiente para realizar uma avaliação correcta, que tem como um dos seus requisitos a fundamentação apoiada em dados, objectivos ou subjectivos, mas suficientemente contratados. E esse é o papel da "medição." (p.220)

2.6. Planificação do Bibe Azul- escuro A – Matemática

De imediato, apresento o quadro 14, remetendo para a planificação da área de Matemática.

Esta planificação diz respeito a uma aula dada, também, no Bibe Azul-escuro A, da professora Alice Neto e, também, no dia 23 de janeiro de 2012, cujo tema era o volume, mais precisamente, o volume do cubo. Esta aula decorreu após a aula de Língua Portuguesa, tendo uma duração de 50 minutos.

Quadro 14 - Planificação da área de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Plano de aula

Professora: Alice Neto
Sala: Bibe Azul-escuro A (4.º ano)
Data: 23 de janeiro de 2012
Duração: 50 minutos

Marisa Alexandra Silva
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, n.º19

Área Temática: Matemática

CONTEÚDOS CONCEPTUAIS	PROCEDIMENTOS-MÉTODOS
➢ Volume ➢ Volume do cubo	✓ Realizar uma experiência a fim de explicar o conceito de volume; ✓ Distribuir o material não estruturado pelos alunos: • Cubo; • Cubos mais pequenos; ✓ Definir o que é o volume; ✓ Calcular o volume de um cubo tendo por base o material não estruturado; ✓ Realizar uma proposta de trabalho.
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES-DESTREZAS	**VALORES-ATITUDES**
✓ Raciocínio lógico: - interpretar; - formular e comprovar hipóteses; - resolução de problemas. ✓ Domínio Psico-motor: - exploração do material; - manipulação.	✓ Responsabilidade: - organização; - autonomia; - atenção. ✓ Respeito: - saber participar; - respeitar; - partilha.
MATERIAL: cubo, cubinhos; taça e objeto e proposta de trabalho.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

Inferências e Fundamentação

- **Realizar uma experiência a fim de explicar o conceito de volume**

Para dar a noção do conceito de volume, utilizei um recipiente e um objeto. Enchi o recipiente com água, ocupando toda a sua capacidade e, depois, emergi o objeto dentro do recipiente. Os alunos observaram que ao colocar o objeto dentro do recipiente, uma porção de água transbordou, pois o objeto ocupou um espaço dentro do recipiente.

- **Distribuir o material não estruturado pelos alunos**
  - **Cubo;**
  - **Cubos mais pequenos;**

Após ter realizado a experiência, a fim de explicar a noção de volume, distribui à turma o material não estruturado – um cubo feito em folha de acetato e cubinhos pequeninos em cartolina, com os quais iriam encher o cubo maior e assim verificar qual o volume do cubo maior.

- **Definir o que é o volume**

Posteriormente à distribuição do material necessário para a concretização desta aula, defini o conceito de volume.

Para Ponte e Serrazina (2000) o volume " é o espaço ocupado por um corpo sólido." (p.199)

- **Calcular o volume de um cubo tendo por base o material não estruturado**

Posteriormente à definição de volume, com base no que era dito pelos alunos, calculamos o volume do cubo maior utilizando os cubos pequenos. Para tal, os alunos tinham de encher o cubo maior com os cubinhos mais pequenos e, desta forma, encontrariam o volume do cubo maior.

Após terem realizado esta tarefa, foi explicado à turma a formula para calcular o volume do cubo.

Segundo Grosso (2004), "a unidade do volume de um cubo será igual ao cubo da medida da sua aresta. $Vcubo = axaxa$ ou $Vcubo = a^3$." (p.160)

De acordo com Caldeira (2009) para medir o volume de uma figura tridimensional C, temos que escolher uma unidade de volume e calcular quantas vezes a unidade "cabe" em C. Geralmente, utiliza-se como unidade de volume um cubo, cuja aresta mede uma unidade de comprimento, o qual se designa por cubo unitário. (p.167)

- **Realizar uma proposta de trabalho**

A aula terminou com a resolução de uma proposta de trabalho, na qual os alunos tinham de determinar quantos cubos pequenos eram necessários para encher o cubo grande, sabendo que cada cubo pequeno tinha 1 unidade de volume.

Capítulo 3
Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

O capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação está estruturado em sete partes/secções, tendo como tema central a avaliação.

Na primeira secção, apresento a fundamentação teórica, sobre a avaliação, o ato de avaliar no pré-escolar, os princípios e as finalidades da avaliação, bem como os tipos de avaliação (diagnóstica e formativa) e, também, os intervenientes no processo de avaliar.

Em relação à segunda, terceira e quarta secções, que correspondem à avaliação das atividades realizadas no pré-escolar, estas serão brevemente descritas. Através da elaboração destas atividades, foram realizadas grelhas de parâmetros, critérios e cotações para cada uma das três atividades, bem como as suas descrições. Com base nas grelhas de parâmetros, critérios e cotações foi realizada uma grelha de avaliação, uma para cada atividade. Após a descrição desta grelha é apresentado um gráfico circular, contendo os resultados da avaliação de cada uma das atividades e a respetiva descrição, sobre os mesmos apresentarei algumas conclusões.

Posteriormente, serão apresentadas a quinta, sexta e sétima secções que dizem respeito à avaliação das atividades realizadas no 1.º Ciclo. Tal como para o pré-escolar, também para o 1.º Ciclo apresento a fundamentação teórica sobre os tipos de avaliação (diagnóstica, formativa, sumativa e sumativa interna). Para cada atividade serão apresentadas as grelhas de parâmetros, critérios e cotações, bem como as suas descrições. Para além destas grelhas serão descritas e apresentadas as grelhas de avaliação correspondentes a cada uma das atividades e também um gráfico de resultados para cada uma. Este capítulo é concluído com uma grelha de comparação de resultados das três áreas.

Apresentarei uma fundamentação teórica para a Ensino Pré-Escolar, seguida dos dispositivos de avaliação e, uma fundamentação teórica para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, também, seguida dos dispositivos de avaliação.

3.2. Fundamentação teórica – Avaliação no Pré-Escolar

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, implicando princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), a avaliação é um processo que permite reconhecer "a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas" (p.93) ou seja, através do ato de avaliar, o educador averigua se as atividades realizadas foram estimulantes para o desenvolvimento de todos os alunos e se alargaram os seus interesses, bem como a curiosidade e o desejo de aprender sempre mais. O processo de avaliação permite, também, que o educador corrija e adeque o processo educativo à evolução dos alunos e de aferir com os pais a evolução destes.

Ribeiro (1989) defende que a avaliação "pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem", ao identificar o que foi conseguido realizar e o que ainda levanta dificuldades, tentando encontrar as soluções mais adequadas. (p.75)

Para esta autora, a função da avaliação é a de contribuir para o sucesso e averiguar as medidas em que o sucesso foi conseguido.

Segundo Ferreira (2007), a avaliação das aprendizagens foi sempre uma das funções exigidas à escola. Zabalza (1995, citado por Ferreira, 2007), afirma que "a primeira coisa a salientar é que a escola é o mundo da avaliação". (p.12) A ideia de que a avaliação predomina na escola justifica-se pela frequência das avaliações.

A avaliação das aprendizagens permite que haja uma verificação daquilo que se passa no processo de ensino/aprendizagem, tendo em vista a sua regulação, uma vez que a avaliação tem como importância a "componente intrínseca do processo curricular, que permite regular e monitorizar a adequação e a pertinência das decisões adoptadas sobre as diferentes dimensões curriculares e organizativas, que possibilitam a criação de ambientes de aprendizagem de qualidade". (Alonso 2002, citado por Ferreira 2007, p.15)

A avaliação descreve todo um conjunto de conhecimentos, atitudes e aptidões que os alunos adquiriram ou que ainda têm dificuldade.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2009), avaliar "implica tomar consciência da acção" (p.27), de modo a que haja uma adequação do processo educativo às necessidades dos alunos, do grupo e da sua evolução.

O processo de avaliação implica uma observação contínua dos progressos dos alunos, sendo indispensável para a recolha de informação.

A avaliação que é realizada com as crianças é uma atividade educativa que constitui uma base de avaliação para o próprio educador. O educador, ao fazer a sua reflexão, a partir do que observa, está a estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com os alunos e, como tal, a avaliação é também, um suporte do planeamento. Ao realizar a avaliação, o educador procura encontrar estratégias que possam ultrapassar as dificuldades dos alunos.

Durante o processo de avaliação, é o aluno o foco da atenção, visto que são as suas capacidades, interesses, necessidades, expetativas iniciais e o seu ritmo de trabalho, tal como o percurso de aprendizagem que são objeto de avaliação.

No decorrer do processo de avaliação são pressupostas três etapas, sendo elas, a recolha de informação, a análise da informação recolhida e a emissão de um juízo de valor que pressupõe uma tomada de decisões. Antes da recolha de informação é necessário que se realize uma planificação da avaliação para decidir quais as informações a recolher. (Ferreira 2007, p.16-17)

Ainda sobre o mesmo autor, as finalidades e funções do ato de avaliar determinam os momentos em que pode ser realizada a avaliação. Esta pode ser efetuada antes, durante e depois do processo de aprendizagem, implicando a recolha de diferentes tipos de informações, procedimentos e tomada de decisões. (p.23)

O processo de avaliação na Educação Pré-Escolar tem uma dimensão formativa que é desenvolvida num processo contínuo, procurando tornar o aluno protagonista da sua aprendizagem, de modo a ter consciência daquilo que já sabe, das suas dificuldades e do modo como as vai ultrapassar. (Circular n.º 4)

Segundo a circular n.º 17, de 2007, a avaliação na Educação Pré-Escolar assenta em quatro princípios, sendo eles, a "coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo nas OCEPE" – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; a "utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados"; o "carácter formativo da avaliação" e a "valorização dos progressos da criança." (p.4 - 5) Para além destes princípios que estão contidos na circular n.º 4, de 2011, esta acrescenta mais dois, sendo eles, contextualizar o processo de desenvolvimento e a aprendizagem da criança e, promover a igualdade de oportunidades e a equidade.

No que respeita às finalidades do ato de avaliar, a avaliação assume um papel integrante da prática educativa, implicando procedimentos adequados à atividade educativa que é exercida no Jardim de Infância. Assim sendo, a avaliação, de acordo com a circular n.º 17, de 2007, visa "apoiar o processo educativo", ou seja, ajustar as metodologias e os recursos consoante as necessidades e interesses de cada aluno, tal como as caraterísticas do grupo, como forma de melhorar as estratégias de ensino; "reflectir sobre os efeitos da acção educativa", através da observação do aluno e também do grupo, de modo a que se reconheça a pertinência e o sentido das oportunidades educativas que são proporcionadas e, também, o modo como contribuem para o desenvolvimento dos alunos, a fim de estabelecer o progresso de aprendizagem; "envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta" permitindo que a criança, enquanto protagonista da sua própria aprendizagem possa ter consciência dos seus progressos e dificuldades e, do modo como as pode ultrapassar; "contribuir para a adequação das práticas" através da recolha de informação, permitindo que o educador regule a atividade educativa, tome decisões e planei a ação e, por último "conhecer a criança e o seu contexto", implicando o desenvolvimento de processos de reflexão, bem como a partilha de informações e aferições com os vários intervenientes, tais como, os pais, a equipa e outros profissionais, visando a adequação do processo educativo. (p.4)

A circular n.º 4, de 2011, acrescenta mais duas finalidades a estas acima referidas, a recolha de dados para "monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI)" e a promoção e o acompanhamento dos processos de

aprendizagem, tendo em conta a realidade do aluno e também do grupo, de modo a favorecer o desenvolvimento das competências, contribuindo para o desenvolvimento do grupo e do aluno. (p.3)

Existem dois tipos de avaliação, a avaliação diagnóstica e a formativa.

Segundo Ribeiro (1989), a avaliação diagnóstica procura averiguar a "posição do aluno face a novas aprendizagens que vão ser propostas e a aprendizagens anteriores". (p.79) Ou seja, este tipo de avaliação averigua se os alunos estão aptos a novos conhecimentos e se dominam os conhecimentos anteriores que servirão de base aos conhecimentos que se vão iniciar. Sendo assim, a principal função deste tipo de avaliação é a de determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar novas aprendizagens, uma vez que averigua, também, possíveis dificuldades que possa decorrer na aprendizagem.

A avaliação diagnóstica é realizada no início das novas aprendizagens, contudo pode ser utilizada em qualquer momento do período letivo, se os alunos revelarem dificuldades. Caso o educador lecione a mesma turma do ano letivo anterior, não necessita de realizar a avaliação diagnóstica, pois, segundo Ribeiro (1989), o educador "conhece já os alunos e sabe que se encontram em condições de iniciar a nova matéria". (p.28)

Quando se realiza a avaliação diagnóstica no início do ano letivo, esta visa caraterizar o grupo e cada aluno. Sendo assim, o educador conhece o que cada aluno e grupo sabe, o que são capazes de fazer, bem como as necessidades e interesses e, também, os contextos familiares que irão servir de base para a tomada de decisões na ação educativa, no âmbito do projeto curricular de grupo, facilitando a integração do aluno no contexto educativo.

Este tipo de avaliação deve ser considerado temporário. Cortesão (2002, citado por Ferreira, 2007), afirma que "os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não podem ser tomados como um "rótulo" que se "cola" para sempre ao aluno mas sim como um conjunto de indicações que caracterizam o nível a partir do qual o aluno e o professor, em conjunto, consigam um progresso na aprendizagem". (p.24)

A principal função da avaliação diagnóstica é a de determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar novas aprendizagens, uma vez que averigua, também, possíveis dificuldades que possa decorrer na aprendizagem.

No que respeita à avaliação formativa, esta tem como caraterística principal a de estar integrada no processo de ensino/aprendizagem.

A avaliação formativa carateriza-se por incidir no processo de ensino/aprendizagem e não nos seus resultados, ou na averiguação dos pré-requisitos necessários às novas aprendizagens.

Hadji (2001, citado por Ferreira, 2007), refere que "a avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve num projecto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado qualquer outra preocupação". (p.27)

A avaliação formativa é aquela que determina a posição do aluno ao longo da aprendizagem, identificando as suas dificuldades e dando-lhes soluções.

Segundo Ribeiro (1989), a avaliação formativa "avalia em profundidade e em pormenor" (p.28), sendo uma avaliação contínua e permanente.

Este tipo de avaliação pode ser realizado quando o educador entender que é pertinente, no decorrer do processo de avaliação, implicando o desenvolvimento das estratégias de intervenção adequadas às caraterísticas de cada aluno e do grupo em si.

A nível de planeamento e da tomada de decisões por parte do educador, a avaliação formativa é um instrumento de apoio e suporte da intervenção educativa.

As principais funções da avaliação formativa são a de informar os vários intervenientes do processo de ensino/aprendizagem; a retrospetiva sobre os êxitos conseguidos pelos alunos, bem como as dificuldades sentidas por estes e, a regulação da aprendizagem, no sentido de encaminhar o processo realizado pelos alunos.

Para além destas funções, a avaliação formativa tem, também, uma função reguladora das atividades de ensino e aprendizagem de forma a adequar as caraterísticas, necessidades e dificuldades dos alunos, tal como os seus ritmos, que foram diagnosticados durante o percurso de aprendizagem.

Hadji (2001, citado por Ferreira, 2007), acrescenta à função de regulação, a função corretiva, pois o educador, assim como o aluno, "deve poder "corrigir" a sua acção, modificando, se necessário, o seu dispositivo pedagógico, com o objetivo de obter melhores efeitos" utilizando diversificadas estratégias. (p.28) Sendo assim, cabe ao educador detetar quais as dificuldades dos seus alunos, erros e causas para que possa encontrar estratégias adequadas à resolução desses "problemas".

Sendo o educador o principal interveniente do processo de avaliação, compete-lhe a elaboração de um relatório de Avaliação de Projeto Curricular de Grupo/Turma; a realização de um documento escrito contendo a informação global das aprendizagens significativas de cada criança, dando ênfase ao seu percurso, evolução e progressos e, comunicar aos encarregados de educação e educadores ou professores o que as crianças já sabem e o que são capazes de fazer. (Circular n.º 17)

Para além do educador, no processo de avaliação existem outros intervenientes. A própria criança intervém neste processo, uma vez que reflete sobre as suas dificuldades e como as superar. Também a equipa escolar é um interveniente deste processo, o que permite que o educador conheça melhor o aluno. Os encarregados de educação também o são, na medida em

que a troca de opiniões com a família permite um melhor conhecimento do aluno e promove uma relação mais próxima entre o Jardim de Infância e a família. Para além destes, o Departamento Curricular da Educação Pré-Escolar, os docentes de educação especial e os Órgãos de Gestão, também são intervenientes no processo de avaliação. (Circular n.º 4)

Em suma e, de acordo com Ferreira (2007), a avaliação formativa, nada mais é do que um procedimento de recolha e análise de informações acerca do processo de aprendizagem, realizada a partir de critérios previamente estabelecidos. A avaliação formativa visa a informação dos vários intervenientes sobre a aprendizagem dos alunos, bem como a tomada de decisões para a regulação da aprendizagem. (p.146)

Para avaliar os dispositivos de avaliação que serão apresentados de seguida, adotei uma escala de avaliação, sendo ela: fraco, de 0 a 2,9 valores; insuficiente, de 3 a 4,9 valores; suficiente, de 5 a 6,9 valores; bom, de 7 a 8,9 valores e, muito bom, de 9 a 10 valores.

3.3. Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

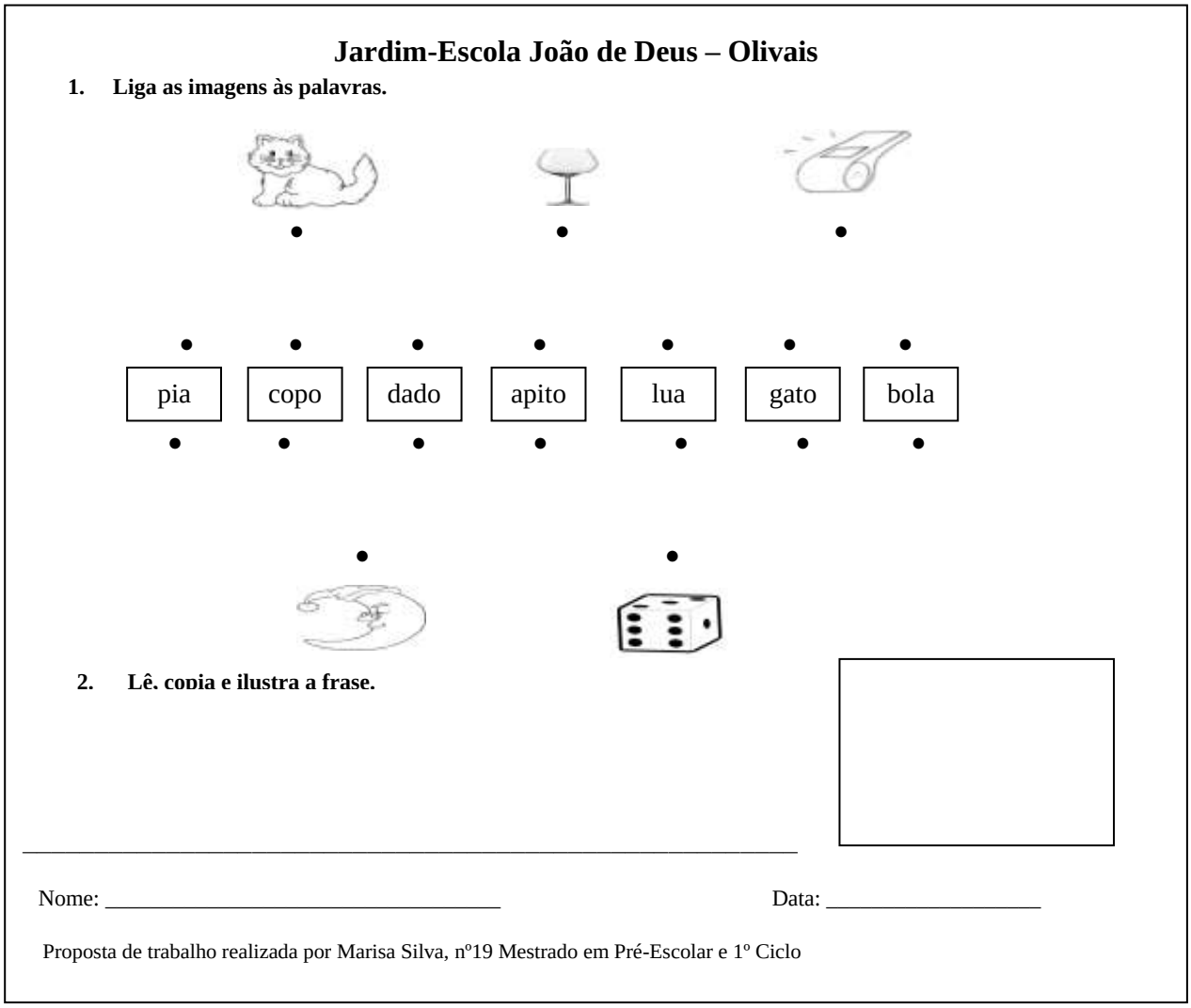


Figura 69 – *Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

3.3.1. Avaliação da atividade 1 – Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A atividade 1 surgiu no âmbito de uma Dinamização da Cartilha realizada no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, com a turma do Bibe Azul A, no dia 29 de novembro de 2010, tendo uma duração de 15 minutos. Esta atividade foi planeada para 28 crianças. Contudo e, devido à ausência de uma criança, apenas 27 alunos realizaram a proposta de trabalho.

Após a dinamização e utilizando palavras, com o intuito de rever algumas regras da Cartilha Maternal e associar as palavras às respectivas imagens, construindo frases com as mesmas, foi dado aos alunos esta atividade. Nela, os alunos tinham que ligar as imagens às palavras com um traço, fazendo a correspondência entre palavra-imagem. Posteriormente e, no segundo exercício, tinham que ler, copiar e ilustrar uma pequena frase.

3.3.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Toda a descrição dos parâmetros e critérios, bem como as suas cotações está explicada no quadro 15.

Quadro 15 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Leitura de palavras e compreensão através de imagens.	Associa as cinco imagens às palavras	5	5
	Associa quatro imagens às palavras	4	
	Associa três imagens às palavras	3	
	Associa duas imagens às palavras	2	
	Associa uma imagem às palavras	1	
	Não associa	0	
2. Leitura e escrita de uma frase.	Copia a frase corretamente	3	3
	Não copia a frase corretamente	0	
3. Ilustração de uma frase.	Ilustra com muita clareza a frase	2	2
	Ilustra com clareza a frase	1	
	Ilustra com pouca clareza a frase	0.5	
	Não ilustra a frase	0	

No primeiro exercício proposto nesta atividade pretendia-se desenvolver a associação entre imagens e palavras através de um traço. O aluno devia ler as palavras e observar as imagens fazendo as correspondências apropriadas entre palavra-imagem. Se o aluno realizasse a associação, anteriormente descrita, corretamente, obteria a classificação total. Conforme o número de associações corretas, o exercício seria cotado de diversas formas.

Na segunda tarefa pretende-se desenvolver a leitura e caligrafia, bem como a ilustração de uma frase. Para esta tarefa, o aluno deveria observar a frase, lê-la e copiá-la para, posteriormente ilustrar o que leu e copiou. No que diz respeito à caligrafia, caso o aluno realiza-se a cópia da frase, corretamente, teria a classificação máxima atribuída a este parâmetro.

3.3.1.2. Grelha de avaliação de atividade

Esta atividade foi realizada no Bibe Azul A, na área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no dia 29 de novembro de 2011, tendo como tema a representação de significados e caligrafia. (Quadro 16)

Quadro 16 - Grelha de avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Questões	1	2	3	**Total**
Cotações	5	3	2	
Nº do aluno				
1	5	3	2	10
2	5	0	0,5	5,5
3	5	3	2	10
4	5	3	2	10
5	5	3	0,5	8,5
6	5	3	2	10
7	5	3	2	10
8	5	0	2	7
9	5	3	2	10
10	4	3	2	9
11	5	3	2	10
12	5	0	2	7
13	5	3	1	9
14	5	3	2	10
15	5	3	2	10
16	3	3	2	10
17	5	0	2	7
18	5	3	1	9
19	5	3	2	10
20	5	3	2	10
21	5	3	2	10
22	5	3	2	10
23	5	3	2	10
24	5	3	2	10
25	5	3	2	10
26	5	3	2	10
27	5	0	2	7
Média	4,9	2,4	1,9	9,2

Horizontal: Resultado do aluno

Vertical: Média das questões do parâmetro do objetivo

Observações: Positivas:

Negativas:

Com a observação desta grelha de avaliação, quadro 16 pode-se constatar que não houve nenhuma negativa. Todos os elementos da turma tiveram nota positiva. Dos 27 alunos, 18 obtiveram a classificação máxima de 10 valores, equivalente a "muito bom", sendo que 3 alunos, com a classificação de 9 valores, também obtiveram a mesma classificação qualitativa. A classificação mais baixa, apenas de uma criança, correspondente a "suficiente". Os restantes elementos da turma obtiveram a classificação de "bom".

3.3.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

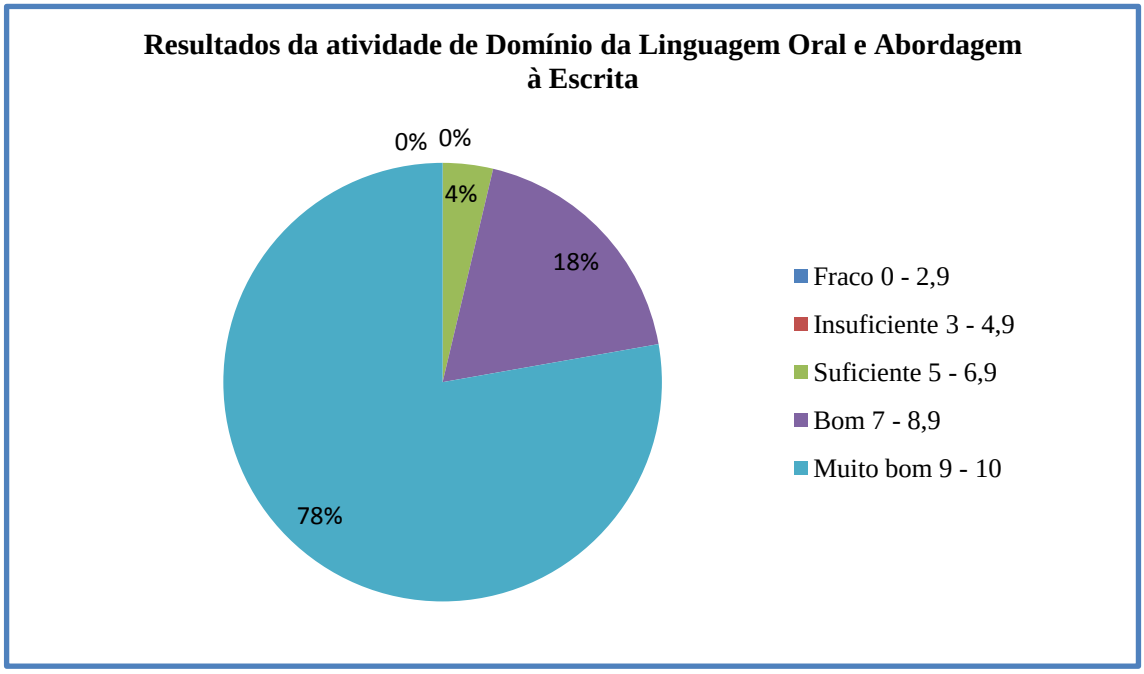


Figura 70 – *Gráfico Circular dos resultados da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

Através da observação desta figura pode-se concluir que 78% dos alunos obtiveram como classificação "muito bom", 18% "bom", 4% "suficiente" e, 0% "insuficiente" e "fraco". Desta forma é perceptível que não se registaram notas negativas (inferiores a 5 valores) e, sendo assim, a maioria da turma obteve a classificação mais alta, entre 9 a 10 valores.

3.4. Proposta de atividade de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

1. **Observa a imagem da Roda dos Alimentos e constrói o puzzle com a ajuda da mesma.**

Nome: _____ Data:_____

Proposta de trabalho realizada por Marisa Silva, nº19 Mestrado em Pré-Escolar e 1ºCiclo

Figura 71 – *Proposta de atividade de Conhecimento do Mundo*

3.4.1. Avaliação da atividade 2 – Conhecimento do Mundo

A atividade 2 ocorreu após uma aula de Conhecimento do Mundo cujo tema era A Roda dos Alimentos, realizada no dia 29 de novembro e lecionada à turma do Bibe Azul A do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, com a duração de 15 minutos. (Quadro 17)

Após a aula foi entregue aos alunos esta atividade, juntamente com um envelope, contendo as partes constituintes da Roda dos Alimentos. A atividade consistia em observar a imagem da Roda dos Alimentos, inserida no canto superior direito da folha e construir o puzzle com a ajuda desta imagem.

3.4.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com o primeiro, e único exercício, desta atividade pretende-se que os alunos identifiquem e compreendam as partes constituintes da Roda dos Alimentos. O aluno deve observar uma imagem da Roda dos Alimentos que se encontra no canto superior direito da sua atividade, construir o puzzle, dividido em oito partes, que lhe foi entregue num envelope e colá-lo. Se o aluno identificar e colar, corretamente as oito peças do puzzle da Roda dos Alimentos e, caso realize uma colagem correta e dentro da roda, obterá a classificação total atribuída aos dois parâmetros, correspondentes à identificação e compreensão da Roda dos Alimentos e à apresentação. De acordo com o número de peças identificadas e coladas com correção, o exercício será cotado de diferentes formas.

Quadro 17 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação e compreensão da Roda dos Alimentos.	Identifica e cola corretamente oito partes da Roda dos Alimentos.	8	8
	Identifica e cola corretamente sete partes da roda dos Alimentos.	7	
	Identifica e cola corretamente seis partes das Roda dos Alimentos.	6	
	Identifica e cola corretamente cinco partes da Roda dos Alimentos.	5	
	Identifica e cola corretamente quatro partes da Roda dos Alimentos.	4	
	Identifica e cola corretamente três partes da Roda dos Alimentos.	3	
	Identifica e cola corretamente duas partes da Roda dos Alimentos.	2	
	Identifica e cola corretamente uma parte da Roda dos Alimentos.	1	
	Não cola nenhuma parte da Roda dos Alimentos.	0	
2. Apresentação	Colagem correta e dentro da roda.	2	2
	Colagem incorreta ou fora da fora.	0	

3.4.1.2. Grelha de avaliação da atividade

A proposta de trabalho explicada anteriormente foi realizada no Bibe Azul A, tendo tido lugar no dia 29 de novembro de 2011, na área de Conhecimento do Mundo sobre a Roda dos Alimentos.

Quadro 18 – Grelha de avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo

Questões / **Cotações**	1 8	2 2	**Total**
Nº do aluno			
1	8	2	10
2	8	2	10
3	8	2	10
4	8	0	8
5	3	2	5
6	2	0	2
7	4	0	4
8	8	2	10
9	8	0	8
10	8	2	10
11	3	0	3
12	5	2	7
13	8	0	8
14	6	0	6
15	8	2	10
16	8	2	10
17	8	2	10
18	8	0	8
19	8	2	10
20	8	2	10
21	6	2	8
22	8	0	8
23	8	2	10
24	8	2	10
25	8	2	10
26	5	0	5
27	8	2	10
Média	6,9	1,3	8,2

Horizontal: Resultado do aluno

Vertical: Média das questões do parâmetro do objetivo

Observações: Positivas:

Negativas:

Através da observação desta grelha de avaliação constatei que, dos 27 alunos que realizaram esta atividade, apenas 3 obtiveram uma classificação negativa, correspondendo a "fraco" e "insuficiente". Os restantes elementos da turma tiveram nota positiva, sendo que 14 alunos obtiveram a classificação total de 10 valores, o que equivale a "muito bom". Os restantes alunos obtiveram as classificações entre o "bom" e o "suficiente.

3.4.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

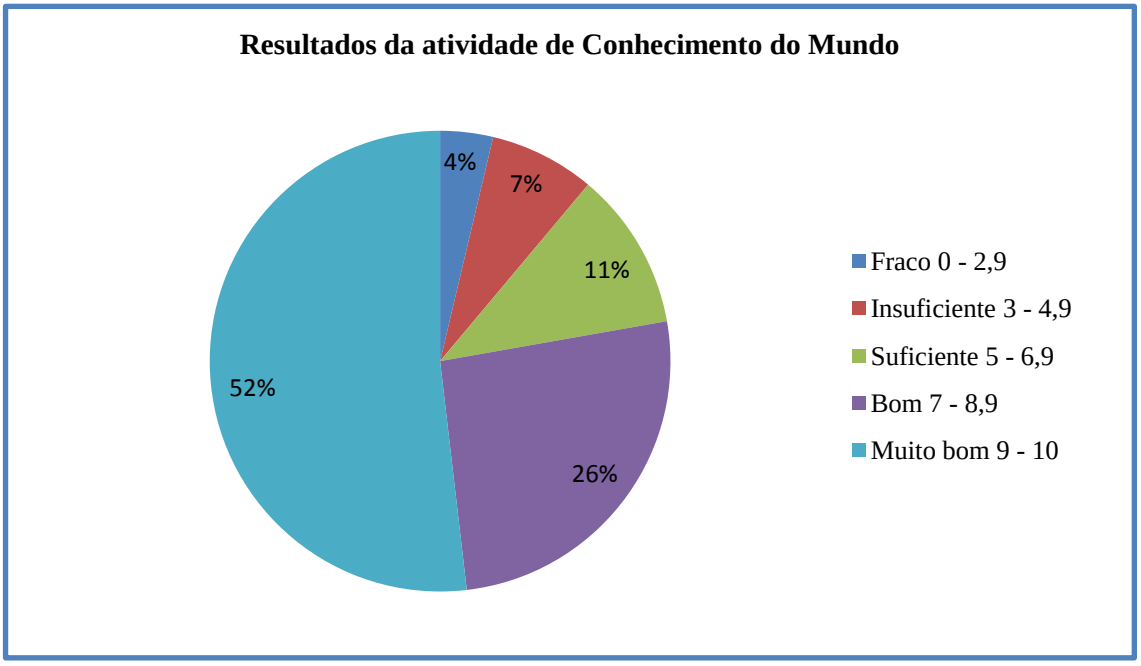


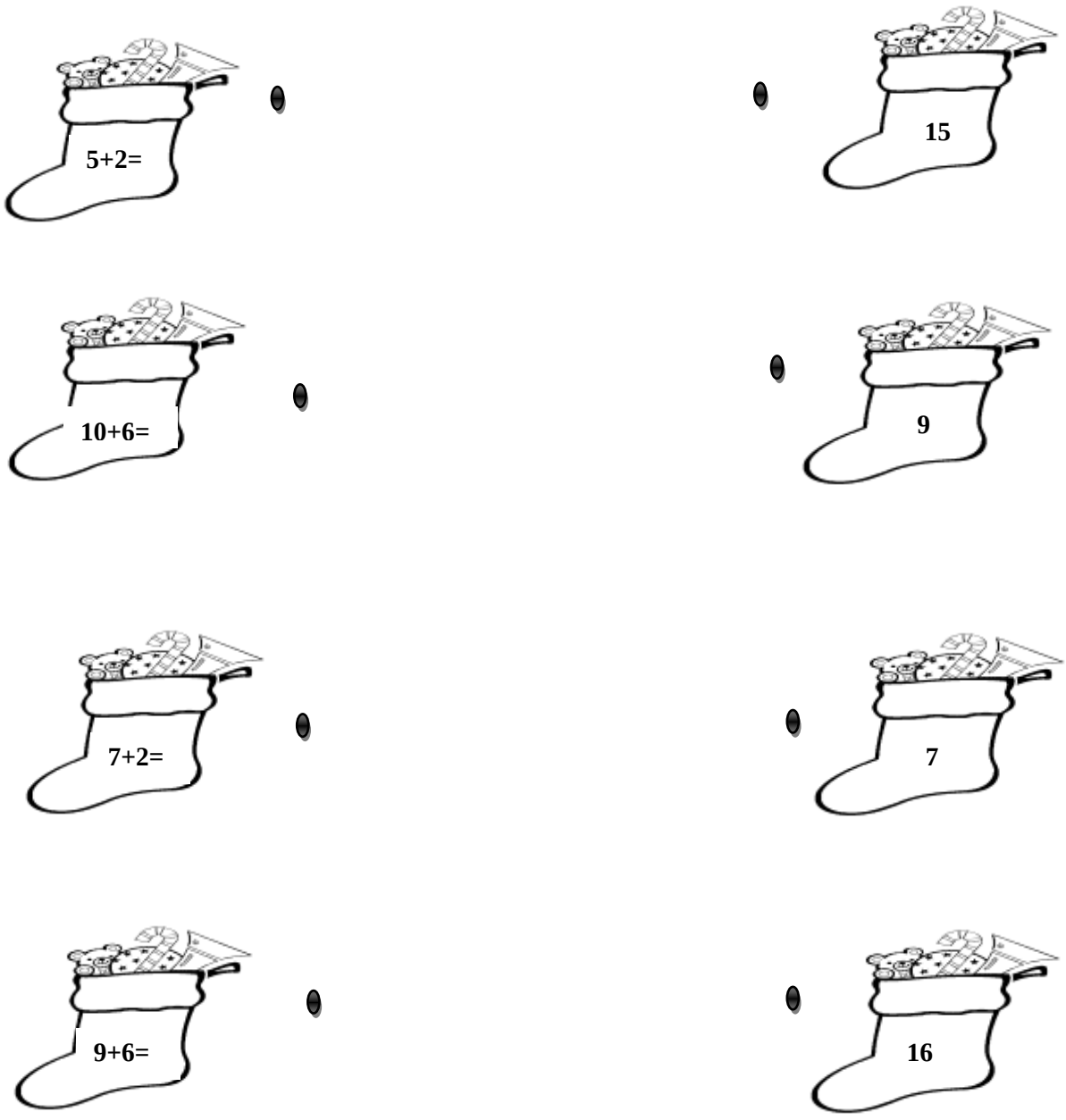
Figura 72 – *Gráfico Circular dos resultados da atividade de Conhecimento do Mundo*

Mediante a observação deste gráfico conclui-se que, grande parte da turma obteve nota máxima, entre 9 a 10 valores, com uma percentagem de 52%. Contudo, 11% obteve nota negativa, compreendida entre 0 a 4,9 valores que correspondem às classificações "fraco" e "insuficiente".

3.5. Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

1. **Liga com uma seta as operações aos seus resultados.**



Nome: _____ Data:_____

Proposta de trabalho realizada por Marisa Silva, nº19 Mestrado em Pré-Escolar e 1ºCiclo

Figura 73 – *Proposta de atividade de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática*

3.5.1. Avaliação da atividade 3 – Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

A atividade 3, inserida no âmbito da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, foi realizada no dia 6 de dezembro de 2010, com os alunos do Bibe Azul A, no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, tendo a duração de 15 minutos.

Posteriormente à aula, utilizando o material Calculadores Multibásicos para trabalhar o Jogo das Bases, foi entregue aos alunos esta atividade. A atividade consistia em ligar com uma seta as operações aos seus resultados. Para concretizar o exercício, os alunos tinham de calcular mentalmente as somas para, de seguida realizarem as devidas ligações.

3.5.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com a realização desta atividade, pretende-se que os alunos desenvolvam o seu raciocínio lógico, na medida em que têm de calcular mentalmente as operações da soma, para posteriormente efetuarem a ligação entre as operações e os resultados. Na atividade existem cinco operações e cinco resultados. Cada operação ligada ao devido resultado equivale a 2 valores. Caso o aluno ligue corretamente as cinco operações aos devidos resultados obterá a classificação total, correspondendo a 10 valores. Consoante o número de operações ligadas, corretamente, aos resultados, o exercício é cotado de diversas formas. (Quadro 19)

Quadro 19 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Realização de somas.	Liga corretamente as cinco operações aos resultados.	10	10
	Liga corretamente quatro operações aos resultados.	8	
	Liga corretamente três operações aos resultados.	6	
	Liga corretamente duas operações aos resultados.	4	
	Liga corretamente uma operação aos resultados.	2	
	Não liga corretamente nenhuma operação aos resultados.	0	

3.5.1.2. Grelha de avaliação de atividade

Esta proposta de atividade foi concretizada no dia 6 de dezembro de 2011, também na turma do Bibe Azul A, inserida na área de Domínio da Matemática, com o tema da Adição.

Quadro 20 – Grelha de avaliação da atividade de Domínio da Matemática

Questões / **Cotações**	1 / 10	**Total**
Nº do aluno		
1	6	6
2	10	10
3	8	8
4	10	10
5	10	10
6	10	10
7	10	10
8	10	10
9	6	6
10	10	10
11	10	10
12	8	8
13	10	10
14	10	10
15	6	6
16	10	10
17	10	10
18	10	10
19	10	10
20	10	10
21	10	10
22	10	10
23	10	10
24	6	6
25	10	10
26	6	6
27	10	10
Média	9,1	9,1

Horizontal: Resultado do aluno

Vertical: Média das questões do parâmetro do objetivo

Observações: Positivas: Negativas

Com base nesta grelha de avaliação, observa-se que todos os alunos conseguiram obter uma classificação positiva, assim sendo, não houve nenhuma classificação negativa. Dos 27 alunos, 20 adquiriram a classificação total, de 10 valores, que corresponde a "muito bom". As classificações dos restantes alunos correspondem a "bom" e "suficiente".

3.5.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

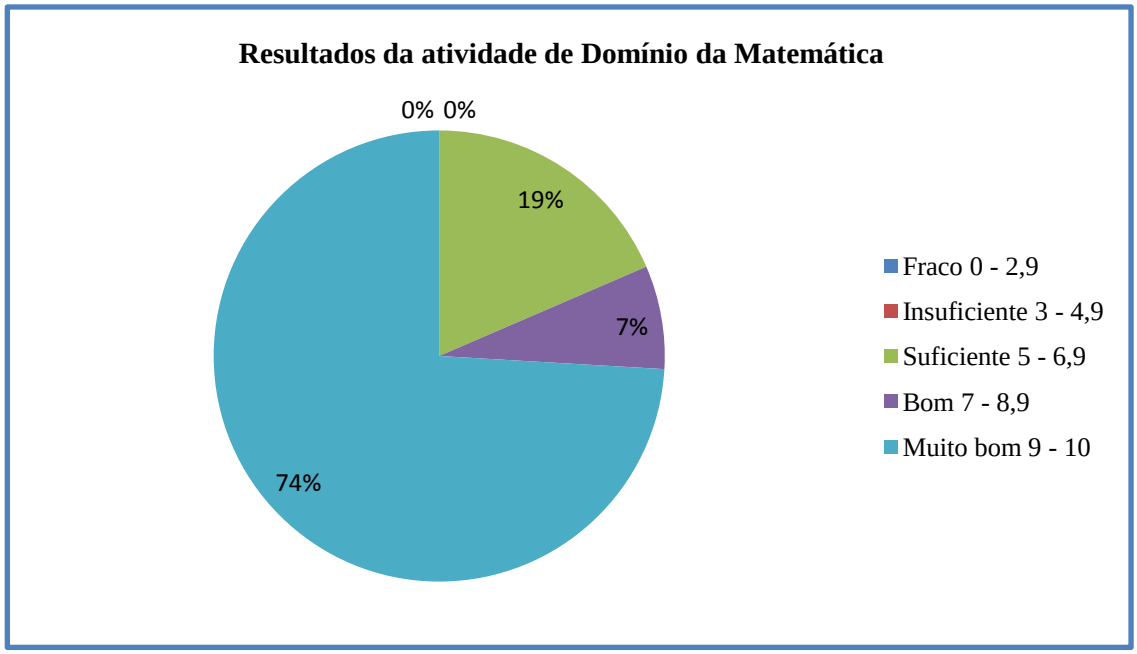


Figura 74 – *Gráfico Circular dos resultados da atividade de Domínio da Matemática*

Com a observação deste gráfico concluo que a maioria dos alunos obteve a nota máxima "muito bom", entre 9 a 10 valores, com uma percentagem de 74%, não existindo nenhuma classificação negativa. 19% dos alunos obtiveram a classificação correspondente a "suficiente" e 7% dos alunos "bom".

3.6. Grelha de comparação dos resultados das atividades nas três áreas

Uma vez que realizei todas as propostas de atividades do Ensino Pré-Escolar no Bibe Azul, analisarei, em seguida, por aluno, o desempenho nos três domínios. Assim sendo, efetuo uma avaliação transversal.

	Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Conhecimento do Mundo	Domínio da Matemática	
Cotações	10	10	10	
Nº do aluno				Média
1	10	10	6	8,6
2	5,5	10	10	8,5
3	10	10	8	9,3
4	10	8	10	9,3
5	8,5	5	10	7,8
6	10	2	10	7,3
7	10	4	10	8
8	7	10	10	9
9	10	8	6	8
10	9	10	10	9,6
11	10	3	10	7,6
12	7	7	8	7,3
13	9	8	10	9
14	10	6	10	8,6
15	10	10	6	8,6
16	10	10	10	10
17	7	10	10	9
18	9	8	10	9
19	10	10	10	10
20	10	10	10	10
21	10	8	10	9,3
22	10	8	10	9,3
23	10	10	10	10
24	10	10	6	8,6
25	10	10	10	10
26	10	5	6	7
27	7	10	10	9

Com a observação desta grelha pode-se concluir que as classificações mais baixas correspondem à área de Conhecimento do Mundo. As classificações mais elevadas pertencem à área da Matemática, precedidas das classificações da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita que foram relativamente mais baixas.

No que respeita às médias dos alunos, estas rondam entre os 7 – média mais baixa – e os 10 – média mais alta. Pode-se ainda concluir que todas as médias são positivas, não existindo nenhuma média negativa.

3.6.1. Apresentação dos resultados em gráfico

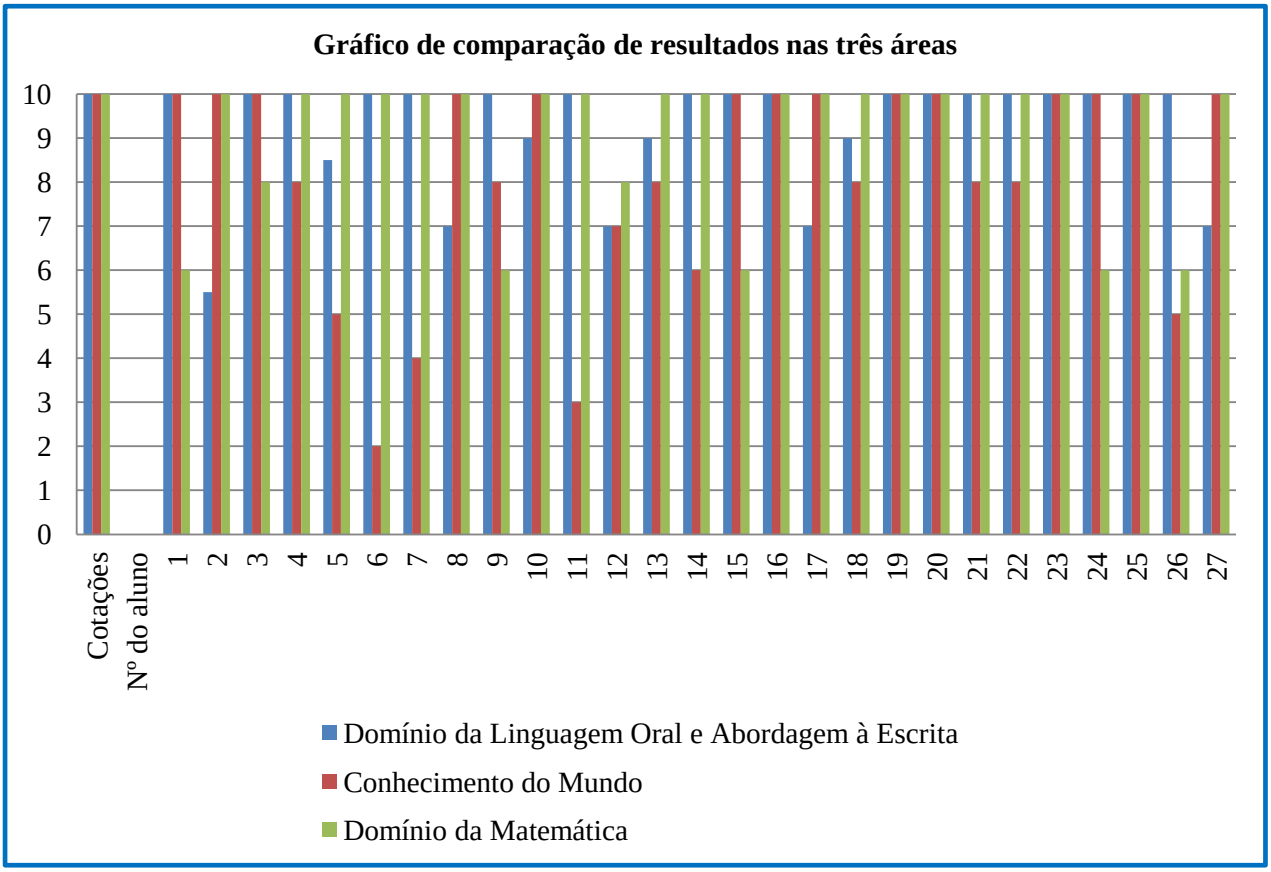


Figura 75 – *Gráfico de barras de comparação de resultados nas três áreas*

Perante a observação deste gráfico de barras apura-se que, em relação a Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, em 27 alunos, 19 obtiveram a classificação total de 10 valores. No que diz respeito à área de Conhecimento do Mundo, apenas 14 alunos conseguiram a classificação máxima. Respetivamente a Domínio da Matemática, a grande maioria dos alunos – 20 – obteve a classificação de 10 valores, classificação máxima.

É ainda notório que, apenas 5 dos 27 alunos obteve a classificação total nas três áreas, sendo os alunos com os números 16, 19, 20, 23 e 25.

Na sua grande maioria todos os alunos alcançaram notas positivas nas três áreas/domínios. Contudo, o aluno número 6 teve uma classificação negativa, de 2 valores, a Conhecimento do Mundo. Para além do sexto aluno, o sétimo e o décimo primeiro alunos, também tiveram notas negativas. O sétimo aluno, a Conhecimento do Mundo teve valores e, o décimo primeiro aluno alcançou 3 valores na mesma área.

3.7. Fundamentação teórica – Avaliação no 1.º Ciclo

Segundo Ribeiro (1989), a avaliação "é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe reside e independente face à classificação." (p.75)

De acordo com o Despacho Normativo n.º1 de 2005, a avaliação é "parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, constitui um instrumento regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico."

O ato de avaliar constitui uma operação indispensável em qualquer sistema escolar, o que não acontece com a classificação. A avaliação permite uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens. A avaliação das e competências assenta nos seguintes princípios: a) consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, de acordo com os contextos em que ocorrem; b) utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados; c) primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de auto-avaliação regulada e a sua articulação com os momentos de avaliação sumativa; d) valorização de evolução do aluno; e) transparência e rigor do processo de avaliação, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adotados; f) diversificação dos intervenientes no processo de avaliação. (Despacho Normativo n.º 1/2005)

Muitas vezes, a avaliação e a classificação são constratadas em termos de uma ser "qualitativa" e outra "quantitativa". Contudo, esta dimensão poderá ser enganadora, pois nada impede a presença de elementos quantitativos na informação que é fornecida pela avaliação.

A avaliação pode incluir, nas informações que fornece "elementos quantitativos e qualitativos, não deixando, por isso, de permanecer distinta da classificação pela intenção que lhe está subjacente de facilitar a aprendizagem através de informações gerais." (Ribeiro 1989, p.76)

Para Ribeiro e Ribeiro (1989), a função de avaliar corresponde a uma "análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades." (p.337)

Através da avaliação pode-se verificar o cumprimento do currículo, diagnosticar insuficiências e dificuldades ao nível das aprendizagens e (re)orientar o processo educativo. (Despacho normativo n.º50/2005)

Em contrapartida, a classificação tem uma intenção seletiva e procede à seriação de alunos ao atribuir-lhes uma posição numa escala de valores.

Ribeiro e Ribeiro (1989) afirmam que a classificação transporta para uma escala de valores "a informação proporcionada pela avaliação, permitindo comparar e seriar resultados e servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos no sistema escolar." (p.338)

Segundo Ribeiro (1989), qualquer classificação resulta de uma comparação que pode ser de dois tipos. Em primeiro lugar existe uma comparação dos resultados do aluno com os dos outros elementos do grupo em que está inserido. Em segundo lugar, os resultados do aluno são comparados com um padrão de aprendizagem pré-estabelecido. (p.76-77)

Deste modo, no primeiro caso, a classificação de um mesmo resultado de aprendizagem depende dos resultados obtidos pelo grupo. E, assim sendo, um aluno que esteja integrado num grupo com mais dificuldades do que ele, obterá uma elevada classificação. O mesmo não acontece se o aluno estiver num grupo com resultados mais altos do que o seu.

No segundo caso, a classificação do aluno não está dependente da que for obtida pelos restantes elementos do grupo. Contudo, traduz a distância a que se encontra do padrão de aproveitamento. (idem)

A autora acima mencionada refere que "as classificações ou "notas" que são atribuídas ao aluno expressam o seu aproveitamento face a um programa proposto, sem que os resultados obtidos pelos colegas interfiram na classificação atribuída." (p.77)

Esta classificação irá colocar o aluno ao longo de uma escala, ficando os restantes membros do grupo distribuídos por outras posições na escala, acima ou abaixo da que ele ocupa.

Uma classificação reduz toda a informação que é possível extrair de uma avaliação feita, que seria preciosa para o aluno "a um símbolo – numérico, literal ou verbal – que apenas indica a sua posição numa escala de valores, não explicitando as causas dessa posição, o que a avaliação faz." (idem, p.77)

É por esta razão que a informação da classificação é "pobre" relativamente à fornecida pela avaliação.

Naturalmente que uma classificação não é atribuída arbitrariamente. Necessita sempre de uma avaliação que a precede e fundamenta e que é depois traduzida num símbolo correspondente a um ponto de uma escala adotada.

Por isso, Ribeiro (1989) afirma que, "não há classificação sem avaliação. Mas a recíproca não é verdadeira: pode (…) haver avaliação sem que qualquer classificação tenha de se lhe seguir." (p.77)

As avaliações a que o professor procede estão enquadradas em três tipos: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa – estes dois últimos termos criados por Scriven (Tyler, Gagné e Scriven, 1967) para distinguir dois tipos de avaliação e aplicados, posteriormente, por Bloom (1978) a testes. (idem, p.79)

Cada um destes tipos de avaliação tem uma função específica, complementar das restantes, constituindo assim um conjunto indispensável ao professor.

Bloom (1971) referido em Ribeiro (1989), afirma que "porque as funções são distintas, o momento adequado da sua utilização, a ênfase da avaliação e a estrutura dos instrumentos de que serve apresentam diferenças em cada tipo." (p.79)

Vejamos agora as diferenças entre os tipos de avaliação.

Segundo o Despacho Normativo n.º 1 de 2005, "a avaliação diagnóstica conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional." Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.

Num teste diagnóstico, as questões incluídas inserem-se sobre os objetivos que representam os pré-requisitos da nova unidade. Através dos resultados destes testes, o professor pode tomar decisões que vão "desde a necessidade de voltar a abordar os objectivos, um a um, até considerar que os alunos já os atingiram e é possível, agora, começar a unidade planeada." Caso o professor verifique dificuldades de certos alunos face a determinados pontos da matéria, será oportuno voltar a recorrer à avaliação diagnóstica e averiguar se algo que devia ter sido aprendido anteriormente está ausente. (Ribeiro 1989, p.81)

No que diz respeito à avaliação formativa, este tipo de avaliação desempenha um papel paralelo ao da avaliação diagnóstica.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989), a avaliação formativa acompanha "todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam." (p.348)

O Despacho Normativo n.º1 de 2005 refere que, a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem.

A avaliação formativa é utilizada no decorrer das unidades de ensino e deve ser praticada sistematicamente, de acordo com o plano de avaliação estabelecido. Uma avaliação contínua nada mais é do que uma avaliação formativa permanente.

Hadji (2002, citado em Ferreira, 2007) considera que a principal função da avaliação formativa é a de informar já que "é a sua virtude informativa que é seu carácter essencial." (p.27)

Para Bloom (1971, referido em Ribeiro e Ribeiro, 1989), os testes formativos "são elaborados para uma dada unidade de ensino e pretendem averiguar onde é que o aluno está a ter dificuldades." (p.349)

Os mesmos autores referem que "um teste formativo incide sobre um núcleo restrito de objectivos de uma unidade de ensino, avaliando em profundidade e não em extensão." (p.349)

Uma prova formativa corrige-se rapidamente. Basta ao professor ter uma folha de papel à sua frente e ir registando os resultados de cada pergunta, que os alunos lhe fornecem, para que, ao fim de poucos minutos tenha a noção do que correu bem e do que necessita ser revisto. (Ribeiro 1989, p.85,87)

Em suma e, para Bloom (1971, mencionado em Ribeiro e Ribeiro, 1989) o objetivo fundamental das observações de caráter formativo (…) é determinar o grau de proficiência atingindo numa dada tarefa de aprendizagem e identificar a parte da tarefa onde não se conseguiu tal proficiência. O objetivo não é classificar ou passar um certificado ao aluno; é ajudar quer o aluno quer o professor a concentrarem os seus esforços sobre a aprendizagem necessária para atingirem a proficiência. (p.356)

Relativamente à avaliação sumativa, esta "procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado." (p.359)

Segundo o Despacho Normativo n.º1 de 2005, este tipo de avaliação "consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno."

Este tipo de avaliação visa medir e classificar os resultados de aprendizagem obtidos pelos alunos. A avaliação sumativa exprime-se quantitativamente, pela "atribuição de uma nota num determinado ponto da escala de classificação adoptada." (Ferreira 2007, p.30)

Sacristán (1993, citado em Ferreira, 2007) aponta que a avaliação sumativa "faz referência ao juízo final global de um processo que terminou e sobre o qual se emite uma valoração final", em função da comparação de uns alunos com outros. (p.31)

Hadji (1994, citado por Ferreira, 2007) declara que a avaliação sumativa é realizada no final do processo de ensino-aprendizagem, normalmente, através de testes sumativos, consistindo no balanço das aprendizagens dos alunos." (p.30)

Para Ribeiro e Ribeiro (1989), os testes sumativos apresentam uma estrutura claramente diferente da dos testes diagnósticos ou formativos. As perguntas relacionam-se com conteúdos diversificados e objetivos dispersos ao longo de um segmento curricular. (p.360-361)

A avaliação sumativa, segundo Ribeiro (1989) seleciona pontos relevantes, deixando de lado o que é de menor importância. Por isso, não é uma avaliação de «rede fina» como a formativa, mas fornece uma visão de conjunto sobre um segmento programático que a avaliação formativa não dá. (p.28)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989), a finalidade deste tipo de avaliação "não é classificar os alunos mas sim acrescentar mais de um elemento de informação àqueles já recolhidos pelas avaliações diagnóstica e formativa." A avaliação sumativa é uma forma de avaliação como as restantes, um elemento informativo ao lado de outros, devendo a classificação do trabalho do aluno apoiar-se em todos os elementos da informação de que o professor dispõe e que não só os fornecidos por testes de avaliação. (p.361)

Para concluir, os três tipos de avaliação aparecem associados pela complementaridade das funções que desempenham e são, por isso, todos utlizados em qualquer altura do ano escolar.

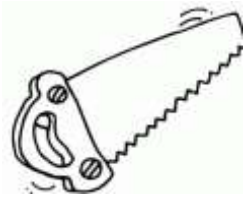
3.8. Proposta de atividade de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

1. Lê o texto com atenção.

Peguei na Serra da Estrela

Peguei na serra da estrela
para serrar uma cadeira
e apanhei um nevão
numa serra de madeira.



Com as linhas dos comboios
bordei um lindo bordado,
quando o comboio passou
o pano ficou rasgado.

Nas ondas do teu cabelo
já pesquei duas pescadas.
Olha para as ondas do mar
como estão despenteadas.

Guardo o dinheiro no banco,
guardo banco na cozinha.
Tenho cem contos de fadas,
que grande fortuna a minha.

Com medo que um ladrão
um dia me vá roubar,
mandei pôr na minha porta,
três grossas correntes de ar.

Encomendei um cachorro
naquela pastelaria,
quem havia de dizer
que o maroto me mordia?!

Apanhei uma raposa
no exame e estou feliz
vejam que lindo casaco
com a pele eu fiz.

Entrei numa carruagem
para voltar à minha terra
enganei-me na estação
e desci na Primavera!!!

Luísa Ducla Soares.

Palavras homónimas

1. Escreve duas frases para cada par de palavras homónimas.

vela/vela

_____

_____

_____

pena/pena

_____

_____

_____

2. Escreve uma quadra para acrescentar ao texto. Não te esqueças que a quadra tem de ter duas palavras homónimas.

2.1. Sublinha a azul as palavras homónimas que escolheste.

_____

_____

_____

_____

Nome: _____ Data:_____

Proposta de trabalho realizada por Marisa Silva, nº19 Mestrado em Pré-Escolar e 1ºCiclo

Figura 76 – *Proposta de atividade de Língua Portuguesa*

3.8.1. Avaliação da atividade 1 – Língua Portuguesa

A atividade 1 refere uma aula de Língua Portuguesa efetuada no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais na turma do 4.º ano A, com 22 alunos, no dia 23 de janeiro de 2012, tendo uma duração de 15 minutos. Esta atividade foi realizada por todos os elementos da turma.

No decorrer da aula cujo tema eram as palavras homónimas e, após a leitura do texto, da interpretação e da análise gramatical do mesmo, foram distribuídos pelos alunos alguns cartões, uns com imagens e outros com palavras, com o intuito de construírem frases para cada

palavra homónima. Posteriormente, foi dada esta atividade, na qual os alunos tinham de ler o texto, o que já tinha sido feito. No segundo exercício era pedido que escrevessem duas frases para cada par de palavras homónimas. Por fim, o terceiro exercício consistia em escrever uma quadra para acrescentar ao texto com duas palavras homónimas e, ainda, sublinhar as palavras homónimas que escolhessem.

3.8.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

O primeiro exercício consistia na leitura do texto "Peguei na Serra da Estrela". Neste exercício pretende-se que o aluno leia o texto corretamente. Se o aluno realizar a leitura corretamente terá a cotação máxima.

No segundo exercício ambiciona-se desenvolver a caligrafia do aluno ao escrever duas frases para cada par de palavras homónimas. Caso o aluno escreva as duas frases corretamente e sem erros ortográficos, obterá a classificação total. Consoante o número de frases escritas e os erros ortográficos, o exercício será cotado de diversas formas.

Posteriormente, o último exercício consiste em escrever uma quadra acrescentando-a ao texto com duas palavras homónimas e, após a escrita da quadra, sublinhar a azul as palavras homónimas escolhidas. (Quadro 21)

Quadro 21 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Língua Portuguesa

Parâmetros	**Critérios**		**Cotações**
1. Leitura do texto (por quadras)	Fez bem a leitura	1	1
	Não soube ler algumas palavras	0.5	
	Não fez a leitura	0	
2. Escrita de frases.	Escreveu corretamente as duas frases	2	2.5
	Escreveu corretamente uma frase	1.5	
	Não escreveu nenhuma frase	0	
	Escreveu sem erros ortográficos	0.5	
	Escreveu com erros ortográficos	0	
3. Escreveu uma quadra	Escreveu a quadra	5	6
	Escreveu três versos	4	
	Escreveu dois versos	3	
	Escreveu um verso	2	
	Não escreveu	0	
	Escreveu sem erros ortográficos	1	
	Escreveu com erros ortográficos	0	
3.1. Sublinhar a azul as palavras homónimas	Sublinhou as palavras	0.5	0.5
	Não sublinhou as palavras	0	

3.8.1.2. Grelha de avaliação de atividade

Esta atividade foi executada no Bibe Azul-escuro (4.º ano), dia 23 de janeiro de 2011, na área de Língua Portuguesa, tendo como tema as Palavras homónimas.

Quadro 22 - Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Questões	1	2	3	3.1	**Total**
Cotações	1	2.5	6	0.5	
Nº do aluno					
1	1	2,5	6	0,5	10
2	1	1,5	6	0,5	9
3	1	1,5	6	0	8,5
4	1	2,5	6	0,5	10
5	1	1	5	0,5	7,5
6	1	2,5	6	0,5	10
7	1	2,5	5	0,5	9
8	1	2,5	5	0,5	9
9	1	2,5	6	0,5	10
10	1	2,5	6	0,5	10
11	1	2	5	0,5	8,5
12	1	2,5	5	0,5	9
13	1	2	6	0	9
14	1	2	6	0,5	9,5
15	1	2,5	6	0,5	10
16	1	2,5	6	0,5	10
17	1	2,5	6	0,5	10
18	1	2,5	6	0,5	10
19	1	2,5	6	0,5	10
20	1	2	5	0,5	8,5
21	1	2,5	5	0,5	9
22	1	2,5	6	0,5	10
Média	1	2,3	5,7	0,5	9,5

Horizontal: Resultado do aluno

Vertical: Resultado da questão do parâmetro do objetivo

Observações: Positivas: Negativas:

Através da observação desta grelha de avaliação constata-se que não houve negativas, logo, todos os membros da turma tiveram uma classificação positiva. Dos 22 elementos da turma, 11 tiveram a classificação máxima de 10 valores, o que equivale a "muito bom", 7 alunos obtiveram a classificação entre 9 e 9.5, obtendo, também a mesma classificação qualitativa. Os restantes 4 alunos obtiveram a classificação de "bom".

3.8.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

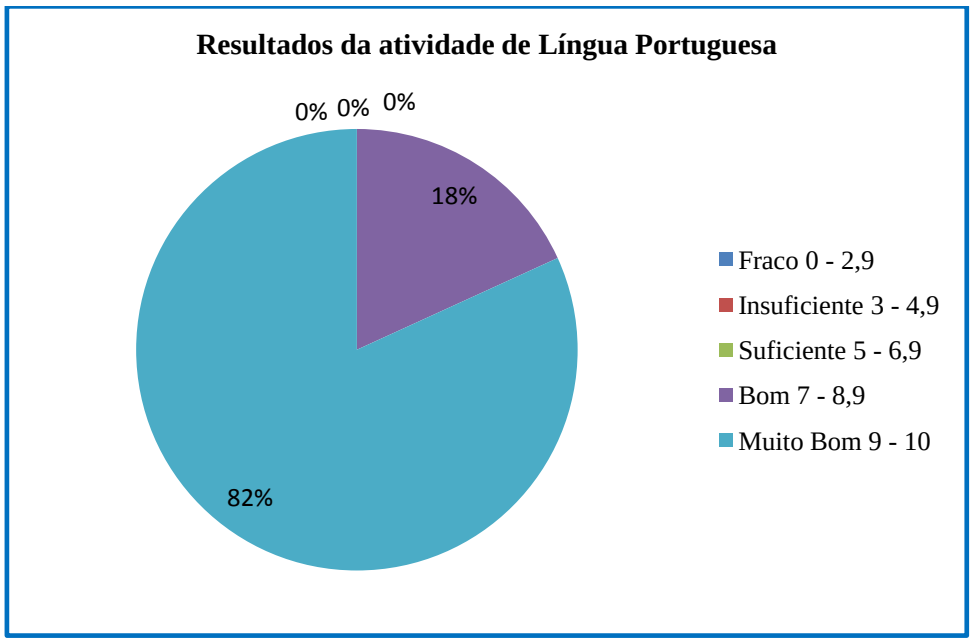


Figura 77 – *Gráfico Circular dos resultados da atividade de Língua Portuguesa*

Com a observação deste gráfico conclui-se que 82% dos alunos tiveram a classificação de "muito bom", 18% "bom" e 0% "suficiente", "insuficiente" e "fraco". Pode-se então concluir que não se registaram classificações negativas, ou seja, inferiores a 5 valores. Conclui-se ainda que a maioria da turma obteve a classificação mais alta, entre 9 a 10 valores.

3.9. Proposta de atividade de Estudo do Meio

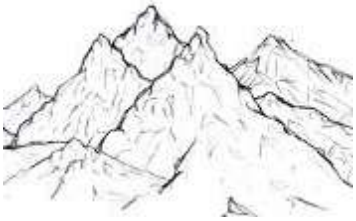
Jardim-Escola João de Deus - Olivais

Sabias que …

Uma **elevação** de terreno com mais de **400 metros de altitude** dá-se o nome de **montanha**.

A **um grupo de montanhas** juntas e alinhadas dá-se o nome de **serra**.

A **altitude** é a distância medida na vertical, a partir do nível da água do mar até ao seu ponto mais alto.



1. Preenche a tabela de acordo com:
   - as serras que estudaste,
   - o distrito/arquipélago a que pertencem;
   - a altitude de cada uma.

Nome da serra	Distrito/Arquipélago	Altitude
	Açores	
Gerês		
		1415m

Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho realizada por Marisa Silva, nº19 Mestrado em Pré-Escolar e 1ºCiclo

Figura 78 – *Proposta de atividade de Estudo do Meio*

3.9.1. Avaliação da atividade 2 – Estudo do Meio

A atividade 2 surgiu durante a aula de Estudo do Meio cujo tema era As Serras, realizada no dia 23 de janeiro de 2012 na sala do 4.º ano A. Esta turma é composta por 22 alunos, tendo todos estes membros da turma realizado a proposta de trabalho.

Durante a aula foram entregues 11 cartões com situações problemáticas a cada 2 alunos. As situações problemáticas dos cartões tinham o intuito de descobrirem, através da sua resolução a altitude de cada Serra a ser estudada. Todos os cartões estavam interligados, logo tinha-se de resolver uma situação problemática de cada vez, pois um dos dados das situações estava no cartão anterior. À medida que iam decifrando a altitude o par dirigia-se ao quadro e, num mapa de Portugal Continental e Arquipélagos colocavam a serra no distrito a que pertencia e uma placa com o seu nome e a sua altitude. Os distritos de cada serra encontravam-se num placar com janelas, bem como a resposta à situação problemática, respetiva a cada serra. Ao mesmo tempo que esta tarefa era realizada, os alunos resolviam a proposta de trabalho que consistia em preencher a tabela de acordo com as serras que estavam a estudar, o distrito ou arquipélago a que pertenciam e a altitude de cada uma. Com esta atividade pretendia-se que os alunos sejam capazes de preencher corretamente a tabela ao mesmo tempo que realizam outra tarefa, exigindo uma maior concentração.

3.9.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No primeiro e único exercício pretende-se que os alunos identifiquem as serras, o distrito e arquipélago a que pertencem e a altitude de cada uma e que preencham a tabela de acordo com os dados anteriores. Se o aluno identificar e preencher sem erros ortográficos as onze serras, os onze distritos/arquipélagos e as onze altitudes obterá 10 valores. Consoante o número de serras, distritos/arquipélagos, altitudes e erros ortográficos, este exercício será cotado de diferentes formas.

Quadro 23 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Preencher a tabela de acordo com as serras, o distrito ou arquipélago a que pertencem e a sua altitude.	Escreveu corretamente as onze serras	3	10
	Escreveu corretamente os onze distritos ou arquipélagos	3	
	Escreveu corretamente as onze altitudes	3	
	Escreveu sem erros ortográficos	1	
	Escreveu com erros ortográficos cinco palavras	0.5	
	Escreveu com erros ortográficos mais de cinco palavras	0	

3.9.1.2. Grelha de avaliação da atividade

Atividade realizada, também, no Bibe Azul-escuro (4.º ano), dia 23 de janeiro de 2012, em Estudo do Meio com o tema As Serras.

Quadro 24 – Grelha de avaliação da atividade de Estudo do Meio

Questões / **Cotações**	1 / 10	**Total**
Nº do aluno		
1	9	9
2	6	6
3	7	7
4	5	5
5	3	3
6	9	9
7	9	9
8	9	9
9	9	9
10	10	10
11	10	10
12	8	8
13	8	8
14	10	10
15	10	10
16	8	8
17	9	9
18	10	10
19	8	8
20	7	7
21	8	8
22	10	10
Média	8,2	8,2

Horizontal: Resultado do aluno

Vertical: Resultado da questão do parâmetro do objectivo

Observações: Positivas: Negativas:

Ao observar esta grelha de avaliação averiguei que, dos 22 alunos que realizaram esta atividade, apenas 1 obteve uma classificação negativa, correspondente a "insuficiente". Os restantes alunos obtiveram uma classificação positiva, ou seja, 12 alunos obtiveram a classificação entre 9 a 10 valores, o que equivale a "muito bom", 7 alunos obtiveram "bom" e 2 alunos obtiveram como classificação "suficiente" entre 5 e 6,9 valores.

3.9.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

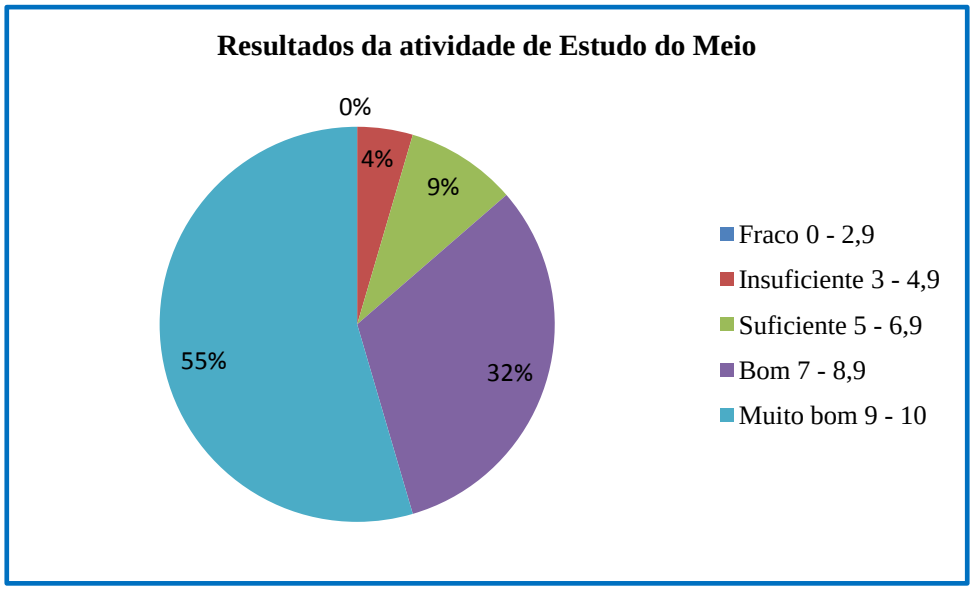
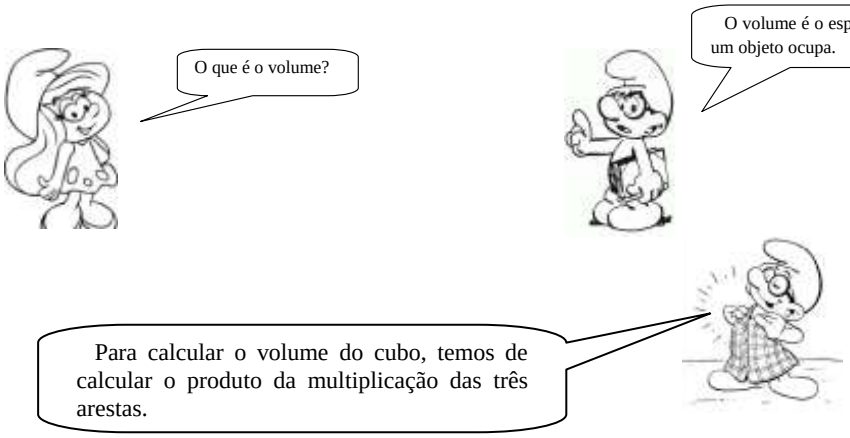


Figura 79 – *Gráfico Circular dos resultados da atividade de Estudo do Meio*

Conforme se pode constatar através da observação deste gráfico, uma grande parte da turma obteve a classificação máxima, com uma percentagem de 55%. 32% dos alunos obteve uma classificação de "bom" e, apenas 9% obteve uma classificação entre 5 a 6,9 valores o que equivale a "suficiente". Contudo, 4% obteve uma nota negativa, compreendida entre 3 a 4,9 valores o que corresponde a "insuficiente". Pode-se ainda constatar que não houve nenhuma classificação de "fraco".

3.10. Proposta de atividade de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais



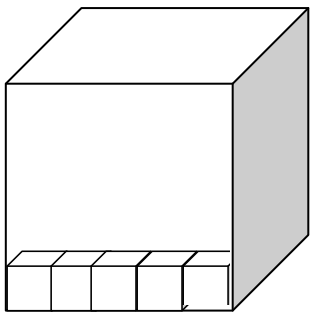
1.º V = a x a x a

2.º V = aresta x aresta x aresta

3.º V = 1cm x 1cm x 1cm= 1cm

1. Sabendo que cada pequeno tem 1 unidade de volume, quantos cubos pequenos são necessários para encher o cubo grande?

Dados Indicação Operação



R:_____

_____

Nome: _____ Data:_____

Proposta de trabalho realizada por Marisa Silva, nº19 Mestrado em Pré-Escolar e 1ºCiclo

Figura 80 – *Proposta de atividade de Matemática*

3.10.1. Avaliação da atividade 3 – Matemática

A atividade 3 insere-se no âmbito da área de Matemática realizada, também no dia 23 de janeiro de 2012, com os alunos do 4.º ano A, tendo uma duração de 15 minutos.

Após a aula de iniciação ao volume foi entregue aos alunos esta atividade. A atividade consistia em calcular o número de cubos pequenos que seriam necessários para encher o cubo grande, sabendo que cada cubo pequeno tinha 1 unidade de volume. Para resolverem este exercício, os alunos tinham que calcular o número de cubos de uma aresta e, após o cálculo, multiplicar o número de cubos de cada aresta pelas três arestas, ou seja, comprimento x largura x altura, conforme a fórmula estudada para calcular o volume.

3.10.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Com a realização desta atividade pretende-se que os alunos desenvolvam o raciocínio lógico-matemático, na medida em que têm de efetuar cálculos para obter uma resposta correta à situação problemática, para saberem quantos cubos pequenos são necessários para encher o cubo grande. Se o aluno apresentar corretamente os dados, a indicação e a operação e der uma resposta correta em unidades de volume obterá a classificação máxima de 10 valores. Caso o aluno não indique corretamente os dados, e/ou a indicação, e/ou a operação e/ou a resposta, ou lhe falte algum ponto referido anteriormente, o exercício será cotado de diferentes formas.

Quadro 25 – Grelha de parâmetros, critérios e cotações da atividade de Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Cálculo do volume	Apresentou corretamente os dados, indicação e operação e deu uma resposta correta em unidades de volume	10	10
	Deu uma resposta correta, mas não colocou dados	8	
	Não deu resposta correta, mas apresentou raciocínio correto	5	
	A resposta está completa e apresentou dados, indicação e operação	10	
	A resposta está completa, mas não apresentou a operação	7	
	Deu a resposta correta, mas não apresentou dados nem a formulação da resposta está completa	5	
	Deu a resposta correta, mas está incompleta Não apresenta dados nem operação Na indicação introduziu erradamente a potência	4	
	Deu resposta correta, mas está incompleta Apresenta indicação e operação Não apresenta dados	6	
	Não deu a resposta Não apresentou dados	3	
	Deu a resposta correta Não apresenta dados nem indicação.	5	

3.10.1.2. Grelha de avaliação de atividade

Esta última atividade apresentada foi realizada no Bibe Azul-escuro (4.º ano), na área da Matemática, dia 23 de janeiro de 2012 com o tema Volume.

Quadro 26 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática

Questões	1	**Total**
Cotações	10	
Nº do aluno		
1	4	4
2	5	5
3	5	5
4	6	6
5	5	5
6	6	6
7	6	6
8	4	4
9	7	7
10	8	8
11	8	8
12	8	8
13	6	6
14	6	6
15	6	6
16	4	4
17	6	6
18	6	6
19	6	6
20	3	3
21	3	3
22	10	10
Média	5,9	5,9

Horizontal: Resultado do aluno

Vertical: Resultado da questão do parâmetro do objetivo

Observações: Positivas: Negativas

Com base nesta grelha de avaliação pode-se constatar que dos 22 alunos, 17 conseguiram obter uma classificação positiva, tendo os restantes alunos uma classificação negativa. Dos 17 alunos que tiveram classificação positiva, apenas 1 aluno adquiriu a classificação total, de 10 valores, que corresponde a "muito bom", as classificações dos restantes alunos correspondem a "bom" e "suficiente". Os alunos que obtiveram uma classificação negativa, ou seja, 5 alunos, obtiveram como classificação "insuficiente" entre 3 a 4,9 valores.

3.10.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

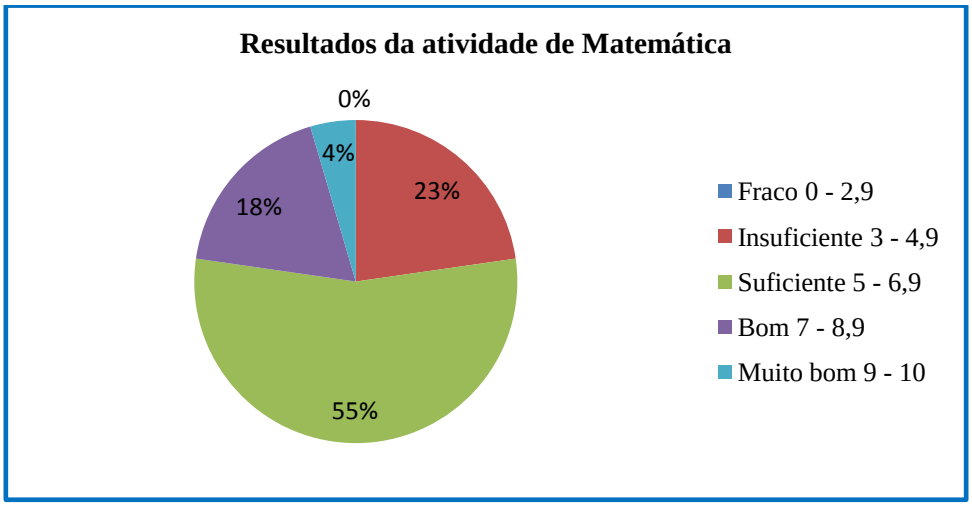


Figura 81 – *Gráfico Circular dos resultados da atividade de Matemática*

Ao observar este gráfico averigua-se que a maioria dos alunos, 55%, obteve uma classificação de "suficiente", entre 3 a 4,9 valores. 23% dos alunos obteve uma classificação negativa de "insuficiente", 18% obteve uma classificação de "bom" e, apenas 4% obteve a classificação máxima de "muito bom".

3.11. Grelha de comparação dos resultados das atividades nas três áreas

Tal como nos dispositivos de avaliação do Ensino Pré-Escolar, também, no ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico realizei todas as propostas de trabalho no Bibe Azul-escuro A (4.º ano) que, seguidamente, irei analisar por aluno o desempenho nas três áreas de conteúdos.

	Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Matemática	
Cotações	10	10	10	
Nº do aluno				Média
1	10	9	4	7,6
2	9	6	5	6,6
3	8,5	7	5	6,8
4	10	5	6	7
5	7,5	3	5	5,1
6	10	9	6	8,3
7	9	9	6	8
8	9	9	4	7,3
9	10	9	7	8,6
10	10	10	8	9,3
11	8,5	10	8	8,8
12	9	8	8	8,3
13	9	8	6	7,6
14	9,5	10	6	8,5
15	10	10	6	8,6
16	10	8	4	7,3
17	10	9	6	8,3
18	10	10	6	8,6
19	10	8	6	8
20	8,5	7	3	6,1
21	9	8	3	6,6
22	10	10	10	10

Observando esta grelha de comparação de resultados nas três áreas conclui-se que, em 22 alunos, apenas 1 obteve como média das três áreas abordadas, a classificação máxima, de 10 valores. Dos restantes alunos, 16 obtiveram uma média superior a 7 valores.

A média dos elementos da turma está compreendida entre 5,1 – média mais baixa – e 10 – média mais elevada.

3.11.1. Apresentação dos resultados em gráfico

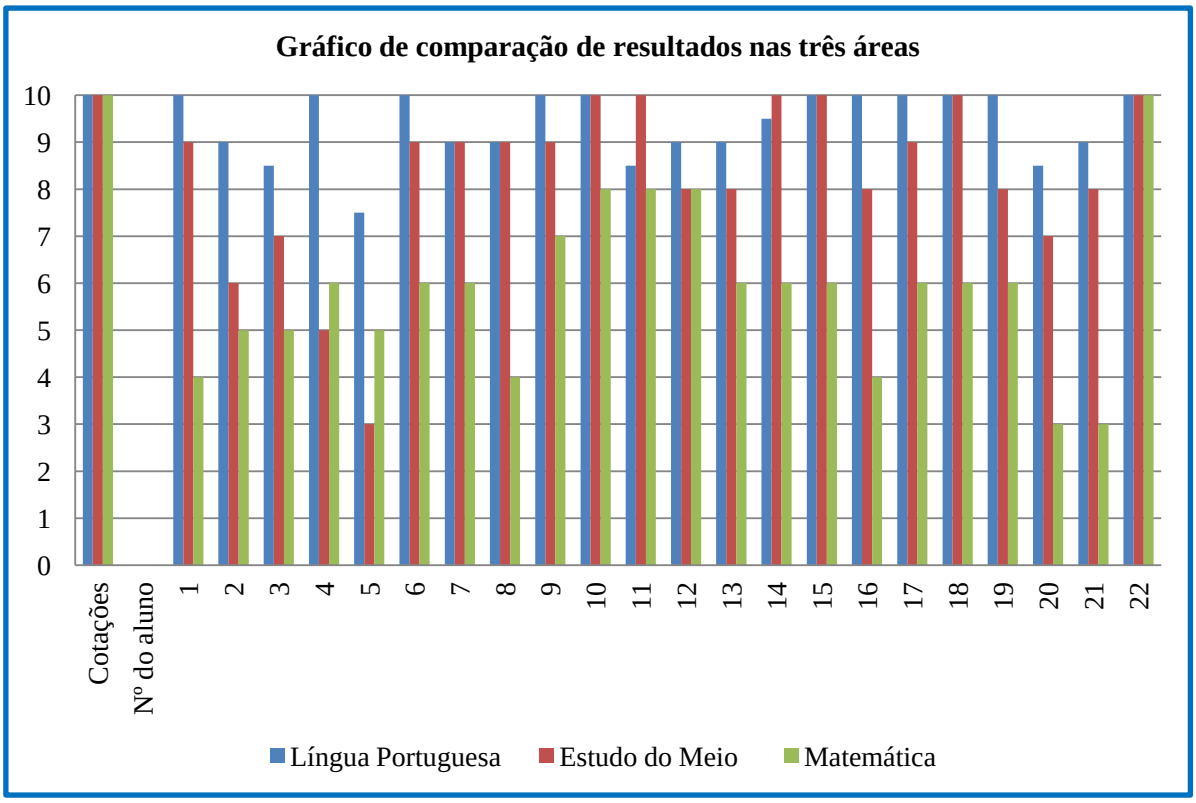


Figura 82 – Gráfico de barras de comparação de resultados nas três áreas

Ao observar este gráfico de barras de comparação de resultados verifica-se que metade dos alunos obteve uma classificação máxima na área de Língua Portuguesa. No que corresponde à área de Estudo do Meio, em 22 alunos, somente 6 conseguiram a classificação total de 10 valores. Em relação à área de Matemática, apenas 1 aluno obteve como resultado 10 valores – nota máxima.

No que diz respeito aos restantes elementos da turma, em Língua Portuguesa, as classificações mais baixas foram de 9 valores, conseguidas por todos os alunos que não obtiveram a classificação total. Respetivamente a Estudo do Meio, as restantes classificações estão compreendidas entre os 3 e 9 valores e, em Matemática entre os 3 e 8 valores.

É de referir que, apenas 1 aluno, o último aluno desta turma, obteve a classificação máxima nas três áreas.

Na sua grande maioria, todos os alunos atingiram notas positivas nas três áreas, exceto os alunos número 1,5,8,16,20 e 21 que obteram uma classificação negativa. O aluno número 5, ao contrário dos restantes alunos com notas negativas, obteve uma classificação de 3 valores a Estudo do Meio. Os outros alunos com negativas, obtiveram-nas na área de Matemática, entre os 3 e os 4 valores.

Reflexão Final

1. Considerações finais

O Estágio Profissional I, II e III decorreu desde 12 de outubro de 2010 até 27 de janeiro de 2012, no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais. Parte do período de estágio, um semestre, foi realizado no Ensino Pré-Escolar e, uma grande parte, dois semestres, no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo de todo o mestrado dei importância à parte teórica mas, principalmente à parte prática, pois só adquirindo bastante prática me posso tornar uma boa educadora e professora. Para o ser, não basta apenas saber os conteúdos e toda a parte teórica, é fulcral ter prática no que se faz. Contudo, sinto que ainda me falta muita preparação e experiência, apesar de a ter desde o início da licenciatura. Talvez esta falta seja colmatada com o futuro perante uma turma que será a minha e com quem partilharei conhecimentos, atitudes, valores e experiências todos os dias.

No decorrer, tanto da licenciatura como do mestrado, pude estar em contacto com diversas realidades educativas, o que me permitiu observar e constactar diversas formas e práticas do ensino-aprendizagem, diversas posturas de docentes em que, nalguns casos me identificava com determinadas atitudes e, noutros casos, em que não me identificava.

Tal como os docentes são diferentes, também os discentes, os alunos, o são. Ao longo deste tempo apercebi-me que cada turma de alunos é única, com as suas características próprias e que diferem de faixa etária para faixa etária. Da mesma maneira que cada turma é única, os elementos dela também o são. Assim sendo, cabe ao educador/professor respeitar cada criança, a sua personalidade e o ritmo de aprendizagem.

Durante várias aulas, ao longo dos momentos em que estive presente nos variados bibes pude observar a alegria, entusiasmo e dedicação que as crianças demonstravam quando trabalhavam algum conteúdo com determinado material, podendo este ser estruturado ou não.

Para além dos variados materiais manipuláveis trabalhados em sala de aula pude observar que, ainda nos dias de hoje, as fichas são muito utilizadas. É certo que as fichas formativas são uma ferramenta utilizada para que os professores realizem a avaliação dos alunos. A criança, ao realizar uma ficha formativa, dá informações ao professor do que sabe bem e do que sabe menos bem, demonstrando as suas dificuldades. Contudo, penso que, para diversificar as formas de avaliar, os professores poderiam realizar a avaliação de determinados conteúdos através de um jogo, por exemplo, deixando de utilizar sempre o mesmo método.

No decorrer do período de estágio fui percebendo que uma das principais dificuldades dos professores era cumprir todos os conteúdos e procedimentos das planificações realizadas. É importante que os professores planifiquem, como referi no capítulo das planificações. Contudo, estas planificações não devem ser rígidas, nem seguidas literalmente, mas sim, suscetíveis de mudança, adaptando-se às situações dos alunos.

Enquanto estagiária, no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, pude partilhar novas experiências, trocar opiniões, adquirir ideias e colocar as minhas dúvidas com toda a equipa docente e discente deste Jardim-Escola.

Durante todo o período de estágio, tanto na licenciatura como no mestrado, foi essencial ter o apoio de todas as Orientadoras da Prática Pedagógica que me ajudaram a evoluir quer profissional quer pessoalmente. Ao longo desta caminhada pude contar sempre com a ajuda das Orientadoras para esclarecer dúvidas, trocar opiniões para as aulas a lecionar e perceber o que correu bem e menos bem durante as aulas lecionadas.

Ao passar por todos os momentos de estágio, exceto o 3.º ano, no mestrado, apercebi-me que gosto igualmente das duas valências. Contudo, no Ensino Pré-Escolar sinto-me mais à vontade com o Bibe Azul, pois acho que este bibe exige mais de nós, o que me agrada bastante. Em relação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico gosto, igualmente, dos 4 anos de escolaridade.

Como iniciei o estágio no Ensino Pré-Escolar e, seguidamente, fui para o 1.º Ciclo, não foi muito difícil ajustar-me a um e depois a outro, apesar de ter acabado o pré-escolar no Bibe Amarelo e de ter começado o 1.º Ciclo no Bibe Verde. Contudo, penso que seria mais benéfico e produtivo, apesar de saber que nem sempre é possível do ponto de vista organizacional, tentar com que os estagiários percorressem todos os bibes, iniciando no Bibe Amarelo e terminando no Bibe Azul-escuro, caso o mestrado abrangesse as duas valências. Assim sendo, os estagiários não teriam tantas dificuldades em se ajustarem a uma valência e depois a outra e, teriam uma maior perceção da evolução das crianças.

Para concluir, penso que o mais importante que podemos reter nestes estágios são, as relações que estabelecemos com os outros (docentes e não docentes) e a experiência profissional que ela nos oferece, bem como uma melhor preparação como futuros profissionais.

2. Limitações

A primeira limitação que refiro deve-se ao escasso tempo para a realização de variadas coisas em simultâneo. Começo por mencionar os momentos de preparação de aulas, com toda a elaboração e realização de materiais, planos de aula; o tempo que necessitei para pesquisas bibliográficas, que nem sempre foram encontradas; o tempo que dediquei às aulas na Escola Superior de Educação; ao tempo de estudo para os testes, trabalhos de grupo e, principalmente, todo o tempo dedicado à realização deste relatório.

Em segundo lugar, saliento a limitação do número de livros, apenas quatro, que é possível requisitar na biblioteca da Escola Superior de Educação João de Deus e ainda, o facto de vários alunos não respeitarem os limites de prazo para a entrega dos livros.

3. Novas pesquisas

Como boa educadora e professora que pretendo ser, devo encontrar-me sempre informada e atualizada cientificamente, tendo como objetivo estar em constante formação e reflexão.

No futuro gostaria de tirar uma formação em Necessidades Educativas Especiais para poder ensinar estas crianças que tanto precisam de docentes especializados mas que, acima de tudo, tenham gosto naquilo que fazem e que respeitem estas crianças. Esta última observação deve-se ao facto de, na licenciatura, ter estagiado numa instituição com NEE em que as crianças não eram acarinhadas nem estimuladas.

Referências Bibliográficas

Referências bibliográficas:

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, SA

Aharoni, R. (2008). *Aritmética para pais – Um livro para adultos sobre a matemática das crianças*. Lisboa: Gradiva

Alain, G. (2001). *Dicionário Prático da Matemática*. Lisboa: Terramar

Alarcão, I. (Org.). (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora

Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento de aprendizagem*. Coimbra: Almedina

Almeida, A. (1998). *A Leitura em voz alta*. Lisboa: Piaget

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora

Amado, J. S. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula.* Porto: Edições ASA

Amorim, C. & Costa, V. (2006). *À Descoberta da Gramática – Primeiro e segundo Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Areal Editores

Amorim, C. & Costa, V. (2011). *À Descoberta da Gramática – 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Areal Editores

Apostol, T. M. (2000). *A história do pi*. Lisboa: Ministério da Educação

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill

Azeredo, M. O., Pinto, M. I. F. M. & Lopes, M. C. A. (2011). *Da Comunicação à Expressão - Gramática Prática de Português. Língua Portuguesa 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Lisboa Editora

Azevedo, F. (2000). *Ensinar e Aprender a Escrever através e para além do erro*. Porto: Porto Editora

Azevedo, Mário. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares sugestões para a estruturação da escrita.* Lisboa: Universidade Católica.

Baptista, A., Viana, F. L. & Barbeiro, L. F. (2011). *O Ensino da Escrita: Dimensões Gráfica e Ortográfica.* Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Barbosa, L. M. (1999). *A avaliação e a supervisão, instrumentos de gestão estratégica das organizações educativas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Barbeiro, L. F. & Pereira, L. A. (2007). *O Ensino da Escrita: A Dimensão Textual*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Bell, J. (2002) *Como resolver um projeto de investigação*. Lisboa: Edições Gradiva

Braga, F. (2001). *Formação de Professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Carvalho, A. D. (1995). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora

Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática*. Porto: Areal Editores

Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: escola Superior de Educação João de Deus

Dicionário da Língua Portuguesa (2010). Porto: Porto Editora

Dinis, C. & Ferreira, L. (2011). *Super Gramática - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora

Diniz, M., A., S. (2001). *As fadas não foram à escola: a literatura de expressão oral em manuais escolares do ensino primário*. Porto: Edições ASA

Dohme, V. (2007). *O valor educacional dos jogos: jogos e dicas para empresas e instituições de educação*. Petrópolis: Editora Vozes

Dohme, V. (2010). *Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na aprendizagem de uma história*. Petrópolis: Editora Vozes

Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação - O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença

Fernandes, D. & Soares, M. M. (2010). *História e Geografia de Portugal*. (7.ª ed.). Abrunheira: Euro Impala

Ferreira, C. (2005). *Avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora

Ferreira, C. A. & Santos, M. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender.* Porto: Edições Afrontamento

Galvão, C., Reis, P., Freire, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em educação*. Porto: Edições ASA

Garcia, C. M. (1999). Formação *de professores: para uma mudança educativa.* Porto: Porto Editora

Gesell, A. (2000). *A criança dos 0 aos 5 anos: o bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. (4.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote

Grosso, C. (2004). *Grandezas e Medidas, Áreas e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Jean, G. (2000). *A Leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget

Korthagen, F. (2009). *A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida*. In M. A. Flores & A. M. Veiga Simão (Ed.), *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA

Letra, C. (2005). *Nova Gramática 3.º e 4.º anos.* Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro

Fourez, G., Maingain, A. & Dufour, B. (dir.). (2008). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget

Maria, B. & Boas, F., V. (2006). *Portefólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Edições ASA

Martins, M. E. G., Loura, L. C. C. & Mendes, M. F. (2007). *Análise de dados: texto de apoio para os professores do 1.º Ciclo*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. (2007a). *Despertar para a Ciência: actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências

Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. (2007b). *Educação em Ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências

Ministério da Educação. (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. (5.ª ed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação

Ministério da Educação. (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (4.ªed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação

Monteiro, J. e Paiva, M. (2008). *Estudo do Meio do João 2.º ano*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro

Moreira, V. (1999). *A criança dos 2 aos 6 anos*. Porto: Ambar

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta

Morgado, L. M. A. (1993). *O Ensino da Aritmética, Perspectiva Construtivista*. Coimbra: Livraria Almedina

Mota, L., Viana, M. A., Isaías, E. (2011). *Viva a Terra! Ciências da Natureza 6.º ano*. Porto: Porto Editora

Nabais, J. A. (s.d.). *À Descoberta da matemática com os cubos-barras de cor: Cores Cuisenaire*. (2.ªed). Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.

NCTM. (2008). *Princípios e normas para a matemática escolar*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática

Oliveira-Formosinho, J. & Andrade, F. F. (2011). O espaço na pedagogia-em-participação. In. J. Oliveira-Formosinho (Ed.). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora

Pacheco, J. A. (1995). *Da componente nacional às componentes curriculares regionais e locais*. Lisboa: Ministério da Educação

Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação: uma prática diária*. Lisboa: Presença

Palhares, P. (ed). (2004). Elementos da matemática para professores do ensino básico. Lisboa: Lidel

Pereira, A. (2002). *Educação para a Ciência.* Lisboa: Universidade Aberta

Pereira, D. (2011). *Nova Gramática de Português*. Lisboa: Santillana Constância

Pereira, J. D. & Lopes, M. C. (2007). *Fantoches e outras formas animadas.* Amarante: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Polya. G, (2003). *Como resolver problemas: um aspecto novo do método matemático*. Lisboa: Gradiva

Ponte, J. P. & Serrazina, L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta

Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (2.ª ed.). Lisboa: Gradiva Editora

Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem.* Lisboa: Universidade Aberta

Robinson, N. (2006). *Enciclopédia do Origami – Guia completo e totalmente ilustrado da arte da dobragem de papel*. Lisboa: Dinalivro

Ruas, B. M. & Grosso, C. (2002). *Números e Operações Aritméticas.* Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Ruas, B. M. & Grosso, C. (2004). *Estatística e Combinatória e Probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o Método de Leitura João de Deus. Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Universidade de Málaga

Sá, J. G. (2002). *Renovar as práticas no 1.º Ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Porto: Porto Editora

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora

Silveira-Botelho, T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga. Faculdad de Ciencias de la Educatión. (tese não editada).

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

Sim-Sim, I., Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: Edições ASA

Vieira, H. (2000). *A Comunicação em Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença

Zabalza, M. A. (1992). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação*. Porto Alegre: Artmed

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento Curricular na escola*. Porto: Edições ASA

Legislação:

Circular n.º4/2011, de 11 de abril

Circular n.º17/2007, de 10 de outubro

Despacho normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro

Despacho normativo n.º 50/2005, de 20 de outubro

Webgrafia:

Bento, P. (2011). *A importância dos trabalhos de casa*. Recuperado a 2012, abril 3, de http://www.eb.23ghdelgado.org/profpaulabento/wp-content/uploads 2011/08/tpc.pdf

Galveias, M. F. C. (2008). *Prática Pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2010, dezembro 17, de http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1(1).pdf

Guedes, G. (1989), Cordeiro, M. (1982) & Guedes, G. (1990). *O que são Jogos Tradicionais*. Recuperado a 2012, abril 3, de http://www.prof2000.pt/users/aif/3oQueSaoJogosTradicionais.htm

Ortega, F. (2008). *Círculo e circunferência*. Recuperado a 2012, abril 3, de http://faliolor.blogspot.pt/2008/08/crculo-e-circunferncia.html

Santos, M. L. (2008). *A Matemática Lúdica: o uso do Tangram*. Recuperado a 2012, janeiro 24 de http://www.centrorefeducacional.com.br/matludica.htm